

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS MATEMÁTICAS E DA NATUREZA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS DAS
TÉCNICAS E EPISTEMOLOGIA**

WALLACE PIRES DE CARVALHO

**A MULTIDISCIPLINARIDADE DO TEMPO: uma jornada por diferentes áreas
do conhecimento rumo às Letras e Artes**

Rio de Janeiro, 2024

WALLACE PIRES DE CARVALHO

**A MULTIDISCIPLINARIDADE DO TEMPO: uma jornada por diferentes áreas
do conhecimento rumo às Letras e Artes**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia.

Orientador Prof. Dr. Rundsthen Vasques de Nader
(Orientador: Prof. Dr. Ricardo Silva Kubrusly, *In Memoriam*)

Rio de Janeiro, 2024

CIP - Catalogação na Publicação

Pm PIRES DE CARVALHO, WALLACE
 A MULTIDISCIPLINARIDADE DO TEMPO: uma jornada
 por diferentes áreas do conhecimento rumo às Letras
 e Artes / WALLACE PIRES DE CARVALHO. -- Rio de
 Janeiro, 2024.
 243 f.

 Orientador: Rundsthen Vasques de Nader.
 Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio
 de Janeiro, Decania do Centro de Ciências
 Matemáticas e da Natureza, Programa de Pós-Graduação
 em História das Ciências e das Técnicas e
 Epistemologia, 2024.

 1. Tempo Multidisciplinar. 2. Tempo nas Letras.
 3. Tempo nas Artes Plásticas. 4. Tempo no Cinema.
 5. Tempo Ciências Humanas. I. Vasques de Nader,
 Rundsthen , orient. II. Título.

WALLACE PIRES DE CARVALHO

**A MULTIDISCIPLINARIDADE DO TEMPO: uma jornada por diferentes áreas
do conhecimento rumo às Letras e Artes**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia.

Data:

Presidente: Prof. Dr. Rundsthen Vasques de Nader - PPGHCTE/UFRJ

Prof. Dr. André Lima Prof. Dr. Externo- UFTO

Profa. Dra. Miriam Kaiuca – CAP/UFRJ

Prof. Dr. Walmir Marinho – HCTE/UFRJ

Profa. Dra. Mariáh Martins – MN/UFRJ

Profa. Dra. Regina Maria Macedo Costa Dantas – UFRJ (Suplente)

AGRADECIMENTOS

A hora de se fazer agradecimentos torna-se um momento difícil de se efetuar. Primeiro pela possibilidade de esquecer de citar alguém que foi importante no decorrer do curso, e em segundo, fazer uma lista enorme que a torne enfadonha para quem a lê, ainda que todos fossem marcantes para mim, pelo incentivo ou por contribuição acadêmica. Mesmo assim, tentarei listar, com precisão aqueles que, de fato, foram significantes nesses anos no PPGHCTE/UFRJ.

Agradeço à minha mãe, *in memoriam* que, mesmo não tendo realizado estudos consistentes, somente o essencialmente básico, sempre primou para que eu e todos da família continuássemos nos estudos. Igualmente meu inesquecível e saudoso pai.

Agradeço também à minha família, nas pessoas da esposa e filhos. Incentivadores incondicionais.

Inicialmente um agradecimento especial a Profa. Nadja Paraense, que em 2017 me aceitou, sem me conhecer, como aluno ouvinte e me incentivou a continuar nos estudos para ingresso no Doutorado. Agradeço aos demais professores do PPGHCTE/UFRJ pelos ensinamentos, pela boa vontade em tirar dúvidas e pelo coleguismo, sem impor uma diferença no tratamento entre docentes e discentes. Agradecimento este extensivo ao grande colega e funcionário da Secretaria, sem o qual muito do que fizemos, não seria possível, o Robson Borralho, sempre incansável na sua boa vontade em atender a todos. E agora, o Eduardo.

Agradeço aos colegas que fizeram com que a nossa convivência fosse sempre pacífica e agradável, como o hoje Dr. Edson Cerejo, pelo incentivo e que me apresentou e levou para o HCTE. Agradecimento especial para as colegas Suzana Queiroga,/Doutorado, Adriana Brites/Mestrado e Ingrid Sealend/Doutorado, pelas suas indicações quanto a filmes e livros que versavam sobre o tema da minha tese.

Agradeço à Profa. Maira Fróes sempre disposta a ouvir os mestrados e doutorandos nas suas dúvidas e nos encaminhando pela melhor direção a seguir, sempre com a sua eterna simpatia e bondade.

Agradeço aos componentes da banca que aceitaram o convite para participar desses trabalhos e que em muito contribuíram a concretização da pesquisa. Cito aqui o P E a minha gratidão pelas Profas. Dras. Mirian Kaiuca, Mariah Martins e Regina Dantas e ao Prof. Dr. André Branco por aceitarem participar da banca.

Agradeço ao Prof. Dr. Rundstein Vasquez de Nader, por ter sido meu orientador em duas oportunidades. A primeira vez no início do curso em 2019, nos separamos em meio à pandemia e agora, voltamos à parceria em dezembro de 2023. Importante lembrar que nesse hiato ele fez parte da minha Banca de Qualificação, sempre informando sobre livros, revistas, dissertações, teses e dando sugestões importantes.

Agradecimento especial à Profa. Dra. Regina Dantas, que mesmo não tendo sido minha professora durante o doutoramento, muitíssimo me auxiliou no trabalho de pesquisa, direcionando e corrigindo as minhas possíveis falhas, mostrando soluções e caminhos por vontade própria ou por minha indagação.

Por fim, um agradecimento especialíssimo ao saudoso e muito querido, o inesquecível Prof. Dr. Ricardo Silva Kubrusly, que partiu de repente em dezembro de 2023 e nos deixou não somente uma saudade, mas ensinamentos, amizade, a compreensão de que todos somos iguais, pois para ele não havia a separação de pedestal entre professores e alunos. Tratava a todos com igualdade, com o seu modo peculiar de lecionar. E nessa relação havia uma discussão sincera, sem mágoas com compreensão e o respeito pela opinião de cada um.

Quando em meio à turbulência da pandemia da Covid-19, eu ainda estava um pouco confuso, sem saber qual o rumo seguir, ele de pronto aceitou o meu convite para ser orientador. Foi um grande orientador e, principalmente, deu forma à minha tese, com algumas posturas que tenho como fundamentais: liberdade para criar, muito conversa e entendimento de como eu queria que os caminhos do conhecimento pesquisado e sua descoberta seguissem.

A ele, em especial, a minha saudade e gratidão infindas, pois sei que não é somente minha, mas a todos que tiveram a felicidade de tê-lo como professor, orientador e, por que não dizer ? Amigo. Onde estiver, o meu agradecimento eterno.

RESUMO

CARVALHO, Wallace Pires de. **A Multidisciplinaridade do Tempo**: uma jornada por diferentes áreas do conhecimento rumo às Letras e Artes. Rio de Janeiro. 2024 f. 230. Tese (Doutorado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) – Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

O objetivo da presente pesquisa é discorrer sobre o TEMPO a partir de análises conceituais para justificar seu formato multidisciplinar, as dificuldades em conceituar o próprio Tempo e sua aparição em diferentes áreas do conhecimento. Uma travessia a partir dos campos consagrados do saber pela Filosofia, Sociologia e História, passando para a Física, visando chegar às áreas das Letras e Artes. Nesse trajeto, parte-se das áreas renomadas e disciplinares, destacando a aparição do termo Tempo, em suas diferentes análises e significados até chegar às Letras e Artes, quando serão apresentadas, com um cenário enriquecido pela literatura, música, artes plásticas e visuais, incluindo o cinema. Nessa jornada, o campo das Letras e Artes terão uma abordagem aproveitando as análises e conceitos expostos nas áreas disciplinares, apresentando a multidisciplinaridade do Tempo. A metodologia utilizada para apresentação do tema é de caráter teórico exploratório e qualitativo, utilizando-se de recursos bibliográficos, documentais, hemerotécnicos, textos oriundos da informatização da informação; que servirão de conteúdo relevante para a articulação dos conceitos que serão utilizados. Durante a travessia, outros olhares serão abordados visando enriquecer o assunto central da observação – o Tempo e, dessa forma, a jornada se conclui.

Palavras-chave: Multidisciplinaridade do Tempo; Tempo nas Ciências Humanas; Tempo na Física; Tempo nas Letras; Tempo nas Artes.

ABSTRACT

CARVALHO, Wallace Pires de. **A Multidisciplinaridade do Tempo**: uma jornada por diferentes áreas do conhecimento rumo às Letras e Artes. Rio de Janeiro. 2024 f. 230. Tese (Doutorado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) – Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

The objective of this research is to discuss TIME based on conceptual analyzes to justify its multidisciplinary format, the difficulties in conceptualizing Time itself and its appearance in different areas of knowledge. A crossing from the consecrated fields of knowledge of Philosophy, Sociology and History, moving on to Physics, aiming to reach the areas of Literature and Arts. Along this path, we start from renowned and disciplinary areas, highlighting the appearance of the term Time, in its different analyzes and meanings, until reaching Letters and Arts, when they will be presented, with a scenario enriched by literature, music, plastic and visual arts, including cinema. On this journey, the field of Letters and Arts will have an approach taking advantage of the analyzes and concepts exposed in the disciplinary areas, presenting the multidisciplinary nature of Time. The methodology used to present the topic is of an exploratory and qualitative theoretical nature, using bibliographic, documentary, hemerotechnical resources, texts originating from the computerization of information; which will serve as relevant content for articulating the concepts that will be used. During the crossing, other perspectives will be approached in order to enrich the central subject of observation – Time and, in this way, the journey comes to an end.

Keywords: Multidisciplinarity of Time; Time in the Human Sciences; Time in Physics; Time in Letters; Time in the Arts.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Tempo Estranho	24
Figura 2 – Ideograma M.A. (Entre espaço)	72
Figura 3 – MA. Articulação Entre a Palavra Japonesa	72
Figura 4 – O Relógio <i>Wadokey</i>	76
Figura 5 – O Passado	81
Figura 6 – O Presente	85
Figura 7 – O Futuro	89
Figura 8 – O Tempo Passa Rápido	98
Figura 9 – Tudo ao mesmo Tempo.....	105
Figura 10 – A Lentidão do Tempo	162
Figura 11 –. O Tempo que escorre	193
Figura 12 – As Três Idades da Mulher	194
Figura 13 – As Mercadoras Melancólicas de Peixe	195
Figura 14 – A Persistência da Memória	197
Figura 15 –A Máquina do Tempo	205
Figura 16 - Interestelar	207
Figura 17 – Tenet	211
Figura 18 – Enigma de Sator.....	212
Figura 19 – Quanto Tempo o Tempo Tem	216

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1.A MULTIDISCIPLINARIDADE DO TEMPO.....	17
1.1 INTER, TRANS E MULTIDISCIPLINARIDADE	17
1.2 DAS DIFICULDADES EM SE CONCEITUAR O TEMPO	24
1.3 TEORIZANDO CONCEITOS	25
1.4 FILOSOFIA	31
1.5 SOCIOLOGIA	35
1.6 HISTÓRIA	39
1.7 FÍSICA	47
2. APONTAMENTOS DO TEMPO.....	56
2.1 O TEMPO NA ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E PRODUÇÃO	56
2.2 JAPÃO: TEMPO COMO FORMA DE IDENTIDADE CULTURAL	68
2.2.1 O Tempo no Japão.....	68
2.2.2 O Relógio no Japão e sua Medição das Horas.....	75
2.3 A DIREÇÃO DO TEMPO	77
2.4 AS TRÊS FASES DO TEMPO	80
2.4.1 O Passado.....	81
2.4.2 O Presente.....	85
2.4.3. O Futuro.....	88
3. A PATOLOGIA DO TEMPO: O DESEQUILÍBRIO DROMOLÓGICO.....	92
4. O TEMPO NAS LETRAS E ARTES.....	127
4.1 LITERATURA.....	127
4.1.1 ROMANCE.....	128
4.1.2 POÉTICA.....	144
4.2 O TEMPO MUSICAL	168
4.3 LETRAS DE MÚSICAS	176
4.4 ARTES PLÁSTICAS	190
4.5 CINEMA	198
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	221
REFERÊNCIAS.....	224

INTRODUÇÃO

*“Eu perguntei ao Tempo
 Quanto tempo eu tenho
 Pra passar o tempo
 O tempo me respondeu:
 Deixa o tempo passar você tem muito tempo
 Quem pensa no tempo também perde tempo
 Pois é, dá um tempo que o tempo é pra já
 Quem diz todo o tempo
 Que o tempo é dinheiro
 Não tem passatempo
 Nenhum, tempo afora
 Pra ser bom tempo tem que ter tempero
 Não põe contratempo
 Que o tempo piora
 O tempo procura*

*Não ter tempo quente
 Pra fechar o tempo
 Hoje o tempo demora
 Os tempos mudaram
 Pois já foi-se o tempo
 Da temperatura
 Dos tempos de outrora
 Ninguém ganha tempo
 Que o tempo é momento
 Do temperamento do
 tempo de agora
 O tempo só quer
 Que se dê tempo ao tempo
 Que tudo no tempo
 Chega a tempo e hora”.*

*Paulo César Pinheiro e
 Wilson das Neves*

A minha entrada no Programa de Pós-graduação em História das Ciências das Técnicas e da Epistemologia/HCTE da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ é parte de uma motivação *sui generis*, pois sou graduado em Arquivologia (UNIRIO, 1980) e Direito (SUESC, 1992). Porém, o Mestrado, com grau obtido em 2012, foi em Ciência da Informação, através do IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. O tema defendido foi “Arquivos Universitários de Instituições Públicas de Ensino Superior no Rio de Janeiro: um estudo de caso dos arquivos da UFRJ e UNIRIO”.

Posso dizer que a partir do mestrado, o interesse pela ciência foi um forte fator motivacional, pois em contato com o evento Encontros de Arquivos Científicos, que eram promovidos pelo MAST – Museu de Astronomia e Ciências Afins em conjunto com a Fundação Casa de Rui Barbosa surgiu o interesse em pesquisar mais sobre essa especificidade de arquivos científicos, mas ainda não me encontrava centrado em apresentar um projeto junto ao HCTE. Havia a certeza de que este, por ser um programa interdisciplinar, abriria as portas para o desenvolvimento da pesquisa que abordaria vários aspectos do tema a ser desenvolvido.

Em 2017 me inscrevi, como ouvinte, em disciplinas da Profa. Dra. Nadja Paraense e com a sua elucidação e incentivo matriculei-me em 2018, para ingresso em 2019, no Curso de Doutorado no HCTE. Uma vez aprovado, cursei disciplinas que versaram sobre o tema: o Tempo, mas ainda sem um direcionamento mais concreto, o que só veio a acontecer com o amadurecimento da pesquisa em desenvolvimento e de encontros com o orientador à época, o Prof. Dr. Rundstein Vasquez e mais tarde com o Prof. Dr. Ricardo Kubrusly como novo orientador. Porém, com o falecimento de meu ilustre orientador, em 10 de dezembro de 2023, o Prof. Rundstein voltou a ser o orientador.

Convém esclarecer que a ideia do Tempo não veio da leitura de um livro da área de Física, como por exemplo, de “Uma Breve História do Tempo”, de Stephen Hawking (2015), tampouco de uma leitura de qualquer compêndio desse campo. Veio, ao contrário, da ficção, de um momento lúdico de teor bem diferente do que se possa imaginar. Num instante de reflexão veio a ideia que fez com que eu meditasse sobre o porquê do Tempo.

Assim, ao ouvir uma canção popular, intitulada o “Partido do Tempo”, com letra de Paulo César Pinheiro e música de Wilson das Neves¹ é que comecei a pensar sobre o início do Tempo, o porquê de sua existência. Além disso, alguns outros itens influenciaram, como seriados de televisão e filmes de ficção, e os livros de Jules Verne (1828-1905), “Volta ao Mundo em 80 Dias” (2003), em que o desfecho se dá com a solução de um caso através do fuso horário e, o outro livro, do mesmo autor “Viagem ao Centro da Terra” (2003), em que o início da jornada se dá antes das calendas de julho².

¹ Ver epígrafe da Introdução.

² Calendas: no antigo calendário romano, era o primeiro dia de cada mês (FERREIRA Aurélio Buarque de Holanda de. Mini-Aurélio, p. 121, 2000).

Com a ideia concretizada, parti para leituras específicas sobre o tema, como por exemplo, livros – o do Stephen Hawking foi o primeiro – e artigos científicos, além de uma visita técnica, bem esclarecedora, ao MAST – Museu de Astronomia e Ciências Afins.

Posteriormente a essa visita, compareci ao Observatório Nacional, mais especificamente na sua Divisão de Serviço da Hora, um órgão que trata diretamente da Hora Legal no Brasil para ampliar minhas análises sobre o tema. Foi uma ação de reconhecimento sobre o tema, pois inicialmente não havia uma resolução concreta de utilização na futura pesquisa.

Eu pressupunha que o tema Tempo suscitaria vários questionamentos, desde a sua conceitualização indo até o seu uso pragmático pelo ser humano em sua rotina de trabalho, lazer e relacionamento social. Além, claro do seu teor científico.

Portanto, cabe destacar que uma investigação abrangendo diferentes áreas do conhecimento, em especial – Letras e Artes, seria inédita como objeto de pesquisa doutoral.

PROBLEMA

Partindo do princípio de que o conceito de Tempo aparece em escritas diferentes das tradicionais áreas, dentre as de Física e das Ciências Humanas, é possível identificá-lo em outras áreas com significados distintos? É possível essa identificação nas áreas de Letras e Artes?

Diante do exposto, foram construídos os seguintes objetivos:

OBJETIVO GERAL

Apresentar um estudo multidisciplinar do conceito de Tempo, utilizando-se de algumas áreas do conhecimento para chegar às áreas de Letras e Artes.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Apresentar uma discussão sobre Inter, Trans e Multidisciplinaridade;
- Expor as dificuldades de conceituação do Tempo;
- Fazer um breve painel sobre o uso do termo Tempo em diferentes áreas do conhecimento;

- Desenvolver estudo sobre o Tempo nas áreas de Letras e Artes: literatura, poética, música, artes plásticas e cinema.

JUSTIFICATIVA

A investigação propõe contribuir para a divulgação científica do Tempo tido por fenômeno e instrumento/ferramenta do ser humano na sua vida social, porém, apresentando a sua utilização como evolução científica e tecnológica, trazendo à baila discussões específicas que bem exemplifiquem o Tempo dentro de diferentes áreas do conhecimento.

Nessa visão, inicialmente mais ampla, a pesquisa tem como meta a contribuição para um entendimento multidisciplinar do próprio Tempo, demonstrando suas significações em distintos campos das ciências humanas, destacando estudos específicos da influência do tempo nas Letras e Artes.

Logo, o estudo justifica-se como contribuição para uma explanação teórica própria, possibilitando um leque abrangente em diversas áreas sobre a sua conceituação, uso e práticas cotidianas, científicas e tecnológicas.

Em relação ao tema principal da pesquisa, o Tempo, há publicações em que chega a ser impossível quantificá-las, visto a diversidade de campos que o utilizam como estudo, tais como: história, filosofia, sociologia, psicologia, física, mecânica etc.

Sendo assim, a intenção foi desenvolver uma tese que, além de cumprir o seu objetivo, teve como um dos seus escopos, aumentar o acervo sobre o Tempo, dentro de uma visão humanística e de abordagem multidisciplinar.

METODOLOGIA

A presente pesquisa é de caráter teórico exploratório e qualitativo, utilizando-se de recursos bibliográficos, documentais, hemerotécnicos, textos oriundos da informatização da informação; que servirão de conteúdo relevante para a articulação dos conceitos que serão utilizados. Visando a complementação da pesquisa, foram realizadas visitas técnicas a algumas instituições que tratam do Tempo.

Como pesquisa exploratória, haverá o desenvolvimento do estudo empírico, utilizando inclusive a interpretação de dados, principalmente conceituais que, segundo Yin “consiste em examinar, categorizar, tabular, testar ou recombinar quantitativamente e qualitativamente evidências”. (Yin *apud* Calazans, 2007, p. 49).

A opção pela pesquisa exploratória tem como base a possibilidade de adequações e ajustes da investigação, tendo em vista problemas que possam surgir ou que mais necessitem de detalhamentos, como é o caso dos vários conceitos do termo Tempo, nas diversas áreas que aqui serão vistas.

Entendo que o trabalho exploratório pode ser realizado com diversas técnicas, partindo, por exemplo, de uma amostra, de modo a definir a problemática e melhor chegar à compreensão do fenômeno pesquisado.

Como é comum à pesquisa exploratória, há uma tríade que se ajusta à tese, envolvendo pesquisa bibliográfica (documental, inclusive), exemplos de experiências, permitindo uma visão geral da problemática da pesquisa, assim como análise de conceitos, pois “... observações e consultas de documentos diversos coexistem frequentemente durante o trabalho exploratório”. (Quivy; Campenhoudt, 1992, p. 81).

Quanto à pesquisa documental, esta “é aquela realizada a partir de documentos, contemporâneos ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos e usados para pesquisa qualitativa” (Lüdke; André 1998, p. 32).

Assim, e após considerações teóricas, entendo que o empirismo, a investigação e a conceituação científica podem se complementar, sendo adotada a pesquisa qualitativa, reconhecida por sua abordagem hermenêutica, reconstrutiva ou interpretativa (Flick, 2009, p. 17).

A partir deste autor e, após análise de suas abordagens, concluo que os seus objetivos – da pesquisa qualitativa – são a observação, a descrição, a compreensão e os seus diferentes significados, que a princípio não podem ser quantificados de forma definitiva.

Em relação à pesquisa qualitativa, é aquela realizada de modo não padronizado, usando o texto como material empírico. Consiste “em um conjunto de práticas interpretativas e materiais que tornam o mundo visível (...) envolve uma postura interpretativa e naturalística diante do mundo, refletindo-se de maneira mais real.” (Flick, 2009, 16).

Por fim, com relação à delimitação do campo de pesquisa, foi valorizado o terreno multifacetado do Tempo enriquecido com tópicos correlatos ao assunto, visando o desenvolvimento da investigação. Em relação ao quadro teórico, os autores serão apresentados paulatinamente durante cada capítulo

APRESENTAÇÃO DOS CAPÍTULOS

Após a “Introdução”, contendo os itens principais para a apresentação da presente Tese, o Capítulo 1, “A Multidisciplinaridade do Tempo” descortina a apresentação dos termos Inter, Trans e Multidisciplinaridade, imprescindíveis para acompanhar a opção da análise multidisciplinar das diferentes áreas do conhecimento identificadas. Nessa ocasião, foi desenvolvido um estudo sobre o que vem a ser o conceito em questão. Na sequência, é iniciado o trajeto da análise do termo Tempo a partir dos campos do conhecimento consagrados, tais como: a Filosofia, a Sociologia, a História, e a Física.

O segundo capítulo, “Apontamentos do Tempo”, trata-se de um breve apanhado de temas relacionados ao Tempo, porém, de forma genérica, e com intuito de enriquecer a abordagem, serão apresentadas distintas visões sobre a temática. Iniciaremos com um enfoque da área da Economia, para isso, nos pautaremos na escrita de Karl Marx, “Manuscritos Econômicos-filosóficos”. Com intenção de apresentar outra interpretação, utilizaremos a perspectiva do Tempo no campo da administração, e para tal, utilizamos obra de Frederick Taylor, “Princípios de Administração Científica”. Insistindo na pluralidade do tema, exibimos características da visão japonesa sobre o Tempo, e na sequência, trataremos da Direção do Tempo e as suas três fases: Passado, Presente e Futuro.

Referente ao Capítulo 3, “A Patologia do Tempo”, senti uma forte necessidade de expor uma discussão sobre o Tempo nas sociedades atuais, quanto à velocidade, aceleração e desaceleração, e seus efeitos danosos provocados pelo seu uso frenético. Tal abordagem é baseada em dois autores principais, Paulo Virilio em sua obra “Velocidade e Política” e Hartmut Rosa em “Aceleração”.

No quarto e último capítulo, “O Tempo nas Letras e Artes”, apresento o final de nossa jornada: a identificação do Tempo em algumas vertentes artísticas, tais como: Romance, Poética, Música, Letras de Músicas, Artes Plásticas e Cinema; com exemplos de: poemas, letras musicais, romances, quadros e filmes. Em meio às abordagens ricas por recortes de escritas e postagens de imagens, dialogaremos com alguns autores, tais como: Hans Meyerhoff em sua obra “Tempos na Literatura” e Jacques Rancière em “As Distâncias do Cinema”.

Cabe ressaltar que, para a realização das abordagens sobre as vertentes poéticas e artísticas anteriormente elencadas, optei por complementá-las com discussões pautadas por outras áreas do conhecimento, previamente apresentadas no Capítulo 1.

O termo Tempo aparecerá em letra maiúscula, ao longo dos capítulos, somente com o intuito de destacá-lo para enaltecer seu caráter multidisciplinar.

1. A MULTIDISCIPLINARIDADE DO TEMPO

Em artigos, dissertações e teses, muito tem sido apresentado utilizando-se os conceitos de Interdisciplinaridade, Transdisciplinaridade e Multidisciplinaridade. Visando uma melhor compreensão da opção de um deles, inclusive registrado no título da presente tese, caminharemos por esses conceitos com o intuito de tornar clara a nossa identificação em propor uma análise multidisciplinar para a apresentação da utilização do termo Tempo em determinadas áreas das Ciências Humanas.

1.1 INTER, TRANS E MULTIDISCIPLINARIDADE

Antes de iniciarmos nosso percurso teórico e em conformidade com o Sociólogo Norbert Elias, em que, ao investigar sobre o Tempo, este percebeu que foi possível “desenvolver uma (...) teoria do saber e da atividade de conhecimento” (Elias, 1998, p. 27), onde opera-se “uma transformação específica da atitude humana perante os objetos do saber” (Elias, p. 28).

Porém, uma indagação que pode ser feita é quanto à premissa desse primeiro conhecimento, de como surgiu o saber que mais tarde originaria uma disciplina. Novamente, recorreremos ao sociólogo acima, que pergunta: “Como chegaram os homens, dispondo inicialmente de orientação conceituais situados num nível de síntese relativamente baixo, a meios de orientação que exigem um nível de síntese mais elevado?” (Elias, 1998, p. 8).

É a partir desse questionamento que conseguimos seguir o nosso raciocínio de como surgiu a ideia de uma disciplina? Como se formalizou uma base concreta do conhecimento humano? Acreditamos na resposta de que, para que uma coletividade possa sobreviver, deve existir um meio que possibilite essa transferência de saber, em que “A educação fornece um meio formalizado de transmissão da herança cultural e das capacidades de um grupo social e ao fazê-lo reflete os valores de uma sociedade na seleção que faz dos temas ensinados na escola.” (McGarry, 1984, p. 113).

Portanto este ensino escolar é traduzido em disciplinas acadêmicas, de modo sistematizado e organizado, refletindo uma divisão de segmentos úteis do que é conhecido e na sua futura especialização.

Ainda nesta discussão, a disciplina implica um ramo da instrução, de treino mental e moral e a sua etimologia vem de “*discípulo*” – aquele que aprende (McGarry,

1984, p. 114) e possui, cada uma, conhecimento e informação, não sendo somente uma coletânea de ideias sucintas e de praticidade, mas possui forma, padrão e estrutura.

Ainda segundo James McGarry, cada disciplina tem um domínio distinto de investigação e métodos e o domínio e as formas diferem de uma disciplina para outra “(...) em que classifica-se o seu domínio a seu modo, tendo o seu próprio vocabulário especializado.” (Mcgarry, 1984, p. 115).

Em uma ampla visão epistemológica, a definição de Edgar Morin (2002) nos contempla, pois apresenta a disciplina como:

... uma categoria que organiza o conhecimento científico e que institui nesse conhecimento a divisão e a especialização do trabalho respondendo à diversidade de domínios que as ciências recobrem. Apesar de estar englobada num conjunto científico mais vasto, uma disciplina tende naturalmente à autonomia pela delimitação de suas fronteiras, pela linguagem que instaura, pelas técnicas que é levada a elaborar ou a utilizar e, eventualmente, pelas teorias que lhe são próprias (Morin, 2002, p. 37).

Nessa perspectiva, vale elucidar que na história do pensamento Ocidental, ao longo do século XX foram aparecendo novas abordagens para equilibrar o excesso de especialização e a fragmentação das disciplinas. Entre algumas abordagens para a articulação dos saberes das disciplinas, três apresentam-se mais adequadas para responder nossa necessidade: a interdisciplinaridade, a transdisciplinaridade e a multidisciplinaridade.

Nessa análise teórica, apesar da necessidade identificada de união das disciplinas, a realidade do ensino no Brasil é um convívio diário com uma arrumação de ensino fragmentado, o que requer uma análise mais criteriosa que aponta para as relações de produção capitalista, dando origem à “diferentes processos de ruptura e alienação do gênero humano enquanto tal”, pois os sistemas educativos sempre estiveram à mercê das relações de produção (Pires, 1998, p. 01).

Nessa perspectiva histórica, Marília Freitas de Campos Pires (1998), assim nos brinda com a contextualização para a introdução dos conceitos:

As relações de produção capitalista dão origem a diferentes processos de ruptura e alienação do gênero humano enquanto tal. As instituições educativas (a família, a escola e outras) sempre estiveram vinculadas às relações de produção. Com a Revolução Industrial, a escola vai-se consolidando como principal instituição de formação para o trabalho, não só em sua dimensão técnica - o capital beneficiou-se da desqualificação do trabalhador - mas principalmente em sua dimensão política: a formação cultural ideológica dos indivíduos para o trabalho industrial. (...) O ensino convive com a contradição que historicamente existe em seu interior. De um lado, coloca-o a serviço

da formação das elites dirigentes e, de outro lado, produz conhecimentos críticos para a interpretação das relações sociais contraditórias que conduzem a seu enfrentamento e transformação. (Pires, 1998, p. 174).

Portanto, a composição curricular disciplinada e fragmentada reverbera a divisão das atribuições humanas, consequência do modelo industrial imposto à maioria das populações.

Diante do exposto, com o objetivo de trazer a nossa reflexão sobre os conceitos de inter, multi e transdisciplinaridade, apresentamos alguns autores que nos iluminam sobre essa articulação entre as disciplinas.

Para fazer com que as disciplinas dialoguem entre si, nasceu a interdisciplinaridade³. Porém, cabe ressaltar a utilização da revisão bibliográfica elaborada como pesquisa de doutoramento de Elza de Lima Ferrari, defendida na Universidade de São Paulo (2007) para nossa explicação.

A opção por esta revisão bibliográfica é exatamente devido a esse conceito ser de caráter multívoco, o que nos motiva a tráfegar por autores consagrados visando a apresentação de seus olhares sobre um mesmo conceito. Portanto, entre os muitos autores sobre o assunto, destacamos: Hilton Japiassu (1976), Ivani Fazenda (1978, 1979, 1991, 1994, 1998, 2002, 2003) e Santomé (1998). Os três autores que iniciaram a análise desse fenômeno foram selecionados por terem algo em comum: desenvolveram pesquisas sobre a interdisciplinaridade apresentando-a como uma solução contra a fragmentação disciplinar.

Diante do olhar de Elza Ferrari em Japiassu (1976), nos mostra que o enfoque ao objeto interdisciplinar não se mostra claro, pois em alguns momentos na tentativa de definir uma metodologia interdisciplinar, o autor registra a dificuldade de concretizá-la e “é preciso que seus adeptos estejam impregnados de um espírito epistemológico” (Ferrari, 2007, p. 37).

Embasado em autores como Michaud, Heckehausen, Piaget e Erick Jantsch, Japiassu (1976, p. 32), acredita que a questão da interdisciplinaridade parte de uma gradação, que se diferencia conforme a intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas, no interior de um projeto de pesquisa. (Ferrari, 2007, p. 37).

³ Sobre interdisciplinaridade, ver a pesquisa: Elza de Lima Ferrari. Interdisciplinaridade: um estudo de possibilidades e obstáculos emergentes do discurso de educadores do Ciclo II do Ensino Fundamental, Tese defendida pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de São Paulo, 2007.

Ivani Fazenda (1978) defendeu sua dissertação, acompanhando os passos de Japiassu, e colocou a interdisciplinaridade, acima de tudo, como uma prática. Para ela, “a interdisciplinaridade não se ensina, nem se aprende, apenas vive-se, exerce-se...” (Fazenda, 1978, p.125). Assim, Elza Ferrari, por meio do olhar de Fazenda, nos brinda com o conceito de interdisciplinaridade que pressupõe uma integração de conhecimentos.

Cabe resgatar ainda a análise histórica de Santomé (1998) sobre a interdisciplinaridade, pois apresenta o fenômeno como algo do século XX, mesmo identificando que “desde a época clássica o homem almeja a unidade do saber”. Elza Ferrari, durante suas análises sobre Santomé, parte para uma importante digressão em que:

... é possível inferir, embora o autor não chegue a essa conclusão, que o próprio processo de excessiva especialização, instaurado a partir do século XIX, tenha vindo à serviço dessa unificação: na tentativa de saber mais sobre determinado assunto, optou-se pela segmentação do mesmo para, através das partes, conhecer o todo. (Ferrari, 2007, p. 46).

Com intuito de enriquecer o conceito interdisciplinar, outros autores contribuem para a explanação, como por exemplo, a germânica Ingetraut Dahlberg (1994). Ela identifica a interdisciplinaridade quando a disciplina é estudada sob o aspecto de mais de uma disciplina, como por exemplo: Psicologia Educacional, Sociologia da Educação e Política Educacional, em que o foco principal, neste caso, é a Educação. (DAHLBERG, 1994, p. 3).

Já Olga Pombo, fazendo reflexão sobre formações disciplinares refere-se, entre outras, às Interdisciplinas, que:

são novas disciplinas que surgem do cruzamento das disciplinas científicas com o campo industrial e organizacional, emergindo de uma necessidade social para fins práticos, como: Relações Internacionais e Organizacionais; Sociologia das Organizações; Psicologia Industrial (Pombo, 2004, p.4).

Sendo possível a realização das seguintes Práticas: de Importação; de Cruzamento; de Convergência; de Descentração e de Comprometimento, sintetizando seu pensamento sobre as disciplinaridades e principalmente a interdisciplinaridade, afirma que: “Vivemos a necessidade de alargar o conceito de interdisciplinaridade. Estamos a passar de um esquema arborescente, hierárquico, para avançar um modelo em rede, em que deixa de haver hierarquia.” (Pombo, 2004, p. 4).

Cada autor dá a sua contribuição interpretativa sobre o determinado assunto, fornecendo-nos, cada um uma visão, se não diferenciada, mas bastante peculiar, como um leque de possibilidades sobre o pensamento interdisciplinar. Assim, nos encaminhou para o pensamento de Shiyalli Ramammarita Ranganathan, matemático e bibliotecário indiano, refere-se à prática da Laminação, que vem a ser a construção por superposição de faceta sobre faceta. Quando a camada básica é um assunto elementar e as outras camadas são ideias isoladas, formando-se um assunto composto (Ranganathan, 1967, p.85).

Em relação ao próximo conceito proposto – a Transdisciplinaridade, recorreremos aos estudos de Augusta Alvarenga, para quem a interdisciplinaridade tem papel importante no pensamento transdisciplinar, sendo que as duas formas de disciplina operam em níveis diferentes: a interdisciplinaridade propicia um conhecimento horizontal, enquanto a transdisciplinaridade permite um conhecimento vertical, articulador de diferentes níveis de realidade (Alvarenga, 2006, p. 2). Com o pensamento transdisciplinar, temos uma crítica à lógica formal que norteia o paradigma da ciência moderna, mas não o nega. O fundamento da transdisciplinaridade é o exame de diferentes níveis da realidade, de diferentes lógicas não-formais e da complexidade. (Alvarenga, 2006, pp. 59, 60). Assim, ao se trabalhar na lavoura, faz-se necessário o ajuntamento de alguns conhecimentos específicos, tais como, agricultura, química e climatologia.

Em estudos de Ítalo Batista da Silva (2004), a Transdisciplinaridade, é apresentada como uma prática pedagógica vinculado ao pensamento complexo e epistêmico tratado com maestria por Edgard Morin (2002):

Nesta pedagogia as relações entre as disciplinas consistem em proporcionar aos alunos, aos adolescentes que vão enfrentar o mundo do terceiro milênio, uma cultura, que lhes possibilitará articular, religar, contextualizar, situar-se num contexto e, se possível, globalizar, reunir os conhecimentos que foram adquiridos em toda à sua vida. (Silva, 2004, p. 1).

Portanto, nosso entendimento é de que a Transdisciplinaridade não se trata de integração das diferentes disciplinas, pois vai muito além, “pois para ela não devem existir fronteiras entre áreas do conhecimento e a interação chega a um nível tão elevado que é praticamente impossível distinguir onde começa e onde termina cada disciplina.” (Silva, 2004, p. 1).

E, dialogando com os estudos de Américo Sommermen (2012), em especial sobre suas considerações finais sobre a Transdisciplinaridade⁴, registramos sua identificação de duas perspectivas de Transdisciplinaridade, ambas como resposta para a associação entre os saberes não acadêmicos para a solução de tipos de problemas complexos não tratados pelas disciplinas acadêmicas e nem pela interdisciplinaridade (Sommermen, 2012, pp. 826-827).

Tratam-se de interpretações que nos ajudam a pensar sobre as possíveis respostas para articulação de disciplinas acadêmicas e conhecimentos não acadêmicos produzidos pela experiência na sociedade. Uma perspectiva indica a “ruptura paradigmática, pois permite, na produção do conhecimento, uma articulação parcial entre subjetividade e objetividade”; outra, de mesmo cenário (visando articulação entre disciplinas acadêmicas e conhecimentos não acadêmicos), porém saberes “ainda mais amplos, como aqueles das culturas ancestrais e das tradições de sabedoria, indica uma ruptura paradigmática forte, pois permite, na produção do conhecimento,” proporcionar uma articulação forte entre subjetividade e objetividade.

Passando para a última explanação, partiremos da transdisciplinaridade para a multidisciplinaridade, pois é quando “há justaposição de conhecimentos, mas não necessariamente uma troca” (Alvarenga, 2006, p. 59).

quando um assunto é estudado sob o ponto de vista de outros campos do conhecimento a fim de encontrar um método para superar problemas (...) caracterizando-se como a tentativa de investigar um assunto de interesse por diversos campos do conhecimento. (Dahalberg, 1994, p. 3),

A multidisciplinaridade integra diferentes conteúdos de uma ou mais disciplinas, sem a preocupação de seus temas serem comuns, portanto, “não existe nenhuma relação entre as disciplinas, assim como todas estariam no mesmo nível sem a prática de um trabalho cooperativo” (Nogueira, 2001, p. 140).

A partir do artigo de Lucinéia Maria Bicalho e Marlene Oliveira (2011)⁵, identificamos o conceito de multidisciplinaridade, levando em consideração, autores tais

⁴ Para maiores interesses sobre Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade, ver: Américo Sommerman. A Interdisciplinaridade e a Transdisciplinaridade como novas formas de conhecimento para a articulação de saberes no contexto da ciência e do conhecimento em geral: Contribuição para os campos da Educação, da Saúde e do Meio Ambiente. Tese (Doutorado Multidisciplinar e Multi-institucional em Difusão do Conhecimento). 2012.

⁵ Sobre multidisciplinaridade, ver: Lucinéia Maria Bicalho e Marlene Oliveira. Aspectos Conceituais da Multidisciplinaridade e da Interdisciplinaridade e a pesquisa em Ciência da Informação. 2011.

como, Gusdorf (1990), Pombo (1994), Nicolescu *et al* (2000), entre outros, cuja principal característica é a justaposição de ideias.

(...) a multidisciplinaridade corresponde à busca da integração de conhecimentos por meio do estudo de um objeto de uma mesma e única disciplina ou por várias delas ao mesmo tempo. (Bicalho; Oliveira, 2011, p. 07).

No artigo de Ítalo Batista da Silva, ao comparar os conceitos de Multi, Inter e Transdisciplinaridade, o autor nos auxilia em relação à multidisciplinaridade:

Na Multidisciplinaridade, recorremos a informações de várias matérias para estudar um determinado elemento, sem a preocupação de interligar as disciplinas entre si. Neste caso, cada matéria contribui com suas informações pertinentes ao seu campo de conhecimento, sem que houvesse uma real integração entre elas. (Silva, 2004, p. 1).

Portanto, uma associação de tipo multidisciplinar não almeja um diálogo no plano metodológico, porém transita positivamente em ambientes subdivididos por diferentes áreas do conhecimento (Bicalho; Oliveira, 2011, p. 08). A ideia aqui é de justaposição de disciplinas, mas não uma troca entre elas.

E deste modo, o somatório desses motivos acima, tais, como estudo de vários ramos do conhecimento e assim integralizar e contemplar a pesquisa sob a temática do tempo fizeram que optássemos pela multidisciplinaridade como um dos pontos norteadores para a presente pesquisa, alicerçada na diversidade de opções sob um mesmo ponto, mas eivada da conjugação de outros campos do conhecimento.

Por fim, ao acreditar que conseguimos expor as diferentes abordagens Inter, Trans e Multidisciplinar, necessárias para avançar na análise do escopo da presente tese - tratar do termo Tempo⁶ em diferentes áreas do conhecimento, optou-se pela abordagem de cunho multidisciplinar. Entendemos que o termo multidisciplinar compreende a coexistência de várias disciplinas, sem a necessidade de que elas estejam interligadas entre si.

Dessa forma, destaca-se a opção por apresentar um olhar de cunho multidisciplinar ao termo Tempo, principalmente, para a articulação dos saberes nas áreas de Letras e Artes. Aqui, cabe destacar que optamos por utilizar a tabela de Áreas do Conhecimento do CNPq⁷ para pontuar as subdivisões das Áreas de Letras e Artes de nossa escolha.

⁶ Grifo do autor.

⁷ <https://lattes.cnpq.br/documents/11871/24930/TabeladeAreasdoConhecimento.pdf>.

Diante dessa perspectiva, torna-se possível avançar para as demais seções teóricas do presente capítulo que se inicia com a complexidade em se conceituar o Tempo e posteriormente, passando para a apresentação da interpretação do Tempo em diferentes áreas do conhecimento, tais como: Filosofia, Sociologia, História e Física.

Cabe esclarecer que as áreas do conhecimento aqui elencadas foram escolhidas de forma a apresentar diferentes identificações e interpretação do Tempo, por autores já consagrados, porém nos auxilia para a construção do capítulo principal, que trata sobre o olhar multidisciplinar do Tempo nas Letras e Artes.

1.2 DAS DIFICULDADES EM SE CONCEITUAR O TEMPO

Figura 1: Tempo Estranho



Fonte: Jornal O Globo, 08/07/2023.

A princípio sabe-se que o termo “Tempo” não pode, por si só, ficar atrelado a um conceito hermético, como Tempo físico ou Tempo social, visto serem vastas as suas possibilidades e visões acerca do conhecimento humano (Figura 1).

Assim, antes de definições específicas – várias – sobre o termo, primeiro discorreremos sobre o próprio conceito em si, pois o ato de definir algo sempre suscita diversos enfoques e talvez possa abranger mais de uma mesma questão ou termo, além daquelas do verbete de um dicionário.

Como disse Santo Agostinho quanto ao Tempo, em que ele sabe o que é, porém uma vez perguntado sobre sua definição, não poderia dizê-lo, (Santo Agostinho, 2017, p. 319) vemos que a mente humana “tem a experiência do tempo, mas não a sua representação, ele necessariamente concebe o tempo por intermédio de imagens espaciais” (Agambem, 2005, p. 110) e estas podem estar sendo aludidas como os movimentos dos astros e à apresentação visual da separação entre noite e dia, entre

antes e depois, num dito circular ou linear, como a concepção que lhe fora dada pela antiguidade greco-romana. (AGAMBEM, 2005, p. 110).

Assim, o seu conceito tem também de estar correlacionado a um determinado campo de conhecimento, mas de modo geral o seu início pode ser este da astronomia, ligado ao movimento dos astros. E de forma geral, como os campos que iremos exemplificar em capítulo específico.

1.3 TEORIZANDO CONCEITOS⁸

Em princípio, segundo a pesquisadora Maria Minayo (1938-) os conceitos são, antes de tudo, construção de sentidos (Minayo, 1994, p. 20), o que não deixa de ser uma definição genérica. Porém, mais adiante esclarece que os conceitos apresentam três funções, a saber: cognitiva, pragmática e comunicativa, e a primeira função pode apresentar aspecto delimitador do campo a ser estudado (Minayo, 1994, p. 21). O pesquisador tem que, antes de conceituar, definir o seu campo teórico de atuação a fim de adotar conotações específicas.

Logo, aprendemos que o termo Tempo poderá – ou deverá – estar circunscrito a um campo de maior especificidade, como a astronomia, a física, a filosofia, a sociologia ou a matemática, conforme for o teor que se alude.

A segunda função, pragmática, corresponde à funcionalidade, à operacionalidade, ou seja, capacidade de trabalho que será proporcionada à atividade desenvolvida com o Tempo e está circunscrita à sua utilização de ordem prática. (Minayo, 1994, p. 20).

Por fim, o seu caráter comunicativo está relacionado à classificação do conceito, que deve ser específico e, ao mesmo tempo abrangente, possibilitando assim a compreensão pelos interlocutores da área de interesse. (Minayo, 1994).

Sendo assim e ainda no campo semântico, merece atenção o pensamento de Abraham Kaplan (1918-1993) que discorre sobre conceitualização, em vários níveis de abstração (Kaplan, 1972, p. 20). As suas observações complementam as funções dos conceitos na concepção de Minayo. Kaplan (1972) define então três tipos de conceitos e assim os explicita:

⁸ Há tese importante sobre essa temática: “Ordem dos Conceitos na Organização da Informação e do Conhecimento”, de Marivalde Moacir Francelim/USP, disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-29102010-125600/publico/5504324.pdf>.

- A) Os conceitos de observação direta: os que são observáveis empiricamente, servindo de base para a etapa descritiva da observação;
- B) Os conceitos de observação indireta: nestes a observação empírica anterior è detalhada, interligando os pontos observáveis, e:
- C) Os conceitos teóricos, nos quais as proposições são articuladas e se firmam no campo da abstração.

Os conceitos não devem ser compreendidos como simples jogo de palavras, mas sim construídos com base na dedução e indução quando da sua elaboração, tendo que se apropriar do contexto em que foram articulados e “das articulações dos outros autores com quem a pesquisa dialoga ou quem se opõe” (Kaplan, 1972, p. 21).

Assim, concernente ao uso pragmático ou subjetivo de palavras articuladas, temos em Michel Foucault (2000, p. 62), ainda quanto à formação dos conceitos, que não há uma condição rigorosa para a formação conceitual, mas sim, existem sistemas conceituais inerentes dentro de cada organização, com articulações próprias, o que leva a crer na operacionalidade de cada campo de estudo, como o cognitivo, visto acima por Minayo.

Segundo Foucault (2000, p. 62), faz-se necessária a descrição da organização dentro do campo enunciado em que se atua (física, social, p.e.), e tece três considerações, não ainda sobre o conceito propriamente dito, mas no que chama de operação pré-conceitual:

- A) Formas de sucessão e disposições das séries enunciativas; um conjunto de regras à disposição, com a finalidade de dispor desses enunciados, e esquemas de dependência, ordem e sucessões a serem distribuídos;
- B) Configurações do campo enunciativo, proporcionando formas de consistência, e:
- C) Definição do procedimento de intervenção que pode ser legitimado em aplicação; as relações podem ser legitimadas.

O mesmo autor (Foucault, 2000, p. 69) conclui afirmando que essa pré-conceitualização se dá no desenvolvimento de análises contextuais, em que o domínio de validade, de normatividade e de atualidade estão em interação com a análise de representação e teoria de signos, caracterização e taxonomia, podendo-se então determinar os caminhos do conceito, chegando-se a uma possibilidade de concepção e, “o lugar de emergência do conceito é o discurso, em que o “pré-conceito” (...) em lugar

de delinear um horizonte que viria do fundo da história e se manteria através dele é, (...) o conjunto de regras que se encontram aplicadas. “(Foucault, p. 69).

Desse modo, até aqui foram vistos três autores – Minayo, Kaplan e Foucault – atrelados a um determinado academicismo e que se ordenam dentro de um pensamento e sucessão lógica condizente concatenação em que suas ideias se entrelaçam e determinam, dentro de seus raciocínios e conclusões para a determinação de um conceito evidenciado no binômio reflexão e conclusão.

Porém, de modo diverso, para o pensador alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900), a (i)lógica dá-se de modo não usual, em que as palavras não são resultados do acaso, pois que, sempre foram inventadas pelas classes superiores e, logo, não indicam um significado, mas impõem uma interpretação e, mais, o trabalho do etimologista deve centralizar-se no problema de saber o que realmente existe para ser interpretado, na medida em que tudo é “máscara”, interpretação e avaliação. (Torres Filho, 1983, XIII), visto que comumente as pessoas usam as palavras em sentido diferente do que elas realmente representam.

A linguagem seria uma convenção e pergunta-se se seria uma expressão adequada a todas as Realidades, talvez querendo exprimir que o homem ainda não tenha um significado real para os termos que utiliza para expressar-se e aceita os seus significados como um dogma (Nietzsche, 1983, p. 47).

As suas indagações extrapolam o pensamento do homem comum, pois, mais uma vez indaga-se: “o que é uma palavra? a figuração de um estímulo nervoso em sons. Mas concluir do estímulo nervoso uma causa fora de nós já é resultado de uma aplicação falsa e ilegítima do princípio da razão”. (Nietzsche, 1983, p. 47).

Entretanto, Nietzsche sempre se pergunta, discute sobre o porquê das palavras, das expressões serem o que demonstram ser, parecendo sempre duvidar dos seus significados, pois para ele, usamos uma estimulação inteiramente subjetiva, dado que temos o costume de dividir o mundo em classes ou por gêneros, designamos a árvore como feminina, o vegetal como masculino (Nietzsche, 1983, p. 47), mas que todas essas ações não são mais do que posições arbitrárias. O que há é um estímulo nervoso transposto para uma linguagem.

Desse modo, para ele, a coisa nomeada seria tão somente a imagem modelada em som, que este também não passaria de uma metáfora, e que acreditamos saber das coisas, mas “não possuímos nada mais do que metáforas, que não correspondem às

entidades de origem” (Nietzsche, 1983 p. 48). Ou seja, talvez correspondam à verdadeira realidade do que sejam, ou do que acreditamos ser.

Em nosso entendimento, se seguirmos somente atrelados ao seu pensamento niilista, não haveria como classificar, denominar ou conceituar um objeto ou uma ideia. A sua reflexão deixa transparecer que seria análoga ao ditado popular “o fundo de um poço sem fundo”, pois que afirma que o homem não sabe do homem, que o que temos são somente uma vaga ideia do que seria uma “folha”, uma “árvore”, nunca o significado real de um objeto, um ser ou um pensamento. Porém, a sua visão deixa em nós uma reflexão sobre o que seria realmente um conceito, ou determinado conceito, ainda que de modo geral.

E dentro da sua linha de raciocínio, que não pode ser descartada, pelo contrário, deve ser vista, chegamos à palavra “verdade”, aqui neste capítulo entendida, a princípio como sinônimo para conceito, classificação e denominação.

O que é verdade, portanto? Um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo, sólidas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões, das quais se esqueceu o que são, metáforas, que se tornaram gastas e sem força sensível, moedas que perderam sua efigie (...) continuamos sem saber de onde provém o impulso à verdade (Nietzsche, 1983, p. 49).

De modo geral, são importantes as conclusões desse filósofo, pois entendemos que, ao procurar o conceito de um vocábulo, o que estamos querendo é traduzir esse termo em verdade e, não uma mera explicação plausível para um entendimento comum.

Por isso, seguimos com Friedrich Nietzsche, quando este diz que o homem:

Coloca agora seu agir como ser racional sob a regência das abstrações, não suporta mais ser arrastado por impressões súbitas, pelas instituições, universaliza todas essas impressões em conceitos descoloridos (...) edificar uma ordenação piramidal por castas e graus (...) criar um novomundo intuitivo das primeiras impressões como o limite mais sólido, o mais universal, o mais conhecido e, por isso, como regulador e imperativo (Nietzsche, 1983, p. 49).

Vejamos então o seu pensamento acerca da palavra conceito:

A palavra torna-se conceito justamente quando não deve servir (...) todo conceito nasce por igualação do não-igual. Assim como é certo que o conceito de folha é formado por arbitrário abandono de diferenças individuais, por esquecer-se do que é distinto, e desperta então a representação, como se na natureza além das folhas houvesse algo, que “folha”, uma espécie de folha primordial, segundo a qual todas as folhas fossem tecidas, desenhadas, recortadas, mas por mãos inábeis, de tal modo que nenhum exemplar tivesse saído correto e fidedigno como cópia fiel da forma primordial (...) a desconsideração do individual é efetivo e nos dá o conceito, assim, como nos dá também a forma, enquanto que a natureza não

conhece formas nem conceitos, como também não conhece espécies, mas somente um X, para nós inacessível e indefinível (Nietzsche, 1983, p. 48).

Continua o seu pensamento, afirmando:

O conceito, ósseo e octogonal como um dado e tão fácil de deslocar (...) é somente o resíduo de uma metáfora e, a ilusão da transposição artificial de um estímulo nervoso em imagens, senão é a mãe, é pelo menos a avó de todo e qualquer conceito. No interior desse jogo de dados que se chama conceito, chama-se de verdade usar cada dado assim e nunca pecar contra a ordenação de castas e a sequência das classes hierárquicas como ele é designado, contar exatamente seus pontos, formar rubricas corretas... (Nietzsche, 1983, p. 49).

Conclui assim, nos seguintes termos: “O próprio homem, porém, tem uma propensão invencível a deixar-se enganar (...) ele entrecruza as metáforas e desloca as pedras-limites das abstrações ” (Nietzsche, 1983, p. 51).

Nietzsche traz muitas indagações, talvez mais que respostas. Porém, estas obrigam-nos a refletir sobre o real significado de tudo o que nos cerca, seja material ou imaterial e, uma solução seria verificar a etimologia das palavras.

Entendemos ser relevante apresentar o pensamento de Friedrich Nietzsche com a finalidade de expor ideias opostas, mas também com o intuito de, a partir de um método próprio, possamos nos inteirar mais sobre o significado das palavras e sua real acepção, reconhecendo, porém, a importância do uso de etimologia dos termos, bem como da necessidade do estudo da semântica quando se quer classificar termos e saber dos seus verdadeiros significados.

No entanto, notamos que mesmo trazendo nesse momento reservado então à filosofia, faz-se imperioso fazer algumas citações do sociólogo Norbert Elias (1897-1990) pelo que ele traz de lucidez quanto ao surgimento das palavras e às suas significações e das expressões que usamos normalmente, pois ele indaga a si próprio:

Será imaginável que partindo do zero – grupos primitivos – pudessem haver elaborado (...) sinais transmissíveis que designam ligações estabelecidas num nível altíssimo de síntese, e que dão aos filósofos um material tão rico para pensar, conceitos diversos? (...) Os membros desses grupos possuíam em seu patrimônio genético as mesmas faculdades de síntese dos homens de hoje. Tinham a mesma capacidade de ligar os acontecimentos que percebiam, mas não dispunham de um saber que pudesse dizer-lhes como fazer essa ligação. Ainda lhes era preciso elaborar todos os símbolos relativos a modalidades específicas da conexão. Eles tinham a mesma capacidade que nós para aprender e para comunicar uns aos outros os sinais aprendidos, as representações simbólicas de toda sorte de experiências possíveis. (Elias, 1998, p. 51).

Mais adiante, na mesma linha de raciocínio:

A experiência de pensamento na qual poremos em cena um grupo humano inicialmente desprovido de qualquer espécie de instrumento conceitual poderá ajudar a formular os problemas (...) como irão esses seres humanos,

providos da mesma bagagem genética que nós, aprender o mundo se, por hipótese, nenhum saber lhes tiver transmitido, em particular nenhum saber de tipo conceitual... (Elias, 1998, p. 51).

Diante do exposto, podemos entender que o conhecimento que hoje temos vem da mesma base de inteligência, como se esse alicerce fosse o mesmo, o modo de pensar até hoje não sofreu modificação, apenas que os antepassados partiam de uma *tabula rasa*, e que a partir dessa sua incrível capacidade foram se acumulando de saberes para chegar até o seu estágio atual.

Elias reflete de onde teria vindo o primeiro saber, como teria surgido, se até então não havia um eixo que se pudesse adotar como confiável. Pergunta-se de onde teriam vindo as primeiras classificações e como nós as aceitamos como confiáveis, sem talvez duvidar dos seus pré-significados sequer.

Desse modo, hoje em dia sabemos que o conhecimento é o resultado da investigação disciplinada através de critérios de validade e verificação, pois o domínio que temos de uma ou mais áreas advém principalmente de conceitos adquiridos através do conhecimento e da educação sistematizada, e que a linguística (semântica), é um grande exemplo de como o conhecimento humano foi grande e capaz de fornecer ao homem domínio do saber humano.

Dita essas informações pré concebíveis, mostraremos a discussão acerca do Tempo em diferentes áreas pesquisadas, e das quais podem emergir confluências que as aproximam e especificidades que as distingam.

Desse modo, informamos que a etimologia do termo Tempo tem origem latina como *tempus*, com uma significação de tempo prosódico, momento. A raiz da palavra é indo-europeia: *temp-os*, no sentido de esticar, alongar. Ou, a divisão da duração em instantes, como os minutos. Os latinos usavam *aevum* para designar a maior duração, o próprio tempo.⁹

Contudo, o vocábulo Tempo, para alguns físicos, não traz em si nenhuma significação de origem pragmática a que nós comumente utilizamos diante dos nossos compromissos diários:

o uso da palavrinha “tempo” não diz nada sobre o que ele é. Mesmo que seu uso seja frequente, ela não nos leva a nenhum esclarecimento da realidade que ela pretende dominar. (...) ela nomeia, sem dúvida, mas não denomina, isto é, não basta pronunciá-la para que a realidade do tempo se ilumine a uma

9

<https://www.dicionarietimologico.com.br/tempo/#:~:text=A%20palavra%20tempo%20tem%20origem,aetatis%2C%20uma%20deriva%C3%A7%C3%A3o%20de%20aevum> Acesso em 22 mar 2023.

luz reveladora (...) o tempo aparece como algo que sustenta as coisas que duram uma sucessão de momentos. (Klein, 2019, p. 11-12).

Ou seja, o que temos trata-se, na realidade, de uma vaga interpretação de um vocábulo com relação a um fenômeno. Portanto, visando fortalecer essas diferentes interpretações de um mesmo termo, faz-se necessário investigar o termo através de diferentes campos que aqui serão visitados: a Filosofia, a Sociologia, a História e a Física.

A escolha dessas áreas ficou por conta do autor da Tese com o objetivo de contextualizar a questão multidisciplinar na visão de diferentes saberes.

1.4 FILOSOFIA¹⁰

Começaremos aqui à etimologia da palavra Tempo, que origina-se do latim *tempus*, mas não o tempo vulgar pelo qual nos guiamos, mas pelo tempo da prosódia, mais vinculado à divisão silábica.

Mas pelo “Dicionário Básico de Filosofia”, de Hilton Japiassú e Danilo Marcondes, o termo, primeiramente em seu sentido genérico é

aquele período delimitado por um evento considerado anterior e outro considerado posterior: época histórica: movimento constante e irreversível através do qual o presente se torna passado, e o futuro, presente. Medida de mudança ou a própria mudança observada: o movimento da Terra em torno do Sol que marca um ano, o ciclo lunar que marca um mês. (Japiassú; Marcondes, 2001, p. 182).

Deste modo o tempo tem como característica, junto com o espaço, de ser considerado um dos elementos constitutivos do real e de nossa forma de experimentá-lo (Japiassú; Marcondes, 2001, p. 182).

Na filosofia do séc. XX, Martin Heidegger (1889-1976) dá a sua contribuição para uma concepção de Tempo, em que há uma pré-definição, como Tempo vulgar, não no sentido banal do termo, mas sendo aquele relacionado ao público, divulgado, pragmático, originário a partir de um nivelamento do Tempo original, da sequência do

¹⁰ Sobre tempo e filosofia, há um artigo, de José Maria Arruda/Secretaria de Educação do Estado do Paraná, intitulado “Uma Brevíssima História do Tempo”, disponível em <http://www.filosofia.seed.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=117>. Ver também a dissertação de Daniel Pereira Siqueira, “A Concepção do Tempo em Bergson e sua Relação com a Teoria da Relatividade de Einstein”. UERJ, 2008. Disponível em <https://www.bdtu.uerj.br:8443/bitstream/1/12280/1/Dissertacao%20%20Daniel.pdf>.

agora. Surge da ideia de um Tempo infinito, sucessivo e irreversível, análogo ao de Isaac Newton quanto ao tempo relativo.

Tal representação vulgar, segundo Heidegger, como visto acima, pública, tem a sua própria legitimidade, conferida pela preocupação cotidiana. Argumenta que o sentido propriamente temporal da existência é exclusivo do humano, o próprio *dasein* (traduzido como estar lá) é finito e mortal e, o Tempo não é cíclico, mas antes, infinito (Dastur, 1990, p. 12).

Porém, aqui notamos que faz-se necessário uma argumentação quanto à tradução do termo *dasein*, que no seu entendimento germânico é este acima, mas importa também ser o mesmo uma constituição fundamental do próprio ser humano, em que este vê-se presente no mundo, não somente como um ente físico, mas aquele que não se esgota na tradução literal de um termo. A sua característica está em poder ser algo também subjetivo, que pode ser assim estudado, mas é também metafísico, transcendendo a própria significação de ente dos entes, que compreende o ser físico das coisas presentes no mundo.

Quanto a esta tradução literal lembramos, ou melhor, fazemos uma analogia com o verbo “*to be*”, que em inglês tanto pode significar o *ser* como o *estar*, indo do físico ao metafísico, mas que é compreendido quanto o seu uso dentro da oração. Tal é o *dasein* alemão, que é um “estar lá”, mas quem é que está? O ser, logo este, produto da grande explosão, que é aceita, dentro da Igreja Católica como uma criação divina, não que se comparando o homem a Deus, mas dando ao primeiro uma ideia entitiva do homem – o homem é, mas o Tempo, não - presente no mundo e assim, através do conhecimento e da informação, ser capaz de perceber a passagem do tempo e suas subdivisões.

Afinal, para Martin Heidegger, o *dasein* é

o ser do ente que conhecemos como vida humana. É preciso reconhecer que o ser humano tem uma relação muito particular com o tempo, pois é a partir dele que pode ser decifrado o que é o tempo. Ele não existe no tempo, ele é no fundo temporal, ele é tempo. “ (Dastur, 1990, p. 29).

Agora seguimos com a explanação heideggeriana sobre o Tempo, o Ser.

Importante na sua visão é a junção de Ser e Tempo, pois: “Ser e Tempo determinam-se mutuamente, de tal maneira, (...) que aquele – o ser – não pode ser abordado como temporal, nem este – o tempo – como entitativo” (Heidegger, 1989, p. 206). Assim, a experiência do Homem está presente na leitura do Tempo. Porém, a sua visão de Tempo e espaço é peculiar, onde:

O espaço de tempo vulgarmente entendido no sentido da distância entre dois pontos do tempo é o resultado do cálculo do tempo. É através dele que o tempo, representado como linha ou parâmetro – tempo que assume unidimensional – é medido por números. (...) O elemento dimensional do tempo é tomado de empréstimo da representação do espaço tridimensional. (Heidegger, 1989, p. 213).

Essa representatividade temporal movida por números tira a sua classificação de Tempo da premonição ou de uma definição movida por teólogos, prendendo-se, se não como Isaac Newton, mas tido por bases mais reais e científicas, principalmente quanto a sua dimensionalidade e do Ser.

Deste modo, para este filósofo, a pura compreensão do Tempo se daria a partir do próprio Tempo, afastando princípios metafísicos de afinidade teológica, em que, para Santo Agostinho (Aurelius Augustinus Hipponensis – Agostinho de Hipona, 354 d.C.-430 Dc.) e Aristóteles, a medição do Tempo somente seria possível por intermédio da alma ou espírito (Santo Agostinho, 2017, p. 316).

Ainda assim, o Tempo seria definido por Aristóteles como um número do movimento conforme o antes e o depois, e que tem a sua garantia de continuidade pela divisão dos instantes integrais, semelhante ao ponto geométrico, pois os primeiros – instantes - seriam somente uma continuidade do Tempo (Agamben, 2005, p. 111).

Ou seja, classificando o Tempo como um princípio metafísico de afinidade teológica, dá ao mesmo algo de matemático, ao reconhecer o ponto geométrico como seu análogo na sua compartimentação do antes e do depois.

Porém, a definição do Tempo em Santo Agostinho se dá também no esclarecimento de quem é o Tempo: segundo o autor, o Tempo somos nós mesmos, pois comportamos uma infinidade do Tempo, já que este é um fenômeno em si mesmo. O ser humano isolado dá lugar à própria humanidade no atravessamento dos tempos e dos espaços. Não se trata de hipótese identitária. O ser humano não existe no Tempo, ele é sim, o próprio Tempo (Santo Agostinho, 2017, p. 343).

Em seu livro “Confissões”, Santo Agostinho (2017) argumenta que, a despeito de saber o que é o Tempo, não poderia explicá-lo, defini-lo com simples palavras, como já citado acima. Mesmo assim, arriscava propriedades ou qualidades do Tempo, como longo ou breve, passado e futuro, tratando o instante como o equivalente ao que entendemos como o presente, sem deixar de ser Tempo, mas que se esfuma. (Santo Agostinho, 2017, p. 318).

Dependendo da posição de quem reflete sobre o Tempo, seja no campo da filosofia ou da física, por exemplo, as suas três vertentes (passado, presente e futuro)

poderão ser e não ser um fato, pois o Tempo pode ser um fato somente em si. Pode representar simplesmente um devir, já que o tempo passado não pode ser medido, pois já foi e o presente será futuro, que ainda não poderá ser medido, pois ainda não chegou. (Santo Agostinho, p, 319).

Mas, o que talvez se possa afirmar sobre o Tempo, é que ele pode ser subjetivo, e tanto para Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.) como para Platão (428-347, possivelmente) e para Santo Agostinho, pois parece aproximar-se à criação divina. Enquanto para outros filósofos, como Heidegger e Kant (1724-1804), é um fluxo objetivo ao qual estamos todos sujeitos: flui sempre, mas num único sentido, sem retorno. E para este segundo, o

tempo é uma das formas puras da sensibilidade, sendo, dado a priori, e constituindo uma das condições de possibilidade de nossa experiência do real. Ele não é outra coisa que a forma do sentido interno, isto é, da nossa constituição e do nosso estado interior. (Kant, 1983, pp. 43/44).

Então, faz-se interessante notar que o Tempo em outro filósofo, como Platão era definido imageticamente pelas esferas celestes, e como uma imagem em movimento da eternidade. Portanto, entendemos que tal imagem que se move sempre conforme as leis do número é o que denominamos Tempo (Platão, 2011, p. 110-112).

Nessa definição platônica, entendemos que há também uma função da matemática nos usos do Tempo, além da sua origem divina. Essas leis, com certeza, têm um viés que se assenta na lógica e na matemática, o que dá ao Tempo uma exatidão, calcada no cálculo matemático, mais próximo ao escólio newtoniano de Tempo, além de exato, absoluto.

Porém, tal visão divina (e matemática) também é adotada por Aristóteles, para quem a representação ocidental do Tempo faz dele um *continuum* pontual, infinito e quantificado (Platão, 2011, p. 110), em que para o pensador grego, o Tempo seria o número do movimento conforme o antes e o depois, com a sua continuidade assegurada pela sua divisão em instantes não estendidos, análogos ao ponto geométrico. O instante seria a continuidade do Tempo limite que divide passado e futuro.

Assim, nessa última frase vemos que, apesar de serem de épocas diferentes, Aristóteles e Santo Agostinho comungavam, em parte, do mesmo raciocínio, pois para este segundo o presente se esfumava no instante em que acontecia (Platão, 2011, p. 332), servindo como parâmetro para as outras duas etapas do Tempo – passado e futuro - como o teólogo afirma em suas “Confissões”, Capítulo XI, dedicado ao estudo do Tempo. (Santo Agostinho, p. 319).

A tal pensamento há um contrário, em que “os filósofos chamam de “presentismo” a ideia de que apenas o presente é real, não o passado ou o futuro, e que a realidade evolui de um presente a outro consecutivo” (Rovelli, 2018, p. 87), em que há, neste presentismo uma extensão do seu momento, que não acaba no instante em que acontece, mas há um prolongamento, porém, não é exemplificado quanto à sua duração, quanto a possíveis dias, horas ou minutos.

Por fim, para nosso item de Filosofia, citando, Henri Bergson (1859-1941), que argumentava que o Tempo se definia como espaço (Pereira, 2008, p. 59; Santos, 2013, p. 35), que seria o próprio ambiente da ação. De certa forma, o espaço passaria a ser definido como o conjunto dos sistemas de acontecimentos, uma sucessão de lugares e ações e “o tempo concreto dos homens é a temporalização prática, movimento do mundo...” (Santos, 2013, p. 79).

E ainda sobre Bergson, estabelece uma distinção fundamental entre tempo, como uma realidade abstrata, mas homogênea, e divisível entre instantes e que, faz parte tanto da vida pessoal como do pensamento científico, pois que na verdade não chega a ser real, mas é uma duração, esta, dado imediato de consciência, apreendido pela consciência subjetiva e que dá sentido à nossa experiência terrena. (Bergson, 2006, 2490).

Interessante nessas definições, em que se une o Tempo ao espaço, é que elas têm alguma analogia com a Sociologia, principalmente em relação ao entendimento que alguns povos têm sobre o Tempo.

1.5 SOCIOLOGIA¹¹

Na pesquisa até aqui realizada, vimos que o Tempo assume um teor de especial importância na vida da coletividade, pois toda e qualquer sociedade, como um organismo ativo, são regidas pelo Tempo, em que este tem preponderância em diversos campos da nossa existência enquanto sociedade.

O Tempo está presente em diversas atividades comuns, como a hora de acordar para o trabalho, para as atividades educacionais, ou como quando o sino da igreja

¹¹ Sobre o binômio sociologia e tempo, há a tese “O Tempo da Técnica: a crise da experiência temporal na modernidade técnica”, de Ednei Genaro/UFSC. Disponível em <https://maelstromlife.files.wordpress.com/2015/09/mestrado-genaro-o-tempo-da-tc3a9cnica-sociologia-polc3adtica-2010.pdf>.

anuncia a hora do cumprimento das obrigações religiosas ou costumeiras, como um toque de recolher.

Contado na produção da riqueza, desempenha fator de importância fundamental para a totalização de valor a ser cobrado pela fabricação de um produto ou serviço, seja este de destinação doméstica, empresarial ou de lazer. Sendo assim, a concepção temporal exerce em todos os lugares uma função social *sine qua non* para a articulação das vivências dos povos entre si.

Diante do exposto, Norbert Elias, discorreu com maestria sobre a concepção e uso do Tempo em sua obra intitulada “Sobre o Tempo”, da qual aqui a utilizaremos com breve explanação para contextualizar a junção de Tempo e Sociedade na vida cotidiana.

Assim, esclarecemos que para ele a definição de Tempo não deve ser explicada à luz de um único campo do conhecimento, podendo ser conceituado nos diversos ambientes em que se pesquisa, onde:

conceitos como o de tempo, que implicam um nível elevado de síntese, situam-se além do horizonte do saber e da experiência e (...) não remete ao “decalque” conceitual de um fluxo objetivamente existente nem a uma forma e experiência comum à totalidade dos homens, e anterior a qualquer contato com o mundo (Elias, 1998, p.11).

Elias reflete ainda sobre o Tempo como algo não visível, como que não se pode tocar, mas então, questiona-se de como medir “uma coisa que não se pode perceber pelos sentidos?” (Elias, 1998, p. 11). Mesmo assim, os relógios o medem e desse modo, não seria o Tempo somente invisível, mas algo passível de ser captado, mensurado, posto que ele existe, apesar de não se poder vê-lo, tocá-lo, sentir o seu odor e tampouco sentir um possível gosto. Mas Tempo e movimento são infinitos.

Porém, nessa elucubração o sociólogo encontra paridade com o físico Ettiene Klein (1958), pois que para este a grande originalidade do Tempo é que ele se mantém invisível (Klein, 2019, p. 9). E sem jamais ter sido visto, somente percebido, ele está sempre presente. Só percebemos seus efeitos e reflexos, sentimos a sua passagem, mas não há como explicá-los como um objeto, como, por exemplo, classificamos um relógio, também substantivo masculino, mas tátil e visível.

Contudo, Elias indaga-se sobre o surgimento e finalidade do Tempo, e o estágio atual presupõe que antes houve uma base que nos “autoriza” a dar uma definição mais embasada de Tempo:

...em qual etapa de desenvolvimento elaboram uma conceituação unificadora do tempo que implique um alto nível de síntese? Como chegaram os homens, dispondo inicialmente de meios de orientação conceituais situados

num nível de síntese relativamente baixo, a meios de orientação que exigem um nível de síntese mais elevado? (Elias, 1998, p. 8).

O que podemos concluir desse tipo de conteúdo é como se perguntássemos como pode o homem, num estágio ainda inicial de obtenção de conhecimento, extrair do “nada” um conceito que após séculos – ou milênios – ainda usamos para dar significado a um evento ou fato.

Como poderia uma sociedade ainda rudimentar raciocinar e sem um embasamento cognitivo, talvez propedêutico, pudesse chegar à conclusão e dizer para a sua sociedade e, para o mundo, em extensão, o que é Tempo, e assim por diante compartimentar, enunciá-lo, subdividi-lo em horas, minutos, segundos, dias, meses e, a sociedade, mesmo as mais adiantadas em epistemologia aceitam tais conclusões sem questionar o seu surgimento.

A questão é impressionante e impulsiona estudos nas mais diversas escalas do conhecimento humano e suscita, dentro deste campo uma reflexão mais apurada segundo o fim a ser pretendido alcançar, um raciocínio mais refinado e provavelmente a ser discutido num campo teórico multidisciplinar.

Um exemplo desses questionamentos o próprio Norbert Elias responde, quando afirma sobre o conceito de Lua, que é tido como evidente e todos podemos nos julgar capazes de construí-lo sozinhos, “abrindo os olhos e contemplando o céu noturno” (Elias, 1998, p. 55). Aceitamos que “lua” é “lua” como um dogma e não discutimos os seus significados.

Uma possível explicação para essa indagação se dá num estágio mais explícito, em que a evolução de uma possível “cronologia teria se dado como meio de orientação no fluxo do devir” (Elias, 1998 p. 8). Ou seja, uma sucessão de conhecimentos em outras áreas do saber.

Ao longo da polêmica sobre a conceituação do Tempo e sua natureza, surge o entendimento de que o Tempo seria uma maneira de captar em conjunto os acontecimentos que se assentavam numa particularidade da consciência humana, em que ele seria uma “forma inata de experiência, um dado não modificável da natureza humana” (Elias, 1998, p. 9).

Ainda nesta visão, o Tempo pode ser apreendido como o símbolo representativo de uma sociedade e seus usos e costumes, como tribos que tinham a sua própria marcação do Tempo, não por horas ou minutos, mas, por exemplo, pelo surgimento da lua como a época propícia para o plantio na lavoura. (Le Goff, 2013, p. 312).

Na tentativa de entender o Tempo, Elias, num dado momento, anuncia que pressupunha uma espécie de patrimônio social epistemológico no que tange aos “métodos de mensuração das sequências temporais e às regularidades que elas apresentam” (Elias, 1998, p. 35), o que evidencia um pragmatismo assentado nos costumes dos povos em suas atividades na saga humana de sobrevivência.

Aqui, o termo “Tempo” aparece como que um meio de orientação, elaborado pelos humanos com o fito de efetuar as suas tarefas e compromissos sociais mais prementes, tendo como base os movimentos dos corpos celestes, no binômio dia/sol e noite/lua.

Não há mesmo, para este sociólogo, um só conceito para classificar o Tempo, pois mesmo dentro de uma visão humanista, classificar gera um leque enorme de possibilidades e de visões, variando conforme o campo de atuação da pessoa, quando afirma que o seu conceito está inserido em um “nível altíssimo de síntese, ao passo que, na prática das sociedades humanas, reduz-se a um mecanismo de regulação cuja força coercitiva percebemos quando chegamos atrasados a um evento” (Elias, 1998, p. 39), como por exemplo, o que afirma o Tempo como elemento regulador das atividades sociais do homem, como outrora fora o soar dos sinos. (Thompson, 1998, p. 271).

Em sua forte carga de conceituação de caráter sociológico, destacamos uma comparação entre Tempo físico e Tempo social do autor, sendo que aqui o que nos interessa é este segundo:

física, como uma das variáveis imutáveis (observação minha: absolutismo newtoniano?) que os físicos medem e que desempenham seu papel nas equações matemáticas, consideradas como representações simbólicas das leis da natureza. No segundo sentido, o dos acontecimentos sociais, de uma modalidade da experiência humana, (Elias, 1998, p. 93).

No primeiro, estaria enfatizado um aspecto da natureza e no segundo, os relógios formam a representação de um ordenamento social, essenciais para a vida em sociedade.

Portanto, o Tempo na sociologia trata como reguladores sociais: os relógios e os calendários, que de fato são, mesmo não entrando no campo histórico desses instrumentos, mas cita-os como sistemas ligados ao surgimento da sociedade-Estado, pois:

As instituições jurídicas dos Estados exigiam sistemas unificados de mensuração do tempo, adaptados à diversidade e à complexidade dos negócios que tinha que regular. Com os avanços da urbanização e expansão do comércio, fez-se sentir com intensidade cada vez maior a necessidade de sincronizar o número crescente das atividades humanas e, de dispor de uma rede de referências memoriais cuja extensão regular pudesse servir de quadro de referência. (Elias, 1998, p. 46).

Para o autor, este quadro de referência é usado por um grupo humano para realizar, num ambiente de mudanças sociais, limites reconhecidos pelo grupo, ou para comparar uma determinada fase, num fluxo de acontecimentos, pertencentes a outros eventos, e/ou para outras atividades. (Elias, 1998, p. 60).

Ainda assim cabe uma reflexão: percebemos que não há uma definição única, primordial do Tempo. Segundo Hélio Jaguaribe (1923-2018), “tempo seria a irreversível sucessão de momentos” (Jaguaribe, 2003, p. 156), e por sua vez, unidades do próprio Tempo, ou seja, suscetíveis a mensurações baseadas em escalas. De modo genérico, escalas seriam as graduações que se confirmam numa forma matemática (e lógica) de contagem como as horas, minutos e segundos e, em alguns casos, como nos esportes, em conformidade no “carimbo do tempo”¹², com o uso dos segundos.

Diversas também são as definições no campo da história, variando de autor para autor, cada um dentro da sua visão específica quanto ao estudo adotado.

1.6 HISTÓRIA¹³

Como parte introdutória desta abordagem da área de História, por sua importância multi secular e por entendermos que o Tempo de História representa um tema infinito, optamos por iniciar pelo Tempo na mitologia grega e para isso, identificamos o historiador Jean Pierre Vernant, especialista no assunto para nos conduzir.

Posteriormente, sem pretender analisar o tema de forma historiográfica, optamos por destacar o papel da cronologia na área da História, com o auxílio de alguns historiadores e filósofos para nos conduzir à relevância da marcação do Tempo na escrita da História.

Diante do exposto, em relação ao mundo grego, identificamos uma rica contribuição para os estudos sobre o Tempo, pois, por exemplo, ao tratar de uma crise da soberania divina, os homens da época já tinham consciência do passado separado do presente, em que o mundo dos mortos se distanciou entre os homens e os deuses. (Vernant, 1981, p. 26).

¹² Um selo que atesta a data e a hora exatas em que um documento foi criado e/ou recebeu a assinatura digital. Tem a chancela do Observatório Nacional. (https://www.gov.br/pt-br/servicos/contratar-emissao-de-carimbo-do-tempo#:~:text=O%20que%20%C3%A9%3F,validade%20de%20sua%20assinatura_%20digital.) Acesso em 23 mar. 2023.

¹³ Sobre Tempo e História, ver: Domingues, I. O fio e a trama: reflexões sobre o tempo e a história. São Paulo: Iluminuras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.

De modo diverso do nosso pensamento contemporâneo, em que por uma questão científica nos separamos do mundo da religiosidade e nos atemos ao princípio do mundo dando ênfase ao Big Bang¹⁴, a polis grega marca um começo da vida social e da sua relação entre os homens, calcada no ambiente político, como chave da autoridade do Estado, que toma para si o tempo e o espaço, seja através dessa polis, como através da Ágora¹⁵ (Vernant, 1981, p. 33).

Mas esse Tempo grego está sempre associado à divindade, nem que seja a do rei como senhor do Tempo, distribuidor das riquezas naturais, assim como da chuva, e que levou ao *gnomon* (Moura, 2010, p. 17), possivelmente inventado por Anaximandro (610 a.C. – 546 a.C.), e que é o precursor do relógio, na cidade de Esparta. Estas informações foram registradas em passagens de poetas como Homero (928 a.C. – 898 a.C.) e Hesíodo (séc. VII a.C. – séc. VII a.C.), sendo que do primeiro destacam-se a “Ilíada” e a “Odisséia” e o segundo, “Trabalhos”.

Na presente pesquisa, identificamos alguns Deuses ligados à preocupação com o Tempo, tais como: *Aiôn*, Deus do Tempo, que não pode ser medido, pois é indeterminado, impreciso, mas assim mesmo, eterno; o Deus *Khrónus* é o Tempo que pode ser mensurado, tem início e fim, é por isso mesmo, cronológico. Etimologicamente a palavra cronologia tem neste termo a sua raiz, a sua base (Vernant, 1981, p. 86); *Kairós* é o Deus que não é estanque, pois que é indeterminado, metafísico, tem um antes e um depois, mas não está fechado em si mesmo. (Contente, 2016, p. 1).

Em relação à *Kairós*, “a lembrança de uma função religiosa da realeza se perpetuou até no quadro da cidade, e que sobreviveu, sob uma forma de mito, a lembrança do rei divino, senhor do tempo” (Vernant, 1981, p. 20), em que este teor místico é uma presença constante ao se tratar do mundo helênico e sua mitologia calcada em vários deuses.

Em suas pesquisas, Jean Pierre Vernant nos apresenta sua análise sobre *mnemosyne* – deusa da memória (Vernant, 1990, 136) – na gênese do mundo, que comportava o que vinha antes e o depois, mas que, contudo, não se estendia por uma duração homogênea, mas por um tempo único, o que podemos entender por um ciclo ou

¹⁴ A teoria do Big Bang, segundo informações da Nasa, consiste na ideia de que o universo começou em um único ponto. Um aglomerado de pequenas partículas quentes misturadas com luz e energia, nada parecido com o que vemos agora. <https://www.nationalgeographicbrasil.com/espaco/2022/10/o-que-foi-o-big-bang>.

¹⁵ Espaço público para reunião de pessoas. (Vernant, 1981, p. 33).

um período específico de seus trabalhos, pois como já disse pouco acima, havia também a compreensão da infinitude do tempo.

Assim, nessa estratificação temporal, cada geração, ou povo, tem o seu tempo e forma sua ancestralidade, que pode estar relacionada com a realidade da vida presente dos seres humanos, inclusive suas etnias. (Vernant, 1990, p. 142).

Logo, a intenção no momento, foi iniciarmos com passagens da mitologia grega para transitar pela área da História, pois esta ciência se encontrava assentada no Tempo, nas datas ou em ciclos que definem determinados períodos ou épocas em que os acontecimentos se deram. E:

Toda concepção de história é sempre acompanhada de uma certa experiência de tempo que lhe está implícita, que a condiciona e que é preciso trazer à luz. (...) a tarefa original de uma autêntica revolução não é jamais simplesmente “mudar o mundo”, mas também e antes de mais nada “mudar o tempo”. (Agamben, 2005, p. 109).

Essa revolução não é propriamente se rebelar contra um *establishment*, mas sim adotar uma nova visão, um posicionamento, cenário crítico para o que está acontecendo. Uma nova visão da História.

Historiadores convivem com as tensões inerentes ao tempo em que vivem e as formas de análise e compreensão, instrumentalmente dadas. Sabem que estão imersos no tempo, no seu tempo, e, simultaneamente devem trabalhar com ele, para os atos da profissão, no 'corpus documental' selecionado para pesquisar o tema, o assunto, o objeto de estudo em um dado momento: organizar, recortar, dividir, estruturar, analisar, compreender, explicar, generalizar, teorizar, sintetizar... (Glezer, 2002, p.1).

Após a regularização da História, os profissionais do século XIX passaram a priorizar a “ordenação cronológica dos fatos”, porém, a partir das modificações acontecidas na segunda metade do século XX, em especial a ruptura com metodologias eurocêntricas, o campo da história revolucionou sua forma de pensar o passado. Qual passado deve ser evidenciado? O do vencedor ou o do vencido? (Glezer, 2002, p. 1).

Diferentes noções de Tempo foram aflorando, para a contextualização histórica, diante do desenvolvimento da civilização ocidental moderna. Assim, dissemelhantes escolhas de temporalidade foram surgindo em que os historiadores passaram a estudar com ênfases culturais, sociais e econômicas. Uma verdadeira interrupção da história hierarquizada. (Glezer, 2002, p. 1). Escalonamento por fatos, períodos e

Qualquer que seja a temporalidade escolhida pelo historiador, ela passa a integrar o objeto de estudo desde a seleção do tema, na escolha das fontes – escritas, iconográficas, objetos tridimensionais, no viés analítico do campo, no conceitual teórico selecionado; fica interiorizada no objeto, e os marcos de periodização, datas iniciais e finais do estudo, são apenas recortes temporais,

que devem guardar coerência interna, e não elementos de explicação causal. (Glezer, 2002, p.1).

Entretanto, para nosso estudo específico sobre o Tempo na História, optou-se por realizar um recorte voltando aos séculos anteriores, períodos antes do que entendemos como a revolução histórica, visando apresentarmos recortes de periodização, como por exemplo, ferramentas usadas para a marcação da história, para melhor exemplificar os antigos recortes temporais utilizados.

Assim, a história tem, por meio do fator Tempo, o poder de esclarecer o próprio Tempo histórico, pois como disse o filósofo irlandês Edmund Burke (1729-1797), “um povo que não conhece a sua história, está condenado a repeti-la”¹⁶

Contudo e apesar de o estudo da história clássica basear-se em períodos ou ciclos, ou seja, uma compartimentação do Tempo, o pensamento histórico e político atual não consagra uma concepção acerca do próprio Tempo. Podemos até mesmo dizer que o materialismo histórico não elaborou tal concepção que ficasse como instrumento basilar para a História, ou seja, recorreu a outras concepções e ciências auxiliares da história, mas baseando-se numa corrente tradicionalista, em que sua concepção vulgar de Tempo é diferente daquele usado pelo conceito marxista, onde o Tempo é somente um modelador da produção, pelo uso social aplicado ao trabalho, o que difere da concepção histórica que está atrelada ao Tempo cíclico, que se renova, apesar de ser o Tempo também linear.

Quanto a estes aspectos, circular e linear, vimos que essa concepção é fundamentalmente contínua, o que, de certo modo se ajusta ao seu uso pelos historiadores, que dividem o seu objeto de estudo por ciclos, eras, indo mais uma vez, ao círculo vicioso, concreto e lógico da matemática.

Mas o estudo temporal na visão histórica de Vernant, atem-se mais ao fato, ao evento, em que ambos estão assentados na periodização do acontecimento histórico e à memória, e “se distingue do hábito, representa uma invenção difícil, a conquista progressiva pelo homem do seu passado individual, como a história constitui para o grupo social a conquista do seu passado coletivo.” (Vernant, 1991, p.135).

O mesmo Jean-Pierre Vernant (1914-2007), historiador francês, usa o recurso da memória individual ou coletiva para também reconstituir a história, mas não trata efetivamente de uma concepção de tempo, mas refere-se ao tempo passado.

¹⁶ <https://www.pensador.com/frase/MTk0MzQyNQ/>. Acesso em 15 abr 2021.

Usa os documentos como base para os estudos que tratam da divinização da memória, pois segundo seu próprio testemunho pesquisara em diversas épocas e culturas do mundo do helenismo (Vernant, 1991, p. 135).

Afirma ainda que uma possível evocação do passado faz reviver o que já não mais existe, dando uma ilusão de existência, mas que em momento algum essa ilusão pretérita faz uma volta ao longo do Tempo, tampouco nos faz omitir realidades atuais (Vernant, 1991, p. 135). São apenas memórias, reminiscências de um Tempo que existiu, mas passou.

Ou seja, reviver o passado é estar consciente de determinados momentos, fazendo-nos esclarecer sobre o somatório de eventos que nos fez chegar aos dias de hoje, mas nunca será uma volta no Tempo (viagem ao passado), posto que esse já passou, não se regenera, nem ressuscita. Somente há a sua possível evocação.

Diante do exposto, apresentamos um outro autor que nos brinda com a identificação do Tempo em seus trabalhos históricos. Trata-se do filósofo pensador Paul Ricoeur (1913-2005), ao tratar no seu livro “A Memória, A História e o Esquecimento”, e do “Tempo Histórico”, em capítulo específico. Logo, o Tempo vivido na Terra, no que se chama espaço geométrico e do espaço habitado há uma correspondência dialética análoga de um Tempo vivido, do Tempo cósmico e do Tempo histórico. (Ricoeur, 2007, p. 162).

Este autor trata também do Tempo crônico que traz em si a referência de todos os acontecimentos no eixo do Tempo e, a possibilidade de percorrer os intervalos do Tempo ante duas direções opostas de anterioridade e data zero; assim, a constituição de um repertório de unidades que servem para denominar os intervalos recorrentes, tais como: dia, mês, ano, década, século etc. (Ricoeur, 2007, p. 163).

Para Ricoeur, o Tempo calendário destaca-se numa sequência escalonada de representações de Tempo que não se reduzem mais ao que ele próprio denomina de Tempo vivido. Este designa os ciclos curtos ou longos do Tempo que retorna, ainda em círculos: dia, semana, mês, ano. (Ricoeur, 2007, p. 165).

O Tempo em História, na análise de Ricoeur, pode ser dividido em: cronometria, cronologia, cronografia e cronosofia.

A cronometria estrutura a ordem do Tempo, onde o calendário designa os ciclos curtos ou longos do tempo que retorna, ainda em círculos, como dia, semana, mês, ano; o tempo crônico é aquele que designa o tempo linear dos períodos longos: século, milênio. Na cronometria estão os ciclos plurianuais, tais como as olimpíadas gregas. A

cronologia, próxima dos historiadores, sabe ordenar os acontecimentos em função de uma série de datas enormes e ordenar a sequência das eras e de suas subdivisões. (Ricoeur, 2007).

Em relação à cronologia:

sabe ordenar os acontecimentos em função de uma série de datas e de nomes e ordenar a sequência das eras e de suas subdivisões (...) permite que se fale de história cósmica, da história da Terra, de história vida; a história humana é apenas um dos seus segmentos. (Ricoeur, 2007, 165).

A cronografia representa sistemas de notação que podem prescindir de calendário. Os eventos são definidos em posição em relação a outros. Não é cíclico nem linear, mas amorfo. (Ricoeur, 2007, 165).

A cronosofia:

foi cultivada por múltiplas famílias de pensamento que remexem os tempos segundo ricas tipologias que opõem o tempo estacionário ao tempo reversível, que pode ser cíclico ou linear (...) não é fenomenologia do tempo vivido nem com os exercícios de narratividade popular ou erudita que a história é aqui confrontada, mas com uma ordem (...) que ignora o sentido dos limites (...) o tempo da história procede tanto pela limitação dessa imensa ordem do pensável quanto pela superação da ordem do vivido (Ricoeur, 2007, p. 165).

Entretanto, para Ricoeur, o conceito de época seja talvez o mais peculiar, pois parece sobrepor-se à cronologia dos longos períodos. O seu entendimento não seria adequado a uma história distinta daquela das concepções cíclicas ou lineares, estacionárias ou regressivas. Porém, não se pode dizer de uma história sem periodização, pois seria necessário desdobrar no espaço formas de civilização em que seríamos levados a imaginar compartimentações no Tempo. (Ricoeur, 2007, p. 167).

Outrossim, a operação historiográfica precede da experiência viva da memória, mas também da especulação multilinear sobre a ordem do Tempo.

As periodizações históricas definem datas específicas, épocas e ciclos, ainda que carreguem consigo um fator de cobrança social do Tempo, quanto à divisão do trabalho e à cobrança de impostos, como atesta o historiador Jacques Le Goff, em que este também trata da memória, porém atêm-se principalmente aos calendários, posto que estes são instrumentos diretos do Tempo, neste segmento da História..

Inicialmente, Le Goff define calendário como a palavra derivada do latim *calendarium* que quer dizer “livro de contas”, porque os juros dos empréstimos eram pagos nas *calendae*, o primeiro dia dos meses romanos. (Le Goff, 2013, p. 449).

Inclui os calendários como parte do sistema de Tempo ligado à organização cósmica, sendo o seu Tempo totalmente social, ainda que individual e coletivo, submetido aos ritmos do universo.

Instrumento de poder, seja laico ou religioso, é o calendário um símbolo do poder do Estado, que através dele regula a vida social, política e organizacional da sociedade, permitindo controlar o Tempo e as atividades econômico-sociais do homem. O seu resultado é o da observação dos ciclos cósmicos, fornecendo à cultura os distintos períodos relativos à determinada sociedade e o seu conteúdo está ligado ao complexo jogo de relações entre as exigências religiosas, econômicas e sociais. Enfim, consolida cronologias e identifica-se com a história, ritmada com a periodização. (Le Goff, 2013, p. 441).

Os calendários sempre foram objeto de controle por parte daqueles que detém o poder pelo Estado, e através deles, podemos ampliar nossas lentes de análise partindo desde o imperador chinês Wu (110 a.C.), passando por Júlio César (46 a.C.), e chegando ao século XXI, quando o Presidente da Venezuela, Nicolás Maduro (no ano de 2013) decretou a antecipação do Natal para o mês de novembro, a pretexto de que o povo pudesse melhor desfrutar do evento.¹⁷

Uma das alterações que mais se destacaram na modificação do calendário foi, sem dúvida, a ocorrida na Revolução Francesa¹⁸, com alteração na classificação dos dias das semanas e dos meses, ajustados ao que seriam os ideais da Revolução. Porém, este calendário foi posteriormente alterado pelo Imperador Napoleão. (Le Goff, 2013, p. 447).

Le Goff apresenta o estudo do calendário não somente como um instrumento isolado, mas detalhando o mesmo com uma compartimentação com o céu, sol, estações, mês, semana, dia e noite, trabalhos e festas, ano, indo além deste, como ciclos e os séculos. (Le Goff, 2013, p. 447).

Especificamente com relação à História (analisada antes do século XX), atesta que o calendário conduz à “instituição de uma história cronológica dos acontecimentos” pois estes estão contidos na data, no ano, no mês e nos dias. (Le Goff, 2013, p. 447).

¹⁷ <https://g1.globo.com/globo-news/noticia/2013/11/nicolas-maduro-anuncia-decreto-que-antecipa-natal-para-mes-de-novembro.html>). Acesso em 15 abr 2021.

¹⁸ Evento histórico acontecido na França entre os anos de 1789 e 1799, caracterizado pelo fim do absolutismo e o início do modelo republicano. Sobre o assunto, ver: Vouvelle. M. A Revolução Francesa 1789 e 1799. São Paulo: UNESP. 2012.

Para Le Goff, a história dos almanaques - aqui entendido como um tipo de calendário de datas comemorativas - e os calendários em geral, é uma história de reis de grandes personagens, de heróis, sobretudo de heróis nacionais. Foram o suporte de um desenvolvimento da história (contata pelos vencedores) no quadro anual, referindo-se ao tempo dos anais, geralmente apresentados de forma ilustrada. (Le Goff 2013, p. 447).

No passado, o calendário misturou à grande e a pequenas histórias que hoje os historiadores recusam, mas atualmente o calendário constitui-se um objeto que oferece aos historiadores etnólogos, ou aos etno-historiadores, a história do cotidiano, da cultura material, da festa, mas que, porém, é história. (Le Goff, 2013, p.478).

Ainda quanto aos almanaques, Le Goff refere-se a esses com a classificação de utópicos, assim denominados porque os homens não se contentaram em controlar o Tempo por meio dos calendários utilitários, tentaram também fazer, através dos seus sonhos e esperanças, levados ao nível da utopia, por terem um pressuposto que foge ao alcance da realidade.

Mas para este historiador, houve somente um destes calendários que funcionou durante um certo período: o da Revolução Francesa, segundo suas palavras: “inspirado pela natureza, pela história e pela razão, foi uma magnífica construção a que nada faltou, a não ser as bases sólidas da tradição nas quais qualquer calendário deve inscrever-se.”(Le Goff 2013, p. 481).

Como utópico, também se registra o calendário fixo concebido por Auguste Comte (1798-1857), que eram compostos por treze meses iguais de vinte e oito dias, seguidos de um dia branco (o Ano Novo, dia 29 de dezembro), sendo que cada mês tinha quatro semanas, e todos idênticos. (Le Goff, 2013, p.482).

Ainda como ideia de um calendário universal, um dos mais atuais foi o de Elisabeth Achelis (1880-1973), de 1930, e que comportaria doze meses, de trinta e trinta e um dias, e um dia intercalar no Ano Novo. E, continha como pressuposto o subtítulo de “A Matemática Pura na Vida Cotidiana” (Le Goff, 2013, p.483). Unia o misticismo ao racionalismo, porém a simples menção no Apocalipse faz pensar na utopia. Os calendários sempre passaram por alterações, na tentativa de melhorar a divisão das datas e meses.

Cabe ressaltar a preocupação do autor em esclarecer que:

A reforma juliana, a reforma gregoriana, as reformas chinesas provam que uma reforma do calendário é possível e pode trazer inegáveis progressos. Mas o calendário empenha os homens e a sociedade em todos os aspectos da sua vida e, em primeiro lugar, na sua história individual e coletiva. Uma

reforma do calendário, para ser bem-sucedida deve, antes de mais nada, respeitar a história, porque o calendário é a história. (Le Goff, 2013, p. 482).

Retornando às concepções anteriormente apresentadas referentes às transformações do campo da história a partir do século XX, identificamos seus estudos constituídos por análises subjetivas, pois dependerá das diferentes abordagens, utilizações de diferentes fontes e de marcos temporais. Entretanto, a concepção de Tempo poderá ser apresentada por outras áreas do conhecimento, em análise objetiva, como por exemplo, a área de Física, mais centrada em princípios matemáticos e objetivos, até mesmo porque podem ser obtidos através de cálculos e da observação.

1.7 FÍSICA¹⁹

Ao passarmos para o conceito de Tempo na Física, solicitamos precaução às pessoas com menor convivência em relação à história da Física, pois “muitas vezes imagina que essa ciência tem nas suas bases conceitos definitivamente elucidados. O tempo certamente seria um deles.” Porém, aos nos debruçar em estudos sobre o conceito de Tempo, constatamos que existe uma extensa história que parece muito longe de seu final. (Martins: Zanetic, 2002, p. 1).

Com o intuito de apresentar exemplos da análise do Tempo na visão da área da Física, André Ferrer P. Martins e João Zanetic, nos mostra que:

Na antiguidade o tempo vai ser estudado, entre outros, pelos gregos do século IV a.C.: Platão, que concebe o tempo contínuo produzido pela rotação dos corpos celestes, e Aristóteles, que pensa o tempo como um coadjuvante no estudo do movimento. E, na Idade Média, podemos destacar Santo Agostinho (354-430) e São Tomás de Aquino (1225-1274), que concebem que o tempo foi criado junto com o Universo. Já no início do século XVII, no alvorecer da física clássica, encontramos Galileu (1564-1642) que, rompendo com a física aristotélica, incorpora definitivamente o tempo como protagonista no estudo – agora matematizado – do movimento, abrindo o caminho para o espaço e o tempo newtonianos. (Martins; Zanetic, 2002, p. 1).

E aqui neste introdutório, fazemos uma espécie de pequeno breviário de termos que classificam o tempo, na física e na cosmologia, é a dicotomia em que

¹⁹ Ver a importante pesquisa, já citada anteriormente, de Daniel Siqueira Pereira/UERJ: A Concepção do Tempo em Bergson e sua Relação com a Teoria da Relatividade de Einstein”, disponível em <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-77734/a-concepcao-de-tempo-em-bergson-e-a-sua-relacao-com-a-teoria-de-relatividade-de-einstein>, acesso em 02 ago 2022.

Sobre o tema, ver também: Einstein, A A teoria da relatividade especial e geral. (Trad. Carlos Almeida Pereira), Rio de Janeiro: Contraponto, 1999, pp. 36-7.

consideram o tempo (e o espaço) como absoluto ou relativo. Para Newton, por exemplo, o tempo é absoluto, independente dos eventos que ocorrem nele, constituindo uma ordem homogênea de natureza matemática. Para Leibniz, ao contrário, o tempo é relativo, só podendo ser determinado através de eventos que se relacionam de forma sucessiva. (Jupiassú; Marcondes, 2001, p. 182).

Assim, diante do exposto iniciaremos a nossa exposição com uma demonstração sobre os estudos proferidos por Isaac Newton (1646 – 1727) no Livro I de seu “Principia – Princípios Matemáticos de Filosofia Natural”, em que para ele, ao enunciar os seus escólios expõe que ele próprio não define o que seja tempo, espaço, lugar e movimento (Newton, 1990, p. 6) e mais adiante, no seu primeiro enunciado diz que o tempo por “si mesmo e da sua própria natureza, flui uniformemente sem relação com qualquer coisa externa” (Newton, 1990, p. 7), o que daria ao tempo, em nosso entendimento, uma independência de qualquer relação de subordinação ou de relatividade.

Porém, vimos como importante diferenciar escólio de axioma, em que o primeiro é a breve anotação de um texto com a finalidade de explicá-lo ou torná-lo mais compreensível Já o escólio é “a verdade evidente por si mesma; máxima, sentença” (Ferreira, 2008, p.158).

Desse modo, na obra acima, Newton expôs quatro escólios:

as definições dos termos comentados do modo como eles são menos conhecidos e expliquei o sentido no qual eles devem ser entendidos no que segue. Não defino tempo, espaço, lugar e movimento, por serem bem conhecidos de todos. Contudo, observo, que o leigo não concebe essas quantidades sob outras noções exceto a partir das relações que elas guardam com os objetos perceptíveis. Daí surgem certos preconceitos, para a remoção dos quais será conveniente distingui-las entre absolutas e relativas, verdadeiras e aparentes, matemáticas e comuns. (Newton, 1990, p. 6).

O entendimento desses argumentos dá-se pela necessidade de fornecer à cada escólio o real significado do que este físico pretende expor. Portanto, a primeira parte do primeiro escólio refere-se somente ao Tempo absoluto, em que este é anunciado nos seguintes termos: “Tempo absoluto, verdadeiro e matemático, por si mesmo e da sua própria natureza, flui uniformemente sem relação com qualquer coisa externa e é também chamado de duração...” (Newton, 1990, p. 7).

Exposta essa primeira parte do primeiro escólio, entende-se que, para Isaac Newton, o Tempo é único e independente de qualquer movimento, e fazendo uma analogia com Aristóteles e Santo Agostinho, pois para esses dois prioriza-se o

movimento dos astros e, para Newton o Tempo é indiferente a qualquer ação externa, e que flui de modo igual sem se relacionar com qualquer evento extrínseco. O Tempo é o Tempo por si só.

Diante do exposto, podemos passar para a segunda parte do primeiro escólio, que expomos agora:

...o tempo relativo, aparentemente e comum é alguma medida de duração perceptível e externa (seja ela exata ou não uniforme) que é obtida através do movimento e que é normalmente usada no lugar do tempo verdadeiro, tal como uma hora, um dia, um mês, um ano (Newton, 1990, p. 7).

Aqui há uma grande diferença em relação ao Tempo absoluto, pois que Newton já admite textualmente que o Tempo relativo é aquele que vem através dos movimentos e **normalmente**²⁰ é usado em substituição ao Tempo verdadeiro. Assim, a hora, o dia, o mês e o ano seriam tão somente o Tempo relativo ou vulgar, pois que todos são obtidos através dos movimentos e classificados, como o dia, o mês e o ano, através do calendário, que ele não cita, mas que já existia à sua época, pois que já havia desde antes de Cristo e, especificamente “o tempo do calendário é totalmente social, mas submetido aos ritmos do universo” (Le Goff, 2013, p. 441). Ou seja, são ditados pelos costumes de cada povo.

Acredita-se, em termos acadêmicos, dizer que o Tempo é aquele dito por Isaac Newton como tempo absoluto, verdadeiro e matemático, mas esquecem-se de dizer que o físico também considerou o tempo relativo, não do mesmo alcance que o primeiro. pois que na introdução dos seus escólios ele trata da acepção do “leigo”, ali entendido como a população geral, não dotada dos conhecimentos que um físico ou matemático têm.

Mas pelo fato de Newton ter admitido um Tempo relativo não queremos dizer que ele abandonou a teoria do Tempo absoluto, pelo contrário, este existe, só que além de ser matemático e verdadeiro, é um ente real e é mais do que isso, ele é o próprio campo gravitacional e: “ele - Newton, grifo do autor - erra ao presumir que esse tempo é independente das coisas e flui regular, imperturbável, independentemente de tudo (...) onde o espaço-tempo-entidade de Einstein é uma entidade dinâmica e concreta.” (Rovelli, 2018, p. 66).

Tal conclusão nos leva também a comparar ainda o filósofo Aristóteles, para quem o Tempo é somente um intervalo entre movimentos, e fazer uma analogia com Isaac Newton, que assim, não teria razão em dizer que o Tempo é independente. Mas, o

²⁰

Grifo do autor da tese.

que parece estranho é que esse físico, astrônomo e matemático reconhece, ainda no seu primeiro escólio, a existência dos movimentos, mas também, por outro lado, nos diz que há um outro Tempo, resumindo, o Tempo verdadeiro, que flui independente.

Logo, esta situação nos leva, nesta pesquisa, e neste entendimento, a dar mais razão a Aristóteles, pois que este dizia que o Tempo seria tão somente um modo de medir como as coisas mudam. Contudo, ainda que de maneira pragmática, reconhecemos que Newton tinha toda razão em classificar o Tempo como matemático, porém, não é único, como de fato não é para todos os lugares. Para isso, argumentamos como exemplo, o fuso horário, que só foi discutido e efetivado no século XIX, praticamente duzentos anos após a publicação dos “Princípios”, lançado em 1687 e, o fuso foi somente efetivado, através de um acordo em 1883, o que dá uma diferença de 196 anos, exatamente.

Essa conclusão caminha para a certeza de que o Tempo, de fato não é único, pois com a instituição do fuso horário, pode-se dizer que “cai por terra”, pelo menos em parte a ideia do Tempo único, ainda que ele seja matemático e absoluto.

Quanto aos outros três escólios: Newton trata do espaço absoluto no segundo; do lugar como parte do espaço que um corpo ocupa, no terceiro e, no quarto, do movimento absoluto, como translação de um corpo de um lugar absoluto para outro; e relativo, a translação de um lugar relativo para outro.

Diante do exposto, continuaremos a trajetória de nossa análise com os estudos de Albert Einstein (1879-1955), para quem a ordem cronológica dos eventos dependeria da posição do observador (Einstein, 2022, p. 43).

Em suas análises, destacamos dois pontos principais em teorias quanto ao Tempo, que apresentam classificações distintas. Informamos que Einstein escreveu não uma, mas duas teorias da relatividade: a Teoria da Relatividade Especial (ou Restrita) e a Teoria da Relatividade Geral.

Segundo entendimento do filósofo e físico Oscar Matsuura (1939-), em sua interpretação sobre a teoria da relatividade restrita, esta baseia-se em dois pressupostos: “o primeiro é que a velocidade da luz no espaço livre tem o mesmo valor para todos os observadores, independentemente do estado do movimento deles.” (Matsuura, 2003, p. 44). Em relação ao segundo, também chamado de princípio da relatividade,

estabelece que as leis físicas são expressas pelas mesmas equações em todos os sistemas inerciais. A rigor, este princípio é um metaprincípio porque não é uma lei física, mas estabelece uma regra que rege o padrão lógico a ser obedecido pelas leis físicas. (Matsuura, 2003, p. 44).

A realização das duas teorias está em conciliar esses dois princípios, em que Albert Einstein viu ser imperioso relativizar o tempo e o espaço. E, a única maneira de conciliar os dois postulados, isto é, descrever experimentos usando sistemas de referências iniciais, e considerar que este sistema de referência de um observador, quando visto por outro, é afetado pelo movimento relativo, e:

as medidas de tempo e de espaço num sistema de referência não podem continuar sendo consideradas absolutas, mas relativas ao movimento do observador em relação a esse sistema. (...) é através da deformação do espaço e do tempo que podemos assegurar a invariância da velocidade da luz. (Matsuura, 2003, p. 45).

Em relação a esses postulados, Einstein trata da relatividade simultânea, da dilatação e contração do Tempo, da variação da massa, da velocidade-limite, da equivalência entre matéria e energia. Porém, alguns ricos detalhes fogem ao momento do propósito de nossa presente pesquisa, portanto, trataremos em linhas reduzidas, somente da Relatividade Geral, pois um dos seus indicadores trata da dilatação gravitacional do Tempo, que é diferente da prevista na relatividade restrita:

nesta ele trata do desvio gravitacional para o vermelho, que é um espectro de luz visível e de comprimento de onda mais longa, que corresponde a uma dilatação do tempo na mesma proporção. Assim, o relógio do observador que estiver mais preso gravitacionalmente (por exemplo, no chão), marchará mais devagar que o relógio de um companheiro que estiver menos preso (no teto). Perto do horizonte de um buraco negro, o tempo quase para. Um viajante hipotético que passasse lá (viagem interplanetária) um ano e retornasse constataria que aqui na Terra teria passado um tempo muito, muito maior (Matsuura, 2003, p. 71).

Esta teoria também trata da curvatura do espaço e do Tempo, em que esta curvatura denuncia a gravidade, que por sua vez, seria uma deformação do espaço causada pela presença da matéria e da energia (Matsuura, 2003, p. 71), em que uma vez que esta fica alterada, também modifica o Tempo, dentro da relatividade entre ambos.

Portanto, nesta segunda teoria Einstein pôde explicar uma das quatro forças da natureza, que é a gravidade, e descobriu que:

a presença de matéria faz com que o espaço e o tempo (o espaço-tempo) se curvem ao redor do objeto, seja ele uma estrela, um planeta, eu, você, seu carro, uma bicicleta, enfim. E, quanto mais massa, maior a curvatura.” (Lapola, 2021, p. 2).

E em seguimento a esses dois consagrados cientistas - Isaac Newton e Albert Einstein - optamos por prosseguir apresentando dois outros físicos dos Séculos XX/XXI e suas visões mais contemporâneas sobre o Tempo, que também não são definitivas, mas têm no seu âmago uma nova compreensão e discussão sobre esse tema, ainda que suas ideias sejam, em alguns pontos, divergentes das de Newton e Einstein.

Ilustrando bem isso, lembramos de exercícios mentais para o acesso e o entendimento do que seria o caráter relativo do Tempo, dando o exemplo, em hipótese de uma possível viagem interestelar, na velocidade da luz de um de dois irmãos gêmeos, de 20 anos, num percurso de ida e volta à Terra. Concluída a viagem de 40 anos, a contar-se da Terra, o que ficou seria um senhor de 60 anos e o gêmeo que viajou para outro planeta teria somente 26 anos. Para o viajante, teria se passado somente 6 anos. Einstein argumentou que a diferença se deve à aceleração do foguete na ida e sua desaceleração na volta. (Klein, 2019, p. 54-55), pois o Tempo não é o mesmo em todo o universo, não existe um Tempo único (Rovelli, 2018, p. 22).

Na hipótese acima, o Tempo fisicamente vivenciado pelo viajante é modificado pela velocidade de deslocamento. Logo, não existe Tempo fixo, absoluto, que separa de forma imutável dois acontecimentos dados. (Pereira, 2008; Rovelli, 2018, p. 18).

Outro aspecto relativo do Tempo, que depende da posição do observador, quando se dá com o fenômeno do fuso horário, pois dependendo da posição do observante (Brasil, Alemanha, China, por exemplo) haverá, neste caso, sempre três Tempos “distintos”, ou três horas diferentes para se determinar o mesmo instante, mas que ambas têm no ponto de observação o seu fator determinante da hora, o “momento presente” de cada um.

Portanto, continuando com esses autores mais contemporâneos acima mencionados e com entendimentos nada tradicionalistas, lembramos que para o físico francês Etienne Klein (1958), a palavra Tempo, apesar de usada todos os dias, parece sem importância (Klein, 2019, p. 9), dada a sua peculiaridade de ser usada sempre. Porém, todos a entendemos, e, como Santo Agostinho, não sabemos defini-la de modo preciso e irrefutável. Para ele também dentro da Física, e do seu campo de entendimento, haveria uma dificuldade em se determinar uma definição mais exata para o termo “Tempo”.

Dentro do conhecimento comum, não é preciso ser filósofo ou físico para se ter a sua própria concepção de Tempo (Klein, 2019, p. 9), ainda que seja uma vaga ideia pessoal deste autor, porém, baseada em seus estudos de física, ele chega a dizer que a palavra “Tempo” não diz nada sobre o que ele (Klein, 2019, p. 11). E não faz referência ao seu significado ou etimologia, o que poderia ser elucidativo. Para ele o vocábulo não nos leva a nenhum esclarecimento da realidade que ele pretenda denominar. Nomeia, mas não denomina, em que não basta pronunciá-lo para que então a realidade do Tempo se ilumine a algo revelador. Importante quanto a esse aspecto, ver o item 2.3 Teorizando

Conceitos, as explicações do filósofo alemão Freiderich Nietzsche, quanto ao verdadeiro significados das palavras e suas possíveis metáforas.

Assim, com o intuito de informar, para Carlo Rovelli, esta palavra “deriva de uma raiz indo-europeia, *di* ou *dai*, que significa dividir. Há séculos, dividimos o dia em horas (Rovelli, 2018, p. 53).

Portanto, diante de diferentes posicionamentos sobre o Tempo na Física, destacamos a análise de Klein em que o “tempo aparece como algo que sustenta as coisas que duram numa sucessão de momentos presentes “ (Klein, 2019, p. 12).

Por outro lado, no seu livro “A Realidade não é o Que Parece” (2017), o também físico, o italiano Carlo Rovelli (1956), discorrendo sobre o Tempo, no capítulo intitulado “O Tempo não Existe” afirma que: “temos de reconhecer que o tempo também deve ter aspectos de indeterminação probabilística, granularidade e relacionalidade que são comuns a toda realidade“ (Rovelli, 2017, p. 172), o que nos permite entender que se trata de um Tempo diferente de tudo o que chamamos de Tempo. É diferente da ideia comum que temos dele, é indefinido, sem uma definição estanque.

Para Rovelli, o Tempo, na realidade, não é o que pensamos. Ele não existiria, na sua concepção. Mas o que significaria a não existência do tempo? Significa que tal mudança é ubíqua. Mas a natureza não se rege em um Tempo universal, cada processo tem um ritmo próprio, a depender da posição de cada observador. Na realidade, nunca medimos o Tempo em si, medimos sempre algumas possíveis variáveis físicas (o Tempo é a relação do próprio tempo-espaco) e comparamos uma variável com outra, ou seja, medimos as funções de A, B, C... e assim por diante. (Rovelli, 2017, p. 176).

No entendimento deste físico, Carlo Rovelli, o matemático e físico Isaac Newton, no seu livro “O Sistema do Mundo” (1687), afirmou que não podemos medir o “**verdadeiro**”²¹ Tempo, mas se assumimos que ele existe, podemos compreender e descrever a sua natureza (Rovelli, 2017, p. 177), o que redundava em algo próximo à inquietação de Santo Agostinho de que sabe o que é o Tempo, porém não tem como explicá-lo numa definição mais concreta.

E assim, chegamos às atuais discussões, nas quais citamos, brevemente, a gravidade quântica, ainda que esta não entre no escopo de nossa análise, mas que “é o esforço de compreender e dar um sentido coerente a esta passagem extrema e belíssima:

²¹

Grifo do autor da tese.

o mundo sem tempo” (Rovelli, 2018, p. 13) e ao significado da asserção “o tempo não existe”. A ideia de um Tempo “t” que flui por si mesmo, é em relação ao qual todo o resto se desenvolve, já não é uma ideia eficaz. O mundo não é descrito por equações de evolução do Tempo “t”. Temos é de nos limitar às variáveis A, B, C... que efetivamente observamos e escrevemos entre essas variáveis possíveis A (B), B(C), C (A,) que não observamos (Rovelli, 2017, p. 177).

Mas a assertiva de demonstrar que o tempo não existe seria o mesmo que dizer que o nada é um tempo em si ? O nada, entendemos como a ausência de qualquer existência, pois até o invisível é uma realidade, só não podemos vê-lo, mas sabemos da sua permanência, tal como o tempo, que não podemos vê-lo, senti-lo ou tocá-lo, mas que dentro do conhecimento humano ele existe , mas ele não se entrega como um objeto banal. Só que:

mesmo que ninguém jamais o tenha visto na sua frente, mesmo que ele nunca se mostre, mesmo que não se exiba diretamente em nenhum lugar, , mesmo que não tenhamos visto cara a cara, ou sentido, escutado, tocado o tempo, nem por isso deixamos de falar dele como quem fala de um velho conhecido.. Pode ser então que, na realidade, só percebamos seus efeitos, seus reflexos, suas obras, seus contornos, que acabam nos iludindo a respeito de sua verdadeira existência. (Klein, 2019, p. 9).

Logo, para este autor, a palavra Tempo, que todos nós usamos, pode parecer sem importância, mas ela própria pode também não dizer sobre o que ele seja e não nos leva a nenhum esclarecimento da realidade que nela se pretenda dominar, pois pode existir uma distância entre o que é dito é que se pretende dizer, “essa palavra não nos diz o que ela diz. Nomeia, mas não domina. Nomear o tempo não equivale a exibi-lo nem a mostrá-lo.” (Klein, 2019, p. 9). Mesmo não podendo ser tocado ou sentido, o tempo não é o nada. Pelo contrário, pode-se pensar se quando da grande explosão, quando o nada deixou de existir, o tempo passou a ter sua existência.

Mas se ausência dos movimentos poderia nos levar à ausência dos tempos, nós recorreremos, mais uma vez a Santo Agostinho, quando este refere-se à passagem do tempo, pois que, se nada passasse, não haveria tempo passado. (Santo Agostinho, 2017, p. 319).

Mas o Bispo de Hipona traz outra reflexão sobre a existência e não existência do tempo quando diz:

se o presente, para que seja tempo, há de se tornar passado, como podemos dizer, a respeito dele também, que é, se a razão de sua existência é deixar de ser ? de maneira que não afirmamos com verdade que o tempo é, senão porque ele tende a não ser” (Santo Agostinho, 2017, p. 319).

Desse modo, seguindo o seu raciocínio, de que o tempo pode não ser, numa extrapolação filosófica (não) existencial, podemos dizer que o não tempo seria – não afirmamos – Um nada, mas não O nada.

Mas o que seria o Nada ? Hilton Jupiassu e Danilo Marcondes nos responde das seguintes formas:

Nada vem do latim (*res nata*): coisa nenhuma. Em sentido genérico, o não-ser, aquilo que não é, não existir, a ausência do ser. Para o existencialismo, limitação do ser, origem da negação. “O nada não é o oposto indeterminado do existente, mas se revela como componente do ser existente” (Heidegger, *Ser e Tempo*) (...) o nada que não é só poderia ter uma existência emprestada; é do ser que toma o seu ser... o desaparecimento total do ser não seria o advento do reino do não-ser, ao contrário, seria o desaparecimento concomitante do nada: só há não-ser na superfície do ser. (Sarte, *O Ser e o Nada*). (Jupiassú; Marcondes, 2001, p. 143).

Assim, e diante de tais assertivos somos como que impelidos a fazer nossas as palavras de Santo Agostinho, quando este, acima, diz que se não houve o movimento dos astros não haveria tempo, ou seja, se nada passasse não haveria tempo. (Santo Agostinho, 2017, p. 319). Não existiria nem passado, nem presente, nem futuro. Convém também verificar a Fig. 1. na página 24, pois a mesma traz, ainda que não diretamente, uma exemplificação deste nada no Tempo.

Mas, ainda assim, entendemos que dos três níveis de tempo, o presente é aquele que acaba no momento em que se dá a sua existência e, “aqueles dois tempos, passado e futuro, em que sentido eles são, se o passado não é mais, e o futuro ainda não é? (Santo Agostinho, 2017, p.319), o que nos leva ao estágio de ligar o filósofo Santo Agostinho aos físicos Etienne Klein e Carlo Rovelli, em suas conclusões de que o tempo não existe, mas não que seja o nada. É aquele que, mesmo não sendo, é e, sendo não é, mas que exclui o nada, pois a sua retórica não é jogo de palavras, mas sim, produto de reflexão filosófica, em que o presente deixa de ser, o passado já não é e o futuro ainda não existe.

Em outra reflexão, sobre o ser do tempo, podemos dizer que temos a impressão do Tempo que passa é apenas uma aproximação que só tem valor para as nossas escalas macroscópicas: deriva do fato de que observamos o mundo de modo rudimentar. (Rovelli, 2017, p 178), e é descrito dentro de variáveis, não dele próprio, mas que este depende dos astros e seus movimentos.

Rovelli, ainda nos apresenta algumas colocações interessantes que destacamos aqui: temos de aprender a pensar o mundo não como algo que muda no tempo, mas de

alguma outra maneira. (...) A ilusão do espaço e do tempo contínuos ao nosso redor é a visão desfocada (...) de processos elementares“. (Rovelli, 2017, p. 178).

O mesmo autor, nos diz sobre a sua teoria do Tempo que “não podemos pensar o tempo como se existisse um grande relógio cósmico que marca a vida (...) cada objeto do Universo tem o próprio tempo que flui e, o que determina esse tempo é o campo gravitacional” (Rovelli, 2017, p. 173), em que é importante essa última parte, pois o Tempo não é o mesmo em todo o universo, já que depende da posição de cada observador (Einstein, 2022, p.43). Mesmo assim, referindo-se ao campo gravitacional, o que seria, a não ser o próprio espaço? Logo, tempo e espaço estão sim, ligeiramente, um interligado ao outro.

Esse fenômeno sobre a diferentes análises do Tempo, está presente em outras formas gerais do termo, como uma espécie de apontamentos do tema.

2. APONTAMENTOS DO TEMPO

A diversidade tem em si essa multidisciplinaridade de fatos, que se origina por diversos aspectos, como os conceitos de um determinado termo, objetos como os relógios, os calendários, algumas instituições, além de estudos diversos sobre o tempo. E a partir dessa variação perguntamos como é que os nossos antecedentes, a partir do homem das cavernas, puderam a partir de uma *tabula rasa* chegar a essa diversidade de informações, seja, nas relações produtivas, como fator cultural e no próprio direcionamento do tempo.

2.1.O TEMPO NA ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E PRODUÇÃO²²

Uma correlação constante nas diversas correntes sobre o Tempo expostas na presente pesquisa é a permanente influência deste com a vida em sociedade, em que esta vem do latim *societas*, e

a sociedade não é um mero conjunto de indivíduos vivendo juntos. em um determinado lugar, mas define-se essencialmente pela existência de uma organização, de instituições e leis que regem a vida desses indivíduos e suas relações mútuas. Algumas teorias distinguem a sociedade, que se define pela existência de um contrato social entre os indivíduos que dela fazem parte, e a comunidade que possui um caráter mais natural e espontâneo. (Jupiassú; Marcondes, 2001, p. 167),

²² Sobre essas duas vertentes, há uma tese muito interessante, denominada “Tempos de Trabalho, Tempos de não Trabalho: vivências cotidianas de trabalhadores”, Autoria de Ana Cláudia Moreira Cardoso/USP, disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-20032008-101721/publico/TESE_ANA_CLAUDIA_MOREIRA_CARDOSO.pdf. Acesso em 03 set 2022.

onde todos têm a princípio, o alcance de um mesmo fim, e essa finalidade comum pode apresentar um cunho genérico, mas podemos tomá-la como exemplificação do trabalho realizado para a consecução desse fim comum, que pode ser traduzido na produção de um bem materializado ou na oferta de um serviço que forneça algum bem estar, ainda que não esteja referindo-nos ao *welfare state* – Estado assistencial - ²³ mas a um meio de sobrevivência, consubstanciada no trabalho efetivado pelos seres que vivem em diversas sociedades e como estas são diretamente dependentes do Tempo, pelo menos naquelas organizadas em estratificações.

Como início dessa temática, e com o intuito de nos ambientar com o tema deste segmento, teremos como cenário básico histórico a Revolução Industrial em que se “permite perceber a delimitação de tempo de trabalho e tempo disponível” (Pereira, 2016, p. 5). Este sistema laboral traz uma ruptura das atividades desenvolvidas no âmbito familiar, visto que o trabalhador, até o momento, controlava a execução e a intensidade da sua produção, porém, a partir desta Revolução, não deterá mais o seu ritmo de trabalho. Este passará a ser ditado pelo chamado “trabalho morto” (executado através de máquinas) e pelo chão de fábrica numa sociedade dominada pelo capital e pelo detentor deste que empregará a mão de obra do trabalhador antes autônomo. E neste momento, destacamos um outro fator de importância para essa transformação na sociedade, quando se dá o “surgimento do relógio (...) um instrumento limitador do tempo e do espaço do homem” (Pereira, 2016, p. 7).

Sobre a influência dessa conjunção de relógio e revolução, identificamos que

.... a Revolução Industrial passaria a regular o tempo em função do trabalho mecânico, isto é, da produtividade. Os minutos passaram a fazer a diferença no que se refere ao rendimento do tempo do trabalho mecânico, como hoje os segundos fazem diferença diante dos instrumentos de trabalho computadorizado e dos relógios de precisão digital que medem a cada instante as oscilações dos investimentos... (Kehl, 2009, p.126).

O que dita a produção a partir de agora, nessa nova fase emblemática do trabalho, será coadjuvado por alguns novos fatores, além do Tempo, da produtividade, da organização e principalmente dos novos meios de desenvolvimento do ofício, como por exemplo, o explanado pelos autores Karl Marx (1818-1883); Frederick Winslow Taylor (1856-1915), e pela grande contribuição de Henri Ford (1863-1947).

²³ Ver Welfare State: entenda como funciona essa medida econômica, de Thiago Reis . Disponível em <https://www.suno.com.br/artigos/welfare/>. Acesso em 15 out 2023.

Como marcos identificatórios deste período, Revolução Industrial e suas fases, citamos, a partir desta, o trabalho primordial, que é o livro “O Capital” (1867), monumental análise do sistema socioeconômico capitalista, e em que Marx faz uso de minucioso estudo sobre trabalho, valor, tanto de mercadoria como o da alienação do trabalho.

Porém, nesse momento, citamos concomitantemente a este ciclo econômico, v-se que Karl Marx:

expõe que o tempo de trabalho deixou de ser a medida de todas as riquezas, a qual passou a ser o tempo disponível. Todo o tempo para além do tempo de trabalho necessário à produção e reprodução das condições materiais de existência é o tempo livre. Quanto mais se reduzir o tempo de trabalho necessário, maior deverá ser o tempo livre. Entretanto, sob o modo capitalista de produção, parte deste tempo é apropriada pelo capital, de forma que o tempo de trabalho deixa de ser apenas o necessário para se tornar o tempo total disponível às necessidades, (Pereira, 1988, p. 109).

Cabe destacar que Marx também considera como Tempo de trabalho o Tempo realizado em conjunto da dupla homem e máquina, cuja análise não será abordada na presente tese.

Portanto, o que pretendemos enfatizar é o trabalho como conjunto de atividades produtivas realizadas na relação entre espaço e Tempo, seja em uma oficina de um artífice, vista por Marx ou dentro do chão de fábrica no modelo chamado taylorismo²⁴, pois ambos são realizados em um determinado espaço e em função de máquinas, ferramentas, intelecto e Tempo, e são capazes de desenvolver produtos ou serviços que proporcionam ao ser humano um determinado conforto ao suprir uma necessidade imediata de alimentação, conforto, lazer ou até mesmo a realização de um outro trabalho, como quando se dá na construção de bens de capital, ou seja, a fabricação de máquinas e ferramentas que propiciam o fabrico de outros bens materiais.

Tanto a passagem como a utilização do Tempo em sociedades pré-industriais, davam-se diante da praticidade de uma tarefa, doméstica, artesanal ou até mesmo religiosa, pois:

No fim do século XII, os primeiros relógios mecânicos começaram a marcar, no alto das igrejas, uma nova forma de temporalidade em algumas cidades do continente que hoje conhecemos como Europa. A passagem do tempo, até então, era regulada pelos ciclos da natureza (determinantes para o trabalho no campo) e pelos horários dos ritos religiosos. Havia certa solidariedade entre o tempo do trabalho, comandado pelo percurso do sol, e o restante do tempo

²⁴ Sistema desenvolvido por Frederick W. Taylor (no início do século XX) caracterizado pela organização industrial imersa na eficiência produtiva. Disponível em: <https://www.significados.com.br/taylorismo/> Acesso em 15 out 2023.

social, comandado pela Igreja, cujos sinos indicavam o momento das orações matinais e vespertinas das missas, das cerimônias fúnebres. A marcação religiosa do tempo tinha o dia, as chuvas e as estações que faziam parte da obra de Deus. A Igreja controlava também o uso que os fiéis deveriam fazer de seu tempo de vida – épocas de jejum, festas religiosas, horários de orações, condições para desfrutar sexualidade etc. É evidente que estamos nos referindo a uma cultura em que a forma subjetiva do indivíduo não estava desenvolvida. (Kehl, 2009, p. 124).

Nessa época, o homem ainda não era dono das suas vontades, não havendo, para ele, diferença entre a vida do lazer e a do trabalho.

Mas, a grande transformação na efetivação do trabalho em uma comunidade social deu-se na “sociedade industrial que acarretou uma reestruturação dos hábitos de trabalho que veio a se relacionar com mudanças na notação interna do tempo” (Thompson, 1998, p. 269). Convém lembrar que em muitas sociedades até mesmo pré-industriais, a contagem do Tempo era relacionada ao ciclo dos trabalhos domésticos, o que justifica o uso de expressões tais como, “o tempo de fazer uma Ave-Maria” ou “o tempo de se cozinhar o arroz” (Thompson, 1998, p. 270), tornavam-se comuns e serviam como parâmetro para uma medição rotineira do Tempo.

Logo, não havia uma separação nítida entre Tempo de trabalho e de vida. Enfim, notação do Tempo, ou a sua própria representatividade surge descrita como orientação para a execução de tarefas domésticas ou industriais. Assim, diante de tais considerações de execução do trabalho, foram propostas três questões sobre a diretriz temporal das tarefas:

Primeiro, há a interpretação de que é mais humanamente compreensível do que o trabalho de horário marcado. O camponês ou o trabalhador parece cuidar do que é uma necessidade. Segundo, nas sociedades em que a orientação pelas tarefas é comum parece haver pouca separação entre “o trabalho” e a “vida”. As relações sociais e o trabalho são misturados (...) e não há grande senso de conflito entre o trabalho e o passar do dia. Terceiro, aos homens acostumados com o trabalho marcado pelo relógio, essa atitude para com o trabalho parece perdulária e carente de urgência. (Thompson, 1998, pp. 271/272).

Ou seja, nessas sociedades pré-industriais dá-se o regramento pelas tarefas em unidades, enquanto na sociedade industrial o ordenamento por tarefa encontra o seu direcionamento com o Tempo marcado pelo relógio, havendo distinção entre o Tempo do trabalho e o Tempo de vida.

Mas pergunta-se, nesse contexto qual o tipo de trabalho humano que se incorpora em um bem de consumo? Normalmente, fala-se no Tempo efetivamente despendido no trabalho concreto, o que levaria a conclusão quanto ao valor relativo de uma mercadoria caso ela demandasse mais Tempo na sua elaboração. Assim, todos os

bens produzidos são reduzidos a um trabalho humano igual, ou, segundo interpretação feita por David Harvey sobre “O Capital”: “ao trabalho socialmente necessário ou o tempo socialmente necessário de trabalho para a produção de um valor de uso pode determinar a sua grandeza de valor” (Harvey, 2013, p. 25).

Como se pode observar, Marx diferencia trabalho de trabalho social, que vem a ser aquele que o trabalhador põe à disposição de um empregador, aliena o seu Tempo, ou seja, a sua mercadoria²⁵, que é a sua força de trabalho, que ele põe à disposição para que seja pago um preço pelo uso de suas horas trabalhadas. O trabalho social é o Tempo que ele poderia empregar num afazer pessoal seu ou estar com sua família em um momento lúdico. Porém, em uma definição mais categórica, o trabalho social é aquele “requerido para produzir um valor de trabalho socialmente necessário”. (Harvey, 2013, p. 26).

Esse Tempo despendido, é o Tempo durante o qual o capitalista consome essa sua força de trabalho comprada por ele, que fica à sua disposição. Caso o trabalhador use esse Tempo comprado em proveito próprio, “furta” o mesmo ao empregador. Tal relação se dá na lei de troca de mercadorias, em que o comprador procura extrair o maior proveito possível, a seu favor, do valor desse uso de sua mercadoria, ou seja, a força de trabalho do seu empregado, que está agora está alienada. (Marx, 1987, p. 41).

A jornada de trabalho do empregado pode-se dizer, é uma grandeza variável, pois uma das partes é determinada pelo Tempo de trabalho necessário à própria reprodução da força de trabalho do trabalhador, mas a sua magnitude total tem uma variação que Marx chamava de duração de trabalho excedente (Marx, 1988, p. 113).

Esse trabalho excedente é o que Marx denominava de mais-valia²⁶, em que através de uma operação matemática ele demonstrava que essa alienação do trabalho por parte do empregado é na realidade mal remunerada, em que havia um excedente de trabalho que não seria remunerado por parte do empregador, e que este extraia para si, um lucro excedente, o qual deu a denominação acima (Marx, 1988, 114).

Devemos entender que o único bem, propriamente seu, que o trabalhador dispõe é a sua força de trabalho, quando o dia de trabalho (jornada = horas trabalhadas) é prolongado (maior consumo de tempo), pode-se gastar em um único dia uma quantidade maior de força do que o trabalhador pode recuperar em três dias. O que o empregador ganha em trabalho, o empregado perde em substância e a utilização dessa força de

²⁵ Grifos do autor.

²⁶ Grifo do autor.

trabalho excedente e a sua conseqüente espoliação são fenômenos próximos. Enfim, é quando se aumenta o tempo de permanência do operário na indústria, porém seu salário não acompanha esse aumento.

Vejamos a explicação dada por Marx

Se o operário empregado pelo capitalista junto aos meios de produção rende 12 horas de trabalho, teremos que essas 12 horas se materializam num valor adicional de 6 xelins. Portanto, o valor do produto se elevará a 36 horas de trabalho materializado, equivalente a 18 xelins. Porém como o valor do trabalho ou salário recebido pelo operário só apresenta 3 xelins, decorre daí que o capitalista não pagou equivalente algum pelas 6 horas de trabalho realizado pelo operário e materializadas no valor da mercadoria. Vendendo esta mercadoria pelo seu valor, por 18 xelins, o capitalista obterá, por tanto, um valor de 3 xelins, não por vender a sua mercadoria a um preço que exceda o seu valor, mas por vendê-la *pelo seu valor real*. O valor de uma mercadoria se determina pela quantidade total de trabalho que encerra. Mas uma parte dessa quantidade de trabalho representa um valor pelo qual se pagou um equivalente em forma de salários; outra parte se materializa num valor pelo qual *nenhum* equivalente foi pago. Uma parte do trabalho incluído na mercadoria é trabalho *remunerado*; a outra parte, *trabalho não remunerado*. (Marx, 1988, p. 113).

Porém, o próprio Marx esmiuça melhor esse conceito, em termos mais práticos do que vem a ser a mais-valia, referindo-se ao operário como aquele que:

Vendeu a sua força de trabalho ao capitalista, todo o valor, ou todo o produto por ele criado pertence ao capitalista que é dono de sua força de trabalho *por tempore*. Por conseguinte, desembolsando 3 xelins, o capitalista realizará o valor de 6, pois com o desembolso de um valor no qual estão cristalizadas 12 horas de trabalho receberá em troca um valor no qual estão cristalizadas 12 horas. Se repete, diariamente, esta operação, o capitalista desembolsará 3 xelins por dia e embolsará 6, cuja metade tornará a inverter no pagamento de novos salários, enquanto a outra metade formará a *mais-valia*, pela qual o capitalista não paga equivalente algum. (Marx, 1988, p. 111).

E nesse entendimento a filósofa Marilena Chauí, em sua explicação sobre a mais-valia, de modo bem claro desmistifica o entendimento:

... no custo da produção está incluído o salário. Como calcular seu preço? Levando em conta o tempo socialmente necessário para a produção de uma mercadoria e as necessidades do produtor. Suponhamos que para a produção de uma determinada mercadoria sejam necessárias oito horas de trabalho e que se calcule que cada hora de trabalho vale R\$ 2,00 (isto é um cálculo que mostraria que para alimentar-se bem, vestir-se bem, transportar-se bem, cuidar bem da família, frequentar escolas, ter férias e lazer, ter bons cuidados com a saúde pessoal e da família etc, o trabalhador deveria receber essa quantia por hora de trabalho). Ele deveria, então, receber R\$ 16,00 pelas oito horas. Ora, ele recebe, na melhor das hipóteses, R\$ 8,00 e, na pior, R\$ 2,00. O tempo socialmente necessário empregado pela força de trabalho é integralmente remunerado pelo salário. É esse tempo de trabalho não pago à força de trabalho – o que Karl Marx chama de mais-valia – que faz crescer o capital, o que chamamos de lucro. Este portanto, não é obtido no momento da comercialização do produto final, mas sim no momento em que a força de trabalho não foi remunerada pelo salário. (Chauí, 2021, p. 38).

De forma geral, entende-se a mais-valia como a exploração do trabalhador pelo capital, quando, na realidade, não considera de todo o Tempo trabalhado ou socialmente gasto na feitura de um produto. Isso tratando-se de um objeto, mas quando se trata de um trabalho realizado de forma intelectual, como, por exemplo, o planejamento de uma ação?

Devemos ressaltar na obra de Marx que, em sua época, priorizou o trabalho em chão de fábrica, ou trabalho concreto, apresentando, em menor escala, a sua abordagem em relação ao trabalho intelectual. Segundo David Harvey, Marx refere-se a esse trabalho como “fantasmagórico”, visto que este não pudesse ser tão bem definido como o trabalho concreto ou repetitivo. (Harvey, 2013, p. 23).

Portanto, Marx identificava dois tipos especiais de trabalho: o concreto e o abstrato, em que o primeiro é dispensado para a produção de mercadorias úteis e necessárias; o outro trabalho, abstrato, ou intelectual. Cada qual pode requerer para si o mérito da participação indireta nos bens produzidos por outras pessoas, ainda que no trabalho do chão de fábrica não haja a sua participação direta, mas intelectual, na participação estratégica da sua produção. (Virno, 2022).

Porém, o que há de mais importante no mesmo é que, na visão marxista criou-se uma crise de valor, pois ao se avaliar o trabalho material, concreto, em horas trabalhadas, como se irá dar valor ao trabalho intelectual? Este prescinde de um horário específico de trabalho, de um cartão de ponto, pois o trabalhador intelectual está, a toda hora, pensando e pode, até mesmo em um momento de lazer, encontrar uma ideia que poderá ser concretizada em um trabalho mais formalizado, ou uma solução.

Entendemos que no trabalho intelectual (ou abstrato), o trabalhador não deveria ter um tempo rígido de trabalho, pois que ele pode funcionar dentro daquele horário combinado com o seu empregador e, mesmo assim, fora do ambiente do trabalho estar com o pensamento voltado para a constituição de novas regras, formas de produção ou de consumo e, sendo assim, não é remunerado pelo tempo trabalhado, ainda que no âmbito do prédio em que desenvolve o seu trabalho regularmente, aplique todas as preposições que pensou, por exemplo, ao caminhar do trabalho para o transporte coletivo que o levará para a sua casa. E deste modo podem nascer novas formas de produção, como se dá na administração científica do trabalho.

Assim, nos referimos a Frederick Taylor, nascido no estado da Pensilvânia, em meio a uma família abastada e, apesar de ser formado em Engenharia Mecânica, antes tornou-se técnico em mecânica e operário, pois tinha a prática e o saber lidar com o

chão de fábrica. Fazia parte da Sociedade Americana dos Engenheiros Mecânicos e, esta ocupou-se, na época, dos problemas dos salários, pois a sistemática de pagamento dava-se por dia, e não por hora trabalhada - e por peça produzida, o que não satisfazia o trabalhador e este não se esforçava pelo trabalho desenvolvido. Taylor então, apresentou um estudo intitulado “Um Sistema de Pagamento por Peça (1895)”, tendo, como argumento principal, que toda administração deveria descobrir o quantitativo de Tempo despendido por um operário para completar a sua tarefa produtiva. O objetivo era chegar à descoberta, de modo científico e exato, sobre com qual velocidade máxima o trabalho poderia ser feito. (Maximiniano, 2008, p. 39).

A sua resposta, ele denominou de:

estudo sistemático e científico do tempo, e consistia em dividir cada tarefa em seus elementos básicos, e com a colaboração de trabalhadores, cronometrá-las e registrá-las. Em seguida, eram definidos tempo-padrão para os elementos básicos. (Maximiniano, 2008, p. 39).

Contudo, anos mais tarde, Taylor lançou em 1911 o livro “Princípios da Administração Científica”, em que reforça pontos específicos para se obter melhor produção com aproveitamento do tempo. Esse estudo o levou à percepção de que essa análise do Tempo, depois tempos e movimentos, era um processo que tinha o valor inerente de permitir a operacionalização do trabalho, através da racionalização dos movimentos. (Maximiniano, 2008, p. 40). E antes de adentrar, ainda que em linhas gerais na análise do seu gerenciamento, convém esclarecer sobre dois conceitos que vão perpetuar a sua atuação no estudo da racionalização do trabalho e no tempo como fator de produção. O primeiro deste conceito é a Administração Científica, que enfatiza a administração das tarefas, isto é, focaliza a racionalização do trabalho operário, a padronização e o estabelecimento de princípios básicos de organização racional do trabalho. O segundo item é a Divisão do Trabalho, e que significa a distribuição de tarefas entre os indivíduos ou grupos sociais, de acordo com a posição que cada um deles ocupa na estrutura social e nas relações de propriedade. Cada pessoa ou grupo torna-se um especialista para realizar um tipo específico de atividade. (Maximiniano, 2008, p. 47).

O gremio da administração científica, protagonizada por Taylor, foi a Sociedade Americana dos Engenheiros mecânicos, e da qual este engenheiro foi sócio, chegando mais tarde a ser seu presidente (Maximiniano, 2008, p. 38). Essa sistemática da administração científica, tendo por base o uso racional do tempo e o movimento físico

dos trabalhadores, dividiu-se em três fases, resumidas em: ataque ao problema dos salários, pois havia ainda dúvida em como proceder à remuneração da mão de obra, se por hora trabalhada ou por peça produzida; estudo sistemático –ou racional – do tempo como medidor das tarefas realizadas e, sistema de administração de tarefas, ou algo como metas a ser alcançadas. (Maximiniano, 2008, p. 39)

Quanto ao primeiro, Taylor entende que o sistema de pagamento por dia (horas trabalhadas) e por peça produzida faziam com que o trabalhador acreditasse que o seu “esforço beneficiava apenas o patrão. Assim (...) os trabalhadores não se empenhavam como os engenheiros e empregadores achavam que seria adequado” (Maximiniano, 2008, p. 39).

Para Taylor, a resolução haveria de ser feita de modo científico e exato, qual a velocidade máxima em que o trabalho poderia ser realizado. Assim, dividiu cada tarefa em seus elementos basilares, e conjuntamente com os trabalhadores, cronometrará-las e registrá-las. Em seguida, seriam definidos Tempos-padrão para os elementos básicos:

A principal razão para a invenção do estudo dos Tempos, do qual a administração científica, foi a busca da precisão para definir o valor dos salários. Posteriormente, percebeu-se que o estudo de Tempos (e em seguida, tempos e movimentos) era um processo que tinha o valor intrínseco de permitir o aprimoramento do trabalho operacional, através da racionalização do movimento (Maximiniano, 2008, p. 40),

o que redundaria na melhor operacionalização e otimização do tempo na consecução de tarefas, não mais por peças, mas por blocos e metas a ser alcançadas dentro de determinado tempo.

Mesmo com o sucesso dessa primeira fase e alguns anos mais tarde, a administração científica passou por uma segunda fase, a qual tinha como objetivos a ampliação de escopo, da tarefa para a administração, e, definição de princípios de administração ou trabalho. (Maximiniano, 2008, p. 39). Nessa revisão foi evidenciado que a questão dos salários necessitava ir para um segundo plano, pois ficara claro que era apenas um aspecto de um contexto maior, juntamente com a utilização do tempo.

Assim, nessa segunda fase da administração científica, houve uma mudança de ênfase da produção do trabalhador para que se aprimorassem os métodos de trabalho. Tal fase, corresponde à Administração das Operações Fabris, em 1903, e nela

Taylor fez o que se tornaria a característica distinção entre o homem médio e o homem de primeira classe. Segundo Taylor, o homem de primeira classe era altamente motivado e realiza seu trabalho sem desperdiçar tempo nem restringir sua produção. Idealmente, tal pessoa deveria ser selecionada para a tarefa que lhe fosse mais apropriada e incentivada financeiramente. Mesmo um homem de primeira classe tornar-se-ia altamente ineficiente se lhe

faltassem incentivos ou se houvesse uma pressão do grupo de trabalho para diminuir a produção. (Maximiniano, 2008, p. 40).

Nessa obra, *Administração das Operações Fabris*, Taylor apresenta sua concepção dos princípios da administração de uma empresa: seleção e treinamento de pessoal; salários altos e custos baixos de produção; identificação da melhor maneira de executar tarefas, com ênfase na qualidade e no tempo, e cooperação entre administração e trabalhadores. (Maximiniano, 2008, p. 40). Tratou também de outros aspectos, tais como padronização de ferramentas e equipamentos, sequenciamento e programação de operações e estudo do movimento.

Conseqüentemente, a administração científica passou por uma terceira fase, em que Taylor reforçara os princípios inerentes a mesma, como o desenvolvimento científico para cada elemento do trabalho, substituindo o velho método empírico; seleção, instrução e treinamento do trabalhador; cooperação com os trabalhadores; divisão igual de trabalho e de responsabilidades entre a administração e os trabalhadores. (Maximiniano, 2008, p. 41). Previa também a proposição de divisão de autoridade e responsabilidade dentro da empresa, e, distinção entre princípios e técnicas.

Desse modo, a ação tayloriana recomendou a criação de um departamento de planejamento, que aprimoraria o trabalho do chão de fábrica. Esse setor ocuparia-se totalmente do planejamento, tirando a tarefa que ainda coubesse a trabalhadores e engenheiros. Fazia também

distinção entre filosofia e os mecanismos da administração científica. Para Taylor, a administração científica era uma revolução mental, uma revolução na maneira de encarar o trabalho e as responsabilidades em relação à empresa e aos colegas. (Maximiniano, 2008, p. 41).

Não obstante, mesmo obtendo melhorias na produção científica, esta recebeu críticas. A primeira, era a de que o aumento na eficiência provocaria o desemprego, e, a administração científica nada mais era do que uma técnica para fazer o operário trabalhar mais e ganhar menos.

Segue-se que, em 1911,

a repercussão de críticas, especialmente por parte dos trabalhadores dos arsenais militares, que eram civis e sindicalizados, motivou a convocação de Taylor para fazer um depoimento no Congresso americano a respeito da administração científica. O inquérito determinou a proibição do uso de crônometro²⁷ e pagamentos de incentivos, mas as demais técnicas da administração científica foram preservadas, resultando em grandes ganhos de eficiência na produção de armas e munições... (Maximiniano, 2008, p. 44).

²⁷

Grifo do autor.

Mesmo assim esse modelo de administração teve expansão, com aumento de produção em massa e, outros avanços foram observados, como a linha de montagem móvel, por Henry Ford (1863-1947) e a adoção do dia de trabalho de oito horas, reduzida praticamente à metade daquelas em que o trabalho iniciava do “amanhecer até o crepúsculo” (Thompson, 1998, p. 271), o que se daria, na prática, aproximadamente em 13 (treze) horas

de trabalho, contando com o Tempo para a realização de uma refeição, como era costume acontecer em tempos antes e durante a Revolução Industrial, ainda que não seja “absolutamente claro até que ponto se podia dispor de horas precisas, marcadas pelo relógio, na época” (Thompson, 1998, p. 274).

Portanto, nessa interação entre trabalho e tempo, é importante citar a contribuição de Ford e a sua linha de montagem, a qual podemos definir como “sistema de produção em que os produtos são fabricados em etapas sequenciais, com cada etapa sendo realizada por um trabalhador ou máquina”²⁸. Cabe-nos esclarecer que, antes da sua implementação os produtos eram montados inteiramente por um único trabalhador, o que exigia mais tempo²⁹ e esforço. A inovação veio em 1913 com Henry Ford e o Modelo T, o primeiro veículo a ser produzido neste sistema inovador. E deve-se registrar que:

Naquele dia, há 100 anos, 140 operários ocuparam posição fixa ao longo de 46 metros de comprimento da linha, onde iam montando as 3.000 peças nos chassis dos Ford Model T à medida que os mesmos chegavam ao seu posto, puxados ao longo do piso pelo sistema de roldanas. As 12 horas de mão-de-obra da montagem final da linha estática anterior caíram drasticamente para pouco mais de três horas com o sistema móvel”, explicou a marca. Em janeiro de 1914 as cordas foram substituídas por uma corrente contínua, e desde então o sistema revolucionou a indústria em todos os setores, não só o automobilístico.³⁰

Melhor exemplificando,

no começo de 1914, Ford adotou a linha de montagem móvel e mecanizada para a montagem do chassis, que passou a consumir 1 hora e 33 minutos do trabalho, em contraste com as 12 horas e 28 minutos necessárias no ano anterior, quando a montagem ainda era artesanal. (Maximiniano, 2008, p.46).

Assim, após esta anotação acima, podemos concluir que o sistema fordista teve, não somente grande aceitação por parte da indústria, mas o mais importante é que a

²⁸ Sobre o tema, consultar; Ford: Linha de Montagem Completa Cem Anos, de Ricardo Caruso. Em 07/10/2013. <http://autoetecnica.band.uol.com.br/ford-linha-de-montagem-completa-100-anos/> Acesso em 16 out 2023.

²⁹ Grifo do autor.

³⁰ Sobre o tema, consultar; Ford: Linha de Montagem Completa Cem Anos, de Ricardo Caruso. Em 07/10/2013. <http://autoetecnica.band.uol.com.br/ford-linha-de-montagem-completa-100-anos/> Acesso em 16 out 2023.

partir da sua aplicação o setor, tanto automobilístico como o fabril, de modo geral, teve um ganho excelente de economicidade, variando, segundo os autores, entre 30 e 80% na redução de custo com o tempo, melhorando a eficiência da mão de obra do chão de fábrica. Mesmo com essa controvérsia quanto à economia, o certo é que o sistema de esteira apresentou economia marcante no tempo trabalhado, além de implementar melhor o planejamento e controle da produção, com peças e componentes padronizados e intercambiáveis, especialização do trabalhador. (Maximiniano, 2008, p. 45), além de trazer algumas inovações, como aquela que em 1914, adotou o dia de trabalho de 8 horas e duplicou o salário do trabalhador, o que, na sua visão, possibilitaria que os operários deveriam poder comprar o produto que fabricavam, o que sem dúvida é opinião avançada até mesmo hoje em dia; o manual do proprietário do Ford-T, em formato de perguntas e respostas, explicava em 64 páginas como usar ferramentas simples para resolver os 140 prováveis problemas que o carro poderia ter. (MAXIMINIANO, 2008, p. 46). Ainda como inovações de sua mente criativa, constam:

O engenheiro industrial assumiu o planejamento e controle da montagem; o engenheiro de produção ficou com o planejamento do processo de fabricação. Faxineiros limpavam as áreas de trabalho periodicamente enquanto técnicos circulavam para calibrar e reparar ferramentas.(...) os supervisores deveriam procurar e encontrar problemas na fábrica, para que a administração pudesse corrigi-los. No final da linha, havia os reparadores, que tinham muitas das habilidades dos artesões originais e consertavam o que quer que estivesse errado. (Maximiniano, 2008, p.p. 46-47)

Portanto, o modelo fordista foi de tal forma, tão vitorioso e produtivo que, depois da Segunda Guerra empresas copiaram o modelo Ford, com sua esteira e consequente economia de tempo, e produziam em escala comparável às empresas americanas, das quais eram cópias virtuais. (Maximiniano, 2008, p. 47).

Deste modo, ficam exemplificados as contribuições de três grandes nomes na administração do tempo em atividades econômicas e administração, que são Karl Marx, com sua análise sobre o sistema capitalista e, especificamente, o uso do tempo no trabalho; a colaboração e influência da importância do estudo científico de Frederick Taylor no binômio administração e tempo e, por fim, a ideia revolucionária de John Ford e a sua linha de montagem, otimizando a fabricação de bens, duráveis e depois expandindo-se por toda cadeia do sistema produtivo.

E se aqui, referimo-nos a toda sistemática da produção, isso traduz que a sua ideia teve lastro não somente no mundo ocidental, mas também no oriente, como é o caso do Japão, país que une trabalho, tempo, produção e tradicionalismo na consecução dos seus diversos sistemas laborativos.

2.2 JAPÃO: TEMPO COMO FORMA DE IDENTIDADE CULTURAL

Conforme já registrado nas partes iniciais desta pesquisa, ao nos referir sobre o Tempo, devido à sua complexidade, não seria possível uma definição única do termo e das suas correlações, ainda que tratássemos somente do nosso mundo Ocidental, referindo-nos às Américas, África e Europa.

Porém, e a fim de que pudéssemos proporcionar uma visão mais ampla, não necessariamente diferente, optamos por acrescentar este capítulo, com o intuito de fornecer a ampliação da visão do Tempo no Oriente, por isso, acreditamos ser relevante registrar o Tempo tratado no Japão.

Partindo da ideia de que o mundo ocidental tenha uma visão limitada do que acontece do outro lado do planeta, de forma recíproca, decidimos pontuar alguns aspectos da cultura japonesa em relação ao seu entendimento específico do Tempo.

2.2.1 *O Tempo no Japão*

Através dos meios de comunicação, recebemos notícias específicas quanto à pontualidade japonesa, principalmente em relação aos transportes públicos, em que a tolerância aceitável para atraso do chamado *shinkansens* - trem-bala – é de apenas 30 segundos, e nesses casos há um imediato pedido de desculpas aos usuários, pois não se trata de um simples retardo dentro da sociedade local, mas há uma conexão, uma dependência que irá se deparar em outro fator dessa população, tratando-se da precisão e do respeito aos compromissos assumidos. O que, para nós ocidentais, significa um pequeno atraso de 30 segundos, para os japoneses representa um empecilho no bom desenvolvimento das suas atividades produtivas, e que pode se dar em uma sucessão de contratempos.

Um interessante exemplo desse rigor com o Tempo, se dá quanto ao respeito ao horário de um compromisso assumido. Costuma-se chegar 15 minutos antes da hora combinada, pois esta antecipação servirá para os cumprimentos preliminares, para as pessoas se ajeitarem em suas acomodações e quando se chegar a hora combinada, tudo estará certo para o efetivo cumprimento das ações pretendidas (Kato, 2012,p, 189).

É comum no ambiente de trabalho do Japão, chegar cedo e sair tarde, pois as tarefas podem se alongar e o início da sua realização tende a demorar, até que haja

condições ideais para o seu início. É senso comum a priorização pelo trabalho em detrimento à vida familiar. A hierarquia da cultura do trabalho segue um raciocínio que cultua alto valor e respeito pela idade e pelo tempo de serviço dentro de uma empresa. A maioria dos chefes (*oyabuns*) são pessoas mais velhas e a pessoa mais nova (*amae*) procura nos idosos o suporte, o amparo e auxílio pois, entende-se que só se faz carreira dentro de uma empresa após longos anos de trabalho e dedicação. Aproveitamos para destacar que, no caso de o chefe continuar no trabalho após o horário de expediente, é natural que a sua equipe permaneça para seguir o seu exemplo. (Kato, 2012, p. 190).

Logo, o fato de uma empresa de transporte público reconhecer o atraso é tido sob o ponto de vista da negatividade e do respeito, pois isto aviltará a sua reputação, afetará o cotidiano das pessoas (o coletivismo, dentro da cultura do *mura*, que será visto mais adiante) no cumprimento dos seus horários e afetará o *kireigoto* (harmonia e cooperação), entre outros aspectos desta sociedade. (Kato, 2012, p. 213). Portanto, o Tempo não representa um simples avançar das horas, mas um costume a ser respeitado.

Dessa forma, em se tratando de Tempo, ainda antes da Era *Meiji* (1868-1912), em que houve uma grande mudança cultural, de modo bem marcante principalmente quanto aos costumes, a sua contagem dependia de cálculos baseados na astronomia, onde o dia era dividido em 100 *koku*, que por sua vez podia ser dividido em unidades decimais. A sua duração mudava de acordo com o começo e o fim das 24 estações solares *sekkis*, que ocorria a cada 15 dias. O badalar dos sinos não era coisa simples e, para ajudar as pessoas, o governo distribuía calendários que vinham com tabelas, que indicavam o cumprimento das horas de acordo com a mudança de estação do ano e das 24 estações solares.³¹

Assim, após essas explicações preliminares é possível o entendimento da vivência e do uso do Tempo no Japão, em que teve mudanças radicais no seu entendimento. A sociedade, atualmente, é marcada pela pontualidade, compromisso e dedicação de longas horas ao trabalho, mas para se chegar a esse ponto, houve uma mudança estrutural nos seus períodos históricos, como por exemplo, o ocorrido no período *Meiji*, com a adoção do calendário ocidental (Kato, 2012, p. 281), entre outras medidas de caráter político e social.

³¹ <https://www.br.emb-japan.go.jp/cultura/geografiaeclima.html> Acesso em 29 out 2023.

A concepção de Tempo na Ásia perpassou por transformações da própria natureza e do seu pensamento religioso, pois há duas correntes budistas para o assunto do Tempo, em que a primeira apresenta o espaço-tempo como vazio e, tanto a sua distância temporal quanto a espacial são apenas uma forma de manifestação da realidade. A segunda linha “expõe a unidade do universo como uma forma de manifestação do Tempo, no qual o passado, presente e futuro são eternos. Ambas trazem uma noção de Tempo infinito e que segue em linha reta.” (Kato, 2012, p. 47-48). alçando os dias de hoje, sem qualquer mudança radical.

O falecido historiador Shuichi Kato (1919-2008), fez importante pesquisa sobre a temática do Tempo e do espaço, exposta no seu livro “Tempo e Espaço na Cultura Japonesa” (2012), e apresenta as três formas de Tempo no seu país, em que o primeiro é o que se firma no agora, o:

fluir infinito do tempo é dificilmente captado, e o que se pode apreender é apenas o “agora”, por isso cada “agora” pode se tornar o centro da realidade no eixo do tempo (...) o “agora” não é um instante, não é um ponto sobre a linha reta do tempo: de acordo com as circunstâncias, em caso específico, o “agora” é percebido como curto, e em outro caso, como longo. Seria equivalente ao “nessa época, podendo significar alguns anos (Kato, 2012, p. 48).

O segundo tipo dessa expressão temporal é o Tempo rotativo, sem começo e sem fim. Não são as posições dos corpos celestes e seus movimentos que o determinam, mas as quatro estações do ano. A terceira forma, está assentada na efemeridade de todas as coisas que nos cercam, num cíclico histórico, à própria vida das pessoas, em que esta é representada por uma linha reta e infinita avançando na sua direção própria, e que se divide em mocidade, maturidade e senilidade, e é o Tempo universal que tem começo e fim. (Kato, 2012, pp. 47-52).

Mas a cultura temporal japonesa, além dessas três formas citadas, apresenta a concepção do Tempo na sua língua, traduzindo-se no Tempo verbal: na narrativa da literatura – a sua gramática não distingue apuradamente o Tempo passado, presente e futuro dentro de um mesmo parágrafo da narração, não exigindo um Tempo verbal preciso.

Há também especificidades quanto às formas dos poemas líricos, que podem ser classificados com relação às quatro estações do ano. Quanto à forma podem ser o *tanka* ou o *haiku*, diferenciando-se somente para narrar o transcorrer do Tempo, quanto ao número de sílabas. A primeira dessas formas usa o poema de 31 sílabas e, a segunda, 17 sílabas. A particularidade entre os dois é que no poema de 31 sílabas é possível

expressar o curso do Tempo e, no *haiku* (17 sílabas) não há espaço para as lembranças (o passado) e há extrema dificuldade em se mostrar a duração do Tempo (KATO, 2012, p. 101), e quanto mais curta é a forma, maior é a possibilidade de se voltar para o Tempo presente.

Na consciência japonesa há uma predisposição para as partes e não para o todo e, essa tendência está presente na música, em que se valoriza mais o timbre e a pausa, que é o intervalo entre duas partes, ou seja, a distância temporal, em que “a estrutura se liga ao fluir do tempo de uma composição musical como um todo, mas tanto o timbre como a pausa ligam-se a partes do fluir ao presente de cada momento.” (Kato, 2012, p. 110).

Neste aspecto é importante citar o *MA*, um elemento próprio da cultura japonesa que significa um “entre-espaço, a partir do qual se dá o processo de comunicação”, mas que também é tido como “uma questão da sazonalidade, do tempo visto de forma não linear, mas circular” (Kato, 2012, p. 48). Convém lembrar que o tempo no Japão pode ser apresentado sob três conceitos, como visto pouco acima. (Kato, 2012, p. 49). Nesse hiato, no *MA*, se dá a comunicação, que poderá acontecer na representação simbólica de um estado de alma ou de um aspecto que se queira abordar, por exemplo, na música ou no teatro. Ele se apresenta de forma intuitiva e dependerá não somente daquele que o demonstra, mas também daqueles que ouvem o som ou assistem uma peça. Esse *MA* é um processo de cognição e percepção, que poderá aprofundar o diálogo, possibilitando novos meios de comunicação, além da apresentação de estereótipos expostos por um processo de cumprimento das exigências de mercado.

É representado pelo ideograma em que as duas figuras laterais representam uma portinhola e, no centro (o hiato) está o holograma do sol, ou seja, entre dois pontos, ou espaços há um outro espaço no centro, que neste caso comporta o sol.

Figura 2: Ideograma MA (Entre espaço)



Fonte: <https://sublimacaoblog.wordpress.com/2020/09/25/articulacoes-entre-a-palavra-japonesa-%E9%96%9ma-e-a-psicanalise/>

Para melhor exemplificar a figura acima (Figura 2), veja-se o exemplo explicado deste parágrafo na figura abaixo: (Figura 3).

Figura 3: MA. Articulação Entre a Palavra Japonesa



Fonte: <https://sublimacaoblog.wordpress.com/2020/09/25/articulacoes-entre-a-palavra-japonesa-%E9%96%93-ma-e-a-psicanalise/>

Essa centralidade representa um momento de reflexão, compreensão e preparação. Pode estar presente nas pausas das conversas ou no modo de se encarar os hiatos da vida, em que há um instante que nada parece acontecer, mas que neste espaço há lugar para um outro acontecimento marcante. E é o que está representado pelo ideograma acima, em que as portinholas são representantes da entrada de uma edificação xantóista, e explica a função entre a entrada do templo e o santuário em si e, enquanto se percorrer esse caminho – hiato entre o portal e o templo - há uma preparação espiritual para adentrar o espaço sagrado, ” ao mesmo tempo em que indica um espaço físico entre dois elementos (portal e santuário), esse percurso também representa um tempo de preparo necessário da mente e da alma (Koshimura, p. 1 2018).

Outra interpretação do *MA*, é que estepode representar um devir, possibilitando a manifestação sob várias formas, notadamente nas três seguintes: vazio; espaço em suspensão, uma dualidade e, espaço e Tempo, como “para se chegar a um novo lugar. Se nos apegarmos ao “MA” como um tempo necessário como preparação para o que está por vir, então vivemos o estado “MA” nos dias de hoje, na efemeridade e na impermanência da vida.³²

Esse aspecto do devir está presente nos atos que praticamos em nossas vidas, podendo representar um amanhã, um anúncio que há entre os espaços, ou que o espaço entre espaço não é simplesmente um vazio, mas um símbolo a ser observado e poderá acontecer em outros campos culturais, como na pintura, em que sucede o contrário, pois nesta há uma perenidade, uma imutabilidade do Tempo registrado, como um agora que é tido como uma curta extensão, e poderá se dar na forma estendida. Ele não é um instante somente, mas um tempo de extensão em relação ao possível fluir de um Tempo mais longo (Kato, 2012, p. 123), da nossa existência na expectativa do futuro. Essa ideia

³²

de espaço-intervalo pode estar presente na música, nas artes plásticas, ilustrações, fotografias, cinema e arquitetura³³.

Logo, com relação ao Tempo nas artes, há que se tratar do Tempo na pintura, em que há uma representatividade de eternização das figuras exibidas, pois dentro de um quadro as pessoas não envelhecem, as flores não caem, enfim, o Tempo não flui. Mas, mesmo assim, há a possibilidade, de modo excepcional, apresentar objetos que mudam juntamente com o processo do Tempo, o que somente é possível através de algumas técnicas diferentes, como: imagens iguais em Tempos diferentes (em uma mesma pintura desenham-se acontecimentos em momentos diferentes); várias imagens em Tempos diferentes (enfileram-se em ordem temporal quadros com acontecimentos de momentos distintos), podendo-se também desenhar cenas diferentes em rolos de papel - as chamadas *emaki* (pinturas em rolo) – mas sempre seguindo o curso do Tempo. (Kato, 2012, p. 114).

Quanto a isso, este autor esclarece que

No Japão, as importantes técnicas de expressão pictórica do tempo são encontradas no *emaki*, e este separa o presente do passado e do futuro com a forte tendência a se concluir de forma independente. Ou seja, a notável ênfase no “agora – em outras palavras, o forte interesse mais pelas “partes” do que pelo todo – é algo que se manifesta não só na poesia e na música, como também na pintura. (Kato, 2012, p. 121).

Apesar de o nosso objeto de estudos estar centrado no Tempo, não podemos ignorar que há uma correlação deste com o espaço, no qual o Tempo está dentro dos limites da moldura de uma pintura, mas há uma outra forma de tratar do mesmo, e que se refere ao próprio território japonês.

A amplitude do espaço não se dá somente no campo da geografia, mas poderá também existir em ambientes mais específicos, ainda que menores, como um quadro, uma fotografia ou esboço, desde que levem à interpretação de um espaço físico ou de um local imaginado ou real.

Na pintura, de modo geral, a primazia de que o ambiente desenhado é o espaço no qual se desenha (a tela, o espaço bidimensional cercado nas quatro direções). Mas apresenta dois tipos de espaços, em que o primeiro pode ser pequeno (natureza morta) ou grande (paisagem). O segundo é pequeno, pois a função primária da pintura é a redução da escala da paisagem sobre o qual se debruça o artista, ela não procura simbolizar o objeto, mas fazer um esboço do real, chamado de *sketching* (Kato, 2012, p.

³³ https://www.br.emb-japan.go.jp/itprtop_pt/index.html

218), termo este utilizado na língua inglesa. De modo geral, há uma tendência para o subjetivismo. A pintura também apresenta grande significado com a chamada *suibokuba*, feita a nanquim, e que a caligrafia é classificada em três funções: “A primeira, transmitir um sentido quando se lê; a segunda, o estado espiritual interno do calígrafo; a terceira, decorativa, ou uma ordem do espaço pequeno limitado” (Kato, 2012, p. 227).

Mas nesse tipo de pintura, usa-se o recurso da caligrafia, em que se buscam três objetivos: o realismo, a expressão íntima do pintor, e a natureza decorativa da imagem, diferindo somente de acordo com as circunstâncias. E nelas está o “vigor da pincelada”, chamado de *izaijudesaki*, que na prática traduz-se no sentimento que existe na ponta do papel. (Kato, 2012, p. 228). Nesse viço, podem ser tratadas as variações dos termos das conhecidas marcações do Tempo: passado, futuro ou presente.

E com referência a essas três fases, no “presentismo”³⁴ japonês, vive-se a vida como uma atitude de viver o presente como um hábito natural, em que há um começo e um fim da vida de qualquer pessoa, indo da infância à velhice e flui incessantemente sem se repetir, pois para isso não há ciclos, somente a estrutura de uma linha finita que vai da esquerda para a direita. Esquece-se das possibilidades de calamidades do futuro e há uma concentração em aproveitar o “agora” do dia a dia pessoal, mas importando-se com a ancestralidade dos seus antepassados, investindo no futuro das crianças, preparando-as para a velhice inevitável (Kato, 2012).

Mas este “agora”, diferente do presentismo, não é um instante, é um Tempo de curta extensão em relação à passagem de um Tempo mais longo, porém curto se comparado a um Tempo partilhado em unidades de século ou milênios. Essa extensão, por exemplo, de cada “momento atual” pode ser elástica de acordo com a extensão do Tempo que se tem por referência, podendo ser o passado ou o futuro. Em relação ao Tempo histórico limitado, todo Tempo finito pode ser um “agora”, suficientemente curto, pode ser “um dia”, como “um mês”. Para se compreender esse momentâneo “agora” há que se entender algumas posturas, como: transpor o agora de uma vida pessoal curta para outra vida comunitária (o *mura*) de longa duração; o projeto de um “agora” realiza-se nesta vida, considerando-se a extensão do tempo presente como a vida de uma pessoa; não chega a ser um tipo de hedonismo, mas sim que, se a vida é

³⁴ Vocabulo que expressa a extensão do momento presente, que não se acaba, tão logo acontece. (Klein, 2019, p. 35). Há um termo paralelo, o presente estendido, que é o conjunto dos eventos que não são nem passados nem futuros. (Rovelli, 2018, p. 45).

curta, e não se sabe quando vai morrer, é melhor viver como manda o coração, sem se preocupar com o dia anterior, e sem se inquietar com o amanhã; e por fim, uma outra atitude em relação a uma “vida curta” pode estar em “afastar-se da terra violada e buscar a terra pura”. O presente é a terra violada e o mundo após a morte é a terra pura, quanto mais curta for a vida, melhor. (Kato, 2012, p. 122-130).

Ainda que este “agora” tenha uma forte conotação da vida vivida no momento presente, que pode se estender, tal situação não deixa de lado a marcação das horas, que teve uma forte influência externa, com a participação de padres jesuítas, como será visto a seguir.

2.2.2 O Relógio no Japão e sua Medição das Horas

A princípio, há que se destacar que o relógio no Japão assume uma posição *sui generis*, pois esse povo não utilizava esses aparelhos, pois eles simplesmente não existiam. Somente no Séc. XVI é que chegaram os primeiros relógios, como presentes ofertados pelos jesuítas, que os ofereceram aos grandes senhores e autoridades, por interesse na divulgação do cristianismo³⁵.

Há o registro de que o primeiro relógio a chegar no Japão foi levado pelo jesuíta espanhol Francisco Xavier, em 1551, mas, fato curioso, não causou interesse na sociedade japonesa, que os achava bonitos, mas sem funcionalidade, pois as pessoas se guiavam tendo como base as quatro estações do ano e outros indicativos sazonais observáveis através do sol e da lua, além do que, para eles, o Tempo era transitório, assim, não fazia sentido monitorá-lo.

As barreiras que existiam com relação ao relógio ocidental se davam em três formas: o modo de pensar do japonês; a falta de necessidade de adoção do relógio, pois o tempo era guiado pelas fases da natureza; como já dito acima, havia a barreira que o governo – período *Heian*- impunha ao que fosse estrangeiro, exceção somente para jesuítas e para a prática do comércio. (Kato, 2012, p. 231).

Até a revolução *Meiji*, as horas, minutos e segundos não existiam e o dia era dividido em duas partes, o dia e a noite. Cada um com suas horas, completando as doze horas por 12 animais em ciclos que se repetiam. Portanto, esse sistema:

baseia-se na história segundo a qual Buda convidou, no ano novo, os animais para que lhe rendessem homenagem. Em troca, ter-lhes-ia feito presente de

³⁵

^{35/36} <http://www.iea.usp.br/noticias/pontualidade-japonesa-comecou-nos-tempos-modernos>

um ano que tivesse o seu nome. Apareceram só doze animais (...), por ordem de chegada: o rato, o boi, o tigre, o coelho, o dragão, a serpente, o cavalo, a cabra, o macaco, o galo, o cão e o javali. (Le Goff, 2013. p. 460).

O dia começava às seis horas, no nascer do sol e terminava às dezoito horas, no pôr do sol. Eram seis animais para o dia e seis para a noite. E havia uma correlação com as estações do ano, pois, no verão, após o pôr do sol, a duração periódica baseada nesses animais ficava menor e, no inverno, maior. Portanto, a contagem das horas mudava conforme o período sazonal.(Le Goff, 2013, p. 460).

Interessante notar que, assim como no Ocidente, no Japão as badaladas das torres guiavam as pessoas quanto à contagem do Tempo, pois ainda não existiam os relógios ocidentais que facilitaram de forma mais imediata a leitura das horas. (THOMPSON, 1998, p. 274).

Figura 4: Relógio *Wadokey*



Fonte: (<https://japaoreal.com/2021/05/13/tempo-no-japao-entenda-a-evolucao-do-conceito-do-tempo-e-sua-importancia-na-sociedade-moderna/>)

Assim, a partir daquele primeiro relógio dado pelo padre jesuíta Francisco Xavier, houve uma adaptação para o modelo japonês, no qual se destacou o relógio *Wadokei*³⁶ (Figura 4), em que houve uma adequação para o sistema de Tempo japonês, que utiliza os doze animais, a fim de que se facilitasse o cotidiano.

Portanto, nessa adaptação, os números foram substituídos pelos doze animais e o seu funcionamento se dava de acordo com as estações do ano. A passagem do Tempo pelos períodos era indicada pela queima de incenso colocado em diferentes posições no

³⁶ Sobre esse objeto, há um artigo interessante, disponível no seguinte link: <https://coisasdojapao.com/2021/08/wadokei/>. Acesso em 31 out 2023.

relógio, dependendo da época do ano. Uma balança ou pêndulo ajustava a velocidade nas mudanças sazonais.

Diante do exposto, houve uma mudança cultural e social no Japão, abandonando o modelo chinês, predominante até então no Japão e optando pelo modo americano e europeu, o que se deu no Séc. XIX, na citada época *Meiji* (KATO, 2012, p. 238) e essa transformação teve, entre outras consequências, em 1873, uma revisão do sistema de contagem de dias e a adoção de um novo sistema de contagem do Tempo. Dessa forma, o relógio *wadokei* foi deixado de lado, pois no seu lugar entraram o período de 24 horas e a adoção dos segundos, minutos e horas do relógio ocidental.

Cabe ressaltar que, o calendário japonês, no antigo sistema, a contagem dos dias e dos anos era feita a partir de um “ciclo de 60 anos, formados por combinações de dez “troncos celestes” com “12 ramos terrestres”, e foi abolido a partir da Era *Meiji*. Escolheu-se como ponto de partida da “nova era”, a ascensão ao trono do primeiro imperador japonês, antes de Cristo. Assim, o dia 1º de janeiro de 1873 tornou-se o primeiro dia do ano 2533, do antigo calendário. (Baussier, 2005, p. 56).

O importante é que esse povo asiático se situa no Tempo e no espaço em que vivem, sabendo do presente, sem se esquecer do futuro, cientes de que esta é a direção do tempo, pois que o passado só representa a seta do que já não pode mais voltar a ser.

2.3 A DIREÇÃO DO TEMPO

O direcionamento do Tempo pode ser apresentado como um evento relativo, pois, conforme a cultura observada, ele tanto pode ser uma seta que segue da esquerda para direita; da direita para esquerda, ou de cima para baixo. Tal estado se dá conforme a escrita de cada povo e o seu idioma.

Demonstrando tal estado perceptivo, identificamos um estudo sobre o idioma e o sentido do Tempo, no livro organizado pelos jornalistas científicos Miriam Frankel e Mat Warren, de título “Estamos pensando com clareza?”. Por meio de seus estudos, propõe a influência do idioma relacionado ao sentido do Tempo.³⁷ Ou seja, conforme a língua que falamos tendemos a pensá-lo como uma reta, uma seta, mas em qual sentido? Tal fenômeno é atrelado à física, pois os cientistas pensavam-no como uma reta, talvez daí a ideia de uma seta, ou a flecha do tempo.

³⁷ Frankel, Miriam; Warren, Matt. A Curiosa Influência dos Idiomas na Sensação de Tempo e Espaço. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/vert-fut-63639348>. Acesso em 25 jun. 2024.

Assim, para o idioma inglês e para o português, pensamos no Tempo como uma linha que vai da esquerda para a direita (conforme escrevemos); para quem escreve em hebraico, o sentido é ao contrário, da direita para a esquerda); para o mandarim, o sentido é vertical, com o em cima indicando o passado e, para baixo, o futuro; na Grécia o Tempo é tridimensional, como no exemplo de que uma reunião não é longa, mas grande, ou o Tempo não é curto, mas pequeno. (Frankel; Warren, 2022).

Observação interessante é que, para os dois autores, para alemães, japoneses, holandeses e línguas escandinavas não há barreiras linguísticas entre o presente e o futuro. Porém, para ingleses, franceses, italianos, espanhóis e gregos, o futuro é algo separado do presente. (Frankel; Warren, 2022).

Assim, essa direção – ou seta - que orienta o Tempo pode ser um fenômeno tanto do lado oriental quanto do ocidental, pois até mesmo pode-se pensar se há, de fato, uma direção do Tempo que nos guie quanto ao seu curso.

Desse modo, a direção ou uma discussão de uma possível flecha do Tempo não esgota o tema, pelo contrário, proporciona ainda mais a exposição de ideias, como as que veremos a seguir a partir dos estudos realizados pelo matemático, cosmólogo e historiador britânico, Gerald James Whitrow (1912 – 2000).

Ao percorrer as origens do Tempo Whitrow expõe que a flecha do Tempo deve ser buscada nos aspectos estatísticos da natureza e que a lei da física mais celebrada para este estudo seria a segunda lei da termodinâmica pelo seu caráter distinto, pois que trata da entropia das partículas em movimento. (Whitrow, 2005, p. 159).

As leis gerais da física propiciam a ocultar a tendência unidirecional, não devendo nos levar a chegar à conclusão de que a flecha do Tempo seja um fenômeno puramente subjetivo, como querem alguns filósofos, como Mario Bunge (1919 – 2020), em sua obra “Física e Filosofia”. Temos de usar algumas condições iniciais de um sistema em um determinado instante, como as posições e velocidades das partes que constituem este mesmo sistema.:

se há alguma conexão profunda entre tempo e Universo, é porque a flecha do tempo está associada de alguma forma às condições iniciais que determinaram o Universo particular que realmente existe, tão distinto de qualquer outro Universo que poderia ter existido de acordo com os mesmos princípios físicos. (Whitrow, 2005, p. 160).

Ou seja, pode ser que a descrição da flecha do Tempo possa ser encontrada na cosmologia, no padrão próprio específico de eventos no Universo e não nas leis gerais, ou até mesmo ter surgido no momento do *Big Bang*, mas são somente possibilidades,

que Whitrow não nos informa de uma conclusão de um estudo matemático ou físico, que poderia proporcionar maior confiabilidade, pelo menos teórica.

Entretanto, houve uma tentativa de explicar a possibilidade, não de uma, mas de três flechas do Tempo, que foram exemplificadas por David Layzer (1925-2019), astrofísico e cosmólogo norte-americano, que assim as expôs: flecha termodinâmica, flecha histórica e flecha cosmológica, em que:

termodinâmica é definida por processos de geração de entropia em sistemas fechados; a flecha histórica é definida por processos de geração de informação em certos sistemas abertos; e a flecha cosmológica, definida pelo afastamento das galáxias. (Whitrow, 2005, p. 161).

Desse modo, Layzer traça uma hipótese que procura relacionar as flechas termodinâmica e histórica com a cosmologia, sendo advindas de que a estrutura do Universo é estatisticamente homogênea e que teriam a mesma propriedade. Ou seja, nenhuma propriedade estatística do Universo serve para definir uma direção específica no espaço. Então, concluiu que:

se um universo estivesse em equilíbrio termodinâmico, seria caracterizado completamente pela sua temperatura e densidade, e todas as outras quantidades observáveis poderiam ser calculadas considerando-se apenas estas. O equilíbrio termodinâmico de todo o Universo provavelmente só pode ser atingido quando o Universo está fechado para um estado singular de densidade infinita, que ele define como estado inicial. A expansão cósmica gera tanto a entropia quanto as informações. O Universo se desdobra no tempo e no futuro, nunca completamente previsível, pois o conteúdo das informações aumenta constantemente a partir do estado singular inicial. (Whitrow, 2005, p. 162).

Porém, nas suas concepções, Whitrow conclui que qualquer teoria, como a de Layzer, que tente elucidar o conceito de todo o Tempo, está condenada ao fracasso, pois ao se levar em consideração o Tempo de modo completo deve mostrar porque tudo não acontece de uma vez só, em que a explicação do Tempo deve ser cosmológica, pois ele é uma “propriedade fundamental da relação entre o Universo e o observador que não pode ser reduzida a nada mais.” (Whitrow, 2005, p. 163), o que genericamente nos remete à teoria da relatividade especial, em que o Tempo depende do ponto de referência do observador.

E, de forma análoga a essas três formas de flechas, também existem as três fases do Tempo que lidamos todos os dias e, partir deste evento tripartite é que iremos fazer uma demonstração teórica de suas singularidades.

2.4 AS TRÊS FASES DO TEMPO

Sabemos que não há uma definição específica e única sobre o que seria o Tempo, até mesmo porque este não atua de modo uno, está relacionado ao espaço e ao movimento dos astros, segundo alguns pensadores, indo desde Aristóteles até o geógrafo Milton Santos ou ao cientista social, Hélio Jaguaribe, passando por Isaac Newton e Albert Einstein.

Deste modo, há grande quantidade de definições que têm alcance extraordinário, como o dito por Platão (428-328 a.C.?), que no “Timeu” – um dos seus diálogos – disse que o Tempo nasceu junto com o céu; ou ainda em Aristóteles, que na parte IV de sua obra “Física”, declara que o Tempo parece o movimento da esfera celeste. Mas também é importante citar o teólogo Santo Agostinho de Hipona, que em suas “Confissões”(397 - 400), disse saber o que é o Tempo, mas não sabe explicá-lo para quem o pergunte o que ele é - e até pensadores contemporâneos, como Paul Virilio (1932-2018), que em seu livro “Velocidade e Política”(1996), trata do tempo na vida cotidiana no Séc. XX, influenciando e influenciado pela velocidade.

Porém, a princípio, o que desperta interesse e atenção é o entendimento de Santo Agostinho, quanto poder denominar as três fases do Tempo, de que cada uma delas tem dependência e relação uma com a outra (Santo Agostinho, 2017, p.319).

Assim, a partir deste trecho das “Confissões”, pretendemos desenvolver, ainda que de maneira mais informativa e teórica possível, o que venha a ser passado, presente e futuro, baseado não somente nos autores acima, mas em alguns que, segundo entendimento aqui desenvolvido, têm fundamento para a temática a ser estudada.

Logo, encerrando este preâmbulo convém observar que:

no processo de aceleração, parece que nossa percepção da história biográfica e coletiva também vai mudando: a modernidade clássica começou quando a mudança social se tornou suficientemente rápida para que os atores sociais percebessem que o passado era diferente do presente e que o futuro presumivelmente seria diferente do presente também. (Rosa, 2022, p.65).

Deste modo, citação acima vem corroborar a frase de Paul Valéry, de que o futuro não é mais o que foi (Valéry *apud* Lessa, 2019, p.143). Mas, importante é saber que o futuro em algum momento será um fato já passado, assim como o presente também o será. Sendo assim, o que fica será sempre passado e até mesmo o futuro, que um dia, será passado.

2.4.10 *Passado*

Figura 5: O Passado



Fonte: O Estado de São Paulo, 11/02/2023.

Segundo o conhecimento comum que temos do nosso cotidiano, o passado pode ser representado simplesmente como o que passou (Figura 5), o que já foi presente. O passado é simplesmente o que não é, mas o que foi, o que ficou e, ainda quanto aos dizeres de Santo Agostinho:

é com segurança que afirmo que, se nada passasse, não haveria tempo passado; se nada sobreviesse, não haveria tempo futuro, e se nada fosse, não haveria tempo presente. Logo, aqueles dois tempos, passado e futuro, em que sentido eles são, se o passado não é mais, e o futuro ainda não é? (Santo Agostinho, 2017, p.319).

Porém, esta visão se dá somente quanto à extensão do Tempo e, o que podemos extrair de suas palavras e seguindo a sua linha de pensamento – de Santo Agostinho – é o que se constata quanto ao nosso conhecimento comum dessas três fases do tempo. Mas, vejamos o que ainda nos diz o Bispo de Hipona:

... aqueles dois tempos, passado e futuro, em que sentido eles são, se o passado não é mais, e o futuro ainda não é? (...) logo o presente, para que seja tempo, há de se tornar passado, como podemos dizer, a respeito dele também, que é, se a razão da sua existência é deixar de ser? (...) no entanto, dizemos “tempo longo”, e “tempo breve” e não dizemos isso senão do passado e do futuro. Chamamos longo tempo passado, por exemplo, há cem anos (...) chamamos breve tempo passado, digamos, há dez dias. Mas em que sentido é longo e breve aquilo que não é? Com efeito, o passado já não é, e o futuro não é ainda. (Santo Agostinho, 2017, p. 319).

Assim, o nosso entendimento dessas palavras, onde o que passou já não poderia mais ser coisa alguma, pois que já não existe mais. Mas se não existe mais, fica a constatação, na memória, que ele já existiu. Então, o passado existe como aquilo que o presente está se transformando; Ele se dá como a memória pode ser atrelada à história como rememoração. E o que depreendemos daí é como se ele indagasse se o presente, que já não é, poderia ser alguma outra coisa. Então, o Tempo passado poderia ser breve ou longo, ser alguma coisa não mais presente. Seria então, o passado, anacrônico.

Então, fazendo uma analogia com os Tempos atuais, poderíamos chamá-lo de intempestivo, pois, “numa primeira aproximação, é aquilo que não está no Tempo próprio, aquilo que, sendo uma manifestação, um ato, um fato que se dá no Tempo próprio, não se dá no tempo devido.” (Amaral, 2003, p. 15).

Mas se o Tempo passado não pode ser tido como intempestivo, mas tão somente uma estrutura daquilo que não é mais e que não tem como voltar a ser presente, mas são utilizados como uma sucessão de atos que podem justificar ou legitimar um ato presente, onde:

O futuro, que não era, agora determina o presente; o passado, que era, agora se torna virtual. Ele está lá, mas como quem fica entre duas dimensões. Se precisamos, temos de trazê-lo para a dimensão certa. Ele é virtual. Se precisarmos dele, o chamamos (...) para a dimensão certa (...) deixa de ser uma dimensão que produz, para tornar-se um reservatório de possíveis mercadorias, das quais umas serão consumidas, e outras não (Amaral, 2003, p. 23-24).

Porém, Amaral prossegue na sua interpretação sobre o que seria o passado:

o passado fica num regime de prontidão, de *stand by*, e todos os tempos se achatam num mesmo tempo. Agora o passado que, na ordem naturalizada da cronologia, estava muito longe de nós, torna-se nosso contemporâneo. Fica à nossa disposição. Fica aqui e nós podemos usá-lo. (Amaral, 2003, p. 25).

Mas ao se interpretar este último autor, Márcio Tavares d’Amaral, filósofo e cientista social, pode-se subentender que ao tirar o passado da sua condição de “regime de prontidão” e reutilizá-lo no presente, tal condição faria do passado rememoração ou seria possível somente, como se dá na História, tê-lo como elemento basilar para um estudo ou como auxiliar para o entendimento do presente e que pode também servir de parâmetro para o futuro.

Entretanto, Luan Roboredo Lemos, em sua dissertação lembra que Anaximandro “não designa a totalidade de três instâncias temporais (passado, presente e futuro), e tampouco designa o meio neutro onde ocorreram as mudanças naturais.” (Lemos, 2016, p. 63), mas que o Tempo é o regulador das transformações naturais, o que pode ser entendido que este, de modo geral é tão somente um arranjo celeste e o passado, uma das partes dessa disposição.

Deste modo, tem-se a certeza de que tal estado somente poderá ser entendido como um meio de auxiliar o entendimento do presente, pois o que passou não pode voltar ao presente, mas somente ser um fator de compreensão desse mesmo momento presente, como comumente é utilizado pela História e tão logo dá-se a sua utilização, volta ele para o seu lugar de *stand by* como bem interpreta Márcio Tavares d’Amaral.

Porém é nesse sentido da História que Jacques Le Goff (1924-2014) dá a sua interpretação para o que venha a ser o ofício de historiador com a utilização do passado, pois este não seria um profissional, um investigador da verdade do passado, mas um adivinho, um

“profético” intérprete do passado, condicionado por suas opiniões políticas, pela fé religiosa, características étnicas e, finalmente, mas não apenas, pela situação social. Todas as evocações poéticas, míticas, utópicas, ou, de fantásticas do passado entram na historiografia. (Le Goff, p. 51).

Le Goff interpreta o passado não somente como a história, mas tem o teor do seu objeto. Assim, esta não seria um simples espelho do passado, porém somente um modo de se interpretá-lo, pois além do fato passado que realmente aconteceu, cada estudo tem uma interpretação de quem o realiza, levando consigo toda a sua gama de interpretação, de todas as suas evocações, finalidades e seus ideais. Isso não significa em mudar o passado histórico a seu bel prazer, mas somente dar a ele uma tendenciosidade que o torne cognoscível às suas considerações profissionais, sociais e convicções baseadas nas suas visões, objetivada naquilo que pretende atingir.

Este historiador cita, como complemento ou apoio das suas ideias, o também historiador Marc Bloch (1886-1944), da *École des Annales*, em que este propõe uma mão dupla na utilização do passado em História, em que há uma espécie de segunda função de se “compreender o presente pelo passado, e compreender o passado pelo presente” (Le Goff, 2013, p.212), pois “a incompreensão do presente se daria por força da ignorância do passado. Mas é talvez igualmente inútil esgotar-se a compreender o passado, se nada souber do presente.” (Le Goff, 2013, p. 212). Porém, reconhecemos que há uma separação, um corte bem distinto entre passado e presente, pois a ciência se mune para conhecer o passado (Nora *apud* Le Goff, 2013, p.213).

Mas, há uma constatação de que os historiadores estão sempre se utilizando de determinados recursos, que são os ciclos de Tempo, os quadros temporais, como bem explica Paul Ricoeur, em que para se visualizar o Tempo há quatro maneiras: a cronografia, cronometria, a cronologia, e a cronosofia. (Ricoeur, 2007, p. 165). Estes itens, todavia, foram vistos no item 1.6 História.

Sabemos que há no passado uma base para a construção da História, e é importante que alguns autores usam termos inerentes para ironizar o seu uso e, assim, adotam expressões tais como “um passado que não quer passar” (Ernst Nolte (1923-2016), em 1988, ou “um passado que não passa” (Henry Roussom 1954-), apresentando

um revisionismo ou negacionismo do uso do passado em história em parte da Europa, a partir dos meados dos anos 1980 (Cezar, 2012, p. 31).

Contudo, Ernst Nolte (1916 – 2016), historiador e filósofo, quanto a esse negacionismo ou esquecimento do passado, e referindo-se aos crimes cometidos em Auschwitz, tinha a expectativa de que este passado, tal qual qualquer outro passado, simplesmente passaria, de tal forma que o historiador pudesse se apropriar dele, pois supunha que os alemães, vistos como vítimas também, poderiam conduzir a Alemanha a uma identidade mais positiva. (Cezar, 2012, p. 31).

Assim como o passado é utilizado como base para a História, atualmente há outros autores que utilizam o recurso do esquecimento, onde a lembrança triste de crimes os contra os judeus no século passado, seria um fato histórico a ser esquecido e apresentam testemunhos dos que preferem o silêncio a recordar a memória (passado) dos dias em campos de concentração. Vejamos o que nos informa Michael Pollak (1948-1992):

em face dessa lembrança traumatizante, o silêncio parece se impor a todos aqueles que querem evitar culpar as vítimas. E algumas vítimas (...) preferem, elas também, guardar silêncio (...) o longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. (Pollak, 1989, p. 5/6).

Paralelo a essa opção pelo esquecimento, pode-se concluir sobre o passado que pode ser longo ou curto, conforme se considere o fato abordado e mais, que ele começa a ser passado a partir do momento em que o presente acontece e acaba, quase que instantaneamente, ou cabe-nos então nos ater como pensadores mais modernos, para quem o tempo não existe, pois

As coisas mudam apenas uma em relação a outra. No nível fundamental o tempo não existe. A impressão do tempo que passa é apenas uma aproximação que só tem valor para as nossas escalas microscópicas: deriva do fato de que observamos o mundo somente de modo rudimentar. (Rovelli, 2017, p. 178).

Todavia, ainda que o Tempo não exista, o que entendemos dele acompanha as três fases numa sequência lógica, dentro do nosso entendimento das palavras com o fito de entendê-las. Podemos compreender o passado como um estágio do presente e começa em si próprio.

2.4.2 *O Presente*

Figura 6: O Presente

Fonte: O Globo, 07/09/2022.

Nós compreendemos o Tempo presente como o momento em que estamos vivenciando-o, é o momento da ação, em que um fato acontece. Mas nos perguntamos: passada essa ação, esse momento, por quanto Tempo – longo ? - ele ainda continuará a ser presente? Ou será coisa do passado, pois que se perpetua somente na lembrança?

Tais considerações também passavam pelo pensamento de Santo Agostinho, que afirmava que se nada passasse não haveria passado, presente e futuro e, que se o presente, se fosse sempre presente e não se tornasse passado, não seria presente, e sim eternidade - mas não futuro. (Santo Agostinho, 2017, p. 319), como já demonstrado no tópico anterior.

Mas nesse trecho ele está tratando simplesmente do passar do Tempo, e reconhece que o Tempo nunca para, pois é fruto dos movimentos dos astros, mas afirma que o presente não tem extensão, que o Tempo pode ser o presente, mas este dilui-se em si próprio e que o futuro descende do presente. (Santo Agostinho, 2017, p. 321), e o passado é o ascendente do presente. Reconhecimento lógico e notório de todos.

Santo Agostinho tece várias considerações sobre o que venha a ser Tempo presente, “em que este é o único que deveríamos chamar de longo, mas é reduzido ao espaço de um único dia” (Santo Agostinho, 2017, p. 320), embora, talvez contraditório ou realisticamente afirme que sequer um dia é inteiramente presente. Mas o presente tendo ou não somente 24 horas, é o momento em que um ato é consumido, ele expira quando se aplica, em que se dá a sua ação, o seu acontecimento. Logo após, é passado. Pode-se entender que o presente é então, efêmero.

E dentro de emaranhado de considerações do presente, o Bispo de Hipona tece o seguinte raciocínio, como se afirmasse que o único Tempo que existe seria o presente, ainda que esclareça que o Tempo é formado pelas suas três fases: passado, presente e futuro, mas conclui que “esses três, de fato, estão na alma, de alguma maneira, e não os

vejo em outro lugar: a memória presente do passado, a visão presente do presente, a expectativa presente do futuro.” (Santo Agostinho, 2017, p., p. 324).

Notem que para cada fase ele usa um termo específico, todos condizentes com o fenômeno temporal aludido: para o passado usa a “memória”, ou seja, a lembrança, a recordação daquilo que já passou; para o presente, usa a “visão”, referindo-se ao que se vê no momento do fato: e para o futuro, há a “expectativa” do que venha a ser, o devir, pois não se sabe dizer com certeza o que acontecerá mais adiante, somente que acontecerá. Todos os vocábulos estão condizentes com a fase aludida, dentro da sua lógica de raciocínio positivista – no sentido de prático - e filosófico.

Para Santo Agostinho, mede-se o presente enquanto ele passa, mas quando já tiver passado não mais será possível medir, porque não haverá mais nada a ser medido, pois ao transcorrer poderá ir para o passado ou seguirá na expectativa do futuro, apesar da sua existência efêmera. Medimos o Tempo certo dentro do espaço, pois não podemos medir o que já não é. (Santo Agostinho, p. 325). Para ele, pode-se medir o Tempo, mas o passado, fica impossível, pois não podemos medir aquilo que não é. Mas ele próprio se indaga de como “mediríamos o presente, se não tem extensão? Logo, o mediríamos enquanto passado, mas quando já tiver passado não o mediríamos, porque não haverá mais nada a ser medido. “ (Santo Agostinho, 2017, p. 325).

Agostinho reconhece, porem, que não se pode medir o presente, pois este não tem extensão, e o passado também não pode ser medido, visto que já não é. Mas com referência a este último, recorreremos à História, que é feita de ciclos, séculos e idades estanques que permitem, de alguma maneira, “medir” o passado a ser estudado, tais como a cronometria e a cronologia (Ricouer, 2007, p. 165). Já não se pode dizer o mesmo do presente, ainda que haja a expressão popular de “viver o presente”, com o sentido da realidade e não de sonhos.

Porém, nota-se em Santo Agostinho, com relação ao Tempo e não especificamente ao presente, que há “uma inquietação diante da essência inapreensível do Tempo é o ser que, enquanto é, não é, e enquanto não é, é...” (Santo Agostinho *apud* Agamben, 2005, p.117). Não é simples jogo de palavras, mas uma interpretação carregada de praticidade, de vivência temporal do cotidiano dos costumes da sociedade em geral.

Mas este teólogo, nas suas “Confissões”, de fato, assume uma espécie de panóplia temporal explícita, pois, à medida que faz uma assertiva, indaga a Deus o porquê de tal situação, declara-se ele mesmo, à certa medida, incompetente para fazer

uma afirmação mais exata, pois sabe, por exemplo o que seja o Tempo, mas ao ser indagado sobre uma explicação mais exata, não poderia fazê-lo (Santo Agostinho, 2017, p. 319). Mas tais atitudes fazem parte da sua dicotomia de afirmação e dúvida, querendo sempre saber, mas não encontra, alhures, quem o esclareça com exatidão suas perguntas, somente, o Supremo Criador.

Contudo, ao contrário de Santo Agostinho, em Tempos atuais há, principalmente na História, visão mais inovadora de que não há o presente – como também a de alguns físicos de que o Tempo não existe – pois ele, “é elemento fugidio e imediatamente se torna passado” (Glezer, 2007, p. 28), fugaz porque acaba no momento em que acontece, durante talvez segundos, pois o que se viu há minutos atrás já não é mais presente, mas coisa do passado. Relembra a medição do Tempo discutida pelo teólogo, já mostrada há pouco.

O filósofo José Carlos Bruni (?), em “Decifrando o Presente” (2014), também trata do caráter fugidio do presente, acrescentando-lhe o adjetivo “escorregadio” do agora, pois “basta tentar deter nossa atenção no instante presente para logo verificarmos que ele passou.” (Bruni, 2007, p. 12). Assim, pode-se entender o presente simplesmente como o intervalo entre o passado e o futuro, o hoje, o instante possível numa dimensão finita do Tempo. Mas há também o aspecto quase do infinito, do neologismo “presentismo”.

E o que seria esse presentismo, a não ser o que se denomina de “presente estendido”, pois “entre o passado e o futuro de cada evento (...) existe uma “zona intermediária” daquele evento, uma zona que não é nem passado nem presente. Esta é a teoria da relatividade restrita” (Rovelli, 2017, p.173), e, coisa curiosa, se para nós não existe uma explicação estanque para esse presente estendido, podendo durar minutos, ou horas, onde estudos comprovam que:

na Lua a duração do presente estendido é de alguns segundos, em Marte é de quinze minutos. Isso significa que podemos dizer que em Marte há eventos que nesse preciso momento já aconteceram, eventos que ainda devem suceder, mas também quinze minutos de eventos durante os quais acontecem fatos que para nós não são nem passados nem futuros. (Rovelli, 2017, p. 73).

Tais informações nos levam ao raciocínio de que não podemos afirmar que o que está acontecendo em Marte esteja acontecendo exatamente agora, pois o exatamente agora poderia não existir e:

em termos técnicos diz-se que Einstein compreendeu que não existe a “simultaneidade absoluta”, ou seja, não existe um conjunto de eventos no Universo que sejam todos existentes “agora”. O nosso “agora” existe apenas aqui. O conjunto de eventos do Universo não pode ser descrito corretamente

como uma sucessão de presentes (...) a sua estrutura é mais complicada. (Rovelli, 2017, p. 74),

Mas essa duração do Tempo presente, personificado no presentismo, quanto a sua duração nos remete, mais uma vez, ao que disse Santo Agostinho sobre a sua duração, que pode ser longo ou curto, apesar de não se definir a extensão dessas dimensões.

Porém, ainda a esses dizeres de Einstein, quanto à simultaneidade, há que se considerar a questão do fuso horário e de que, dentro da teoria da relatividade restrita, o Tempo não é o mesmo em todos os lugares, depende da posição do observador (Rovelli, 2018, p. 22).

Portanto, o presente pode ser entendido como o que “os filósofos chamam de “presentismo” a ideia de que apenas o presente é real, não o passado ou o futuro, e que a realidade evolui de um presente a outro consecutivo.” (Rovelli, 2018, p. 86).

Mas ele é real apenas no momento em que acontece, desconsiderando-se o presente estendido, é efêmero. Nessa visão reducionista viveríamos de diversos momentos presentes, ou como bem o disse Santo Agostinho: o passado presente; o presente presente e o futuro presente, já vistos acima. (Santo Agostinho, op. cit.). O presente é o agora: “No olhar do gato passavam muitas horas. Mas não entendia o tempo àquele tempo como agora.” (Campos, 1978, p. 104).

Mas se o presente é real, o que poderemos dizer do futuro (Figura 7), além de ser um devir?

2.4.3 O Futuro

Figura 7: O Futuro



<https://br.pinterest.com/pin/115123334212773827/>

Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/115123334212773827/>

Até aqui, foram consideradas versões acerca do passado e do presente na visão de teólogos, filósofos, cientistas sociais e físicos. Porém, para iniciar esta parte, utilizaremos uma canção popular. No caso, *Com a Perna no Mundo*, do compositor Luís Gonzaga Jr, especialmente os seguintes versos:

Passado é um pé no chão e um sabiá
 Presente é uma porta aberta
 E o futuro é que virá, mas e daí?

Nos importando, no momento, somente os versos finais, pois na sua simplicidade esgotaria o tema “futuro”, pois não é esse o nosso objetivo e sim, elencar algumas discussões que podem ser até discordantes, mas que expõem os campos diversos a que se pode chegar o pensamento humano, ainda que se refira “somente” ao Tempo.

O verso exemplificado é claro e não deixa dúvida quanto à finalidade do futuro, que pela nossa cultura ocidental, é o que vem pela frente, mas será que sempre poderemos entendê-lo como o que virá ou haverá outras concepções, talvez tidas como não modernas, mas que nos deixam com um ponto a refletir?

A exemplo dessa visão, vejamos os aimarás, que são um povo originário que habita alguns países da América do Sul e, para eles a visão de Tempo é ligeiramente diferente da nossa, pois o ontem está “adiante”, e o amanhã, “atrás”. Assim, na sua cultura, o passado é o que sabemos, ou seja, está à nossa frente, e o futuro, que ainda não sabemos e os olhos ainda não podem alcançar, fica atrás. (Miguel, 2016).

Eles têm a palavra “*nayra*” que significa passado, mas também à frente, à vista. E a palavra “*quipa*”, que significa futuro, indicando atrás. Assim, o passado está adiante e o futuro, atrás. Expressam-se com o corpo, pois estendem os braços para trás quando se referem ao futuro, e para frente quando aludem ao passado. (Spritzer, 2006).

Por exemplo, na linguagem aimará, a frase “Colombo navegou em 1492” é impossível de se dizer, pois faz-se necessário acrescentar a informação de que, se quem afirma tal fato realmente testemunhou o evento ou só ouviu falar. Segundo Rafael Nuñez (?), da Universidade da Califórnia, para essa cultura que dá valor à evidência, faz sentido usar o passado – que já foi visto – à frente, e o futuro – desconhecido – nas costas, onde não se pode ver.³⁸ Mas essas concepções ficam restritas a esse povo, pois

³⁸ Para o povo aimará, o futuro está atrás. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/brasil/para-o-povo-aimara-o-futuro-fica-para-tras>. Acesso em 24 mai 2024.

na sociedade atual, baseada em estudos mais teóricos, a visão é outra, como a que veremos a seguir.

Para o psicólogo e cientista social Márcio Tavares d'Amaral, “quando digo *há*, refiro-me ao presente; quando digo *houve*, ao passado; e quando digo *haverá* refiro-me ao futuro” (Amaral, 2003, p.18), o que se mostra coerente com os tempos verbais utilizados, porém diferente do povo aimará, mas representa uma lógica dentro dos versos de Luiz Gonzaga Jr., na estrofe utilizada no início deste tópico. Mas novos entendimentos vão surgindo para esclarecer ou posicionar nosso pensamento num outro patamar visionário.

E os novos efeitos da tecnologia, tida como uma independência do fazer é entendida como uma compreensão do futuro como um tempo verdadeiro, pois se:

antes podíamos discutir se o futuro existe como tempo, uma vez que ele ainda não é; ou, se é, é como projeto do presente. Por efeito da aceleração tecnológica, o futuro se libera da causalidade linear e torna-se o maior *valor*. O que verdadeiramente vale que ainda não veio, mas já está chegando. O que vale está sempre em anúncio. Para a presença, o futuro está sempre se anunciando ao presente e, com isso, antecipando-se a ele, o que faz explodir a concepção clássica de que uma causa antecede um efeito; que, portanto, uma causa é sempre passado de um efeito, ou visto do lado da causa, é o seu futuro. (Amaral, 2003, p. 20).

O que há, para Amaral é uma subversão da lógica clássica a que estávamos acostumados, pois agora, o futuro é “pré-visto” no presente, como se esse o adivinhasse e, como tal é esperado. (Amaral, 2003, p. 20).

E diante desse quadro podemos afirmar que quem nunca pensou que hoje poderíamos projetar o pensamento na evolução tecnológica, lembramos que quase sabemos do que se dará daqui há poucos anos adiante com relação os nossos aparelhos celulares que, com certeza serão mais sofisticados, virão com mais possibilidades de uso. Tornou-se comum pensar que no futuro – daqui a pouco, logo ali – aparelhos de televisão virão acompanhados de mais possibilidades de uso, pois tv com *streamming* ou acesso a alguns canais da internet já está virando lugar comum.

É só uma questão de esperar e ver o futuro chegar. Tanto que nos dias atuais já se tornou comum dizer que “o futuro não é mais como era antigamente”, frase presente em uma composição do músico Renato Russo (1960-1996), ou “o futuro não é mais o que foi” (Vallery *apud* Lessa, 2019, p. 143), em que, principalmente a segunda, carregada de um otimismo técnico-científico, a projeção do futuro diminui a perspectiva do Tempo, além de um presente eternizado (Lessa, 2019, p. 143), mas em que há o cenário “previsível” do devir.

Este novo panorama do futuro determina o presente; o passado que era, agora torna-se virtual, situando-se como duas dimensões: memória e *stand by*. Se precisamos, o traremos para a dimensão certa. O futuro deixou de ser ficção, ele é o real do presente. (Amaral, 2003, p. 26). Mas concretamente, o futuro não poderia mudar, ele é simplesmente uma “dimensão ética decisiva de nossas vidas que mudam ao longo da história humana.” (Vaz, 2003, p. 71), ou seja, o que muda é a nossa expectativa quanto ao que virá, pois estipulamos desafios e novas necessidades, gerando assim outras novas expectativas que se sucedem como as próprias fases do Tempo, mas quanto ao futuro, é como diz o povo aimará, é como se estivesse atrás de nós, pois não sabemos o que virá, tão somente podemos imaginar algumas possíveis situações, quando comentamos sobre o uso prático de alguns aparelhos tecnológicos, mas quanto à própria vida, ainda estamos análogos a Santo Agostinho: só Deus poderá dizê-lo. O futuro é o que virá, ou o que esperamos que aconteça, mas sem premonições.

Deste modo, sabemos que o Tempo nos carrega, mas não será que um dia seremos nós que estaremos a carregá-lo? Diz-se que vivemos o presente, sim, por que o passado já foi vivido, mas e o futuro ?

Vivemos para o futuro: “amanhã”, “mais tarde”, “quando você tiver uma situação”, “com o tempo você vai compreender” essas inconseqüências são admiráveis porque afina, se trata de morrer. Mas chega um dia que o homem verifica ou diz que tem trinta anos. Afirma assim a sua juventude. Mas, nesse mesmo lance, se situa com relação ao tempo. (...) ele pertence ao tempo e, nesse horror que o agarra, reconhece nele seu pior inimigo. Amanhã, ele queria tanto amanhã (...) (Camus, 1989, p. 33).

Dessa forma, futuro se funde com amanhã, pois um seria o mesmo que o outro. Diferem somente que o amanhã é depois de hoje e o futuro poderá ser daqui a alguns anos, a depender da posição do observador, o que nos coloca de novo junto a Albert Einstein, pois o que varia em cada um é o seu desejo, as suas metas e os seus planejamentos que trarão o devir a se concretizar. Por enquanto, basta-nos o hoje, o presente, na certeza de que amanhã virá o futuro.

Assim, essa congruência das três fases pode afetar o comportamento humano nas suas linhas de conduta social, alterando as suas características habituais, trazendo uma conduta de alteração psicossocial, resultando numa patologia dos Tempos Modernos.

3. A PATOLOGIA DO TEMPO: O DESEQUILÍBRIO DROMOLÓGICO

O termo “patologia” é definido, em um dicionário moderno da língua portuguesa, como o “ramo da medicina que se ocupa da natureza e das modificações produzidas no organismo por doença” (Ferreira, 2008, p. 614), sendo que o radical *pathos*, da língua grega, significa doença/sufrimento, e *logia*, o estudo. Logo, como definido acima, patologia é o estudo da doença ou sofrimento.

E é sob esse aspecto anômalo de um corpo ou uma sociedade carregada de entropia que pretendemos demonstrar, em que o Tempo, com todo o benefício que possa nos trazer há também um lado que se mostra prejudicial pelo seu uso excessivo ou até mesmo neurótico através da convivência em sociedade.

Assim é que, a princípio, provocamos a lembrança do filme de Charles Chaplin, que trata da Revolução Industrial e suas consequências, de título, *Tempos Modernos*, pois logo no seu início há um relógio anunciando que o tempo do Título não é somente uma epígrafe, mas um fator a ser observado ao longo da película. Na sequência, segue a imagem de um rebanho de ovelhas sucedido por uma multidão de operários saindo de uma fábrica. E o interessante é que na cena da multidão, a projeção é acelerada, dando já a conotação de um Tempo em movimento rápido.

Durante grande parte do filme, o Tempo é referência para sua crítica ao sistema capitalista, como a linha de produção, em que a personagem principal surta ante a exigência da conjugação Tempos e movimentos, já comentada no Cap. 2.1 A Temporalidade na Economia, Administração e na Produção. Carlitos, o operário, já não consegue acompanhar o ritmo da produção advinda da exigência de se produzir mais em menos tempo. Este acontecimento histórico e econômico, modifica as relações de trabalho tirando o homem do campo ou o artífice da sua produção caseira para o sistema da fábrica, em que se exige a produção e a obediência ao Tempo marcado pelo relógio, sujeito ao domínio do empregador. A urgência de cumprir tarefas dentro de um determinado Tempo influencia o comportamento do operário do filme.

Neste sistema de chão de fábrica há a exigência da submissão ao horário de entrada e de saída, obedecendo à hora do almoço, sem permissão para pequenas paradas, como por exemplo, fumar um cigarro, pois quando Carlitos se esconde no banheiro e começa a fumar, o gerente, como um Grande Irmão do livro de George Orwell (1905-1950), *1984*, o repreende e ele obedece, retornando à linha de produção e é quando se dá a alteração no seu comportamento no ambiente de trabalho.

Porém, *Tempos Modernos* assume um ápice do absurdo, ou da arte *non sense* quando Carlitos é chamado à sala do gerente e instado a ser a cobaia de uma invenção que visa a economia de Tempo, pois através da invenção de uma máquina de um cientista, este o apresenta a uma inovação tecnológica que permitiria ao operário continuar trabalhando mesmo na sua hora de almoço. Mas o equipamento não realiza o efeito esperado e Carlitos sofre o descontrole e aceleração da parafernália, passando a jogar os alimentos no seu rosto, fazendo até mesmo que engula uma peça metálica, e assim, invalidando o trabalho do inventor.

Diante do surto na linha de produção, acima comentada, e a pantomima chapliniana, o protagonista acaba indo primeiro para um sanatório, mas, após a saída deste, assume a autoria de um furto como intuito de salvar a heroína do filme e acaba voltando para o presídio da cidade. O filme prossegue numa sucessão de situações burlescas, terminando com Carlitos e, a agora sua companheira, ao som da música *Smile*, parecendo uma ironia, pois como o Homem poderá sorrir sem um emprego, sem uma moradia e, pior, sem ter o que comer ? Mesmo assim, o casal caminha numa perspectiva de esperança numa estrada sem fim, mas acenando para um futuro possivelmente melhor, mas sem trabalho preso a rígidos esquemas e sem a pressão do Tempo.

Após essa breve explanação sobre *Tempos Modernos* que nos auxilia, na presente pesquisa, como um prólogo para tratar da Dromologia³⁹, palavra cunhada pelo filósofo e arquiteto francês Paul Virilio (1932 – 2018) –identificada pela primeira vez no livro de sua autoria “Velocidade e Política” (1996), no qual a velocidade e o movimento destroem o Tempo pelo modo que conhecemos até então, pois este movimento – velocidade – intervém no Tempo utilizado pelas sociedades. Dessa forma, constatamos que se trata da “ciência que estuda os efeitos da velocidade na sociedade”.⁴⁰

A velocidade é interpretada como uma surpresa, “uma informação que não coincide com a realidade porque a realidade vai mais rápido que a informação (...) quem controla a velocidade controla tudo: o espaço e a informação” (Santos, 1996, Contracapa), e acrescentamos que modifica o uso do tempo, mas podendo a partir dessa situação gerar a desinformação, ou até mesmo uma situação de *koyaanisqatsi*, termo do

³⁹ Grifo do autor da Tese.

⁴⁰ <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=7vbQ>. Acesso em 22 abr. 2024.

povo originário norte americano Hopi, que significa “vida fora de equilíbrio”. (Glass, 1990, Encarte).

Esse desequilíbrio causado pela dromologia é visto nos quatro capítulos da obra de Paul Virilio, “Velocidade e Política (1996)”. No primeiro Capítulo, apresenta a “Revolução Dromocrática” (mais um neologismo, direcionado à política e ao poder), em que Virilio mostra a dinâmica das revoluções modernas – a informática e seus aplicativos são parte – transformando a vida do proletário-operário, pelos soldados, pela população em geral, ocasionando “uma revolução das massas que são as produtoras da velocidade necessária” (Santos, 1996, p. 11), transformando a vida, os compromissos, as escalas sociais.

No segundo capítulo, “Progresso Dromológico”, há a análise sobre o espaço territorial, traduzido no abandono da terra e o desaparecimento do horizonte. Importante notar que para Virílio, na Revolução Dromológica, o Tempo se sobrepõe ao espaço, sendo que este fica quase nulo, em segundo plano da dupla tempo-espaço, pois o progresso “dromológico estabelece a velocidade desterritorializada e (...) instaura um regime de dominação exercido através do controle do movimento, e através do qual passamos a viver em um estado de emergência.” (Santos, 1996, p. 13).

No próximo conteúdo, “A Sociedade Dromocrática”, são apresentados alguns dos efeitos que a velocidade tecnológica provoca nos corpos, aqui entendidos como os componentes de uma sociedade.

Na finalização do livro, o Capítulo “O Estado de Emergência”, é entendido como um novo estágio da sociedade:

a manobra que consistia ontem em ceder terreno para ganhar tempo perde todo o sentido; atualmente o ganho de tempo é questão exclusivamente de vetores, e o território perdeu significado. De fato, o valor estratégico do não-lugar da velocidade suplantou definitivamente o do lugar, e a questão do tempo renovou a da posse territorial (Virilio, 1996, p. 123),

Essa reflexão nos remete ao tema desenvolvido no “Progresso Dromológico”, em que a relação Tempo e espaço não se coadunam mais, pois o tempo está agora distante do terreno em que pisamos, está, segundo Virílio, na negação do espaço (Virilio, 1996, p. 123), como consequência das velocidades, do Tempo e da informação. O espaço é substituído pela informação e pela pressão social.

E quanto a esta última, o mesmo autor adverte que “há, portanto, uma dimensão oculta da revolução das comunicações que afeta a duração, o tempo vivido de nossas sociedades” (Virilio, 1993, p. 106), e esta afetação estará presente no decorrer da obra

que tratará não somente da velocidade ou da aceleração, mas da conjugação destes dois com o tempo, o que impõe, mais uma vez a perguntar o que vem a ser o Tempo?

O tempo, afora a definição clássica cosmológica de tratar-se do produto do movimento dos astros, também poderá ser visto, sob a lente das ciências sociais, como um dado objetivo da natureza, que não se diferencia de outros objetos senão pela sua incapacidade de ser visível. Essa visão, que sustenta uma existência ontológica do tempo, como um “rio que flui”, surgiu sobretudo a partir de Galileu, e tem em Newton seu maior expoente. Em oposição, por volta do século XVIII, apareceu outra percepção do tempo segundo o qual ele irrompe como mais um aspecto da consciência humana. Kant é o grande representante dessa vertente, que percebe o tempo como não mais que uma síntese *a priori* de qualquer experiência humana. (Malerba, 1994, p. 301).

Fica claro que esta não é uma classificação definitiva, pois temos dois aspectos a ser considerados. Primeiro, o da natureza dentro do ambiente – ou espaço – geral, de amplo entendimento. Segundo aspecto, aquele que considera o Tempo como produto – ou consequência – do entendimento humano, do qual não somente Immanuel Kant (1724 – 1804) é seu representante, mas também Aristóteles, Santo Agostinho e mais modernamente, Martin Heidegger, em que, para este:

há um conceito central, que ele chama de *Dasein*⁴¹ e se traduz literalmente como “lá ser” ou “ser lá”, mas que também define como “ser (ou estar) no mundo” e como “estar um com o outro”, e “como essa entidade em seu ser que conhecemos como vida humana” (...) *Dasein* não pode ser totalmente definido até seu fim. (Burdick, 2020, p. 340),

Entende-se então o Tempo como resultante do intelecto humano, e que sofre as suas influências dentro de um contexto social, psicológico e até mesmo como consequência do desejo natural de se ter ganhos, sejam materiais, subjetivos ou imateriais.

E nesse entendimento inerente ao conhecimento do homem, o Tempo pode ser:

determinado pela faculdade humana de vincular entre si duas ou mais seqüências distintas, de transformação. Deve ser entendido, portanto, como uma síntese simbólica derivada da justaposição de dois *continuu*s: um social cambiante e outro mecânico estandarizado. Por exemplo, o relógio de areia – um *continuum* mecânico – entre os gregos servia para medir não o “tempo”, mas a duração de fala de dois ou mais interlocutores (Malerba, 1984, p. 302).

O segundo contínuo é de ordem pragmática, pois com o advento das sociedades, em decorrência da urbanização e da industrialização, passou-se a utilizar de mecanismos para regular a duração das atividades nas fábricas, seus intervalos e descansos legais, como já exemplificado acima. (Malerba, 1984, p. 302).

⁴¹ *Dasein* em Heidegger – próprio do ser humano. Nota do autor da tese.

O Tempo em si não é uma criação do ser humano, mas a sua medição sim, produto do seu intelecto. Como este controle passa pela mente humana, que é diversa, sempre poderá surgir algo que o beneficie ou que o prejudique, podendo trazer situações constrangedoras ou maléficas, como a que estamos tratando, do Tempo não como uma doença propriamente dita, mas como um sintoma da modernidade, tais como: a utilização do Tempo atrelado ao uso das revoluções tecnológicas, como por exemplo a internet, trazendo a necessidade de se acelerar, de ganhar tempo, de se alimentar mais rápido, objetivando a economia de Tempo numa refeição, e assim, em teoria, ter mais Tempo para outra tarefa.

Contudo, teorias mais recentes, dentro do estudo da Física, têm destacado que:

O espaço e o tempo são tradicionalmente considerados como o fundamento do universo. Mas uma nova pesquisa sugere que podem não ser fundamentais: em vez disso, o espaço-tempo pode ser uma propriedade emergente de uma realidade mais básica. Essa ideia vem de duas teorias que tentam fazer a ponte entre a relatividade geral e a mecânica-quântica. A primeira, teoria das cordas, reformula partículas subatômicas como pequenos laços de corda vibrante. A segunda, a gravidade quântica em *loop*, prevê que o espaço-tempo seja dividido em pedaços, que se combinam para criar um *continuum* aparentemente suave. (Becker, 2022, p.30).

Assim, todas essas explicações acima sobre o que venha a ser o Tempo, dentro de qualquer contexto, formam uma comprovação de que a multidisciplinaridade é uma realidade dentro da sua classificação. Tentar defini-lo dentro de um só contexto, não é mais possível, por provocar um reducionismo referente ao amplo tema.

Desse modo, pressa, velocidade e aceleração transformaram-se em sintomas do mundo globalizado, pois elas são perceptíveis nos continentes e como não adivinhar a influência “nefasta da corrida às performances técnicas (...) a aceleração se faz sentir mais pesadamente que o trabalho propriamente dito, a pressa crescente é um sintoma da transmutação do mundo em números” (Virilio, 1999, p. 83), numa conta que já se assume como parte do cotidiano das pessoas, onde ganhar Tempo é tão premente quanto ganhar dinheiro. Mas não se fala em “ganhar” vida, e ganhar Tempo nem sempre significa realmente um ganho, pois pode acarretar somente a vantagem de alguns segundos que ilusoriamente podem dar uma sensação de proveito. Nesse momento, destacamos o uso da informática como um acelerador da sensação do ganho de Tempo.

Entretanto, essa ansiedade pelo Tempo não é um fato novo, pois, “até mesmo em 1964, a revista americana *Life* alertava para um excesso massivo de tempo, iminente na sociedade moderna, que traria consigo problemas psicológicos graves.” (Rosa, 2019, p. LIII), o que se concretizaria na globalização atual, podendo na prática dar a sensação de

que o tempo passa rápido ou devagar, mas que é somente uma impressão decorrente do estado psicológico.

Em pesquisa realizada pelo psicólogo John Wearden, da Universidade de Keele, na Inglaterra e publicada em forma de artigo sob o título “*The Psychology of Time Perception*”, em 2016 (Burdick, 2020, p. 263), o Tempo acelera quando as pessoas estão ocupadas e retardam quando se sentem entediadas, evidenciando um sintoma psicológico advindo da consciência humana – própria do *dasein*- sobre o Tempo.

Figura 8: O Tempo Passa Rápido



Jornal O Globo, 02/09/2023.

Porém, a afetação do Tempo (Figura 8) no mundo globalizado vai direcionando os seus tentáculos para diversos caminhos e a influência da informatização pode alterar ainda mais esse estado emocional das pessoas.

Logo, tratado desta forma, a junção Tempo e informática são traduzidos por Paul Virílio como a “Bomba Informática” (1999), em que a aceleração se faz sentir mais pesadamente que o trabalho propriamente dito, onde a pressa crescente é um sintoma da transmutação do mundo em números (Virilio, 1999, p. 83), o que coloca em xeque a natureza e as consequências do progresso sobre o nosso presente e futuro.

Para se ter uma ideia de como o autor acima trata dessa bomba moderna do mundo globalizado, veja-se o seguinte:

Depois da primeira bomba, a bomba *atômica* capaz de desintegrar a matéria pela energia da radioatividade, surge neste fim de milênio o espectro da segunda bomba, a *bomba informática*, capaz de desintegrar a paz das nações pela inter-atividade da informação. (Virilio, 1999, p. 65).

Mas seria mesmo possível, por exemplo, uma hecatombe mundial e social ser causada pela informatização da informação? Acreditamos que a resposta somente virá com o próprio tempo, mas que estamos presentes a uma espécie de entropia nos

costumes causados pela informatização da vida, não há dúvida que essa alteração está em forte andamento.

Ainda assim, percebe-se o valor da informação e o seu poder construtivo e destrutivo, principalmente quando se utiliza as *fakenews*, ou desinformação, esta sim, capaz de destruir a paz reinante.

Mas essa bomba da informática não se refere somente à utilização da internet, quanto a informatização como um todo, pois a partir do final do século XX, a sua utilização trouxe, não somente benefícios, mas também acarretou, talvez não tão perceptível, uma mudança na utilização do Tempo, trazendo consigo uma velocidade e conseqüente aceleração nas relações sociais, havendo um ganho excepcional de Tempo.

Vejamos alguns exemplos colhidos por meio da observação diária dos costumes, em que não somente a partir da informática, mas tendo em vista a aceleração das conquistas realizadas numa seqüência progressiva de melhorias que acarretaram uma mudança de comportamento através da utilização do Tempo, a seguir:

- Envio de mensagens - na década de 1950, uma carta demorava pelo menos duas semanas para chegar ao seu destino, considerando-se, dois estados, um remetente e o outro destinatário. Hoje há uma mudança profunda com a utilização dos *e-mails*, incluindo a comunicação em redes sociais (por exemplo o antigo *orkut* até chegar ao *whatsapp*), em que o envio de uma mensagem é imediato, pois dura não mais que alguns poucos segundos para chegar ao seu destino, havendo uma grande diminuição de Tempo em relação ao envio de uma carta convencional;
- Rodovias - devido à construção das rodovias, uma viagem feita de carro, considerando-se o espaço a ser percorrido, há um ganho excepcional de tempo;
- Roupas pré-fabricadas - a partir da moda *prêt-à-porter*, dispensando a ida a costureiras e alfaiates e o aguardo pela conclusão de uma roupa, o sistema das roupas pré-fabricadas passou a ser um processo rápido e prático. Atualmente, é possível realizar compras de roupas e calçados pela internet, sem “gastar” o Tempo de deslocamento para uma loja. Aliás, as novas gerações talvez nem conheçam o significado da palavra alfaiate;

- Agricultura – diante da utilização das máquinas colhedoras (que fazem em pouco Tempo o trabalho de muitos agricultores), a agricultura teve um ganho de Tempo com as máquinas apesar de ter causado desemprego no setor. Os painéis dessas máquinas e tratores são informatizados, portanto, seus condutores – não simples pilotos- recebem treinamento específico para a utilização dos equipamentos;

- Alimentação - o ramo de *fast-food*, com alimentos de preparo rápido, são apresentados como solução para a realização de refeições em curto espaço de Tempo;

- Esportes - nesse item, a priorização em relação à aceleração se faz presente. Vejamos, por exemplo, as competições automobilísticas, em que recordes em pistas estão sendo quebrados constantemente;

- Medicina - há melhoria na recuperação de dados do paciente através da informática médica (Carolina, 2023). Com relação ao uso da informatização em cirurgias, já se registrou melhor controle de Tempo em salas de operação, com melhorias efetivas para a enfermagem, anestesia e a cirurgia propriamente dita. Destaca-se o uso da robótica em específicas cirurgias (Cologna *et all.*, 1996).

Assim, esses exemplos acima fornecem um painel diverso acerca da dupla: informatização e Tempo. Apesar de estarem sendo enfocados seus efeitos anômalos, se constatou em todos eles um ganho significativo do Tempo em cada uma das atividades, evidenciado o que Paul Virilio demonstrou na apresentação da bomba da informática e da dromologia, pois, uma vez que haja uma superutilização desses recursos e seu constate ganho significativo de Tempo, se percebe que não há mais uma volta aos Tempos anteriores.

Enfim, não há espaço para o formato analógico, pois a informatização proporciona mudanças em que não visa o retrocesso, se caracterizando em obter ganhos para utilizar o Tempo conforme a conveniência de cada um. O Tempo ganho é o objetivo do mundo, ele não está mais localizado e sim, globalizado.

Diante dessa perspectiva, constata-se que a globalização, traz em si o novo:

incontornável, indispensável e inevitável; não há um caminho que escape do novo, pois tal caminho seria também novo. Não há possibilidade de quebrar a regra do novo, pois uma tal ruptura é exatamente o exigido (...) a exigência de inovação é a única realidade... (Rosa, 2019, XX),

Portanto, para esse novo, não há retorno, pois há uma espécie de junção entre globalização e informatização que faz com que o mundo, globo terrestre, respire um ar, não de oxigênio, mas de inovação tecnológica, que se traduz em ganho no futuro. Talvez se esteja extrapolando, mas tão necessário quanto coisas básicas como ar, alimento e vestimenta.

Essa mundialização traz em si “uma dimensão oculta da revolução das comunicações que afeta a duração, o tempo vivido de nossas sociedades” (Virilio, 1993, p. 106), formando talvez uma classe do Tempo, um buraco nele, o real da transmissão instantânea dos acontecimentos atuais. Um forte exemplo foi a Guerra do Golfo em 1991, pois teve transmissão ao vivo, fazendo assim a tradução em Tempo real, o que hoje está presente em alguns programas de *reality shows*, instantânea quando acontece a ação, em que:

assistimos ao surgimento de um último tipo de transparência: a transparência das aparências transmitidas instantaneamente à distância, trans-aparência que vem completar a transparência, natural (...) ocasionando ao mesmo tempo uma espécie de duplicação estereoscópica das aparências sensíveis, da representação do mundo ... (Virilio, 1993, p. 102),

Essa informação pode ser traduzida como uma nova guerra, talvez mundial e não somente informática – a bomba informática - mas uma guerra da informação de palavras, de imagens paradas e em movimento, de sons que vêm até as nossas casas, e:

no domínio da guerra da informação tudo é, pois, hipotético, e da mesma maneira que a informação e a desinformação se tornaram indistinguíveis, o ataque ou o simples acidente agora também o são (...). Nem por isso a mensagem é *embaralhada*, como ainda não o era no caso das contra-medidas da guerra eletrônica: ela tornou-se cibernética. Isso significa que a “informação” é menos o conteúdo explícito que a rapidez de seu *feedback*. (Virilio, 1999, p. 137),

Nessa bomba informática, os campos informação e desinformação tornam-se ambíguos, quase impossível de serem distinguidos. Porém, nessa bomba, por meio da rapidez da sua informação, não sobra Tempo para se chegar ao seu nível de veracidade, pois, o receptor da mensagem a entende como real e verdadeira, sendo essas (emissão e recepção) binômios da nova estrutura informacional.

Dessa forma, subentendidos como um novo mal dos séculos XX e XXI, chega a todos como um torpedeamento de informação em que Tempo e informação, dentro dessa patologia dromológica, são um novo binômio, não mais o tradicionalismo do Tempo e espaço. Tal fenômeno se dá num estado pós-moderno.

Portanto, os espaços da realidade virtual e a sua devida transmissão, podemos dizer, *just in time*, *breakingnews*, ou em cima da hora da perspectiva eletrônica, são

como que uma espessura ótica, e auditiva do Tempo da luz, e a sua devida ampliação visual exige uma superação que vai além da perspectiva geográfica, mas firma-se através da nova perspectiva da eletrônica informatizada e temporal: “é um tempo real de emissão e recepção instantânea dos sinais de áudio e vídeo” (Virilio, 1993, p. 102).

Essa transmissão ultrapassa as suas estéticas possíveis, pois, para o internauta, o que de fato o interessa é a instantaneidade, ele precisa ser saciado na sua fome de informação do *show* telemático, da “água” virtualizada e que, em alguns casos, os sistemas de transmissão permitem que sejam gravados domesticamente para que possam ser revistos, pois ele, o usuário “necessita” estar atento aos mínimos detalhes daquilo que considera imprescindível no mundo, do que é importante para estar bem informado ou simplesmente entender o sistema como um todo, que deve ser tido como uma nova forma de lazer.

Mas, essa temporalização também está na composição do próprio fenômeno do Tempo, pois o Tempo da presença do aqui e agora “é aquele da telepresença à distância”, mais real (Virilio, 1993, p. 103), não é somente aquele vivenciado diretamente com os componentes do seu meio social, ele não é uma simples pessoa fisicamente, mas sim, um ser telemático, não é um autômato. Destacamos, nesse momento, pessoas que se tornam totalmente viciadas nos novos meios eletrônicos, como aparelhos celulares e jogos informáticos, havendo quanto a estes os *on-line* e os que permitem a interação do *player*, e o termo será mesmo em inglês, pois é como alguns se autodenominam.

Desta forma, é sabido, por meio dos meios de comunicação de pessoas que ultrapassam o limite do lazer desses jogos e se deixam levar até por mais de 20 horas, num ritmo incessante, não levando em conta ou não percebendo a passagem do Tempo⁴², como já relatado neste capítulo quanto à passagem rápida ou lenta do Tempo, apresentando-se essa como um novo indício sintomático, de natureza psicológica e assíncrono com a realidade, um malefício vindo da perda da noção de Tempo através do mal uso dos recursos informatizados.

A perspectiva do real se perde na própria realidade do seu presente, no fluir do instante, o que interessa é o agora do momento da atuação. Mergulhados no Tempo da presença do aqui e agora e aquele da telepresença à distância, ele – o *player/user* - está no mundo sob uma nova perspectiva, em que:

⁴² Sobre este caso, ver reportagem em: <https://recordtv.r7.com/hoje-em-dia/videos/depois-de-passar-20-horas-jogando-videogame-jovem-e-internado-02112022>. Acesso em 12 fev. 2024.

precisamos imperativamente questionar a característica *estereoscópica* não somente do *relevo das aparências* e da terceira dimensão espacial, mas sobretudo da quarta dimensão, o relevo temporal gerado desta vez pelo desdobramento entre as proximidades espacial e temporal, o relevo de um mundo a partir de agora superexposto à eletro-ótica de sua profundidade de campo (Virilio, 1993, p, 103),

Diante do exposto, ele mesmo pode ser parte atuante deste mundo virtual e real, como acontece nos *shows* de transmissão instantânea através das *webcams*, recurso que será comentado agora. Como exemplo dessa situação, veja-se o que aconteceu na ficção, através do filme “Tron” (1982), direção de Steven Lisberger, em que um jovem jogador é engolido pela tela do computador e passa a ser um personagem do jogo, participe da ação, mas fica preso para sempre, não podendo mais retornar para a realidade.

Deste modo, e de volta à nossa realidade, algumas câmeras de vídeo são instaladas pelo mundo todo, seja como meio panóptico de vigilância ou como um *reality-show*, com transmissão direta, pela *Internet* ou não, mas que proporcionam a visualização *on-line* de fatos que se sucedem de forma direta, “decorrente do uso da velocidade-limite das ondas, e que transforma a antiga “tele-visão” em uma grande ÓTICA PLANETÁRIA” (Virilio, 1999, p.19).

Trata-se de mais um ingrediente da globalização, que se dá na era não somente da industrialização geral e da informática, mas também na guerra da informação, em que, nesta acontece, de forma “hipotética (...) a informação e a desinformação se tornaram indistinguíveis” (Virilio, 1999, p. 137), em um sobre posicionamento de significados.

Porém, trazemos aqui o esclarecimento de que este livro - “A Bomba Informática” - foi escrito no final do séc. XX, quando desinformação e *fake news* ainda não eram tão utilizados – ou divulgados - quanto nos dias atuais, e no início do séc. XXI, há uma predisposição dos meios de comunicação para distinguir o que seja verdade ou mentira, haja visto que nesses meios de circulação da notícia nos diversos setores têm a seu serviço e do público em geral os programas denominados “Fato ou *Fake*”. Virilio trata de desinformação e não, *fake news*.

Mas todo esse desenrolar de sons e imagens em Tempo instantâneo se dão, de forma conjunta com a interatividade, a imediatez e a ubiquidade do momento, e este é sim o perfeito presentismo, com os fatos se dando de modo *just in time* e a emissão e recepção se dão em Tempo real, unindo velocidade e aceleração, dando adeus ao antigo e agora ultrapassado *vídeo-tape*, recurso de filmagem em que o passado ficava

guardado, de *stand by*, pronto para ser usado como uma *mnemosyne*, a deusa da memória. (Bulfinch, 1999, p. 15).

O *show da webcam* faz com que os internautas vivenciem a transmissão direta, num presentismo estendido, pois através dos circuitos de transmissão a intimidade de todos é transmitida, transformando essas câmeras num “voyeurismo mundial” (Virilio, 1999, p. 23), fazendo com que a tripartição de passado, presente e futuro ceda lugar ao imediatismo, da telepresença ao acontecimento numa espécie de outra dimensão ou dimensão paralela, perdendo a significação da presença efetiva, em detrimento de um conceito audiovisual da telepresença do Tempo real, mas que se trata também da ressignificação do que venha a ser distância e do que seja espaço, pois que este perde lugar para o Tempo e a sua aceleração multimídia, digital e globalizante.

Esse encurtamento da distância, da transmissão instantânea, faz-nos lembrar, pelo menos para quem viveu a década de 1960, por exemplo, em que a transmissão da notícia, mesmo nos pioneiros canais de televisão, se dava somente com o som, pois a imagem não tinha a mesma velocidade da transmissão, ou quando muito usava-se o *vídeo-tape*. Era a voz do locutor e a imagem parada da pessoa ou lugar comentado, recurso meramente ilustrativo.

Nos dias de hoje, vimos pelos meios de comunicação a transmissão imediata de efemérides esportivas, de transmissão de governos e até mesmo de invasão de territórios, como já abordado sobre a Guerra do Golfo Pérsico, na década de 1990. A exemplo disso, vivenciamos, em janeiro de 2023, a invasão e depredação dos prédios dos Três Poderes em Brasília, através da transmissão simultânea, em que a falta de civilidade se transformou em show televisivo, no momento do acontecimento. E o que representam esses episódios, dentro do contexto dessa pesquisa, senão o encurtamento do Tempo e da distância, de modo simultâneo, em que “quanto mais se eliminam as distâncias de tempo, mais a imagem do espaço se dilata “ (Virilio, 1999 p. 19) e “não existe mais aqui, tudo é agora” (Virilio, 1999, p. 121).

Tais situações podem levar a uma nova compreensão do que venha a ser Tempo e espaço, não mais em definições rígidas de classificação de vocábulos, mas de entendimento de um novo cenário, de uma nova realidade, dentro da globalização e da informatização, quando chega um momento em que velocidade e aceleração estão carregados de universalidade entre si, mas que a segunda revela uma nova verdade, uma nova realidade, e a “pressa crescente é um sintoma da transmutação do mundo em números” (Virilio, 1999, p. 83).

Dessa forma, a imagem da televisão tem de ser instantânea, o envio de uma mensagem pelo *whatsapp* tem de ser lido no momento em que se clica a seta direcionada para a direita, a refeição tem de ser consumida em questão de minutos, e em contrapartida, a vida e o seu prazer de viver ficam relegados a um segundo plano, a reflexão deixa de ser pensamento para ser somente aceleração de uma opinião, o espelho, mero refletor de um momento de uma repetição de outros momentos aceleratórios.

Porém, antes, de mudar para o sinônimo da velocidade, Virílio adverte que:

a poluição dromosférica é aquela que atinge a vivacidade do sujeito, a mobilidade do objeto, atrofiando o trajeto ao ponto de torná-lo útil (...) resultando ao mesmo tempo da perda do corpo locomotor do passageiro, do telespectador e da perda desta terra firme, deste grande solo, terreno de aventura e de identidade do ser no mundo (Virilio, 1993, p. 115),

Assim, nos faz pensar que toda essa aceleração transforma a vida em desequilíbrio, mas de forma aritmética.

Nesse modo, um dos itens mais prementes quanto à sua velocidade, estão as das mensagens eletrônicas, em que a brevidade está no seu cerne e a aceleração tecnológica, “operou, em primeiro lugar, a transferência da escrita para a palavra falada – da carta e do livro para o telefone e para o rádio... – hoje é a palavra que logicamente perece diante da instantaneidade da imagem em tempo real” (Virilio, 1999, 73), e essa palavra transmutada transforma-se num conjunto heterogêneo com a imagem e com a pressa de viver (Figura 9), fazendo com que o relógio seja um propulsor dos compromissos assumidos e a assumir.

Figura 9: Tudo ao mesmo Tempo



Fonte: <https://www.maispb.com.br/567365/nao-adianta-tanta-pressa-3.html>

Logo, essa velocidade e aceleração tornam-se inerentes à ação humana atual, pois são agora vistas como elementos próprios da chamada vida moderna, transpassando-se para qualquer campo de atuação, como visto acima.

Portanto, a aceleração não é produto da modernidade, ainda que ela esteja ligada à ação e dela participe. Mas a característica:

mais marcante da segunda metade do século XIX é a rapidez – a pressa que a satisfaz, a velocidade em que nos movimentamos, a alta pressão que trabalhamos -, e vale, primeiramente, refletir se essa alta velocidade é algo bom e, em segundo lugar, se ela vale o preço que pagamos – um preço que só podemos estimar e dificilmente definir de maneira segura. (Rosa, 2019, p. 81).

É vivenciada como um dogma, pois traz no seu bojo um lado bom e outro lado, que pode ser classificado como ruim. Uma outra grande característica dessa rapidez é a sua conjugação com as tecnologias aceleratórias, que se apresentam com três conclusões sistemáticas, segundo Hartmut Rosa (Rosa, p. 82-84):

- O processo tecnológico não ocorre de modo linear uniforme, mas em saltos – aritmeticamente - de modo que sempre encontra obstáculos que podem retardá-lo, interrompê-lo e, por vezes, até inverter o seu sentido;
- Um impulso aceleratório da técnica é quase sempre seguido pelo estabelecimento de um discurso aceleratório-desaceleratório, no qual o apelo à desaceleração e à nostalgia pelo “mundo lento”, superam, em geral, o entusiasmo pelo ganho da velocidade (e consequentemente afetando o tempo);
- Por terceiro, apesar da hegemonia dos desaceleradores da alta cultura (...) terminou-se com a vitória dos aceleradores, ou seja, com a introdução e a implantação de novas tecnologias (...) a marcha triunfal das tecnologias da aceleração é flanqueada por uma cultura popular entusiasmada com a velocidade (Rosa, 2019, pp. 83/84).

Porém, este sociólogo, melhor exemplifica as três dimensões da aceleração, que se subdivide em: técnica; da mudança social, e a do ritmo de vida, as quais passamos a relatar.

A) Aceleração Técnica (Rosa, 2019, p.141)

Fortemente movida pelo uso da tecnologia, principalmente nos transportes, comunicação e na produção de bens e serviços, em que nos primeiros faz uma linha cronológica, por exemplo, das viagens a pé e a cavalo, passando pelos transportes, como carros cada vez mais rápidos e aviões. Desse modo, permitiu-se que

a velocidade da produção, aumentada constantemente, ainda de mãos dadas com o aumento das velocidades de distribuição e consumo, impulsionados por transformações tecnológicas, são corresponsáveis pela reprodução e transformação, em cada vez menos tempo, das estruturas materiais da sociedade moderna. (Rosa, 2019, p. 146).

Dessa maneira, evidenciando que velocidade e aceleração caminham de mãos dadas na Modernidade, indo também para a aceleração de “processos organizacionais, decisão, coordenação e controle” (Rosa, 2019, p. 146).

B) Aceleração da mudança social (Rosa, 2019, p. 147)

Esta também afetada pelo progresso tecnológico, alterando os seus estatutos e práticas de relacionamento social, onde “a aceleração da transformação social se refere à velocidade na qual, de um lado, práticas e orientações de ação, e de outro, estruturas associativas e modelos de relações se modificam” (Rosa, 2019, p. 147), onde esses índices transformam-se, modificam-se em si mesmos, se auto-acelerando, mas havendo a possibilidade de ocorrência de “dessincronização (...) em uma comparação do ritmo de vida pessoal com a velocidade das mudanças políticas (...) enquanto o ritmo de vida deve ser considerado como uma das três formas básicas de aceleração social” (Rosa, 2019, p. 150), o que, na ordem pragmática, altera o ritmo da vida nas sociedades modernas.

C) A aceleração do ritmo da vida (Rosa, 2019, p. 154)

Dessa forma de aceleração, a que mais afeta a vida em sociedade, inclusive com sintoma patológico resultante do ritmo frenético que essa tipologia faz ao urgir maior ganho de tempo. Ela – a aceleração – pode ser definida por componentes objetivos e subjetivos, onde:

implica um encurtamento ou um adensamento de episódios de ação que podem ser verificados principalmente através de estudos de uso do tempo (...) a diminuição da duração das refeições, do sono ou do tempo médio de comunicação na família (...) reduzir o intervalo de tempo entre uma atividade e o início de outra (...) a sobreposição, ou seja, execução simultânea de várias atividades (*multitasking*), possibilitando um cumprimento mais rápido da sua totalidade. (Rosa, 2019, pp. 155-156).

Já o segundo componente da aceleração do ritmo da vida, os subjetivos, alcança intensificação do escasseamento de recursos temporais, traduzindo-se em que o aumento quantitativo de ações ultrapassa o limite técnico da própria velocidade. Há, na realidade o fato de que esse rareamento de recursos temporais apresentam a principal veia para uma sensação, aqui já abordada por Alan Burdick (2020, p. 340), de que o Tempo passa rápido. Há uma “luta” contra o Tempo, para que ele ofereça mais rendimento a fim de que se possa concluir determinada tarefa:

habitantes de países industrializados ricos sentem-se em crescente proporção sob pressão temporal (...) e reclamam sobre a falta de tempo (...) essa experiência temporal acompanha a sociedade moderna (...) não comprova que o ritmo de vida

na modernidade “sempre foi intenso, mas indica que ele se acelera continuamente. (Rosa, 2019, p. 157).

Nesse contexto, Paul Virilio visualiza que o progresso “tecnocientífico irá dinamitar todos os prazos, toda duração e (...) que a história iria se abrir a um novo tempo, um ritmo que deveria, num futuro próximo, se acelerar até o máximo” (Virilio, 1999, p. 113), e assim, constata-se que tais apontamentos são conclusos quanto aos efeitos, benéficos – em alguns casos, maléficos - do tempo em relação à aceleração, demonstrando assim a transmutação do espaço em detrimento do Tempo, como também presente na visão de Paul Virilio.

Além disso, essas formas de aceleração contribuem para que o nosso relacionamento com o próprio Tempo se transforme em: aceleração do transporte (relação com o espaço); aceleração da produção (relação com as coisas), e aceleração da comunicação (relação com a sociedade), todas três acelerações relacionadas com o Tempo, (Rosa, 2019, p. 203), de formas específicas, seguindo uma lógica geral, caracterizada pelo processo de modernização como um todo, e “tornam-se transitórias, rapidamente mutáveis e contingentes” (Rosa, 2019, p. 191).

A transformação com os transportes altera a relação entre pessoas e espaços limitados; a aceleração da comunicação tende a conectar todos a todos os lugares e em todos os momentos e, por fim, a aceleração da produção representa a alteração das estruturas que nos cercam, como a produção de bens e serviços. Assim, essas três alterações/acelerações tendem a influir no relacionamento espaço temporal das sociedades modernas, num fluxo contínuo de movimento e de retroalimento na sua proporcionalidade ou desproporcionalidade (Rosa, 2019, p. 203).

Essa pressa pode ser traduzida na aceleração como ponto de partida de ganho de Tempo, ou de diminuição da utilização do Tempo, como bem estudado na publicação *Aceleração* (2019), de Hartmut Rosa (1957), do qual alguns argumentos são entendidos como uma continuidade ao pensamento de Paul Virilio.

Ainda assim, segundo Virílio, a “aceleração se faz sentir mais pesadamente que o trabalho propriamente dito, a pressa crescente é um sintoma da transmutação do mundo em termos quantificáveis” (Virilio, 1999, p.83), formando um binômio, no qual um está relacionado ao outro, sendo a aceleração uma característica não somente do mundo atual, mas uma complementação do outro, auxiliados pelos então fenômenos Tempo e espaço, este internacionalizando-se e o primeiro sempre presente, mas este na

sua característica amorfa que faz-se sentir no fluir do próprio Tempo e das atividades cotidianas. E como classificar a aceleração ? Esta pode ser compreendida:

como sintoma e consequência da circunstância de serem as sociedades modernas capazes de se estabilizar apenas dinamicamente, de serem sistemática e estruturalmente dispostas a crescer, transformar-se e acelerar-se sempre mais para poder conservar sua estrutura e estabilidade (Rosa, 2019, X).

Assim, as sociedades modernas não estariam somente apresentando um sintoma de centro nervoso de cunho social, mas sim, estruturando-se ante as necessidades prementes em que elas se situam através de perpassarem pelos movimentos pendulares que atravessam por meio de seus esforços em estarem de acordo com as mudanças inerentes ao passar do Tempo, ao gosto do comportamento social, econômico e histórico que toda sociedade está fadada a passar. (Rosa, 2019, X).

E a globalização, aceleração e pressa de Tempo vêm acompanhando as sociedades desde a sua estruturação como ente social organizada, levando a um estado de modernização:

que deve ser conceituada, antes de tudo, como transformação processual (...), um processo (em maior ou menor medida direcional) que se apresenta como transformação cujo cerne encerra em si, por regra, contínua diferenciação social, racionalização, individualização ou domesticação (Rosa, 2019, XI).

Portanto, ela está envolvida numa problemática evolutiva de diferentes camadas sociais, interesses pessoais e institucionais, medidas de cientificação para racionalizar a sua estrutura como um ser orgânico que urge por uma propensão organizativa, mas que ao mesmo Tempo esteja num ambiente educacional ou de domesticação que lhe proporcione caminhos diversos para a sua estrutura como componente de um organismo vivo, livre, moderno e exequível. Ou como bem explica o autor acima:

A tríade crescimento, aceleração e adensamento de inovações deixa-se compreender enquanto dimensão temporal (aceleração), material factual (crescimento) e social (adensamento de inovações) de um único processo de dinamização, que, por sua vez, pode ser definido como aumento quantitativo de tempo (Rosa, 2019, X).

Essa quantificação abrangente, privilegia a própria dimensão temporal, sobrepondo-se ao espaço, sem contudo, separar-se deste, pois o crescimento quase que inevitável das sociedades modernas revela-se uma consequência problemática da sua estabilização dinâmica e mutável, considerando-se o seu espaço geográfico e a ação que se dá dentro da esfera do Tempo da estrutura da velocidade econômica, comercial, industrial e sociológica em que está inserida, mas que a cria e da qual é parte da sua têmpera.

Essa característica pelo Tempo nas sociedades é o resultado de vários agentes atuando dentro do contexto social, inclusive o transporte nas sociedades globalizadas, já que estes sempre foram a marca da história da sociedade moderna, na sua febre pelo Tempo que não pode ser perdido, pelo contrário, tem de ser mais racionalizado, domesticado para melhor servir aos seus fins. Aliás,

os transportes e as viagens foram campos de mudança particularmente rápida e radical (...) o progresso não resultou apenas da multiplicação do número de diligências, mas da invenção e produção em massa de meios de transporte inteiramente novos – trens, automóveis e aviões (...) dentre todos os fatores técnicos da mobilidade, um papel particularmente foi desempenhado pelo transporte da informação (Bauman, 1999, p. 21).

Não somente desses meios citados por propulsores da aceleração, mas também advindos das autoestradas que cortando caminhos possibilitaram viagens mais rápidas e mais eficientes, com conseqüente ganho de Tempo. Isso tudo favoreceu em muito a vida de quem tem de se locomover, ainda que não tenha de todo resolvido a problemática dos transportes nas sociedades modernas e agora globalizadas.

Nesse momento, cabe destacar o transporte da informação, item já foi comentado no início deste capítulo, inerente a todas às sociedades, fortifica cada vez mais o conceito de globalização, ou de eliminação das regionalidades.

Mas a globalização em si pode ter o:

Significado mais profundo (...) é o de caráter indeterminado, indisciplinado e de autopropulsão dos assuntos mundiais, a ausência de um centro, de um painel de controle, de uma comissão diretora, de um gabinete administrativo. A globalização é a nova desordem mundial (Bauman, 1999, p. 67).

Assim, diferencia-se da universalização, sendo a globalização mais estreita com os problemas de ordem mundial, não de uma normatização de usos e costumes. A globalização também trata dos mesmos, porém, segundo Bauman, não existe uma codificação, um estatuto que dite as normas de sua atuação e completude, ficando à deriva de cada parte. A globalização é aritmética.

Entretanto, ainda referente à globalização, sabemos que essas questões específicas do Tempo como horas, fuso horário, relatividade, absolutismo do Tempo estão todas inseridas num escopo maior que é o próprio Tempo, que, sem trocadilho, a todo Tempo sofre a influência da vida na sociedade como os acima elencados, como modernidade e aceleração, em que a primeira é “frequentemente compreendida como projeto epistêmico e normativo, ao qual se somam transformações nos padrões de legitimação e nas práticas sociais e culturais a ela conectadas” (Rosa, 2019, X).

Comutações que se acumulam e transformam na prática o costume da vida em sociedade, (e que aqui pretendemos demonstrar em como essa sociedade é alterada na sua rotina através desses fatos), resultando, entre outros, fenômenos comportamentais, a premente necessidade de se ganhar Tempo, ainda que o relógio mecânico não seja desacelerado, mas que essa premência aparece como uma das novas características do ser componente desta mesma sociedade moderna e globalizada, ainda que sem um código de atuação, mutação e atualização dos costumes.

Este sujeito da nova sociedade precisa de ter alguns itens básicos como: moradia, vestuário, alimentação, educação, interação social com os seus pares, mas também está envolto em outros escopos, ou até mesmo como uma nova norma, que seja a de lucrar com as efemérides sociais, tais como, o ganho de Tempo para mais adiante se dar conta de que, na realidade, está preso a um círculo vicioso de Tempo pelo Tempo, e em que não percebe que este é um só para todos, passa rápido nos momentos felizes e lento nos instantes modorrentos.

Assim, essa nova estrutura temporal da sociedade nos faz ter uma nova concepção desta coletividade que habitamos e que traz uma nova:

convicção de que todos os eventos, objetos e circunstâncias do mundo social são de natureza dinâmica ou processual e de que *tempo*, portanto representa uma categoria-chave para toda análise adequada tornou-se hoje quase um lugar-comum (...) e quase todos os fenômenos sociais “reconstroem-se temporalmente”, ou seja, podem ser reinscritos sob perspectivas temporais (Rosa, p. 1),

O que podemos traduzir que todas essas transmutações nas sociedades são inerentes à sua própria existência mutante e autômata e que faz surgir com essas alterações, novos quadros quase que imprescindíveis para que se possa respirar como sociedade que é, que se atenta às novas necessidades, se deixa levar na onda de suas vagas repetitivas, quer sejam econômicas ou de puros novos hábitos, ainda que dentro do mesmo habitual e limitado espaço, que não é de todo esquecido, mas fica relegado a um segundo plano, “o tempo real predomina sobre o espaço real da matéria” (Virilio, 1993, p. 104).

Ainda que um esteja ligado ao outro, este segundo é visto tão somente como um local da ação social e não como componente de um fenômeno que nos habituamos a conviver e talvez na tentativa infrutífera de dominá-lo, esta mesma sociedade não se apercebe que ela é que está sendo dominada por ele, que, inevitável “assiste” à passagem dos costumes, dos hábitos e de outras sociedades, em que ela está inserida.

Portanto, assiste aos hábitos do próprio homem, escravo de si, do Tempo no pequeno círculo em que habita de sua casa para o trabalho, nos horários tabelados pelos organismos culturais e, resumindo, vivem um dia para viver o dia seguinte: o seu presente, o seu futuro próximo, para depois lembrar-se do que fez no seu passado, exigindo ou buscando por um novo tempo ou um novo calendário, mas que deve atentar para o seguinte:

o ritmo, a velocidade, a duração e a sequência de nossas atividades e práticas raramente são determinados por nós mesmos enquanto atores individuais, mas sim quase sempre predeterminados pelos modelos temporais coletivos e pelas exigências de sincronização da sociedade (Virilio, 1993, p. 104).

Porém, Hartmut Rosa confirma já afirmara esse enunciado quando nos informa que:

ensaios de crítica à cultura protestam contra o fato de os indivíduos das sociedades ocidentais planejam seu tempo de forma rígida e sequenciada, ou seja, de que a duração de eventos e o resultado de atividades seguem um planejamento estabelecido de forma abstrata (...) essa prática temporal (...) não resulta de decisões individuais ou projetos de vida, mas surge quase obrigatoriamente do princípio estrutural da diferenciação funcional, segundo o qual as esferas sociais seguem, na sua lógica temporal, e os indivíduos estão apenas parcialmente incorporados nas respectivas áreas de trabalho, família, associação, igrejas, partidos, repartição pública etc. Assim, os indivíduos são forçados, sob pena de exclusão, a definir seu engajamento nas respectivas esferas sociais de forma exata e sequenciada, com a ajuda de planos horários, diários, semanais, mensais e anuais e sincronizá-los correspondentemente ao modelo específico de cada área. (Rosa, 2019, p. 20-21).

Mas, esta aparente convergência, trata-se de uma simbiose entre o indivíduo e a sociedade a qual ele está inserido, pois talvez, sem perceber ele atua sob a influência dos seus iguais e da sua comutação de necessidades com os componentes dessa mesma corporação de seres iguais a ele em necessidades e ideais, mas que atuam em função dessa modernidade que o serpenteia e ao mesmo tempo o entorpece de modos que clamam pela sua participação e como um sistema de tentativa de equilíbrio social, o chama para ser igual aos outros componentes nos gestos, nos novos hábitos e nas necessidades.

É como no dito popular, “tudo é para ontem”, pois não há a possibilidade de uma espera sem fim, de uma sala de espera e a próxima decisão, já que tudo é para agora, o momento presente exige não esperar muito pois o futuro está aí, apressado, e não se pode deixar para amanhã o que, acredita-se, terá de ser feito hoje, agora, pois o presente se esfuma no mesmo instante em que acontece, “o presente, ao contrário, não tem extensão” (Santo Agostinho, 2017, p. 321).

E a discussão acerca do Tempo em sociedade apresenta-se, claro em uma perspectiva própria da prática cotidiana das sociedades consideradas modernas, pois nestas há a prática da economia do Tempo numa proporção que só tende cada vez mais a crescer:

através da refinada implantação do planejamento organizacional e da técnica moderna, sem perder seu caráter de escassez. Pelo contrário, *quanto mais tempo economizamos, menos temos*, diz a instigante sabedoria popular (...) apesar de um alto volume quantitativo de “tempo livre”, no sentido de recursos temporais disponíveis que não têm que ser gastos com a execução de atividades produtivas ou reprodutivas importantes, cientistas sociais diagnosticam a sociedade contemporânea, como que passando por uma carência de tempo, (Rosa, 2019, 33-34).

A carência de Tempo se manifesta, a princípio, em vários níveis de exigência de não perda de Tempo, em que o acúmulo parece nunca satisfazer essa economia, ao contrário, há a necessidade de uma busca incessante de lucrar, ou ganhar Tempo, de se chegar primeiro e de ser o grande campeão do relógio, e para isso, podemos citar como exemplo, o campo da agricultura, em que pesquisas científicas procuram novas formas de se evitar perdas e de colher em Tempo recorde, fazendo uso de um calendário agrícola que seja eficaz no cultivo e colheita⁴³.

Porém, a citação de Hartmut Rosa, pode, na prática, por vezes tornar-se contraditória, nem sempre este “ganho” de Tempo é real, pois há um processo acumulativo em se querer mais e mais, ganhar Tempo e vantagem, se for o caso, o que faz lembrar o slogan da NASA: “Mais rápido, menor, mais barato” (Virilio, 1999, p. 68).

Assim, talvez tal ocorrência se dê pela dicotomia entre sincronização e dessincronização, o que, a princípio pode ser entendido como contraditório, entretanto, não podemos nos deixar levar pela primeira impressão, pois se o homem tenta acertar seus horários – traduzido aqui como uma parcela, ainda que mínima, de Tempo – ele precisa melhor se planejar e aplicar esse hipotético ganho, às vezes de segundos, numa outra atividade produtiva ou até mesmo de lazer.

Essa abordagem nos faz lembrar o que disse o sociólogo Domenico de Masi, em transformar esse Tempo livre em um “ócio criativo”, voltado para a atividade intelectual (Masi, 2000). Não se trata de uma opção à preguiça, como escreveu Paul Lavarge no seu livro “Direito à Preguiça” (1883), mas simplesmente de racionalização do Tempo.

⁴³ Sobre este assunto, há interessante artigo no site da Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural/EMPAER/MT: <https://www.empaer.mt.gov.br/-/8066843-calendario-agricola>. Acesso em 18 jun. 2024.

Logo, essa dessincronização estabelece-se, a princípio, em três bases: divergência entre o modelo planejado, institucionalizados e os modelos e perspectivas dos atores; há três horizontes de Tempo a guiar os atores (tempos cotidiano, biográfico e histórico), que podem tornar-se inconciliáveis, e por último, subsistemas sociais ou sistemas funcionais entre si, em que, tanto a economia, a ciência e a técnica teriam se tornado rápidos demais a ponto de impossibilitarem um controle político e jurídico das transformações sociais (Rosa, 2019, pp. 35-38).

Formando uma entropia social, ou um descompassado entre a intenção e o efetivado, mas que podemos entender como um dos sintomas das sociedades modernas, atingidas pela globalização, e tal resultado desse novo Tempo refere-se aos efeitos globais, podendo alcançar também, por outro lado aqueles não pretendidos e imprevistos (Bauman, 1999, p. 67) e que leve os componentes de uma sociedade a uma carência de Tempo.

Mas o que se compreende da leitura diária dos estatutos de uma sociedade organizada é que o Tempo em si é síncrono, e portanto não há Tempo em demasia ou em escassez, somente um planejamento feito em determinadas bases e o que efetivamente acontece na vida em comum, mas nem sempre correspondendo às expectativas criadas, e quando os diversos setores produtivos se encontram e trazem então um turbilhão de desejos e pretensões, gera-se a entropia sócio temporal, mas que é uma realidade que não pode ser negada ou escondida, visto que está aí a olhos abertos, porque o Tempo é e está presente e se há uma assincronia, onde tal fenômeno acontece unicamente pelo desejo do ser humano em dominar a natureza e em decorrência, o Tempo desvirtuado representa sintomas da modernidade e da sua aliada, a aceleração.

Mas apresenta uma característica já advinda do século XIX, que é a rapidez com que se processa a vida, os homens e seus ideais produtivos, recreativos, dimensionados em realizações pessoais e públicos, extensão essa que é o resultado do bem-estar comum, mas por vezes este traz em si reverses, em que:

a pressa, que satisfaz, a velocidade em que nos movimentamos, a alta pressão sob a qual trabalhamos, e vale, primeiramente, refletir se essa alta velocidade é algo bom, e, em segundo lugar, se ela vale o preço que pagamos – um preço que só podemos estimar e dificilmente definir de maneira segura (Rosa, 2019, p. 82),

A pressa nos leva a indagações, tais como: será que essa pressa realmente satisfaz? Será que não é somente mais uma ilusão com que nos enganamos numa falsa conquista? Esses apontamentos, tais como velocidade de movimentos, pressão no

trabalho, podem ser tidos como reflexos danosos que tendem, cada vez mais, a aumentar como uma cornucópia ao revés, que ao contrário desta não traz fartura de benefícios, mas antes, uma série de contratempos prejudiciais ao organismo mental humano.

E essas conclusões são apenas o que se mostra à primeira vista como sintomas do que aqui pretendemos demonstrar, ou seja, a patologia acarretada pela velocidade, pela aceleração e pela falsa ilusão de ganho de Tempo, e está também conjugado com o processo de dessincronização acima relatado, resultante da aceleração e do seu discurso, observável de forma tanto material quanto imaterial e, longe de serem inimagináveis ou não pensáveis, são previsíveis.

No entanto, sem dúvida, há, entre esse discurso e a realidade em que vivemos uma grande relação de interdependência, pois a suposição de que a aceleração seria um mero fenômeno de discurso sem fundamento na experiência material - aqui entendida como vida real - é uma interpretação errônea e até mesmo refutável através de evidências empíricas, pois: um impulso “aceleratório da técnica é quase sempre seguido pelo estabelecimento de um discurso aceleratório-desaceleratório, no qual o apelo à desaceleração e à nostalgia pelo “mundo lento” - superam, em geral, o entusiasmo pelo ganho da velocidade” (Rosa, p. 83).

Nessa suposta nostalgia, fica então evidente que os vários estudos realizados por grandes pensadores como Paul Virilio, Hartmut Rosa e Zygmunt Bauman exercem um caráter de grande importância para esses fenômenos aqui apresentados e mais, tais considerações podem servir de prenúncio para outros acontecimentos da constante modernização e aplicação do próprio Tempo em si, pois a discussão sobre o conceito deste é grande e é sinônimo em que alguns fenômenos naturais não podem passar despercebidos pelas sociedades.

Porém, antes devem ser averiguados e servir como fonte de estudo não somente dentro de ciências como a física, mas também das sociologia e da própria psicologia, pois o Tempo, que entendemos não ter fim, um ente matemático, relativo, multidisciplinar é também absoluto, no sentido de que não há expectativa do seu fim e de que não há substitutivo para ele, tão somente é um recurso o qual a sociedade dispõe para sua pretensa organização e é cada vez mais, objeto de estudos quanto ao seu significado, que já no século XXI:

começa a perder seu caráter orientacional e unilinear, pois o conjunto de sequências e cronologias parece se dissolver progressivamente. E isto é ilustrado em cinco exemplos: 1) na Internet há diversas informações e dados em diferentes momentos, sobre diferentes épocas, impossibilitando sistematicamente a orientação temporal ao deixarem surgir um modelo

caleidoscópico e fragmentário no lugar de cronologias ordenadas e estáveis. 2) Da mesma maneira, as formas de comunicação contemporâneas e assíncronas (e-mail, secretária eletrônica, redes sociais) possibilitam “destemporalizar” a comunicação. 3) O mesmo vale para o marcante princípio estilístico da Pós-modernidade cultural, que na arte, arquitetura, moda e estilo de vida, e até mesmo na política, e na ciência, coloca lado a lado e conecta variadamente, com a mesma validade, elementos de épocas distintas. 4) No palco da política internacional, assim como no plano da vida cotidiana, ocorrem sequencial e paralelamente eventos e episódios que parecem pertencer a diferentes épocas da história mundial em uma sequência aparentemente casual. 5) Por fim, a era biológica perde sua função de ordenação sequencial com relação ao curso da vida: fase de aperfeiçoamento técnico pode se alternar com períodos de vínculo profissional; a paternidade e a maternidade são possíveis mesmo em uma idade mais avançada e até durante a aposentadoria; a vida de solteiro pode vir após uma vida conjugal etc. (Rosa, 2019, p.199-201, com adaptação).

A partir desses cinco exemplos, tentaremos explanar sobre o possível significado, de forma talvez mais prática a situação de cada um. Mas antes, uma exposição mais genérica, pois nos itens elencados há, na visão de Hartmut Rosa uma compreensão de que todas essas formas temporais estão, cada uma dentro do seu campo, desestruturadas com uma apresentação linear de Tempo, pois com a informatização da comunicação, particularmente com a internet, não há, raros casos, uma apresentação mais metódica sobre esses mesmos campos, pois o que se vê é uma retórica em que o Tempo não está distribuído sistematicamente, mas simplesmente apresenta-se de forma aleatória.

Assim, no primeiro exemplo – Internet - em que a apresentação de dados de diversas épocas históricas são relatados, não há uma ordenação mais complexa e linear, o que, de fato, segue ser quase impossível de se apresentar essa ordenação sequencial, já que cada site expõe um determinado fato conforme a sua predileção e interesse, pois seu *status* de, vamos considerar assim, *mass media*, afora o missão de informar, está também a de vender a sua imagem, o seu produto e/ou a sua ideologia, seja ela política, social, histórica ou até mesmo quanto a interesses velados, que por qualquer motivo não deva estar explicitamente exposto.

Além disso, essa possível desorientação temporal-sequencial encontra uma correlatividade na diversidade cultural em vários artigos sobre a produção de filmes, vídeos e televisão, em que, nestes, a ordem temporal cronológica-sequencial-linear e narrativa das suas imagens e mensagens são substituídas por uma espécie de associação e sobreposição caleidoscópica, distorcendo assim, os elementos espacial e temporal, dando lugar mais a sua pretensão mercadológica do que informativa.

Já no segundo exemplo – comunicação contemporânea - há uma pré-disposição à destemporalização do próprio Tempo, em que as conexões de comunicação são postas/apresentadas de modo a se poder reativá-las ou recriá-las em uma outra sequência e em qualquer momento. E estes itens, que são o já habitual *e-mail*, as redes sociais e secretárias eletrônicas estão de *stand by*, podendo ser consultados a qualquer momento, a qualquer hora e ver vistos primeiro pelo mais antigo, indo para o mais novo e intercalando-se com um de cronologia mediana, havendo assim, por analogia, um “controle” do passado, presente e futuro, conforme o interesse do internauta, com a possibilidade de se passar entre essas fases temporais de modo aleatório, o que evidencia que todas elas – as suas leituras - possam ser, de certa forma, manipuladas no presente.

Há, quanto a essa escolha de leitura, um paralelo no cinema em que não apenas “nada para, mas, sobretudo, nada tem necessariamente sentido, uma vez que nas telas as leis físicas se invertem: o fim pode se transformar em começo, o passado se transformar em futuro, a direita pode ser a esquerda ...” (Virilio, 1999, p.85), e essa subversão está presente nesse segundo exemplo, em que é possível haver um controle do conteúdo dos meios comunicacionais mais atuais a partir do critério do diretor para a montagem do filme, possibilitando uma leitura assíncrona, como pode-se dar, por exemplo, a partir do recurso do *flash-back*, em que o retorno ao passado faz parte do discurso cinematográfico. Tudo depende do roteiro a ser adotado, sobretudo quanto à linguagem a ser seguida, se irá ter uma leitura de início, meio e fim (passado, presente e futuro) ou se haverá intencionalmente uma inversão dessas fases.

Mas tanto esse exemplo do cinema quanto às explicações nesse segundo item, há uma concordância de que o Tempo é relativo, até mesmo porque ele “não passa de modo igual no mundo. Em alguns lugares, flui mais rápido, em outros, mais lentamente” (Rovelli, 2017, p. 173).

Já no terceiro – pós-Modernidade - em que se faz uma referência direta ao estilo de vida, moda, arquitetura, política e ciência, diversos componentes são colocados de forma a demonstrar uma coesão temática, ainda que diversos pontos, a princípio, sejam divergentes quanto a uma possível contínua sequência crescente ou decrescente de Tempo, seguindo uma lógica ordenada. A sociedade moderna pode estar subdividida em grupos, que demonstram determinados estilos de vida.

Aqui o grupo/tribo deve ser entendido como uma fragmentação entre a necessidade e a liberdade de luta entre uma coerção vinda da sociedade e a

espontaneidade de estratos sociais, onde “a dimensão fragmentada é a tribo – união dos homens por suas semelhanças – e o lugar – união dos homens pela cooperação na diferença” (Santos, 2013, p. 33).

E essa diferenciação pode se dar de várias formas, como o modo de se vestir, na prática de uma alimentação diferenciada, na reunião de grupos de dança, na arquitetura e no modo de adotar os estilos chamados retrô⁴⁴, sem correlação com a contemporaneidade.

Já a quarta amostra refere-se a eventos acontecidos na própria política internacional, onde o campo de discussão pode ser amplo se considerada a diversidade cultural, as formas de governo, e infelizmente o retorno às guerras, com o propósito de recuperar ou ocupar território, prática esta que, sob o ponto de vista da modernidade atual – mas não pós-modernidade – parece um retorno a práticas medievais ou até mesmo anteriores a este ciclo, quando países eram conquistados à força, mas que, infelizmente continuam acontecendo nos dias de hoje, como o ataque da Rússia querendo conquistar território da Ucrânia⁴⁵ pela força da guerra, ou da Venezuela com relação ao território de Essequibo, na Guiana⁴⁶.

Assim, tais recursos brutais são tidos como um retorno ao passado, pois guerra e a política podem encontrar um estado religioso e medieval que, por outro lado pode recair sobre guerras tribais, como no Afeganistão pós 11 de setembro de 2001 (Rosa, 2019, p. 200): e,

dessa forma é possível, andando pelas ruas de uma “*global city*”, passar de um bairro com uma cena religiosa e um mercado que remetem “a Idade Média para um centro de finanças e comunicações do século XXI e, logo em seguida, chegar a uma área que lembra a Revolução Industrial – assim como é possível que elementos dessas três eras se choquem numa mesma região. (Rosa, 2019, p. 201).

Nessa exposição há a demonstração sobre a Idade Média, a Revolução Industrial (Séc. XVIII) e atual século XXI, em que, por mais contraditório que possam parecer são possíveis de se encontrar em uma mesma cidade, fazendo assim com que haja outra superposição de épocas, em que o passado, por pelo menos duas vezes está contido no momento presente.

E por fim, o quinto exemplo, a era biológica, segundo os argumentos de Hartmut Rosa, quanto aos seus fins de pesquisa embrionária, gestacional, tanto da

⁴⁴ Antigo.

⁴⁵ Sobre a Guerra entre Rússia e Ucrânia: <https://www.cnnbrasil.com.br/tudo-sobre/guerra-na-ucrania/>

⁴⁶ Sobre a Guerra entre Venezuela e Guiana: <https://www.youtube.com/watch?v=PtDYz6S735w>.

maternidade e da paternidade, em que, com o avanço da ciência tecnológica, pode-se ser genitor em idade mais avançada ou talvez na chamada terceira idade, e até mesmo na aposentadoria, o que, via de regra, seria uma inversão de posições, pois o que se dá na vida é que tais fases acontecem em idade mais jovem.

Tais possibilidades seriam então uma inversão do Tempo, até mesmo se levarmos em conta os atuais casos de inseminação artificial ou das chamadas barrigas de aluguel, que possibilitam a gestação fora do que seria uma situação corriqueira. E para tanto citamos o caso de uma mulher de 63 anos, que em 1997, deu à luz a uma criança e, tal fato se deu graças a implantação de um óvulo fertilizado de outra mulher, segundo noticiado pelo jornal Folha de São Paulo à época do ocorrido⁴⁷.

No final desta quinta amostra há a possibilidade de retorno da vida de solteiro após uma vida conjugal, em que fica demonstrado esse fato mais como uma inversão sociológica e alcançando a tratativa temporal no sentido que, nesse caso, pode haver um efeito cíclico na vida das pessoas, numa sequência de solteiro-casado-solteiro-casado.

Mas todos esses exemplos fazem parte de quanto o Tempo perde o seu caráter unilinear e orientacional como um efeito da vida pós-moderna:

também postulam o fim das identidades pessoais coletivas e estáveis e a substituição do padrão de sentido da narrativa linear pelo princípio do fragmentário-simultâneo (...) a Pós-modernidade declara o fim (...) da razão, do sujeito, da política, e de quase tudo o que gerou sentido e legitimidade na Modernidade (Rosa, 2019, p. 427).

Logo, seria normal considerar tais posicionamentos como um niilismo das estruturas sociais e temporais, mas não vislumbramos que possa ser assim entendido, pois tão somente há uma nova concepção da vida em sociedade, que está em constante mutação e não unicamente no aspecto arquitetônico, mas principalmente comportamental dos seus componentes, mas que se reflete na percepção do tempo, cíclico ou linear.

E mais, tal visão não acarreta, dentro do campo da Física, a possibilidade de que o tempo não exista (Rovelli, 2017, p. 171), de que este seria apenas uma ilusão, pois:

a palavrinha “tempo” não diz nada sobre o que ele é. Mesmo que o seu uso seja frequente, ela não nos leva a nenhum esclarecimento da realidade que ela pretende dominar. Ela nomeia, mas não domina (...) temos uma vaga ideia do que seja o tempo. (Klein, 2019, p. 11).

⁴⁷ Conferir reportagem do jornal no seguinte link:<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft250416.htm#:~:text=Uma%20mulher%20de%2063%20anos,de%20seu%20marido%2C%20de%2060>. Acesso em 28 nov. 2023.

Além disso, o Tempo “torna-se um “tempo” bem diferente daquilo que até aqui chamamos “tempo” (...) nunca medimos o tempo em si, medimos sempre algumas variáveis” (Rovelli, p. 172), o que não significa que não exista, mas apenas, dentro da visão destes físicos, ele pode ser somente uma imaginação bem calculada pelo ser humano, e que matematicamente é verossímil dentro da lógica particular que o envolve.

Mas há que se admitir, dentro do ambiente da Pós-modernidade, abre-se a porta para um novo entendimento, em que o sociólogo espanhol Manuel Castells (1942-) tenta esclarecer dentro de uma nova configuração do espaço transmitido e nos leva à formulação de uma estrutura do temporal social, então tido como tempo atemporal, em que:

na base do conceito de *tempo atemporal* encontra-se a representação de que o tempo é formado pela duração, pela desritmização dos acontecimentos sociais e pela dissolução de cadeias de sequência estabelecidas e estáveis (...) e pode ser descrito como *atemporal* na medida em que nele dominam os modos da simultaneidade determinada pelo momento e como horizonte negativo desta última, da eternidade. (Castells *apud* Rosa, 2019, p. 440-441).

Contudo, dentro dessa nova conceitualização temporal, há uma tendência pós-moderna de que:

assim, não haveria um tempo linear, infinito, mas tão somente a percepção de um fim da história, pois essa mesma história estaria vinculada à temporalidade sequencialmente fixada no desenvolvimento, progresso e ordem, fazendo assim, em segundo lugar, um princípio básico da Pós-Modernidade cultural, que inclui a “renúncia da ideia de ordenação sequencial e desenvolvimento histórico” (Rosa, 2019, p. 441).

Portanto, nessa acepção o conceito do tempo atemporal traz consigo a:

aniquilação de espaço *pele* tempo, e em seguida, da aniquilação de espaço *e* tempo, levanta a suspeita de que nosso senso temporal não suportaria, sem danos, a completa separação do tempo em relação ao espaço, nem à “pulverização” deste: a orientação temporal sem fundamentação espacial para ser um empreendimento difícil (Rosa, 2019, p. 441),

o que nos leva a reeditar o que Albert Einstein já disse anteriormente, que não há Tempo sem espaço: “há mais de um século Einstein demonstrou que não podemos separar tempo e espaço, temos de pensá-los juntos como um todo único, o espaço-tempo” (Rovelli, 2017, p.171), assim, a ideia de um “tempo atemporal” fica restrita ao entendimento do campo da sociologia pós-moderna, aliás, diversa da física, e conforme os enunciados acima indicam, essa nomenclatura não pode de todo ficar relegada, mas tão somente ser vista como um novo campo a ser estudado.

Seria como se disséssemos que a Física pertente à Modernidade e, a interpretação sociológica de “tempo atemporal” está inserido no campo da Pós-

modernidade, ao contrário da primeira, em que está ligada a uma conduta de vida que tem como pressuposto a confiabilidade de sequências de tempo de forma previsível, e em que nesta “a representação narrativa da vinculação entre passado, presente e futuro conserva a forma de uma história progressiva e evolutiva, que compreende um horizonte de destino reconstruível e fornecedor de sentido.” (Rosa, 2019, p. 462), e essa construção e afirmação de uma lógica que se encaixa dentro dos parâmetros históricos está inserida tanto nos seus ciclos fechados quanto na linearidade da vida/tempo, incluída no conjunto espaço temporal a que se circunscrevem os métodos tanto históricos como costumeiros, visto que a anterioridade (passado) não pode ser simplesmente anulada; o presente é o que está sendo construído, é o momento da ação e o devir é consequência dessas duas fases anteriores a que estamos todos sujeitos como um *continuum*.

Essa sequência de fases que se sucedem faz vir à tona o conceito de temporalização do tempo, que pode ser entendida como:

a decisão da duração da sequência, do ritmo e da velocidade das ações, acontecimentos e vinculações se dá apenas ao longo de suas realizações, isto é, no próprio tempo, sem obedecer a um plano cronológico definido. Paradoxalmente, temporalização significa exatamente o que Castells descreve como atemporal. (Rosa, 2019, p. 469).

O que à primeira vista encontramos concordância, pois, se essa temporalização do Tempo está estruturada em duração (estudada por Henri Bergson), sequência e velocidade das suas realizações, sem que haja uma pré-determinação lógica, não há o que ser discutido, mas apenas também inseri-la na Pós-modernidade, que, por assim dizer, clama por novas teorias e classificações temporais e comportamentais das sociedades ditas pós-modernas e dos seus componentes e suas tribos, principalmente as urbanas, como já vistas neste capítulo.

Por outro lado, dentro do campo espaço temporal lembramos que o primeiro vestígio de dinamização de uma chamada Modernidade trouxe uma concepção de vida como movimento que se dá ao longo de trilhos de desenvolvimento pré-sequenciados e alternativo, mas logicamente previsíveis e planejados quanto ao futuro, conduzindo a um plano de vida na ideia tríplice de passado, presente e futuro, trazendo uma temporalização da vida, o que traz como reflexão que “a temporalização do tempo significa, portanto, a revogação da temporalização da vida enquanto um projeto temporalmente extenso.” (Rosa, 2019, p. 470).

Sua representação está condicionada a ser uma tendência determinante do desenvolvimento das sociedades contemporâneas, notadamente as ocidentais, e esse estudo da modernidade também acolhe a Modernidade Tardia, que por sua vez “segue a lógica do tempo atemporal e se manifesta, no entanto, não apenas na desestruturação temporal do percurso da vida, como ainda e na flexibilização do cotidiano.” (Rosa, 2019, 271).

Tal contemporização é efeito da conjunção da Pós-modernidade e da Modernidade Tardia, que estão inseridas no mesmo campo social e representam uma continuação de um novo entendimento temporal, que não é linear, mas que também não pode ser inserido no campo cíclico, constituindo-se assim, num novo fenômeno, se não físico, mas da natureza dos movimentos sociais advindos não somente da pós-modernidade mas que se assenta como um novo campo de estudo que precisa ser mais amplamente discutido.

Dentro dessa nova discussão, expomos aqui uma longa, mas necessária exposição quanto ao que venha ser os termos Modernidade, Pós-modernidade e Modernidade Tardia, como segue:

Para superar a total arbitrariedade no uso de conceitos até o presente ponto sugiro falar da Modernidade Tardia numa perspectiva estrutural e de Pós-Modernidade numa perspectiva cultural. Dois motivos me parecem justificar isso: primeiro, a discussão sobre a Pós-Modernidade é vastamente marcada científico-cultural e filosoficamente e toma por base aspectos do estilo estético, da inteligibilidade e da transformabilidade do mundo, enquanto o conceito de Modernidade Tardia é usado preponderantemente em contextos de análise de mudanças estruturais da sociedade moderna. Segundo, a Pós-Modernidade designa uma ruptura bem mais profunda na ou após a Modernidade que Modernidade Tardia. Esse primeiro conceito aponta o início de algo qualitativamente novo, enquanto o último mostra antes uma nova forma do antigo (ou seja, da Modernidade em si. (Rosa, 2019, p.42).

Logo, essas observações facilitam a compreensão não só desses conceitos em si, mas que, quando incluem nestes a questão do espaço e tempo e a tendência é a de que o que está por vir é a consequência de uma nova visão quanto a tais classificações, que tendem a sair do classicismo até então vigente, o que não significa, claro, abandonar os entendimentos de Aristóteles, Isaac Newton e Albert Einstein, mas aglutinar todos esses conhecimentos em um novo conhecimento, uma nova visão, tanto no campo da física, como no da sociologia, história, filosofia etc.

E ainda dentro deste pensamento é conveniente pensar não somente o Tempo e o espaço de forma isolada desse dueto, mas também considerar a aceleração provocada por ele e os seus sintomas a alterar o comportamento das pessoas e das sociedades e ver

dentro dessa perspectiva novos outros cenários, como por exemplo, compreender as alterações provocadas pelas modernidades, como os modelos já elencados neste capítulo, como internet, e-mails, arte, arquitetura, moda, política, ciências.

Sendo assim, dentro deste quadro, exporemos alguns ambientes/situações, que segundo Hartmut Rosa, na sua maioria, são como exemplos da nova visão decorrente do modo pós-moderno de ver/aperceber o tempo, a começar pelo

- Surto aceleratório, que desenvolve suas forças dentro do campo da economia, cultural e tecnológico-informacional, principalmente dos anos de 1970, e conquista grande penetração com a junção de três desenvolvimentos históricos: a revolução política europeia e a revolução digital, transmutando-se em uma revolução da mobilidade e, por fim, a revolução econômica, (Rosa, 2019, p. 429);

- A velocidade da transmissão da informação, já vista no início deste capítulo, capitaneada por Paul Virilio;

- Modernidade líquida, termo cunhado pelo filósofo e sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1925-2017), estabelece o aspecto:

“amolecedor das instituições” da globalização e a perda de relevância do espaço em relação ao tempo (...) líquidos, ao contrário de sólidos, não conseguem manter sua forma facilmente, não fixam espaço nem um tempo (Rosa, 2019, p. 439);

- Tempo instantâneo, que se evidencia como um diagnóstico da globalização, determinado pela lógica aceleraria e suas três formas de aceleração (Rosa, 2019 p. 443,);

- Aceleração e desaceleração ocorrendo como instrumento tático de politicagem, isto é, pela luta pelo poder entre antagonistas de conflitos políticos em evidência (Rosa, 2019, p. 512); tempo político, condicionado pelas diferenças e pela tentativa de sua negociação, em que os resultados, bem-sucedidos ou não, não retêm tempo. Assim, o Tempo é gasto em deliberação para ser economizado (Wolin, 1997, p. 1)

- Sociedade constituída temporalmente, em que a própria temporalidade e a processualidade de sua constituição, justifica-se de fato a formulação de uma aceleração da sociedade. (Rosa, 2019, p. 597);

- Padrões de tempo, mais voltados para o âmbito da astronomia e são relativamente novos para as concepções tradicionais de dias, horas e minutos e são classificados como décimos, centésimos e milésimos de segundo. Projetados para investigar o cosmos, foram aplicados na fisiologia e abriram uma janela no tempo grande o bastante para revelar o inconsciente (Burdick, 2020, p. 150).

Tais termos não se traduzem como definitivos, mas são somente a interpretação que seus autores têm para configurar suas atenções para este fenômeno aqui estudado, mas que podem servir como um guia que pode esclarecer, ainda que não definitivamente, um fato que afeta todo o planeta Terra e os seus ocupantes, não como mera ilusão, mas como um fator determinante para marcar as suas relações sociais, comerciais, econômicas e de lazer.

Contudo, o Tempo foi aqui apresentado, como um resultado sintomático do seu mau uso ou aproveitamento, transformando-se assim como uma entropia, traduzindo-se como um efeito não desejado, pois que se é tido como uma patologia como lado negativo, não do próprio Tempo, mas sim, do próprio ser humano e da sua aplicação.

Mas no fim deste tópico que trata da aceleração e da patologia do tempo, torna-se indispensável comentar sobre o seu antônimo, qual seja, a inércia, que também traz em si uma influência sobre o Tempo e, aqui, está caracterizada por cinco categorias.

Porém antes, faz-se necessário alguns esclarecimentos, como desaceleração que significa aceleração negativa, velocidade decrescente, lentificação, retardamento ou ainda prolongamento do tempo, em que este autor – Rosa - pretende compreender uns conceitos alternativos e, para tanto exemplifica o seguinte:

conceitos alternativos para sociedade de alta velocidade e sociedade *non-stop*. No trânsito, desaceleração significa redução de velocidade (...) Na economia, redução de taxas de inovação técnica, aumento de durabilidade de produtos e orientação da produção e do consumo rumo à sustentabilidade (...) Na política, o conceito de desaceleração volta-se para tentativas de abreviar procedimentos em processos políticos (Em relação à psique humana, o conceito se volta contra muitas pessoas que tentam intensificar os prazeres da vida por meio de acumulação e adensamento de eventos externos (Rosa, 2019, p. 160).

E a partir desse esclarecimento, mostraremos os cinco exemplos elencados por Hartmut Rosa, como a seguir:

A) Limites de velocidades naturais (Rosa, 2019, p.160), tais como velocidade do cérebro (percepção, estímulos de reação), do corpo (crescimento biológico e superação de doenças), e a velocidade de elementos sedimentares submarinos em petróleo. As horas do dia, as estações também não podem ser manipuladas. Na agricultura tentou-se aumentar os limites dos processos biológicos, em que árvores plantadas com o sistema

*tallspindle*⁴⁸, dão frutos após quatro ou cinco anos, quando o normal seria quinze. (Rosa, 2019, p. 161);

B) Ilhas de desaceleração (Rosa, 2019, p. 165), onde são considerados oásis, em que o Tempo parece que parou e assim são exemplificados, como algumas cidades do interior e sua vida pacata; comunidades Amish, ou ainda lugares em que se tem impressão de que o Tempo estagnou; a sociedade é tida como anacrônica, “como se a hora passasse como há cem anos” (Rosa, 2019, p. 165). São imunes à aceleração, têm valor nostálgico e raro em comparação a grandes cidades.

C) Lentificação num efeito colateral disfuncional (Rosa, 2019, p. 166), que ocorrem em sociedades mais modernas, onde se dão os congestionamentos de trânsito e a redução de velocidade de locomoção em megalópoles. (Rosa, 2019, p. 166).

Igualmente sucede quanto à evidência de adoecimentos depressivos, que ocorrem como “uma reação patológica à pressão aceleratória social” (Rosa, 2019, p. 166) e o paciente tem frequentemente a impressão de que o Tempo parou ou se enrijeceu. Nestes casos:

A lentificação ocorre (...) não apenas como efeito imediato de processos de aceleração, mas também, numa intensidade ainda maior, como efeito de fenômenos de dessincronização (condicionados pela aceleração), sob a forma de tempo de espera. (...) Tem-se a impressão de retardamento, que pode surgir, quer por diferentes velocidades se encontrem, mesmo quando não é possível observar um efeito de freio real. Impõe-se a impaciência. (Rosa, 2019, 167-168).

Por fim, “lentificação e retardamento podem ocorrer também como efeitos colaterais disfuncionais de acontecimentos, como acidentes, catástrofes naturais ou guerras.” (Rosa, 2019, p. 168). O efeito da guerra, porém, pode também ser exemplificado no próximo efeito.

D) Duas formas de desaceleração intencional (Rosa, 2019, p.168)

1) A desaceleração como ideologia (Rosa, 2019, p. 169). Nesta, a desaceleração almeja um novo bem-estar, objetivados por associações civis e, tendem a ser uma reação à aceleração, uma nova exigência da sociedade sufocada pela busca incessante do, às vezes, ilusório ganho de tempo. (Rosa, 2019, p. 170).

⁴⁸ Sistema de condução que torna as plantas produtivas em menor tempo. Ver Rufato, Andrea de Rossi. Podando as macieiras nos sistema Tall Spindle. Disponível em <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/15196890/artigo---podando-macieiras-no-sistema-tall-spindle> Acesso em 06 jun. 2024.

O preço por uma lentificação individual pode vir a ser alta e quem, como um desertor, escapa da pressão temporal, arrisca-se a perder todas as chances de uma reassimilação. Alguns desses grupos são o União pelo Retardamento do Tempo, Desempregados Felizes, Comida Pobre – em oposição ao *fast-food*) e o Simplicidade Voluntário, que se expandirão até atingirem uma relevância para a sociedade em seu conjunto. (Rosa, 2019, p. 170).

O desejo de uma desaceleração tem algumas variáveis pessoais e coletivas, como termos tempo para nós mesmos, para a família, *hobbies* e para alcançar isso, desejamos quase sempre do outro a pressa, a emergência “da moça do caixa do supermercado, o funcionário na repartição, que o sinal de trânsito fique verde mais rápido e que os transportes públicos fiquem mais velozes.” (Rosa, 2019, 172).

Por fim, é uma desaceleração seletiva em sociedades complexas – grandes cidades, megalópoles – e interligadas em medidas bastantes restritas, o que não se choca com o esforço de se estabelecer locais de refúgio, como as ilhas de desaceleração, ou polos de calma

2) Desaceleração como estratégia de aceleração (Rosa, 2019, p. 173).

Surge de uma vontade de isolamento como forma de preparo para o inevitável de outra aceleração. São instauradas por atores tanto individuais como coletivos, através de associações. São bases de desaceleração para reabastecer as energias.

Individualmente podem ser traduzidas nos retiros espirituais em mosteiros ou encontros para meditação, técnicas de ioga, pois servem à expectativa de êxito em algum ramo da vida profissional ou lúdica, na relação cotidiana, ou torná-los passíveis de serem enfrentados com mais comodidade.

E) Enrijecimento estrutural e cultural (Rosa, 2019, p. 177).

Esse tipo de engessamento se dá na falta de perspectiva de um futuro melhor e em uma sociedade que é, ao mesmo tempo, inerte e frenética, no qual cada um só pensa em si e onde é difícil encontrar seu lugar sem uma ajuda de terceiros. A ação fica paralisada e o Tempo, inerte, onde nada ou quase nada se concretiza de modo positivo, advindo daí a perda de horizontes orientadores da ação, como unidade constituidora do sentido entre o passado, presente e futuro. A transformação positiva fica estagnada e nada de efetivo fica constituído.

Por fim, identificamos que encontrar soluções é um estado difícil, porém, estar consciente desses movimentos aceleratórios e desaceleratórios já é um prenúncio que

poderá fazer do encontro consigo mesmo e da sua sociedade, sobre as reais necessidades e o que, de fato, pode ser descartado. Um escape talvez seja esse item B Desaceleração como estratégia de aceleração.

Toda essa possível patologia social pode vir a afetar as diversas produções do ser humano, tanto nas suas atividades de sobrevivência social como alterando a tematização nas áreas de Letras e Artes, com temáticas mais sensíveis ao comportamento humano.

4. O TEMPO NAS LETRAS E ARTES

Ao atravessarmos as diferentes áreas do conhecimento, apontando as abordagens sobre o Tempo, neste ponto identificamos ser o momento mais esperado da presente investigação: a passagem, sob o prisma do Tempo, das identificações de sua aparição nas Letras e Artes. Assim, serão pontuados feitos na literatura, na poesia, nas letras das músicas, nas artes plásticas e no cinema, majoritariamente no universo ocidental, porém com algumas discretas participações de abordagens orientais.

4.1 LITERATURA

A literatura,⁴⁹ é a arte que usa a linguagem geral, de preferência escrita, como diz a origem da palavra, e tem como fonte principal a narração ficcional, a mimese, como a imitar a própria vida (Moisés, 1967, p. 25). Pode ser vista e tida como uma das maneiras mais lúcidas de passagem do conhecimento em diversas áreas, seja na política, na história, nas ciências, na psicologia e na vida social.

Mas o que vem a ser literatura ? De modo simplório, podemos dizer que literatura é arte de escrever livros, ficção ou não, ou de poesia. A palavra literatura se origina do latim *littera*, -ae, que significa letra, sinal gráfico que representa, por escrito, os sons da linguagem. *Litteratura*, -ae, por extensão, era a arte de escrever. Porém, Aristóteles vai mais além, ao dizer que a literatura é arte da imitação da vida e, mais, que “os imitadores imitam homens que praticam alguma ação, e estes são indivíduos de elevada ou baixa índole” (Aristóteles, 1987, p. 202), e esta obra pode ter elementos de elevado teor social ou não, num mimetismo próprio do ser humano dependendo de quem escreve.

Já em uma visão mais atual, a literatura pode ser tida como:

uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando em uma atitude de gratuidade. (Candido, 1972, p. 803).

Nesta definição, Antonio Cândido trata de um elemento de manipulação técnica, o que seria determinante para a classificação de uma obra como literária ou não, a

⁴⁹ Sobre esta temática, há um artigo de Raquel Glezer *et al*, intitulado “O Tempo na Literatura”, disponível em: <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/estudo-sobre-o-tempo-o-tempo-na-literatura>.

dependem da sua linguagem literária, ou seja, o seu estilo e o seu objetivo ao escrever um livro.

Porém, o importante é que tanto o romance como a poesia, podem transmitir a experiência pessoal do ser humano em sociedade, além de mostrar as suas alegrias e temores, pois o escritor ao realizar a sua obra sai do simples linguajar para, com a sua expressão artística expor aquilo que o inquieta ou que o faz se deslumbrar com a sua narrativa, diante do belo, daquilo que o emociona. E, pode demonstrá-la em linguagem direta ou através de analogias, símbolos ou metáforas.

Mas o discurso literário não está somente dividido em romance e poesia, ficção e não ficção, há que se atentar também para os gêneros, os quais, dotam o escrito literário de expressão com a qual pode-se dar uma conotação extremamente direta quanto ao seu conteúdo e estilo. (Pellegrini; Ferreira, 1996, p. 42).

Assim há o gênero lírico (expressão de sentimentos e emoções individuais); dramático (originalmente escritos para serem representados, mas apresenta situações conflituosas, problemáticas e difíceis ou comoventes); comédia (construídas para despertar o riso, principalmente através de críticas aos costumes); tragicomédia (mistura de drama e comédia. Auto (peça curta, de conteúdo religioso ou profano), farsa (deperta o riso, com situações ridículas ou grotescas); narrativo (o narrador conta uma história): romance (narração de um acontecimento ficcional); novela (normalmente, em termos de texto, menor que o romance, valoriza mais a ação); conto (narrativa curta com poucos personagens e um único conflito) e fábula(narrativa de intenção pedagógica, com a intuição de noções de moral e ética). (Pellegrini; Ferreira, 1996, pp.56-60, com adaptação).

Porém, o que vai nortear a continuação deste capítulo, pela ordem, será primeiramente o romance e após, a poesia, divisões do item geral, literatura.

4.1.1 ROMANCE

O romance, por definição clássica, é um gênero da literatura e, etimologicamente:

esta palavra, provavelmente deve ter-se originado de *romans*, que deriva do latim *romancius*, ou teria vindo de *romanice*, que entrava na composição de *romanice loqui* (“falar latino”, isto é, língua empregada na Região do Lácio e arredores. (Moisés, 1967, p.149).

Em inglês usa-se o termo *novel*. Na Espanha, utilizou-se o termo “romance” na Idade Média, pois este era a narrativa de aventuras imagináveis e fantásticas e foi o sentido que ganhou dali por diante.

Assim, em qualquer que seja o discurso, a literatura - seja romance ou poesia, por exemplo - aqui trata do Tempo baseado na experiência e no Tempo contínuo que tem sido exemplificado em relevantes autores, como por exemplo, Heráclito, James Joyce, T.S. Elliot e Thomas Wolf (Meyerhoff, 1976, p. 17), entre outros. Ela expõe o homem e o Tempo em sua subjetividade, sua alegria, o seu êxito, as suas tristezas, incertezas ou até mesmo ao esquisito ou vulgar. Mas pode também trazer o estudo do que venha a ser a verdade nas questões fundamentais da existência do homem,

Desta forma, podemos citar na filosofia, “Duração e Simultaneidade”, de Henri Bergson (1859-1941) e “Sobre o Ser e o Tempo”, de Martin Heidegger (1889-1976), e há outros filósofos que trataram do Tempo, como Friedrich Nietzsche (1844-1900) e o mito do eterno retorno nas suas obras, como “Ecce Homo”; “Assim Falou Zaratrusta”, e na obra inacabada, “A Vontade de Potência”. (Nietzsche, 1983, p. XIV).

Porém, nesta seção serão abordados somente uma novela e alguns romances, para demonstrar que tratam do Tempo em formas de arte literária, tanto do passado e da memória, como do presente e do futuro.

Ainda aí serão abordados especificamente as obras da categoria ficção, visando enfatizar a interessante narrativa não real, oposta a não-ficção, que possa ser baseada em fatos reais com inserção de elementos de representação imaginária.

Cabe destacar que, a experiência, a memória e os recursos também usados na literatura para tratar da temporalidade, segundo Hans Meyerhoff (1914-1965), podem estar sinalizados na alma – espírito, pensamento – do próprio ser. (Meyerhoff, 1976, p. 1).

Logo, em termos gerais, muitas foram as obras que trataram do Tempo, no seu todo, ou em parte. Como exemplos mais notórios, no que se denominou de literatura mundial, elencamos: “Alice no País das Maravilhas”, de Lewis Carrol (1832-1898); “Em Busca do Tempo Perdido”, de Marcel Proust (1871-1922); “Passeio ao Farol”, de Virginia Woolf (1832-1904); “Incidente em Antares”, de Érico Veríssimo (1905-1975) que, não trata diretamente do Tempo, mas transcende o mesmo, ao tratar da imortalidade; e um livro do colombiano Gabriel García Márquez (1927-2014), a sua novela “Ninguém Escreve ao Coronel”. Destacam-se, nesse sentido, o livro “O Vendedor de Passados”, de José Eduardo Agualusa (1960-); a obra prima de George Orwell (1903-1950), “1984”, e fechando este segmento literário, apresentamos uma obra oriental, o livro do japonês Toshikazu Kawaguchi (1971 -), “Antes Que o Café Esfrie” (2022).

Desta forma, analisando uma possível lista literária, principalmente romanesca, essa relação não se esgota nas obras acima citadas. Pelo contrário, poderíamos nomear outras, tornando mais extensiva a mesma, porém esta vista até aqui serve para que uma compreensão genérica seja formada e assim, embasar mais estruturalmente, uma ideia do tema.

Inicialmente, o que extraímos de uma obra literária, como um romance ou novela, pode ser imediatista ou mesmo subjetivo, pois pode ser que nem sempre se apresente de forma clara, mas pode ser prontamente reconhecida como em uma farsa ou um monólogo teatral, ou como mensagem ainda que codificada.

Por outro lado, está o conhecimento que apresenta um aspecto mais complexo e pode até mesmo ser confundido com informação. Porém, na abordagem do conhecimento, esta pode estar acompanhada de vários enfoques, como expõem Wersig; Neveling (1975, p. 129), onde o conhecimento se dá de forma objetiva e deve ser capacitado por somente um sujeito, além de servir a uma finalidade específica e, a informação, ao ser comunicada, transforma-se em conhecimento:

A informação é conhecimento em ação, em que este parte para a generalidade ao relacionar o racional, e o humano necessita de transformação do conhecimento para uma ação específica, não ficando no limbo da pura conceituação. (Wersig; Neveling, 1975, p. 129).

A informação, de algum modo, pode ser tangível e tem a qualidade de comunicar conhecimento ou a própria informação. Portanto, discutindo sobre o que vem a ser o conhecimento, há de citarmos o cientista social Nobert Elias, quando este discorria sobre o conceito de Tempo. Segundo o autor, isto pode ser aplicado a qualquer outro tipo de conceituação ou de entendimento, pois ao se perguntar como os homens primitivos, com tão pouca base de conhecimentos puderam chegar a um tal nível de síntese, pois conseguiram explorar o saber e a profundidade dos vocábulos. Outrossim, é incrível como atualmente todos nós aceitamos que, por exemplo, o termo lua seja lua, sem qualquer questionamento. (Elias, 1998, p. 8).

Entretanto, para que a literatura e conseqüentemente o conhecimento chegassem ao estado atual, duas expressões desse próprio saber foram necessárias: a invenção da escrita através de diferentes formas, sejam: a cuneiforme, a hieróglifa e o alfabeto, unidos mais tarde à invenção da imprensa de Guttemberg (McGarry, 1996, p. 45-6), até chegarmos aos meios mais modernos, como a leitura em Braile e os livros falados. Assim, de qualquer forma, o conhecimento está presente em todos os campos de cognição, principalmente da literária, pois "sem dúvida a literatura contém grande

quantidade de informações que confirmam os métodos naturalísticos” (Meyerhoff, 1976, p. 107) como obras literárias descritivas como romances, em que:

como um cientista experimental, o romancista é apenas um registrador proibido de julgar e concluir (...) quando poderia simplesmente guardar fatos conhecidos, estudos e escrupulosos, se não deseja vaguear entre conclusões mentirosas (...) sem dúvida, a literatura contém grande quantidade de informações...” (Meyerhoff, 1976, p. 106),

Isso quanto a dizerem a verdade, pois que não estão obrigados a essa propriedade, podendo simplesmente, ao escrever, inventar situações, pois o escritor de romances ou novelas não tem o compromisso com a realidade, como, por exemplo, os historiadores têm, pois como diz o próprio Hans Meyerhoff, “a verdadeira literatura difere da acepção comum do termo” (Meyerhoff, 1976, p. 106).

Desta forma, Meyerhoff distingue um senso comum da verdade literária, quais sejam os relatórios, observações e informações de natureza empírica, puramente descritiva; e segundo, “um sentido primordial da verdade na literatura pertencendo exclusivamente ao contexto da obra de arte e dando respostas subjetivas” (Meyerhoff, 1976, p. 111).

Esses sentidos se dão através de várias etapas, das quais apresentaremos alguns exemplos, de forma sucinta:

O retrato literário transmite conhecimento ao apresentar e exibir aspectos significativos da experiência e da vida que podem não ser “conhecidos” previamente; através das verdades reveladas em seu próprio contexto, assume um significado até mesmo maior; a função específica das obras literárias pode então ser transferida do mundo das paixões e ideias individuais para a estrutura total do ser. Conhecemos o que somos ao reconhecermos a nós e aos outros no retrato literário; as percepções literárias são usadas no significado secundário de verdade: por fim, a “verdade” é primeiro exibida e realizada dentro do contexto estético específico. (Meyerhoff, 1976, p. 111-115).

Com isso, não se pode dizer que a verdade na literatura seja um fenômeno secundário, mas sim que pode vir a sê-lo, pois como já relatamos acima, o romance não tem compromisso com a verdade, ela pode ser descritiva como se dá ou daría um ato humano, por exemplo quando com um romance em forma de diário ou de cartas. Pode ser um relato de uma viagem, eivada de verdades e até não-verdades, mas pode ser também um romance ficcional carregado de veracidade, como ficou notabilizado na literatura do escritor peruano Mário Vargas Llosa (1936-) sua obra “A Guerra do Fim do Mundo”, e de outros autores, como Thomas Mann no seu “A Montanha Mágica”, em que faz discrição de medicina descritiva, ou ainda na obra máxima de Hermann Melville, “Moby Dick”, que pode ser lido como um manual de viagens marítimas.

Diante do exposto, cabe destacar as palavras de Meyerhoff, em que,“

a grande literatura (pelo menos em suas manifestações singulares) é um antídoto salutar contra a moralidade, um alívio bem vindo à difundida, poderosa e constante pressão dos sistemas morais sobre as vidas humanas. (Meyerhoff, 1976, p. 118).

Nessa perspectiva, relataremos algumas obras literárias, tais como novela e romance, porém não em relação ao seu aspecto artístico ou criativo, mas destacando o conteúdo relativo ao Tempo. Com isso, fortaleceremos nosso entendimento de que o Tempo pode ser identificado, seja ele relativo ou absoluto, em uma abordagem multidisciplinar.

“Ninguém Escreve ao Coronel”

A primeira obra a ser apresentada e comentada é o livro “Ninguém Escreve ao Coronel”, uma novela de autoria de Gabriel Garcia Marques, cujo personagem principal é o Coronel, um veterano da guerra civil colombiana que espera, há anos, receber uma pensão de veterano, por parte do governo local.

A época inicial é a década de 1920 e, não há uma data precisa, mas sabe-se que o tempo-espaço da ação se passa em Macondo⁵⁰, que viria a se tornar o cenário da maioria dos livros desse autor. Trata-se de uma cidade tão pequena que sequer tem uma agência regular de correios, pois a correspondência chega uma vez por semana, através de um malote via cais do porto. As encomendas são entregues ao responsável pela sua distribuição em todas as sextas-feiras, porém o Coronel não consegue esperar que as cartas sejam distribuídas na agência, por isso, vai diretamente ao porto e sempre recebe a mesma resposta: não veio nada.

O Coronel vive com a esposa numa casa simples juntamente com um galo herdado do filho militar, já falecido. Esse animal representa a esperança, juntamente com a possível pensão para uma vida melhor, pois o casal passa por várias privações quanto ao vestuário e a alimentação e assim tenta vender objetos da casa, mas ninguém os compra.

Em determinada hora, soa da igreja local o toque dos sinos, anunciando que alguém morrera, o que nos remete ao relato de:

que todos os que morassem ao alcance do soar do sino pudessem ser com isso, induzidos a repousar a uma hora conveniente da noite, e a levantar cedo de manhã para os trabalhos e deveres de suas várias profissões (horários geralmente observados e recompensados com economia e competenciano trabalho). (Thompson, 1998, p. 275).

⁵⁰ Vilarejo fictício criado por Garcia Márques, localizado no interior da Colômbia. Nota do autor da tese.

Esse relato é uma demonstração da importância da religião na vida de cidades pequenas não somente num passado distante, mas ainda presente em alguns lugares, em que a vida é regida pelos relógios e sinos da igreja, que regulam o trabalho, a obrigação religiosa, os costumes e até mesmo as diversões, como será visto no próximo parágrafo.

As referências diretas ao Tempo são as seguintes: o Coronel dá corda no relógio de pêndulo; uma ação se passa em outubro, numa quinta-feira, e a esperança do casal é a rinha de galos que acontecerá em janeiro do ano seguinte; depois das sete horas da noite uve-se doze badaladas oriundas da torre do relógio da igreja, sinal, neste caso, de que o filme que passa no único cinema da cidade está censurado pelo padre. Às 23 horas os sinos irão soar novamente, para anunciar o toque de silêncio.

Há relatos de datas específicas do calendário, como dia, mês e ano e, para o Coronel há um mês que o deixa atônito, que é dezembro, por estar perto do mês de janeiro, quando haverá a luta de galos. Caso o seu galo seja o vencedor, ele ficará com 20% do lucro arrecadado. Lembra, a cada momento, que só⁵¹ faltam 45 dias para chegar o 20 de janeiro.

Com as suas aflições e necessidades prementes e sem solução, cada vez mais o casal anseia pela carta do governo, pois já havia passado 15 anos esperando receber uma pensão de guerra, a qual teria direito há quase 60 anos.

A novela atinge o seu ápice quando o casal se vê sem solução para os problemas econômicos, pois mais uma vez o coronel vai ao porto e não recebe a carta do governo concedendo-lhe a pensão. A esposa, tensa, pergunta “o que iremos comer no dia seguinte?” O Coronel precisou de setenta e cinco anos de sua vida, minuto a minuto para chegar àquele instante explícito, imbatível no momento de responder: “Nada”.

Nesta novela o Tempo é absoluto e estanque, não há, pois, dúvida quanto ao seu entendimento. As datas são, na sua maioria, exatas, as horas também; o significado das badaladas dos sinos são repetidas à horas pré determinadas. O casal de protagonistas vive o presente com lembranças do passado e com esperança de que o futuro será melhor, ainda que a perspectiva real não seja muito esperançosa.

“O Vendedor de Passados”

O romance, do autor lusófono, José Eduardo Agualusa, tem vez em Angola, onde após a conquista pela sua independência, o albino negro Félix Ventura acha um

⁵¹ Grifo do autor da tese.

novo meio de ganhar a vida, tendo como produto ou serviço principal a venda de passados, criando uma história pretérita de glórias para aqueles que o procuravam, todos novos ricos ou burgueses que almejavam esquecer ou esconder os seus passados obscuros ou pobres e modestos. Os seus clientes são empresários, militares de alta patente, figurões da nova ordem política e econômica do país (provavelmente, Angola), que desejam se descompatibilizar da situação anterior.

Os seus produtos/serviços são uma nova árvore genealógica repleta de orgulhos, grandes e relevantes memórias, fatos memoráveis, ancestrais ilustres que muito fizeram pelo país. Contudo, sabemos que, na prática, não é possível viajar no Tempo, mas na ficção essa seria uma possibilidade verossímil.

Esse novo passado vem na forma de uma nova genealogia, com parentes honoráveis, fotografias e documentos forjados, mas que atestam o que fizeram, com a aparência de realidade. Por exemplo, há um freguês que quer esquecer a sua ascendência, deixando então fotografias a serem inseridas nos novos documentos de sua nova ancestralidade, fabricada. Assim, conseguiu novos documentos, tais como carteira de identidade com novo nome, passaporte, carteira de motorista, certidão de nascimento e uma espécie de resumo em que relata os feitos de seus antepassados, junto com artigos em revistas da moda, atestando esses atos praticados pelos novos e antigos parentes.

Distingue-se um outro cliente, denominado apenas de Ministro, e Félix promete documentação provando que ele é descendente da Rainha Ginga, uma heroína de Angola que, de fato, existiu. Contudo, esse Ministro prefere ser parente de Salvador Correia, carioca que ajudou na libertação de Luanda do domínio holandês, no séc. XVII, o que também, de fato, aconteceu.

Para o ministro, o vendedor de passados escreve um livro sob encomenda, em que a autoria é vendida ao primeiro, e nesta publicação relata os fatos históricos realizados pelo Ministro, sendo que estes aconteceram entre Angola e Portugal.

Tais documentos e outros tornam-se, dentro do contexto do imaginário do livro, fontes primárias da história de seus personagens - referem-se ao passado, pois dentro desse universo onírico trazem em si uma forte ligação com os elementos da História, não por ciclos de seus personagens inventados, mas que, além de poderem representar fontes “comprobatórias”, formam um exemplo do estudo histórico num paralelo com o mundo real.

Representam o alicerce e a construção da memória dos seus personagens, como o vendedor Félix tem seu arquivo repleto de artigos de jornais e cassetes de vídeo com notícias e acontecimentos de importância.

Nessa perspectiva, o livro não traz nenhuma explícita viagem no Tempo, como algumas publicações de ficção científica o fazem, mas retratam uma possibilidade de retorno, ainda que falacioso, de uma nobre heráldica de supostos grandes e nobres figuras no enredo, mas que se concretizam no presente como estudo para o futuro.

“1984 – George Orwell”

A história do livro “1984” se passa em um futuro utópico e ditatorial, numa clara crítica aos regimes totalitaristas como o comunismo, e é centrado no personagem principal Winston Smith, que trabalha no Ministério da Verdade, órgão responsável por notícias, entretenimento, educação e belas artes. É conhecido pela sigla MINIVER.

Apesar de o título do livro indicar um ano específico, Smith tem dúvida se o ano em que se passa o enredo é 1984, e acreditava ter nascido em 1944 ou 1945, pois neste tempo era impossível precisar uma data sem margem de erro de um ou dois anos. Isso por causa do controle de tudo pelo governo central.

Este país dentro de “1984”, apresenta condições *sui generis*, tais como uma nova linguagem, a Novalíngua, ou o duplipensamento, e, nesse contexto há uma outra dificuldade, que é a de se comunicar com o futuro, condição que afetava o trabalho de Winston Smith, pois sabia-se que seria impossível existir uma comunicação com aquilo que ainda está por vir, e era impossível tal coisa acontecer, até mesmo porque ali o futuro e o presente apresentam algumas semelhanças não muito boas.

Chegando para mais um dia de trabalho, especificamente no Departamento de Documentação, Smith, cujas funções poderiam ser as de destruir documentos ou alterar o passado nos mesmos, feito um palimpsesto, deparou-se com quatro documentos a serem alterados, que são os que seguem agora.

O primeiro tem a data de 03/12/1983, Smith mas deixou para ser o último a ser trabalhado, visto a sua complexidade.

A segunda publicação, data de 12/12/1983, quando a “Times” (não informa ser uma revista ou jornal) trazia um discurso do Grande Irmão (o ditador do país) quanto à produção do Novo Plano Trienal no quarto trimestre. Mas ele errara na previsão. E Smith teria de corrigir o texto para o sexto trimestre do N.P.T., inclusive o volume de

produção de bens de consumo, que na realidade fora menor. O mascaramento era para que o Grande Irmão sempre estivesse correto nas suas ações e pronunciamentos.

Assim, a alteração do passado, pelo Departamento de Documentação era ajustar os fatos pretéritos para que se tornassem críveis no futuro. Ou presente.

Resolvida essa questão, passa a trabalhar na terceira data, 14/02/1984, referente à distribuição do chocolate, em que, no passado real o Ministério da Pujança não faria nenhum corte da ração deste produto. Mas foi feito. A função de Smith era alterar a notícia, alertando que a ração sofreria redução em abril.

A quarta data, 17/03/1984, trata-se também de uma reportagem da “Times”, em que o ditador previra que o sul da Índia permaneceria calmo, e o norte da África assistiria a uma ofensiva das forças eurásianas. A retificação seria para mostrar que o Grande Irmão acertara na sua presciência (mas ele errara), pois, de fato, a Eurásia fez uma ofensiva, mas no sul da Índia, e o norte da África permaneceu calmo. Smith, mais uma vez, alterou o passado, invertendo e mentindo sobre os fatos.

Finalmente, Smith trabalhou na primeira data, 03/12/1983. O documento a ser alterado visava sobre uma matéria condenada, em que o déspota elogiou o trabalho de uma organização responsável por fornecer cigarros e outros itens para os marinheiros das Fortalezas Flutuantes. Porém, não se sabe por que, o tal instituto acabara e o seu membro insigne, que merecera um elogio e agora não teria mais como elogiá-lo.

Então Smith resolvera fazer – alterar - a nova reportagem com algo que não tivesse nada com o artigo anterior, e criou o camarada Ogilny, recentemente morto em circunstâncias heroicas. Aprontou uma nova biografia, tal qual o personagem do livro comentado anteriormente, “O Vendedor de Passados” e seu Félix Ventura, começando o edital por ordem cronológica, em que aos três anos Ogilny rejeita brinquedos, menos um tambor, uma metralhadora e um helicóptero; aos seis, por permissão especial ingressa nas fileiras dos Espiões; aos nove torna-se comandante de tropa; aos onze denuncia um parente à polícia; aos dezessete organizou uma Liga Juvenil; aos dezenove idealiza e projeta uma granada de mão e, finalmente, aos vinte e três anos, perde a vida, de forma heroica, num combate.

Smith inventa ainda que o novo herói era abstêmio, não fumava, era celibatário e só conversava sobre assuntos que interessassem ao partido. Assim, o camarada Ogilvy, que não existira no presente, passou a existir no passado e tão logo essa falsificação caísse no esquecimento, existiria com a mesma autenticidade de um Carlos Magno ou Júlio César.

Vista deste prisma, a alteração do passado, pelo Departamento de Documentação do Ministério da Verdade era alterar os fatos já acontecidos para que se tornassem verossímeis. Alterava o que se tornara obsoleto e fornecia à população os meios gráficos, iconográficos, fílmicos e sonoros da informação adequada à Novafala. E porque não dizer, Novaverdade. Todos os meios de informação e comunicação eram passíveis de ser falseados. Modificava-se tudo, todas as publicações existentes, como livros, periódicos, panfletos, cartazes, folhetos, filmes, trilhas sonoras, desenhos animados, fotos.

Quanto às fotos, uma das mais famosas, no nosso mundo real, é a referente à Lenin, em 05 de maio de 1920, quando este aparece em palanque para uma multidão e Trotsky está na escada. Anos mais tarde, Josef Stalin retirou este último da foto.⁵²

E quanto a essas alterações, o autor de “1984” escreve: “dia a dia e quase minuto a minuto o passado era atualizado” (Orwel, 2009, p. 54), e para este, na sequência do seu enredo, o Grande Irmão e a história não passavam de uma espécie de papiro, raspado e reescrito tantas vezes quanto fossem necessários.

Após Smith alterar os documentos, estes eram reimpressos, publicados, o anterior era destruído e a nova cópia corrigida era arquivada no lugar da precedente. Enfim, neste romance, passado e futuro eram o que se chamava Duplipensar, ou seja, unir duas situações antagônicas, mas verdadeiras, e existindo dentro de uma mesma realidade, algo às vezes não muito diferente do que acontece hoje em dia com o uso da informatização, mas nesta apesar de, aparentemente ser fácil a falsificação, há os metadados⁵³, que não as informações sobre a criação do documento. Logo, se ele for alterado, a data e hora da alteração, estarão registrados.

No livro “1984”, há manipulação do Tempo passado no presente que alteram o futuro, as ações se passam no ano do título do livro, mas não cita datas nem uma outra situação mais específica temporal de suas ações, somente o ano em que se dá a ação e a alteração do Tempo, via notícias ou pronunciamentos. E, claro, alteram a história local.

⁵² Sobre este registro fotográfico com a alteração da imagem - o antes e o depois. Disponível em: <https://ensinarhistoria.com.br/fotografias-que-falsificam-a-historia/>. Acesso em 24 jun 2024.

⁵³ Dados estruturados e codificados, que descrevem e permitem acessar, gerenciar, compreender e/ou preservar outros dados ao longo do tempo. ARQUIVO NACIONAL. Dicionário brasileiro de terminologia arquivística. RJ: Arquivo Nacional, 2008, p.116.

“Antes Que o Café Esfrie”

Neste romance “Antes que o Café Esfrie” (2022), de Toshikazu Kawaguchi (1971), a história se passa numa pequena rua de Tóquio, mais especificamente, em uma cafeteria que serve um café muito especial, quase sobrenatural, pois os clientes que vão ali podem viver uma experiência inigualável de viagem no Tempo, indo do presente para o passado ou para o futuro. É, sobretudo, um livro de ficção, repleto de imaginação e criatividade.

Mas essa viagem exige o cumprimento de determinados ritos e tem os seus riscos, pois no passado só se poderá encontrar pessoas que já estiveram no café; os clientes têm de se sentar somente em uma determinada cadeira e mais, não é possível se levantar no meio da viagem, senão esta será interrompida. Nada do que for dito mudará o presente, mas essa viagem só durará enquanto o café ainda estiver quente. Se ele esfriar, acabará o encanto. O Tempo no passado ou futuro começará a partir do momento em que o café for servido. A pessoa precisa voltar antes que o café esfrie, caso contrário, correrá o risco de ficar pedida no Tempo.

A cafeteria localiza-se numa espécie de *shopping* em um subsolo de Tóquio e como decoração, há três relógios na parede, expostos lado a lado. Só um funcionava corretamente, com precisão, um girava rápido demais, e o outro, devagar demais. O romance está estruturado em torno de quatro núcleos de personagens, assim representados: os namorados; marido e mulher; as irmãs e, mãe e filha.

Os Namorados

Fumiko pede para ser transportada para uma semana atrás, para assim impedir que o namorado, *Goro*, viaje para os Estados Unidos. Porém, não se pode alterar o presente e nem impedir a partida ou o fim do namoro. Acreditava que não seria possível voltar ao passado, que isso seria somente uma tática para atrair mais gente para o café. Viajar no Tempo, para ela, era como violar as leis da natureza.

A viagem começa a partir do momento em que o café é servido para *Fumiko*. Inicia-se a viagem ao passado e ela se encontra com *Goro* e, afinal, consente que ele vá viajar, pois chega a conclusão que não se pode mesmo modificar o passado ou o presente. De repente, a xícara ficou vazia, ela fica tonta e volta ao presente, ainda meio zozna, como se duvidasse do que tivesse acontecido.

Marido e Mulher

O café chegou no Japão no período *Edo* (1603-1867), no fim do século XVII e a cafeteria foi inaugurada em 1874.

No presente, *Fusage*, jardineiro, que sofre de Mal de *Alzheimer*, escreve uma carta para a esposa, *Kothake*, enfermeira, pois tem medo que a sua perda da memória, que aumenta à cada dia, se agravasse mais e ele se esquecesse de falar com a mulher o que acha necessário dizer, mas ainda não tinha o ímpeto de entregar-lhe a carta.

Assim, *Kothake* resolveu fazer a viagem ao passado, mas para isso teria que formar uma imagen forte do dia para o qual queria voltar, pois seria o dia em que ele traria a carta para a cafeteria.

O café é servido e a viagem começa. Ela se encontra com o marido, mas era o marido ainda com memória. Em dado momento ele pergunta se ela veio do futuro e, continuam conversando, e ele lhe entrega o envelope com a carta que escrevera para ela.

Nesta ele descreve desde o início do seu esquecimento e declara que não quer que ela fique com ele como enfermeira, não quer que ela fique com ele por compaixão, mas a quer como esposa, e que lhe dispense atenção como uma pessoa da familia, o que de fato ele é.

Dito isso, ele se levanta e vai embora e, ela fica meio enebriada até que a viagem termina por completo e ela fica então consciente de que o seu marido não a esquecera.

As Irmãs

Kumi, de 18 anos e *Hirai*, de 24, pertencem a uma familia que tem um pequeno hotel no interior do Japão e, as duas não se entendem muito bem. *Hirai* quer voltar no Tempo para encontrar a irmã que morreu atropelada e, para isso, sentou na única cadeira em que se pode viajar no Tempo. O café foi servido e pouco depois ela sente uma tontura, e a sua mente parece estar em outra era.

As duas finalmente se encontram e *Kumi* confessa à irmã que o seu sonho era administrar o hotel junto com ela, o que foi impossível de acontecer, pois uma ficava no interior, no hotel, e a irmã foi trabalhar na cafeteria, em Tóquio. Nesse momento, *Hirai* sentiu vontade de dizer para a irmã não morrer, mas não o faz e as duas continuam frente à frente, confessando-se uma à outra, e mais importante, se entendendo mutuamente, havendo então a pacificação entre as duas.

Após dizerem tudo, *Hirai* escuta um alarme avisando que o café já está esfriando. Hesita, mas toma o restante e uma tontura a envolveu outra vez e sentiu umas

ensação de estar se fundindo ao vapor. Pela última vez viu o rosto da irmã, que enfim vai embora.

Mãe e Filha

Fumiko – a personagem de *Os Namorados* – pede para viajar para o futuro, para encontrar o namorado *Goro*. Mas tal pedido é impossível de ser feito, pois pelas regras da cafeteria quem já tivesse sentado na cadeira para viajar no Tempo não poderia fazer isso de novo, e além do que, no futuro não há certeza de se encontrar com a pessoa desejada: cada um tinha somente uma única oportunidade.

Kei, outra personagem, a esposa do dono da cafeteria, pede para ir para o futuro, dali há 10 anos, no dia 27 de agosto às 15 horas. Como estava com uma gravidez difícil, em que poderia decidir entre a sua vida ou a do bebê, queria ver o filho ou filha no futuro, se de fato nascera.

O café é servido para e, após algum tempo, tudo em volta “desabou” para ela. Retornou do vapor à forma corpórea. Já estava no futuro, provavelmente, dez anos à frente. O calendário mostrava: 27 de agosto.

Só que houve um problema e uma inversão dos anos e horas: era 15 anos à frente e às 10 horas da manhã e não 10 anos às 15 horas. Afinal ela se encontra com a filha, já adolescente, que no presente ainda não nascera. Conversa, mas *Mikki*, a sua filha só responde com monossílabos, mesmo assim agradece por a ter gerado. A mãe também agradece a honra de a ter concebido.

Kei volta ao presente, satisfeita por ter tido a filha e consciente de que não é possível modificar o passado, mas que é possível voltar a ele com o coração mudado, para melhor, compreende-lo e ciente de que os acontecimentos se deram como tinham de ser. Ela sabe que em um futuro não muito distante morrerá para dar a luz a sua filha.

Resumindo os quatro núcleos: *Kohtake* conseguiu receber a sua carta, e a doença de *Fusagi* ainda está se agravando. *Hirai* encontrou a irmã e, nunca mais irá vê-la. E *Fusake* ainda não teve o possível retorno do namorado. E a mãe encontrou a filha, que ainda não conhecera. E *Fumiko* e *Goro* se entendem.

Diante do exposto, vimos que o romance se trata de uma imaginação e ao contrário do que foi escrito sobre a literatura e o Tempo, no início deste subitem, é possível uma ficção mesclar verdades – como passado, presente e futuro, que são distintos um dos outros – mas que aliado a isso, uma grande dose de imaginação pode ser dada à literatura como forma de discurso, podendo este ter grande carga de verdade,

de conhecimento. Mas, sobretudo, é uma obra de ficção, em que o autor passeia por tema fascinante, que é o Tempo, visitando o passado, o presente e o futuro. E há ainda a referencia dos três relógios na parede, que representam esas três esferas de tempo.

Cabe citar que Toshikazu Kawaguchi, o escritor, usou alguns elementos do Tempo, como datas, calendários, relógios e compreende a separação das três fases do Tempo, passado, presente e futuro, assunto abordado no sub-item 2.4 As Fases do Tempo

“Passeio ao Farol”

Este livro, de Virginia Woolf, é um romance romântico, diferente do romance histórico ou indigenista (MOISÉS, p. 47, 1967), por exemplo, e cuja leitura não é das mais simples, pois nele as ações simplesmente não se sucedem, são relatadas pela narração dos seus personagens. E há constantes idas e vindas do presente para o passado e vice-versa. A sua definição temporal não é esclarecida explicitamente, e como todo este livro, os acontecimentos são exposições implícitas. Igualmente, a passagem do Tempo raramente é clara, pois não é regida pelo relógio ou por um calendário, mas pelo pensamento de alguns dos personagens.

Porém, em dado momento da primeira parte, sabemos que a época situa-se no Tempo da I Guerra Mundial, ou seja, aproximadamente a partir de 1914. Em relação ao espaço, o cenário principal é a Ilha de Skye, que fica na Escócia, mas tal situação só fica clara no final do romance.

O tema central é parte da história da família Ramsay e seus oito filhos (James, Cam, Andrew, Roger, Nancy, Rose, Jasper e Prue), em um passeio ao farol, mas este, no início do livro não é esclarecido se fica na própria ilha ou em outra não muito distante. Há vários convidados no casarão da família Ramsey, entre eles: uma pintora; um admirador do sr. Ramsey, um botânico; um casal que acaba se casando; um poeta; o Charles Tamsley (o mais estranho de todos), para quem as mulheres não sabem pintar ou escrever: e a pintora, Lily, responsável por grande parte da narrativa.

Como dito no início, o livro é mais implícito que explícito e para se ler, devemos ter em conta que, no romance há uma carga enorme de poesia. É como se houvesse uma junção de prosa⁵⁴ e poesia. O livro divide-se em três capítulos, “A Janela”, “O Tempo Passa”, e “O Farol”.

⁵⁴ Prosa – texto que apresenta análise, narração. Os textos escritos de forma corrida, organizados em parágrafos, cuja intenção é, grosso modo, a exposição de uma ideia, de fatos ou de uma história.

Mas, de volta à obra de Virgínia Woolf, nesse capítulo intitulado “A Janela”, há uma breve referência ao início da Primeira Guerra e, representa uma visão geral do casarão, seus familiares (todos vivos), seus convidados e o filho mais novo, James, querendo fazer um passeio ao farol, mas sempre o seu pedido era negado pelo pai, sob a alegação de que o Tempo amanhã (pequeno futuro) não estaria bom. Algumas situações são propostas ainda neste primeiro capítulo, mas não se concretizam, o que somente irá acontecer no último.

O interessante a se ressaltar neste primeiro capítulo é o que ocupa a maior parte do livro em número de páginas. Porém, é a que trata do menor espaço de Tempo, o que irá acontecer somente na segunda parte, que é denominada de “O Tempo Passa”.

Nele, sabe-se que os personagens do primeiro capítulo estão todos fora, em outra parte do Reino Unido e, as narradoras principais são as empregadas que comentam, não a passagem do Tempo propriamente dita, mas sobre o quase desmantelo em que se encontra o casarão, antes tão bem habitado e conservado e agora, praticamente solitário e gasto pelo abandono e pela ação do Tempo e inabitado pelos seus proprietários.

Os sinais da passagem do Tempo são: a casa agora muito velha; os livros mofados que precisam ser espalhados no sol; a calha entupida e o tapete roto. As empregadas reclamam que as “pessoas” se esqueceram do casarão, pois a matriarca da família, Sra. Ramsay morreu, e deveriam ter mandado alguém ver a situação em que se encontrava a edificação. As roupas estavam alteradas pelas traças, existia ferrugem nas dobradiças; poeira e rachadura nos objetos, e estes, como uma metáfora, clamavam pela atenção dessas pessoas. São sinais materiais da passagem do Tempo. Aliás, não somente a senhora morreu, mas também dois dos seus filhos, Andrew e a adolescente Prue, que falecera um ano após se casar.

Um distintivo particular dessa literatura é quanto à passagem do Tempo, pois a Primeira Guerra começou em 1914 e foi até 1918, então, passaram-se aproximadamente quatro anos e meio. No entanto, o caçula da família, que no início do primeiro capítulo tinha apenas seis anos, quando, no começo do terceiro capítulo, onde finalmente acontece o passeio, ele já estava com dezesseis anos, e é ele quem comandará a navegação do barco. Logo, o Tempo é, provavelmente, 1924, mas no terceiro e último

capítulo realmente acontece o ansiado desejo do caçula, agora um rapaz, dotado de responsabilidade e habilidade para comandar a pequena embarcação.

Porém, o capítulo não se resume à concretização do passeio, pois também há a recordação de uma das convidadas, Lily, que é uma pintora e a partir dela há outra finalização que é o quadro que começara a ser pintado ainda no primeiro capítulo e só será concluído neste terceiro, como se as suas pinturas fossem lembranças, memórias de um Tempo passado, no qual se recorda das pessoas que já morreram nesse intervalo de Tempo. Essa ação de pintar tem uma afirmação feminista, pois naquele tempo, início do século XX havia um forte preconceito em relação à figura da mulher e sua capacidade cognitiva. Lembramos que no início deste relato sobre o livro, há o personagem Charles Tansley, um misógino, para quem as mulheres não sabiam pintar nem escrever. Ela prova, como *alter ego* da escritora Virgínia Woolf, que isso não é verdade.

Finalmente, descobre-se que o farol não fica em outra ilha, mas no lado oposto da mesma, em posição contrária ao casarão. Há a rememoração de passeios de trem, cujas janelas parecem retratos por onde passou e, hoje são lembranças, como o seu quase casamento com um outro convidado. Todas essas memórias, essas lembranças de situações que acontecem no hoje do livro são repetições do passado, como um eco do Tempo que estava no ar e o preenchia com vibrações que a emocionavam. Lily funciona como *Mnemosyne*, a deusa grega da memória. (Vernant, 1990, p. 136).

Dirigindo-nos próximo do fim do livro, o anfitrião, Sr. Ramsay, afirma que o fim, tanto para ele, aos 71 anos como para o convidado, o sr. Macalister, de 75 anos está próximo (Woolf, 2023, p. 248). E que os seus filhos – do anfitrião – ainda iriam ver muitas coisas, prevendo um futuro sombrio daquilo que virá pela frente.

O livro termina com a pintora Lily, que não fora ao passeio, calculando que eles já deveriam ter chegado ao farol: “Ele aportou. Está tudo terminado.” (Woolf, 2023, p. 251).

Ao final de sua leitura, destacando o escopo desta tese, identificamos que a obra é composta de vários presentes nos três capítulos, com as suas narrativas e descrições de lugares, pessoas e épocas, em que esses são também os vários passados. Suas vidas, alegrias, mortes, pinturas são todas reminiscências de um Tempo que passou e que agora, para os dois personagens mais idosos (Sr. Ramsey e Sr Macalister) não haverá futuro, mas somente o desejo de que seus filhos vivam com saúde e respeitando a natureza e a própria vida. E, ao contrário do que pensara Lily, tudo não estava

terminado, pois há vários começos, que são as vidas dos filhos que seguem, são novos ciclos. Talvez bons, talvez fatídicos.

Importantes são os pensamentos dessa pintora, pois em dado momento do segundo capítulo ela relata: “Noite após noite, verão e inverno, o tormento das tempestades, a imobilidade de flecha dos dias ensolarados, imperavam sem interferência” (Woolf, 2023, p. 173), em que ela faz uma espécie de apanhado do Tempo, sintetizando o mesmo sob uma forma poética e real.

4.1.2 POÉTICA⁵⁵

A poética, segundo definição contida no dicionário, é a arte de fazer versos.⁵⁶ Porém, não ficaremos presos somente a essa classificação geral, pois que o termo pode não se aplicar somente à construção de poemas, mas ser também o modo de dotar uma obra de arte de um teor poético, como o último livro visto acima.

Deste modo, esclarecemos que a palavra poesia vem do grego *póesis*, de *poeiem*, significando criar, no sentido de imaginar. Os latinos diziam ser *oratio vineta*: linguagem travada, ligada por versificação. (Moisés, 1967, p. 30).

Já em ambiente mais moderno, outro autor, Antônio Soares Amora, diversifica a poesia em: saudosista (“Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias, por exemplo); indianista (“Os Timbiras”, também do mesmo autor); poesia calcada no romantismo, que a par de uma ideologia, de complexo conteúdo artístico, social e político, marcada pela hipersensibilidade, pela melancolia, pelo pessimismo, típicos do homem da primeira metade do Séc. XIX; poesia marcada pela descoberta dos valores líricos da natureza brasileira, religiosidade profunda, expresssa pelo poder criador de Deus; de 1860 a 1870 uma empenhada participação nos movimentos de idéias revolucionárias em favor do fim da escravatura e da reforma mental, social e política brasileira. Por fim a arte, não só a poesia, advinda da Semana de Arte de 1922 – o Modernismo, libertando o poeta do sofrimento e das rimas e das métricas, sem esqueça-las totalmente. (Amora, 1997, pp. 125/127, com adaptação).

Assim, de maneira geral, ela também foi objeto de uma obra de Aristóteles, em que para este:

⁵⁵ Sobre poética e tempo há uma interessante tese, “Das Mudanças do Tempo, que ora nos Traz Esperanças, ora nos dá Incertezas: imagens do tempo na poesia de Mário Quintana”, de Taiana Basgalupp de Vargas/UFRG – Universidade Federal de Rio Grande/RS.

⁵⁶ Ferreira, Aurélio Buarque.”Mini Aurélio – o dicionário da língua portuguesa”. Curitiba – Paraná: Editora Positivo Ltda, 2008, p.638.

...ao que parece, duas causas, e ambas naturais, geraram a poesia: o imitar é congênito do homem, e os homens se comprazem no imitado. (...) Sendo, pois, a imitação própria da nossa natureza, os que ao princípio foram mais naturalmente propensos para tais coisas pouco a pouco deram origem à poesia, procedendo desde os mais toscos improvisos. A poesia tomou diferentes formas, segundo a diversa índole particular [dos poetas]. Os de mais alto ânimo imitam as ações nobre e os de mais baixas inclinações voltaram-se para as ações ignóbeis. (Aristóteles, 1987, p. 203).

Partindo dessas informações, vimos que até hoje ainda se dá essa divisão social dentro da poesia, mas não de todo, visto que há uma geração de poetas denominados modernistas que, trazem uma poética de denúncia da opressão com as classes menos favorecidas, retratam a fome, a seca e a injustiça social, como, por exemplo, Castro Alves (1847-1871), bem anterior do Modernismo, notadamente na sua obra “Navio Negreiro” (1880). Quanto à segunda metade desse texto acima, nota-se também a preferência para retratar o mundo em que se habita, indo de uma situação particular para o geral. Pois este universal tem como fonte primária a literatura, e pode ser vista tanto como instrumento de prazer quanto de conhecimento e, o cenário desta, de modo geral, possibilita a apresentação de signos que vêm da experiência da vida, que por outro lado, podem não ser conhecidos para a grande multidão:

Grandes escritores e poetas “são” (...) observadores sensíveis registrando laboriosamente e analisando cuidadosamente o que ocorre no mundo e em suas próprias almas (...) a poesia expande e enriquece o alcance da experiência possível, acessível ao homem. (Meyerhoff, 1976, p. 111-112),

Esse grande poder de observação não é exclusivo somente dos poetas, mas também dos romancistas, dos teóricos e de outros pensadores, mas está ligado ao conhecimento adquirido através da cultura e da arte literária, pois esta revela a ideia do universal, que não é particular, mas sim ampliado para todos.

Esta condição saudável para o esclarecimento do conhecimento humano faz dos escritores em geral e dos poetas, em particular, serem tidos como novos e modernos aedos que transmitem a boa-nova e assim esclarecem para aquele que não pode ver através das entrelinhas dos poderes, por exemplo, e que fazem lembrar os seguintes versos de uma canção popular, de José Domingos de Moraes – Dominginhos - (1941-2013) e Alexandre Manuel Thiago de Mello – Manduka - (1952-2004): “Repare, a multidão precisa de alguém mais alto a lhe guiar”⁵⁷. Os poetas seriam esses mais altos, paralelo ao que Aristóteles descreve em citação no início deste segmento.

57

Disponível em <https://www.lettras.mus.br/dominginhos/688619/>. Acesso em 10 jun 2024.

E dentro dessa visão esclarecedora é como se houvesse um poder metafísico que essa literatura proporciona, fazendo os poetas uma interpretação concreta e real da vida, transmitindo e esclarecendo assim a natureza das ações e visões da condição humana, uma vez que:

Os poetas transmitem o significado da “experiência concreta” (...) a chave para esses aspectos carregados de valor, significativos, da experiência se encontra nos valores que reconhecemos “em termos da vida humana”. Desse modo, obtemos dos poetas (não dos cientistas) a doutrina que uma filosofia da natureza deve preocupar-se com essas cinco noções: mudança, valor, objetos externos, direção e inter fusão são aspectos da experiência, característicos do tratamento literário do tempo. (Meyerhoff, 1976, p. 126).

Assim, esses cinco aspectos podem ser reveladores dentro das características tanto do humano quanto no da criação poética, dando-se não somente no campo da estética, mas também na do conhecimento multidisciplinar das obras que serão vistas a seguir.

O que pretendemos é, a partir de agora, mostrar alguns poemas e fazer uma descrição direcionada ao tema Tempo, dando um destaque especial, como estrutura subjetiva que é, do uso do recurso estilístico e poético, pois o seu uso se une: “a construção de metáforas organizadoras da experiência interna é imprescindível para a constituição da própria experiência do mundo: a metáfora é a própria experiência concretizada. (Macedo; Vieira, 2015, p. 4)”.

Porém, antes de sequenciar a apresentação e a consequente discussão dos poemas, e quanto à extensão de alguns, pois que tornar-se-ia impraticável apresentar alguns poemas na sua totalidade, pois que alguns, como o “Poema Sujo” e “Vladimir Ilitch Lenin” compõem, cada um, um livro. Diante de tal situação faremos, qual o modo de alguns estudos críticos – que não é a nossa intenção – apresentá-los somente sob alguns trechos necessários ao entendimento quanto a sua capacidade temporal, como poderá ser visto mais adiante.

Poderíamos, caso julgássemos importante, usar outros poemas de teor semelhante, mas de menor extensão. Mas estes nem sempre atendiam à nossa proposta de conteúdo e tampouco apresentavam-se dentro do binômio tempo e espaço, o que, talvez, dentro da nossa proposta de multidisciplinaridade, não contemplaria uma apresentação multifacetada das suas temáticas. Sendo assim, ficamos com os poemas que julgamos importantes dentro de uma tríade de multidisciplinaridade, tempo e conteúdo, desde que fossem mostrados como uma discussão científica e, por mais

paradoxo que possa parecer, mas que também contribuíssem com um possível lado lúdico, tanto para o autor como para os seus leitores.

Assim, dando seguimento à exposição de poemas, o primeiro a ser visto é “O Corvo” (*The Raven*), do poeta norte americano Edgar Alan Poe (1809-1849), publicado pela primeira vez em 29 de janeiro de 1845 (Barroso, 1998, p. 13), e que chamou a atenção não só pelo conteúdo cheio de metáforas, como também pelo uso de aliterações e de palavras não usuais, até então, pela poesia.

Tais recursos de linguagem, porém, nem sempre surgem nas diversas traduções que o poema recebeu na língua portuguesa, sendo mais perceptíveis no seu idioma original. Inicialmente, trata de destino talvez oculto e do passado batendo à porta, em que “a grandiosidade de “O Corvo” está precisamente na impossibilidade de datá-lo, de considerá-lo antigo ou velho, inscrito definitivamente que está na categoria ímpar dos poemas eternos.” (Barroso, 1998, p.18), que pode parecer um contrassenso, mas não é, pois que há determinadas obras que pela sua repercussão e grandiosidade alcançam esse *status* de eternidade, sendo válido para qualquer época. Ou seja, ainda assim, trata-se do Tempo passado em sua magnificência e mais, tem continuidade no presente. “O Corvo” é atemporal.

O poema começa quase como que um antigo conto de fadas, com o seu “era uma vez”, e em uma das suas inúmeras traduções para o português, sendo que a que usamos aqui é feita por Milton Amado (1913-1974), em 1943:

Foi uma vez: eu refletia, à meia-noite erma e sombria,
a ler doutrinas de outro tempo em curiosíssimos manuais,
e, exausto, quase adormecido, ouvi de súbito um ruído,
tal qual se houvesse alguém batendo à minha porta, devagar.
“É alguém – fiquei a murmurar ‘que bate à porta, devagar;
sim, é só isso e nada mais.”

A começar pelas primeiras palavras – “foi uma vez” – tem-se logo de início a situação do autor num período de Tempo, o passado, pois que o mesmo equivale a dizer: houve uma vez, num Tempo. E mais, confirma a hora do dia em que se deu o acontecido: à meia-noite, à zero hora, quando, pela marcação do relógio termina um dia e logo começa outro.

E há um passado dentro desse passado, pois que estava a “ler doutrinas de outro tempo”, dando então significado às suas reminiscências. Ou como diria um trecho do próximo poema (T.S. Elliot), uma analogia do Tempo contido num e em outro.

Mais adiante, na estrofe seguinte, outras demonstrações temporais, como o calendário: “Ah, claramente eu o relembro ”Era no gélido dezembro...”, a lembrar que no seu país era inverno e o mês apresentava-se frio, gélido, provavelmente a nevar.

Há outras referências ao Tempo, como nas citações a seguir: “...assim de leve era hora morta...”, a dizer que àquela hora nada de extraordinário aconteceria; “...pois nunca soube de vivente algum, outrora ou no presente...”, ou seja, no agora ou no passado alguém que encontrasse a bater em sua porta a figura de um corvo, logo que se trata de uma metáfora que se encontra ao longo do poema.

Há, ao fim de cada estrofe a expressão “*Nunca mais*”, porém o que seria esse nunca mais ? A realidade-presente do corvo a dizer que o passado jamais se repetiria, o que no mundo de fato todos sabemos que o passado não se repete.

Mas essa decodificação dicotômica corvo/passado está, no nosso entendimento, claro no poema, mas depende de uma interpretação metafórica das palavras de Poe, como bem o fez o compositor cearense Belchior (1946-2017), que em sua composição “Velha Roupas Coloridas” – mais uma metáfora para o passado – parece que decifra o poema, tornando-o mais claro, ainda que misture palavras em português e em inglês, como segue:

... no presente a mente, o corpo é diferente
e o passado é uma roupa que não nos serve mais.
Como Poe, poeta louco americano
eu pergunto ao passarinho *Blackbird*, o que se faz?
Raven never raven never raven.
Blackbird me responde:
tudo já ficou pra trás.
Raven never raven never raven.
Assum-preto me responde:
o passado nunca mais.⁵⁸

Ao comparar-se os versos do poema norte-americano e a letra do compositor brasileiro, nota-se que não se trata de uma tradução, mas que sim que pode ser entendida, esta segunda como uma paráfrase do primeiro, pois que esclarece de forma direta o que provavelmente o corvo, numa espécie de fábula queria dizer ao insone cavaleiro do poema: que o passado já passou, não existe mais, é uma roupa que não nos serve mais, mas também pode ser comparado a uma das reflexões de Santo Agostinho: “... é com segurança que afirmo saber que, se nada passasse, não haveria tempo passado

⁵⁸ Disponível em <https://www.letras.mus.br/belchior/44464/>. Acesso em 10 jun. 2024.

(...) Logo, aqueles dois tempos, passado e futuro, em que sentido eles são, se o passado não é mais ... “(Santo Agostinho, 2017, p. 319).

Mais, poderia ser dito, que tanto de Edgar Alan Poe, quanto Belchior se complementam em Santo Agostinho, quando este pergunta:

Mas não podemos medir o que ainda não é. No presente, pelo qual passa? O que fazemos senão medir o tempo dentro de um certo espaço? Em que espaço medimos o tempo que passa? Talvez no futuro, de onde vem? (não podemos medir o que não tem extensão). No passado, para o qual vai? Não podemos medir o que já não é. (Santo Agostinho, 2017, p.325).

Assim, se o passado já não é, e o corvo tinha razão ao exclamar: “*Never more!*” e o Belchior usa o mesmo termo, ao declarar que o passado é uma roupa que não se usa mais.

Já segundo poema a ser visto será uma parte de os “Quatro Quartetos”, de T.S. Elliot, nascido Thomas Stearns Elliot (1888-1965), no Missouri, nos Estados Unidos. Elliot recebeu o Nobel de Literatura em 1948. (Galindo, 2018, p. 433/4).

O poema apresentado é *Burnt Norton* (Norton Queimado)⁵⁹, que faz parte do livro “Quatro Quartetos” e, às vezes o livro é confundido com o próprio poema. Ainda fazem parte *East Coker* (Coque Leste), *The Dry Salvages* (Os Resgates Secos) e *Little Gidding* (Pequena Brincadeira).

Aqui também serão apresentados alguns trechos, visto ser razoavelmente longos os poemas, e serão citadas somente as partes que se referem à noção de Tempo, diretamente:

Os tempos presente e passado/Estão talvez presentes no tempo futuro,
E o futuro, contido no tempo passado/Se todo o tempo é presente eternamente
O tempo é todo irremediável.

O que poderia ter sido e o que foi/ Apontam a um só fim, que é sempre presente.
Passos ecoam na memória / No corredor que não percorremos
Rumo à porta que jamais abrimos /Para o jardim de rosas.

Os tempos passado e futuro /O que poderia ter sido e o que foi
Apontam a um só fim, que é sempre presente.

No ponto imóvel do mundo que gira

Só que a cadeia passado e futuro /Tramada em fraqueza do corpo mudável
Protege a humanidade de céu e danação /Que a carne não suporta.
Os tempos passado e futuro /Permitem limitada consciência.

⁵⁹

Tradução do autor da presente Tese, assim como as demais do mesmo parágrafo.

Ter consciência é não estar no tempo /Mas só no tempo podem o momento no jardim de rosas

O momento na pérgula batida de chuva/, o momento na igreja fria, noite plena,

Ser lembrados; enleados em passado e futuro. /Só pelo tempo é conquistado.

Aqui é ponto de insatisfação tempo antes e tempo depois /Em luz fraca: nem o dia.

Homens e pedaços de papel, no vórtice do vento frio /Que sopra antes e depois do tempo,

Vento que entra e sai de pulmões doentios /tempo antes e tempo depois.

É este o caminho e só, e o outro /É o mesmo, não no movimento

Mas abstenção de movimento; enquanto o mundo move-se /Na aparência, em suas trilhas metálicas de tempos passado e futuro. /O tempo e o sino enterraram a hora,

a nuvem negra leva o sol embora.

Palavras se movem, música move /Somente no tempo; mas aquilo que é só vida

Pode morrer.

O próprio desejo é movimento/ não só por si desejável;

O amor é por si só imóvel/ é causa apenas, fim, do movimento,

Atemporal e indesejante/ exceto no aspecto de tempo

Apreendido em forma de limite/entre o não ser e o ser.

Súbito num feixe de sol/ ainda enquanto o pó se move

Eleva-se oculta risada/ de crianças na ramagem

Rápida agora, aqui, agora, sempre –

Ridícula a perda triste tempo/ antes e depois se estendendo.

Pelas citações, podemos perceber que o Tempo de Elliot não é o Tempo da Física, mas sim, puramente abstrato e metafórico e subjetivo, mas que faz o homem refletir sobre si mesmo, seu Tempo e tanto do passado quanto do futuro.

Na primeira estrofe há uma complementação dos tempos passado, presente e futuro, que se fundem num e noutro, desprezando a própria lógica temporal, como se o Tempo pudesse ser inserido entre si e até mesmo podendo o futuro estar contido no Tempo passado, mas deixando bem claro que o que existe mesmo é presente, eternamente.

Essa fase de Tempo, o presente, é visto também como “presentismo”, fornecendo “a ideia de que apenas o presente é real, não o passado ou o futuro, e que a realidade evolui de um presente a outro consecutivo” (Rovelli, 2018, p. 87).

Porém, essa mesma visão, talvez inquieta das funções temporais permeia uma outra leitura, de amálgama de Tempos⁶⁰. Estamos diante de um Tempo psicológico, em que o curso ininterrupto e a duração são tidos como constituintes da experiência do presente especioso, que “é apenas outro termo introduzido para descrever o aspecto da amplitude, extensão ou duração da experiência momentânea do tempo contra o ponto único, abstrato, definindo o momento do tempo físico” (Meyerhoff, 1976, p. 17), ainda que não dê uma definição exata do ciclo temporal propriamente dito.

O Tempo em Elliot não é o tempo histórico, fatiado em ciclos ou períodos fechados, mas amplamente aberto para o psicológico, para a exploração do ambiente pessoal do eu consigo mesmo.

Há momentos em que reconhece o movimento dos astros como o responsável pela marcação das horas, ainda que manipulada pela mão humana, como no seguinte trecho: “O tempo e o sino enterraram a hora, /a nuvem negra leva o sol embora”, como se ao apagar do sol não houvesse mais o tempo ou a hora.

Na estrofe final há uma analogia com o sentimento humano, em que o amor, ao contrário do tempo é imóvel e, conseqüentemente, atemporal. Assim, reconhece que o tempo é movimento, ainda que não use diretamente recursos da Física para explicá-lo.

De outro modo, é importante ver que há uma relação entre o poema e a música, vista esta não é entendida somente como sentimento, mas também dentro da sua identidade matemática que engloba notas e acordes, pois

diferente da tradução em português, o original em inglês é movido sonoro, com uma aproximação pela música e que remete ao título do livro: *Quatro Quartetos*, pois o uso de temas recorrentes é tão natural para a poesia quanto o é para a música (...) há possibilidades de transições em poesia que podem ser comparadas aos diferentes movimentos de uma sinfonia ou de um quarteto; há possibilidade de arranjo contrapontístico do material temático”. (Gallindo, 2018, p. 417).

Mais adiante, Galindo afirma:

Não é algum impressionismo estético que leva o crítico Hugh Kenner (19232003) a aproximar os poemas e o *Quarteto número 4* de Bartók mas a estrutura em quiasmo da pela bartokiana, com seus cinco movimentos (todos os Quartetos têm cinco partes). (Gallindo, 2018, p. 417).

O mesmo Galindo assente que “nessa estruturação do passado (citações), de seu passado, do presente e do futuro de sua literatura que Elliot vai encontrar sua maior contribuição com a forma poética.” (Gallindo, 2018, p. 418).

⁶⁰

Grifo do autor da Tese.

E assim Elliot constrói a sua poética, usando recursos do seu eu interno e através de comparações, estrutura o poema, tendo o tempo como tema, porém, mantendo nessa base a sua retórica entre o passado, o presente e o futuro.

Agora, veremos o poema seguinte que será o “Poema Sujo”, do poeta maranhense Ferreira Gullar (1930-2016), mas como o livro é constituído por um único poema, iremos reproduzir alguns trechos que deem a ideia global por estrofes do mesmo. Será comentado a partir de alguns momentos citados e assim vistos conforme os próprios versos em que esteja clara a referência temporal.

A parte inicial do seu primeiro canto, digamos assim, a estrutura do poema segue paralelo à poesia concreta e não segue, em muitos momentos, as regras de comuns da língua portuguesa, como grafia, sintaxe e pontuação, adotando sistema próprio, como, por exemplo, não usando letra maiúscula para o início de frase.

Logo, exporemos somente o que há de registro do Tempo mais importante nas suas citações. Assim segue a primeira estrofe:

turvoturvo
 a turva
 mão do sopro
 contra o muro
 escuro
 menosmenos
 menos que escuro
 menos que mole e duro menos que fosso e muro: menos que furo
 escuro
 mais que escuro:
 claro
 claro como água? como pluma? claro mais que claroclaro: coisa alguma
 e tudo
 (ou quase)
 um bicho que o universo fabrica e vem sonhando desde as entranhas...

Cabe, de início, uma explicação: com o intuito de respeitar o estilo do autor, os espaços entre as linhas foram reduzidos a fim de que também possibilitasse uma melhor leitura, já que a estrutura do poema também está montada no efeito visual e gráfico.

Esse trecho do poema apresenta-se, à primeira vista, enigmático, porém, com o decorrer da leitura adiante, vê-se que o poeta está tentando situar-se no Tempo e no espaço, numa clara tentativa de encontrar-se em algum lugar, um situar-se como cidadão, encontrando um modo de expor os seus pensamentos. Dá uma noção de que está perdido, sem prumo dentro do espaço.

E este situar-se temporal e espacial, explica-se pela conjuntura política por que o Brasil atravessava. O ano era 1975, em meio a uma ditadura militar imposta pelo Golpe

de 1964. O autor encontrava-se em autoexílio, na Argentina, que também tinha situação política semelhante.

Assim, o poema, tanto de início, como na sua totalidade, é composto de memória do eu cidadão e do seu momento histórico, indo do início ao fim de lembranças de sua infância e juventude na cidade natal – São Luiz, no Maranhão – o que é uma situação do espaço brasileiro e depois migra para o espaço argentino.

Situa-se em consonância com o Tempo e o espaço. Tempo histórico, político e espaço geográfico. Essa dupla referência geográfica natal está clara nos seguintes versos: “Que importa um nome a esta hora do anoitecer em São Luiz do Maranhão (...)?”. Após essa lembrança com a sua cidade, em que se situa como um ente político e romântico a ter reminiscências familiares, aparece um outro lado, atemporal, pois Gullar acha-se: “... Como um facho corpo sem chama, / ou dentro de um ônibus/ ou no bojo de um Boeing 707 acima do Atlântico/ acima do arco-íris/ perfeitamente fora/ do rigor cronológico/ sonhando...” como se essa atemporalidade o fizesse sair da realidade e o permitisse sonhar.

Em outro momento, as memórias históricas vêm como um facho feroz de lembranças do Tempo da II Guerra Mundial (Gullar nascera em 1930, sendo adolescente quando da guerra) ao fazer as seguintes citações: “... sob as sombras da guerra: a gestapo a wermacht a raf a fec a blitzkrieg catalinas torpedeamentos a quinta-coluna os fascistas os comunistas o repórter isso a discussão na quitanda...,” escritos na forma apresentada, sem letras maiúsculas, sem vírgulas, a dar a impressão de um turbilhão de eventos que o sufocavam nesse momento histórico e também de suas lembranças pessoais.

Em outro trecho, situa-se no Tempo-espaço, para fazer uma lembrança autobiográfica: “... meu corpo nascido numa porta-e-janela da rua dos Prazeres/ ao lado de uma padaria/ sob o signo de Virgo/ sob as balas do 24º BC/ na revolução de 30...”

E mais adiante usa de recursos onomatopeicos para tratar da sua relação com o relógio, explorando os efeitos psicológicos do Tempo que parece não passar, mas que passa, visto os anos vividos:

... e desde então segue pulsando como um relógio/ num tictac que não se ouve/ (senão quando se cola o ouvido à altura do meu coração) tictactictac/ enquanto vou entre automóveis e ônibus/ entre vitrinas de roupas/ nas livrarias/ nos bares/ tictactictac/ pulsando há 45 anos.

O Tempo está sempre presente no “Poema Sujo”, em diversos trechos, como no que se segue: “... resvalando seu costado luminoso nas folhas/ passasse o dia (o século XX)/ e era dia/ como era dia aquele dia/ na sala de nossa casa...”.

Neste, além de situar-se no século, voltam de novo as suas memórias pessoais, sendo mais específico quanto ao Tempo e lugar: “... dias que se vazam agora ambos em pleno coração/ de Buenos Aires? Às quatro horas desta tarde/ de 22 de maio de 1975/ trinta anos depois/ muitos/ muitos são os dias num só dia...” e essa mistura de dias também se dá com as noites: “Numa noite há muitas noites/ de modo diferente/ de como há dias/ no dia (...) e assim muitas noites/ parecem uma só (...) noite da casa iluminada a luz elétrica/ A noite dormem as galinhas/ e põe a funcionar os cinemas/ aciona os programas de rádio...”.

Nessa parte final, há a importância do Tempo social, pois é à noite que os cinemas começam a funcionar, igualmente os programas de rádio. Pelo menos à época de sua infância.

Em determinada parte do poema, há, na sua noite o efeito do tempo psicológico quanto à impressão de que o Tempo não passa: “Como se o tempo/ durante a noite/ ficasse parado/ junto com a escuridão...”.

Quanto ao trecho em questão, John Wearden (1943), psicólogo da Universidade Keele, na Inglaterra, explica esse arrastar do Tempo quando constatou em pesquisa que “o tempo consistentemente se acelerava quando as pessoas estavam ocupadas, felizes, concentradas ou socializando (...) e se retardava no trabalho ou quando se estava entediado, cansado ou triste.” (Burdick, 2020, p. 266).

Em “Assim apodrece o Anil/ ao leste de nossa cidade/ que foi fundada pelos franceses em 1612”, expõe o ano de fundação da sua cidade, resultado da invasão francesa no Séc. XVII, lembrando, através de suas lembranças pessoais, o fato histórico. É o Tempo cronológico.

Por fim, o poema refere-se ao sistema solar e que, quando o sol se apaga (mas a Terra ainda gira), a cidade permanece, ainda que vazia:

.... quando todos esses sóis se apagam/ resta a cidade vazia (...) porque diferentemente do sistema solar; a esses sistemas/ não os sustêm o sol e sim/ os corpos que em torno dele giram: não os sustêm a mesa/ mas a fome/ não os sustêm a cama/ e sim o sono/ não os sustêm o banco/ e sim o trabalho não pago.

Ou seja, o sol existe e a terra continua girando ao seu redor, e o Tempo continua existindo e todos os eventos continuam existindo, independentemente de qualquer

movimento do sistema solar, pois a vida continua, e o homem está ali, como testemunho da história, da vida que passa, na interação do homem-cidade, Tempo-espaço: “O homem está na cidade/ como uma coisa está em outra/ e a cidade está no homem/ como em outra cidade.”

Terminada essa explanação sobre o “Poema Sujo”, o próximo autor será o Fernando Pessoa (1888-1935) e, neste caso, um dos seus heterônimos, Alberto Caieiro, considerado o contrário do seu criador, pois procurava dizer o que sentia, sem pensar no que seria esse sentimento. Enquanto Pessoa escrevia a sua experiência do que via, Caieiro, ao contrário, escrevia “versos sem querer” (Tutikian, 2015, p. 21).

Ainda segundo Jane Tutikian, Caieiro é poeta da natureza, e “seus versos captam um modo de estar no mundo muito próprio, (...) e, aí, ele elimina tudo o que for pensamento ou transcendência: para o poeta (Caieiro), não existe interioridade.” (Tutikian, 2015 p. 22).

Logo, exemplificaremos com um poema, sem título, datado de 19/07/1920, póstumo (possivelmente para Caieiro), publicado no livro “Poemas Inconjuntos” (1913-1915):

Vive, dizes, no presente;/ só no presente.
 Mas eu não quero o presente, quero a realidade;
 Quero as coisas que existem, não o tempo que as mede.
 O que é o presente?/ É uma coisa relativa ao passado e ao futuro.
 É uma coisa que existe em virtude de outras coisas existirem.
 Eu quero só a realidade, as coisas sem presente.
 Não quero incluir o tempo no meu esquema
 Não quero pensar nas coisas como presentes; quero pensar nelas como coisas.
 Não quero separá-las de si-próprias, tratando-as por presentes.
 Eu nem por reais as devia tratar./ Eu não as devia tratar por nada.
 Eu devia vê-las, apenas vê-las;/ Vê-las até não poder pensar nelas,
 Vê-las sem tempo, nem espaço./ Ver podendo dispensar tudo menos o que se vê.
 É esta a ciência de ver, que não é nenhuma.

Alberto Caieiro é por demais claro, explícito neste poema, pois que demonstra que não quer a realidade, o que, por outro lado significa que reconhece que o Tempo existe, mas, paradoxo, não é real, ou que não quer a realidade. Tanto assim que só quer as coisas sem o presente, já que não quer aceitar o tempo existente no esquema social em que ele é aceito.

Só quer as coisas como elas são, sem a interferência do Tempo, pois que este influencia o mundo e as coisas que fazem parte dele.

Por mais contraditório que possa parecer a sua relação com o Tempo, reconhece que este existe e, mais, sabe da relação Tempo e espaço, porém assim mesmo dispensa

vê-lo, pois a sua ciência de vê-lo é “coisa nenhuma”. Ou vê-lo em outra dimensão. Lembramos aqui de Gilles Deleuze a nos esclarecer que, para Henri Bergson, o “tempo está assimilado a uma quarta dimensão do espaço”. (Deleuze, 2012, p. 76). Sendo assim, pode ser que Caieiro e Bergson tivessem o mesmo conhecimento do Tempo como uma dimensão.

Igual em Santo Agostinho, este reconhece que o presente é somente o intervalo entre o passado e o futuro (Santo Agostinho, 2017, p. 320). Mas, diferentemente de Caieiro, quer a verdadeira realidade, atemporal, sem a influência do passado, presente ou futuro.

Concluimos que tanto Fernando Pessoa quanto Alberto Caieiro são um só, a sempre a dizer e desdizer, ou como o próprio poeta disse num dos seus mais famosos poemas: “o poeta é um fingidor./Finge tão completamente/ que chega a fingir que é dor/ a dor que deveras sente.” (Pessoa, 1989, p. 79).

O poeta português parece estar sempre em constantes conflitos consigo e o mundo que o cerca, pois em alguns momentos a contradição é a sua única certeza e, com ela apresenta-se quase que por inteiro.

Após esta breve explanação do poeta português, trataremos do próximo poeta a ser visto, que será Ivan Junqueira (1934-2014), que foi membro da Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira nº 37, cujo patrono foi Tomás Antônio Gonzaga.⁶¹

O poema escolhido foi *O Tempo que me Resta*, publicado no livro “Essa Música”, no mesmo ano da sua morte.

Qual o tempo que me resta?
 Poderei medi-lo em pétalas
 De alguma flor que fenece,
 A última da espécie?
 Poderei fazê-lo em décimos
 De um segundo que parece
 Durar mais do que uma década
 Ou quem sabe todo um século?
 O que é tempo? Uma névoa
 Que na ampulheta escorrega,
 Ou algo que se esfarela
 Como a areia do deserto?
 Será o tempo esse périplo
 Que não finda nem começa
 E que flui antes que Eva
 Surgisse de uma costela?
 Será o tal mistério
 De que Agostinho, nas suas prédicas,

⁶¹ Ver site da Academia Brasileira de Letras: www.academia.org.br.

Foi o mais cabal intérprete,
 Mas nunca nos disse o que era?
 Qual o tempo que me resta?
 O de um dia ou o que medra
 Entre o agora e o que me espera
 No sol-posto das exéquias?

No poema acima, o Tempo discutido não é somente aquele marcado pela hora fria e matemática do relógio, vai muito além, é metafísico.

Primeiro, o poeta em questão mostra uma clara preocupação com o seu fim como ser humano, o seu epílogo, ou até quando irá o seu futuro. O término do seu ciclo terreno. Mas como já nos esclareceu Santo Agostinho, do futuro, só poderemos dizer que “será longo” (Santo Agostinho, 2017, p. 319), mas o quanto, fica impossível dizer ou prever.

Reconhece a parcela diminuta de Tempo (décimos de segundo) quanto também à duração da década ou do século como medidas temporais, porém a incerteza quanto a sua estada na terra, reconhece, não pode dizê-lo.

O Tempo aqui é ainda aquele medido pela ampulheta, mas carregada de areia que escorrega e se esvai, rápida, das nossas mãos, ou como névoa, que se escoia. Ou seja, o Tempo passa depressa e nos consome. É usado como uma viagem, que passa e tem o seu surgimento com a criação do mundo por Deus, visto que tem, o poeta, em Eva, o símbolo do seu surgimento.

Reconhece em Adão e Eva o surgimento do mundo, a ser contado, em horas, em eventos, a partir daí. Não comenta a teoria do *Big Bang*, reconhecida pela Igreja Católica, mas somente como evento divino, pois esta acatou tal modelo “e em 1951, proclamou oficialmente que que ele estava de acordo com a Bíblia” (Hawing, 2015, p. 69).

Trata ainda das fases temporais como um mistério do qual Santo Agostinho esclareceu, mas que nunca o definiu:

O que é o tempo, então? Se ninguém me perguntar, eu sei; mas se quiser explicar a alguém que me pergunte, não sei. Mas afirmo que, se nada passasse, não haveria tempo passado; se nada sobreviesse, não haveria tempo futuro; e se nada fosse, não haveria tempo presente. (Santo Agostinho, 2017, p. 319).

Por fim, Junqueira se indaga sobre o Tempo que lhe resta, se um dia, ou se será o espaço entre o agora, o ocaso do sol de uma cerimônia fúnebre, deixando para quem o lê um enigma a ser decifrado, como o são a vida e o próprio Tempo. É o fim do ciclo, com as exéquias.

Finda a apresentação do poema de Ivan Junqueira, após citar alguns autores de língua portuguesa, em seguida ilustraremos o presente capítulo com o poeta russo Vladímir Vladimirovitch Maiakóvski, que nasceu a 7 de julho, segundo o próprio poeta, em 1893 ou 1894 na aldeia da atual Geórgia, Bagdadi e que, pelo novo calendário adotado pela Revolução Russa de 1817, seria 19 de julho (Maiakóvski, 1991, p. 7).

A sua poesia pode ser dividida em duas partes: antes e depois da Revolução, pois a partir desta a sua obra tem declaradamente uma dedicação quase que exclusiva ao levante de outubro. (Maiakóvski, 1991, p. 29). Como consequência disso a coletânea em que recolhemos o poema acima tem o seguinte título: “Vladimir Maiakóski – O Poeta Operário – Antologia Poética”.⁶²

Porém, antes de começar a análise temporal deste poeta russo, veja-se o que disse Aristóteles na sua obra “Poética”, quanto ao ofício do poeta:

... não é ofício do poeta narrar o que aconteceu; é sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta por escreverem verso ou prosa (...) diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder. Por isso a poesia é algo mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e esta, o particular. Por universal entendo eu atribuir a um indivíduo de determinada natureza pensamentos e ações que, por liame de necessidade verossimilhança, convém a tal natureza; e ao universal, assim entendido, visa a poesia, ainda que dê nomes às suas personagens.... (Aristóteles, 1987, p. 209).

Assim, da sua chamada segunda fase escolhi o poema que aqui será demonstrado parcialmente, e cujo título leva o nome do principal líder da chamada Revolução de Outubro, Vladimir Ilyich Ulianov, conhecido popularmente como Lenin. O nome da obra é “*Vladimir Ilitch Lênin*” (p. 157) e trata-se de um livro inteiro, do qual não obtivemos acesso integral, mas tão somente a trechos dele na antologia utilizada na descrição, tanto de dados biográficos como na de obras do poeta russo, e o que de fato nos interessa é o que passamos a seguir:

Tempo, começarei a história de Lênin.
Mas não porque a dor tenha passado.
Tempo, é que de uma angústia cortante
se fez uma dor clara e consciente.
Tempo, solta de novo ao vento
as palavras de ordem de Lênin.

Ao iniciar o poema, vê-se uma preocupação com o Tempo, não o Tempo das horas marcadas pelo relógio, friamente, mas sim um Tempo maior, o Tempo da história

⁶² Vladímir Maiakóvski – O Poeta Operário. Antologia Poética. Isadora Coutinho Guerra. São Paulo: Círculo do Livro, 1991.

registrada, o Tempo que às vezes conhecemos genericamente como o Tempo da revolução, em que o triste passado é forte lembrança no presente abrindo um novo caminho para o futuro.

O Tempo presente, para Maiakóvski, é o Tempo de Lênin, ainda que a dor não tenha de todo passado, pelo contrário, ainda é de uma angústia cortante, mas consciente do momento histórico em que estão passando, e que as palavras do líder são para ser cumpridas, rumo ao futuro que se prenuncia melhor que o passado. Aqui está presente a dicotomia passado/futuro.

*Toda Moscou: um rumor estremece o solo gelado.
Sobre as fogueiras acesas
Derrete-se a noite frígida.
Que fez ele? Quem é, de onde vem?
Por que lhe prestam homenagens?
De minha memória sai uma palavra após outra.
A nenhuma digo: fica-te pra lá!
Ah! a miséria da oficina das palavras!
Onde pescar a que melhor convém?
Temos sete dias na semana
E num dia doze horas.
Ninguém a si mesmo sobrevive.
A morte não costuma apresentar desculpas
Se o relógio funciona mal.
Achamos mesquinho o calendário
E dizemos: época
E dizemos: era.
À noite dormimos.
De dia agimos.*

Neste trecho utilizado vemos que o autor russo situa-se primeiro no espaço, e cita, a cidade da ação: Moscou, em que o Tempo e a motivação histórica estão acontecendo, pois que o chão está estremecido, o que entendemos ser a marcha do povo nas ruas quando do início da revolução e, ainda que não cite nominalmente, aconteceu em princípios do Séc. XX. Utiliza-se, de maneira simples, da cosmologia, ao anunciar que é noite, simbolizando assim o movimento dos astros: solar/lunar.

Ao referir-se com a expressão “da minha memória”, está Maiakóvski imbuído do que se chama de memória pessoal, pois é com as suas lembranças como cidadão que ele relata a história como um todo. Parte do particular para o geral. Este poder rememorativo se situa naquilo que o historiador francês Jean-Pierre Vernant trata justamente como memória individual, pois além da utilização dos documentos usa-se o próprio testemunho como fonte de uma época ou de uma cultura. (Vernant, 1991, p. 135). Diz mais ainda, pois que da sua memória é que saem as palavras com que constrói

o poema, em que diz ser a miséria uma oficina por onde elas são fabricadas (as tristes lembranças do passado).

A seguir, entra no calendário e no relógio ao citar os sete dias da semana, uma linha do Tempo em que se dá ação, em que está na subdivisão dos dias, dá a cada uma dessas doze horas para a ação, o que entendemos ser o horário comum de trabalho de um cidadão russo na época, mas lembramos que anteriormente, no Séc. XIX, na Inglaterra, época de pouca ou nenhuma regulamentação de trabalho, a jornada diária poderia exceder à 16 horas trabalhadas, tanto no campo como na indústria (Thompson, 1998, p. 290), em que se dava “a medição do tempo como meio de exploração da mão-de-obra” (Thompson, 1998, p. 289).

Porém, alerta que a própria morte não apresenta escusas quando o relógio funciona mal, referindo-se agora sim, ao relógio que marca as horas, mas também ao relógio/máquina do próprio corpo do homem que é explorado na sua força de trabalho e assim mesmo é mal remunerado.

Considera mesquinho o calendário, talvez por não marcar até então nada de agradável ao homem e que só nos possibilita a dizer das épocas e das eras, o que faz remontar novamente ao recurso da história. Para Paul Ricouer, este – o calendário - é tão somente uma sequência de representações temporais do Tempo vivido que aponta para ciclos curtos ou longos, como o dia, a semana (Ricouer, 2007, p. 165).

E, ao término da jornada de doze horas de trabalho, chega à noite, quando por fim é possibilitado ao homem dormir e recompor-se, pois no dia seguinte, é dia de ação. Nesse momento, ele faz um contraponto temporal quando diz: “à noite dormimos. De dia agimos...”, demonstrando a composição solar e lunar da rotação da terra, que possibilita, não somente a marcação das horas, mas também o sentido que temos num ciclo circadiano, e que temos com o passar das horas e da divisão claro/escuro.

Passarão os dias
e as penúrias atuais.
O verão da comuna
alentará os anos,
E a felicidade,
como um fruto enorme,
despontará nas rubras flores de Outubro.
Então, os que lerem
a palavra de Lênin
entre decretos e papéis amarelados
sentirão nos olhos lágrimas –
coisa em desuso –
e a latejar-lhes na frente o sangue agitado.
Quando eu, resumindo o passado,
remexo nos dias de ontem,

procurando o mais vivo,
 recordo sempre
 o vinte e cinco de outubro,
 o primeiro dia.
 As baionetas
 cruzam o ar com brilho de relâmpagos.

Ao iniciar este trecho, Maiakóvski dá a impressão de que, com as penúrias os dias passarão lentos, o que só vem a confirmar o que hoje em dia sabemos que as horas e os dias dão-nos a impressão de demorar a passar quando fazemos algo maçante, quando estamos a realizar algo que não nos agrada e, ao contrário sucede quando estamos nos divertindo o dia “passa rápido”, as horas esfumam-se, o que sabemos que ambas as situações são provenientes de estados psicológicos por que passa a mente humana (Burdick, 2020, p. 266), pois os ponteiros dos relógios não passam adiante e tampouco passam mais lentamente, já que uma hora continua tendo 60 minutos e cada minuto, 60 segundos.

Essa lentidão a que Maiakóvski se refere, na realidade acontecia somente na sua mente e porque a antiga Rússia atravessava por uma situação política, histórica e humana muito difícil, com a fome alastrando-se por todo o país, menos para as classes mais privilegiadas. A esperança se dará com o comunismo, a partir de agora - presentismo - e no futuro, vermelho de esperança.

Figura 10: A “Lentidão” do Tempo



Jornal O Globo, 02/09/2023.

Essa percepção e estado psicológico (Figura 10) são assim vistos por autores mais contemporâneos:

a percepção do tempo é muitas coisas – percepção da ordem, do tempo verbal, da duração, da novidade, da sincronia. Mas o tempo em geral é uma só coisa: uma conversa entre relógios, sejam de pulso, células, proteínas ou gente ... (Burdick, 2020, p. 257),

ainda que o relógio não produza o Tempo, somente o classifica conforme uma convenção humana. Porém, logo a seguir, Maiakóviski diz que o verão da comuna alentará os anos, ou seja, a vida com o sistema comunista atravessará os anos, que serão

incontáveis diante de tanta felicidade que se despontará nas flores vermelhas de Outubro. A referência temporal aqui dá-se de duas formas: os anos não especificados, mas relacionados aos grandes períodos de bonança que chegarão a partir da Revolução.

O outro período temporal mencionado é o mês de outubro, pois esta Revolução iniciou-se com um levante em outubro de 1917 (Clemesha; Coggiola, 2005), e transforma-se, para o poeta, como uma cronometria, que se baseia em datas específicas. (Ricouer, 2007, p. 166). Neste instante, vemos que, mais uma vez, Maiakóvski recorre ao calendário como forma de perpetuação histórica e como fixação do Tempo dentro da sua obra poética.

Finalizando este trecho, logo adiante ele se refere, explicitamente, à 25 de outubro, o primeiro dia e textualmente afirma: “quando as baionetas cruzam o ar com brilho de relâmpagos”, ou seja, a vitória da revolução dar-se-ia a partir desta data, como dito acima, uma cronometria temporal, em que não há dúvida quanto à utilização do tempo histórico.

E após essa explanação de poesias estrangeiras, retornaremos ao nosso solo nacional. Dessa vez com o poeta, escritor, tradutor, músico e crítico paranaense Paulo Lemmiski com sua poesia, na sua maioria de versos curtos, cheios de rima, ditados populares, trocadilhos e às vezes, algumas palavras grosseiras e ofensivas. De vida agitada desde a infância, pensou em se tornar monge e, para isso, se internou em um mosteiro, porém foi aconselhado a procurar outro local tamanha a sua rebeldia. Era poliglota, pois falava fluentemente seis idiomas. Nascido em 1944, veio a falecer em 1989, dois meses antes de completar 45 anos. (Marovato, 2016, p.153).

Como suas obras são, na maioria, curtas, aqui apresentaremos dois poemas, e com mais uma peculiaridade: ambas não têm título – estes podem ser a primeira frase do cântico - e, como dito acima, fazem uma espécie de brincadeira com jogos de palavras, tentando (ou efetivando) um segundo significado ou fazendo com que tenha algum tom jocoso. Assim, segue o primeiro:

que me importa
meio-dia e doze
o tempo que toque
nesses relógios

matéria de tique-taque
pra mim agora
é quinze pras quatro
ou duas e vinte e um

dezenove e dezoito
não

que onze e trinta
só no meu coração

Leminski começa com um trocadilho do Tempo ao dizer não se importa com o Tempo, seja ele meio-dia e doze minutos, referindo-se ao primeiro, quando se dá as doze horas e ao segundo aos doze minutos dessa hora, que poderia ser lido como doze horas e doze minutos, uma espécie de dízima periódica, pois poderia também acrescentar: e doze segundos (12, 12'12”), fazendo com que o Tempo não parasse nunca, indo aos nano segundos, como os relógios atômicos são capazes de marcar.

Em seguida trata do Tempo que o relógio marca, referindo-se aos relógios analógicos (no caso, com ponteiros), podendo ser de pêndulo (Moura, 2010, p. 23), visto que à época do lançamento do livro que contém este poema - *Caprichos & Relaxos*, de 1983), os relógios digitais ainda estavam no início do grande uso popular, uma vez que só fora inventando em 1961 e o primeiro relógio digital de quartzo, de pulso surgirá somente em 1971 (Burdick, 2020, p. 25).

Mais adiante, o poema refere-se novamente ao tique-taque, remetendo-nos aos relógios analógicos, de mostradores com ponteiros, pois que para ele (o poeta coloca-se como dono do seu Tempo), são quinze pras quatro ou duas e vinte um. Ou seja, para ele o relógio pode marcar o Tempo que for, pois o que importa, na sua mente, é o seu ciclo circadiano. Não cita explicitamente o que são horas e minutos, pois a simples explicação numérica dá a entender a marcação do tempo, dentro da sua lógica horária.

Faz novamente um jogo de palavras com a leitura das horas, e cometendo, provocativamente um erro na conjugação do verbo (“é quinze pras quatro”), pois o correto seria referir-se a “são” quinze para as quatro e não a maneira como descreveu a hora, de um modo bem popular, mas completamente inteligível.

Segue Leminski e seu poema com o trocadilho das horas ao referir-se a dezanove e dezoito, sem explicitar que se refere a horas, que também poderia ser sete e dezoito se fosse manhã, mas não, ele afirma já ser noite, dentro do nosso calendário lunisolar.

Termina afirmando que onze e trinta se dá somente no seu coração, ratifica que Paulo Leminski é o “dono” do seu tempo, quase que ignorando o tempo linear do sistema cosmológico. Assim é a sua poética, para ser lida, compreendida e talvez fora da sincronia regular do tempo contado em horas e minutos, mas além dos astros e estrelas.

O próximo poema, também sem título, do mesmo autor, é apresentado a seguir:

sexta-feira
cinza

quantas vezes
vais ser treze?
quantas quintas
vão ser trinta?
quantas segundas
nem são nunca?
quantas quartas infinitas?

O poema começa com um dia da semana, que se mostra cinza, possivelmente se referindo à crendice popular de que a sexta-feira quando se dá num dia treze será dia de azar.

Pergunta quantas vezes essa sexta-feira 13, símbolo do infortúnio se repetirá nos meses seguintes, pois que nesses meses em que acontecer quantos horas terão esses dias, não somente as 24 horas normais, pois que quando o dia é de azar, parece que o tempo passa lento, como já foi dito por Allan Burdick, e no poema acima, de Vladímir Maiakósvki.

Mas se inquieta sobre as segundas-feiras em que “nada” acontece, pois nem chegam a ser um dia de ação. Na realidade, compara esse dia com uma sexta-feira 13 e indaga se as quartas poderão ser sempre infinitas, pois quando se dá o meio da semana e a rotina diária parece que não terá fim.

Importante citar que os dois poemas não usam letras maiúsculas, ponto final, hífen ou vírgula. A única pontuação presente é o ponto de interrogação, não há titulação, ficando o mesmo a cargo do leitor e, tampouco, data os mesmos. Aliás, o livro aqui utilizado, tem a seguinte epígrafe, que segue em forma de poesia:

Aqui, poemas para lerem, em silêncio,
O olho, o coração e a inteligência.
Poemas para dizer, em voz alta.
Poemas, letras, lycrs, para cantar.
Quais, quais, é com você, parceiro.
(Leminski, 1983, V.).

E agora, partindo do sul do Brasil, iremos para o norte, dessa vez com o poeta amazonense, Thiago de Mello, falecido em 14 de janeiro de 1922. Nascido em 1926, no município de Barreirinhas, no estado do Amazonas. Estudou Medicina no Rio de Janeiro, foi adido cultural do Brasil e deste cargo se demitiu após o Golpe de 1964. (Mello, 2013, p. 105). Sua poesia foi marcada, principalmente durante este Golpe Militar, pelo engajamento político, mas se utilizou também de outras temáticas. Nessa ocasião, veremos dois de seus poemas, como o primeiro com o título “Da Eternidade”:

Da eternidade venho. Dela faço
parte, desde o começo da vida
dos que me fizeram ser
até chegar ao que sou.

Transporto com a minha vida
a eternidade no tempo.
Menino deslumbrado com as águas,
os ventos, as palmeiras, as estrelas,
prolonguei sem saber a eternidade
que neste instante navega
no meu sangue fatigado.

Inicia o poema pela eternidade, pois se refere ao Tempo linear e não ao cíclico, em que o primeiro não tem fim, e declara fazer parte a partir dos que o fizeram um ser, e dessa forma, ele antecede à própria existência. Vem da sua ancestralidade, refere-se ao seu passado familiar.

Leva consigo esse Tempo sem fim, como se fosse, de fato, imortal, pois que sem o saber, prolongou a eternidade do seu momento presente no instante que leva a vida já cansado. Aqui, lembramos do presentismo, visto por Albert Einstein e corroborado pelo físico Carlo Rovelli. Para este segundo:

Os filósofos chamam de “presentismo” a ideia de que somente o presente é real, não o passado ou o futuro, e que a realidade evolui de um presente a outro consecutivo (...) e passa a ser definido apenas perto de nós. Se o presente longe daqui não é definido, o que é “real” no universo? O que existe no universo agora? (Rovelli, 2018. p. 87).

O segundo poema, do mesmo autor, Thiago de Mello, é *O Tempo Dentro do Espelho*:

O tempo não existe, meu amor.
O tempo é nada mais que uma invenção
De quem tem medo de ficar eterno.
De quem não sabe que nada se acaba,
Que tudo o que se vive permanece
cinza de amor ardendo na memória.
Amor que mede o seu tempo
para saber se perdura
talvez não tenha aprendido
que a eternidade se acaba
no instante em que se inaugura.

Ao contrário do que inicia no primeiro poema, neste, afirma que o Tempo não existe, é uma invenção do homem, o que vem a ter um paralelo com Martin Heidegger, para quem o Tempo é o próprio homem (Heidegger, 1989, p. 218), ao referir-se à figura do *dasein*. E mais, precisamos do Tempo, pois nós, “temos necessidade de períodos e ciclos, para não nos sentir perdidos e sem referência temporal “ (Puente, 2010, p.10). Mas, para o poeta amazonense, os que têm medo da eternidade, em que este não-tempo, nem linear nem cíclico, é para os que se receiam do próprio tempo, pois a vida, como dito no primeiro poema, é eterna, sobrevive na memória, o que também já foi dito

anteriormente por Paulo Ricouer e Jean-Pierre Vernant, em outras análises anteriores neste capítulo.

Na sequência, afirma que se a pessoa se preocupa com a medição do Tempo para saber se ele perdurará, é provável que para esta pessoa a eternidade se acabe no instante em que se inaugura, contrariando o primeiro poema, em que se refere ao presentismo.

Agora, o próximo autor a ser visto será o mineiro Carlos Drummond de Andrade, nascido no município de Itabira, no ano de 1902, e que foi contista, cronista e principalmente, poeta. A sua obra literária se divide em quatro fases: fase *gauche* (década de 1930); a fase social (1940-45); a fase do “não” (décadas de 1950 e 1960); e a fase da memória (1970-1980). Portanto, o poema a ser apresentado, *O Relógio*, pertence à fase do “não” e à última fase, pois pertence ao livro *Boitempo*, trilogia poética lançada entre os anos de 1968 e 1980 (Cereja; Magalhães, 1999, pp. 242-49):

Nenhum igual àquele.
 A hora no bolso do colete é furtiva,
 a hora na parede da sala é calma,
 a hora na incidência da luz é silenciosa.
 Mas a hora no relógio da Matriz é grave
 como a consciência.
 E repete. Repete.
 Impossível dormir, se não a escuto.
 Fico acordado, sem sua batida.
 Existir, se ela emudece.
 Cada hora é fixada no ar, na alma,
 continua soando na surdez.
 Onde não há mais ninguém, ela chega e avisa
 varanda o pedregal da noite.
 Som para ser ouvido no longilonge
 do tempo da vida.
 Imenso
 no pulso
 este relógio vai comigo.

Logo no início do poema, Drummond refere-se ao relógio carregado do bolso do colete, que vem a ser provavelmente uma evolução do primeiro relógio portátil, inventado na Alemanha em 1500, por Peter Henlein (1480-1542). Aqui lembramos que estes relógios (inclusive os não portáteis) marcavam somente as horas, pois o primeiro relógio com ponteiro do minuto somente começou a ser utilizado em 1670.⁶³

A seguir, Drummond compara que nenhum outro relógio é igual aquele, mas também poderia ser dito que nenhum outro é igual a outro, somente no aspecto físico de

⁶³ Informações obtidas na página da Divisão Serviço da Hora/Cronologia, do Observatório Nacional. Disponível em <http://pcdsh01.on.br/histrellog1.htm>. Acesso em 11 mar 2024.

suas apresentações, pois que, na marcação do Tempo, nenhum relógio marca igual a outro, sempre haverá diferença ainda que de nano segundos.

Mais adiante faz uma comparação entre as horas dos relógios, em que a do bolso do colete é uma e a do relógio na parede é calma. A primeira é furtiva e a segunda é tranquila. Talvez sem o saber, o poeta diz uma grande verdade, pois em uma explicação mais próxima à física, no livro “A Ordem do Tempo”, Carlo Rovelli relata o caso de:

dois amigos se separam: um vai morar no vale, o outro na montanha. O do vale viveu menos, envelheceu menos, o pêndulo do seu relógio (cuco) oscilou menos vezes (...). Embaixo há menos tempo que no alto. (...) O tempo passa mais devagar em alguns lugares e mais rápido em outros. (Rovelli, 2018, p. 18).

O tempo de um mesmo relógio passa diferente do que o Tempo de outro que esteja em local diferente. Se um está na parede e outro numa mesa, o Tempo correrá diferente, dependendo quão próximo de uma massa em que os relógios estejam. Tal raciocínio é traduzido nas seguintes palavras:

Einstein compreendeu que o tempo não passa uniformemente, antes que os relógios fossem precisos o bastante para medir a diferença (...) a Terra é uma grande massa e desacelera o tempo perto dela. Mais no vale e menos na montanha, porque a montanha está um pouco mais distante da Terra. Por isso o amigo do vale envelhece menos. (Rovelli, 2018, pp. 18/19).

Drummond refere-se ao relógio da Matriz, os que ficam no alto das torres das igrejas, possibilitando ao povo a visualização das horas. Mas não somente isso, pois esses relógios foram instalados também com a missão de chamar a população para as suas obrigações diárias, entre elas, comparecer às missas. (Thompson, 1998 p. 274; Luz, 2014, p. 58).

O poema segue com a lembrança de que o relógio da Matriz se repete sempre, ou seja, as suas badaladas provocadas pelo ressoar dos sinos, o que, caso não haja, fica impossível de dormir, pois faz parte do ciclo de sono do autor. Aqui ele não faz uso do ciclo circadiano, é dependente da repetição do relógio. (Burdick, 2020, p. 51). A hora anunciada pelo relógio fica marcada e se prolonga, estende-se à noite, representada pelos movimentos do sol e da lua.

O Tempo é imenso até mesmo marcado no relógio de pulso, que somente fora inventado no ano de 1810 por Abraham Louis Breguet, relojoeiro, por encomenda de princesa de Nápoles, Marie Annonciade Carolina Murat, e que vem a ser irmã de

Napoleão Bonaparte. (1769-1839).⁶⁴ Já o primeiro relógio de pulso masculino foi construído pelo joalheiro Francois Cartier (1875-1942) a pedido do seu amigo brasileiro, o inventor Alberto Santos Dumont, no ano de 1904.⁶⁵

Com essa amostra de Carlos Drummond, identificamos que nesta fase, classificada de memória, há uma implícita incursão na lembrança individual, em que, ao relatar os tipos de relógios, principalmente o que carrega no bolso do colete, ele faz uma incursão para o geral, em que as suas lembranças são parte de uma época mais ampla.

Finalizando este tópico, destacamos que em todos os poemas vistos nesse capítulo não houve julgamento sobre a qualidade ou modo de escrever deste ou daquele poeta, somente nos guiaram com o modo como cada um tratou o Tempo em suas obras. Aproveitamos para destacar que outras interessantes obras, que infelizmente, tiveram de ser excluídas de nossa análise delimitada na presente investigação pelo fito de explorar o Tempo em suas diversas vertentes, seja nas chamadas ciências consideradas exatas e humanas. Mas no campo da poesia, acreditamos ter conseguido fazer um breve quadro do uso do termo Tempo por diversos poetas.

Enfim, a poesia se construída dentro de uma determinada métrica tem paridade com a música, da qual agora será visto um pouco de teoria musical, atrelada ao tempo.

4.2 O TEMPO MUSICAL⁶⁶

Muito se tem dito sobre a cultura, que de modo geral, é entendida no seu prisma pragmático, como a ação do homem sobre o ambiente que o cerca, o que é uma definição muito simplista, além de genérica. Porém, pode ser vista em uma classificação mais ampla, em que

tomando em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade (Laraia, 2004, p. 25).

⁶⁴ Informação obtida na página do Serviço da Hora, do Observatório Nacional. Disponível em <https://portallitoralsul.com.br/quem-inventou-o-relogio-de-pulso-e-tem-um-jeito-correto-de-usar/>. Acesso em 11 mar 2024.

⁶⁵ “Quem Inventou o Relógio de Pulso ? E tem um Jeito Correto de Usar ?”, de Greice dos Santos. Disponível em <https://portallitoralsul.com.br/quem-inventou-o-relogio-de-pulso-e-tem-um-jeito-correto-de-usar/>. Acesso em 12 mar 2024. E também no link do Serviço da Hora, do Observatório Nacional. Disponível em <http://pcdsh01.on.br/histrelog1.htm>. Acesso em 12 mar 2024.

⁶⁶ Sobre o assunto, ver o artigo “Ritmo e Tempo nas Artes sob uma Ótica Holística”, de Carlos Sulpício; Cassia Bonfim e Eliana Sulpício, publicado pela Universidade de Brasília, no seguinte endereço: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistavis/article/view/22960/20660>. Acesso em 12 mar 2024.

Ou seja, é um processo acumulativo que resulta da experiência vivida de outras gerações passadas, sendo por isso mesmo uma ação criativa do ser enquanto componente de uma sociedade. A cultura também está ligada à ação cognitiva humana. E assim, talvez numa extrapolação, o homem na sua caminhada terrena muito descobriu, estudou e registrou de diversas formas esse seu desempenho dinâmico de tudo aquilo que nos cerca. Faz-se necessário lembrar também que a cultura está relacionada a povos que tem a sua correlação simbólica, pois assim

toda cultura depende de símbolo. É o exercício da faculdade de simbolização que torna possível a sua perpetuação. Sem o símbolo não haveria cultura (...) o comportamento humano é o comportamento simbólico (Laraia, 2004, 55).

Assim, é dentro dessa visão de vertentes tão profusas, que existem referências à sociologia, das artes literárias, plásticas e sonoras, sendo esta o principal pela qual nos deteremos no presente tópico. Referimo-nos à música, que nesse nosso projeto pode ser representada em um ambiente estudado sob duas perspectivas. A primeira é a do lazer, para quem a desfruta nos seus momentos lúdicos. E a segunda é o trabalho, para quem a produz. Mas há ainda outros fatores, como veremos adiante.

Podemos dizer que fundamental para a música, não é somente a afinação de quem executa um instrumento musical ou para quem cantarola uma letra sobre a melodia, mas o que é importante também é que os que atuam podem estar nas duas vertentes – instrumentalização e canto - ao “mesmo Tempo”, tanto para quem canta como para quem a interpreta. Daí, a importância, em uma orquestra, da figura do maestro e dos seus movimentos realizados através da batuta e da leitura da partitura.

Em uma bateria das escolas de samba, às vezes com duzentos ou mais componentes, vê-se a importância do mestre de bateria, que tem a função similar a do maestro na orquestra. Mas quando não há uma orquestra, como se dará esse controle dos músicos em função do Tempo? De maneira genérica, este poderá se dar através do uso do contra-baixo, que atuará como marcador do tempo, evitando que os outros músicos “atrassem” a música. Para outros, pode ser a bateria, ou o surdo de marcação.

Mesmo assim, com toda a coesão existente harmonicamente em um aglomerado de músicos e, tenham a classificação que tiverem, também poderíamos perguntar como eles atuam de modo tão alinhados com todos os outros componentes. Mas como aprenderam tanto a equilibrar o ritmo, a melodia e, segundo a peça apresentada, a voz a um mesmo Tempo, e mais, como controlar este? Os músicos confiam no conceito de Tempo que os ajudam a dar estrutura na música e cadenciá-la de forma equilibrada. Vê-

se assim a importância do Tempo na execução musical, conjuntamente com a melodia, harmonia, voz e instrumentos.

Portanto, após estes apontamentos iniciais aprofundaremos a relação do Tempo na música, fazendo uma explanação sobre a historicidade musical, quando não havia uma preocupação propriamente dita com o Tempo. Mas importante citar quanto à forma escrita, pois na música o começo não se deu com esta, mas com a condução pragmática dos sentidos quanto à condução musical. Logo, iniciaremos, pela ordem, com o Tempo de forma geral e após, um pequeno aprofundamento da fusão entre este, a escrita e a música.

Sabemos por meios confiáveis que a data de surgimento dos primeiros relógios mecânicos, bem após os de sol e da clepsidra, não tem uma data única, hermética, mas sim, podemos estimá-la em 1260 a 1330, segundo cada autor, e sem unanimidade. (Lemos, 2005, p. 160). A necessidade da marcação do Tempo, de forma mais precisa, se dá a partir da Revolução Industrial e da premência de maior controle do Tempo do trabalhador. A burguesia têxtil instala sinos nas igrejas a fim de que todos os que “morassem ao alcance dos sinos pudessem ser induzidos a repousar a uma hora conveniente da noite, e se levantar cedo de manhã para os trabalhos e deveres de suas várias profissões “ (Thompson, 1998, p. 275).

Mas esse processo de transformação do Tempo em ferramenta para outros usos, além da simples sinalização religiosa e de trabalho se acentuará a partir do Séc. XII, como uma emergência aritmética, pois que soma sons, semi tons e breves, por exemplo. Sendo assim, a música também será afetada por essa nova necessidade. Até então a música era não-mensurável, e as horas civis correspondiam às horas canônicas, de acordo com o ciclo solar, porém desiguais em sua duração, segundo a estação do ano. (Lemos, 2005, p. 162).

Para essa mesma autora, a chegada do relógio mecânico trocará essa temporalidade elástica por uma regular. Tal fenômeno afetará a música, que passará a ser denominada de *mensurata*, pois que a partir dessa nova sincronia horária, será mais esquematizada, pois

durante os primeiros séculos da nossa era a elaboração e a transmissão da música se fizeram oralmente, sem intervenção da escrita em nenhum dos seus estágios. Dizia Isidoro de Sevilha (560-636), no início do século VIII: “Os sons, se não forem guardados pelo homem em sua memória, desaparecerão, pois nada os pode reter”. E somente a partir do séc. IX que as inflexões do canto eclesástico começaram a ser representadas pela escrita neumática, um sistema de signos derivados dos gestos que (..) indicam de maneira esquemática o movimento melódico. (...) Esse processo culmina, no século

XII no sistema dos neumas ditos diastemáticos – que explicam a altura dos sons – porém, ainda não se trata da duração dos sons (...) que só viria acontecer através de um sistema de relações proporcionais de tempo. (Lemos, 2005, pp. 163-165).

A primeira tentativa de mensuração temporal na música se deu na escola de *Notre-Dame*, entre 1207 e 1238, através do *organum*, polifonia a duas ou mais vozes estruturadas de um cantochão (Lemos, 2005, p. 165). É a notação modal, aquela que se dá através de modos, adotando a combinação entre breves e longas. E em 1275 houve o seguinte relato:

nos livros antigos as notas eram por demais equívocas, pois as figuras simples eram iguais (na partitura). Mas cantava-se por intuição, dizendo-se: penso que esta nota é longa, penso que aquela é breve; e trabalhava-se longamente até saber-se bem que uma peça que hoje pode ser facilmente executada por todos, de maneira que pode-se realizar em uma hora aquilo que se realizava em sete. (Lemos, 2005, p. 166.).

Essa notação modal terá vida exígua, sofrerá transformação para um sistema de notação hoje conhecido como franconiano, que é base da atual notação. E em 1260, surge o tratado “*Ars Cantus Mensurabilis*” (a arte de cantar é mensurável) de Franco de Colônia (1215-1270), vindo daí a expressão franconiana, mas enunciando um sistema de longas e breves, acrescido de semibreves, combinando variantes, libertas do quadro rígido do modo. (Lemos, 2005, pp. 166-167).

Porém, a partir de 1225 o tempo musical já pode ser representado de maneira objetiva consolidando assim a música *mensurata*, através do sistema franconiano e da contagem de Tempo das notas, em que: “uma *longa perfecta* vale três; uma *longa imperfecta* vale dois; uma *breve recta* vale um Tempo; uma *breve altera* vale dois; uma *semibrevis major* vale 2/3 de tempo e uma *semibre visminor* vale 1/3.” (Lemos, 2005, p. 167).

Assim, a música passa de uma representação analógica para um sistema racionalizado, representando cada uma das durações bem definidas em termos proporcionais e numéricos, através de símbolos. (Lemos, 2005, p. 167).

Uma explicação se dá na medida em que:

o tempo na música refere-se ao ritmo ou à velocidade de uma composição. (,,,) Tal como dependemos dos relógios para nos dizer quando devemos ir de um lugar para o outro, os músicos utilizam o tempo para saber onde tocar diferentes secções ao longo de uma peça de música. (Brunotts, 2021, p.1).

Logo, essas secções correspondem ao espaço de Tempo entre os diferentes sons e à duração dos próprios sons. Há uma relação muito estreita entre o Tempo e o ritmo musical na medida em que o ritmo designa a velocidade de repetição de um som ou de

uma pausa.⁶⁷ Ao se executar uma peça musical não basta somente tocar as notas no Tempo certo, há também a rigidez de se saber a duração exata de cada nota, o que pode parecer uma tarefa difícil para o leigo que escuta uma música, mas talvez nem tão complexa para o músico que toca o instrumento.

Há também um significado de Tempo em música, que é designado como a unidade básica de um compasso, que é a divisão de um trecho musical em séries regulares de Tempo. É o agente métrico do ritmo. Logo, um compasso de dois Tempos será tido como binário e, conseqüentemente um compasso com três Tempos será conhecido como ternário.⁶⁸

É comum referir-se ao Tempo na música em batidas por minuto ou BPM, podendo-se utilizar para a marcação de Tempo um aparelho chamado metrônomo, esse mais para a chamada música clássica⁶⁹, mas também pela música popular. É óbvio que esta sigla indica quantas batidas ocorrerão em um minuto, dentro de um determinado espaço da música e, nas partituras, o tempo correto será sempre indicado acima do primeiro compasso. Já nas músicas mais modernas, o ritmo é mais constante, com algumas variáveis, mas será sempre fluído, como na chamada música *disco*. Nas músicas populares, de modo prático, observamos que uma composição atualmente dura em média três minutos, com poucas variações para mais ou para menos e, em uma composição clássica, a duração de uma peça é bem maior, tanto assim, que numa sinfonia, por exemplo, há vários movimentos, cada um com uma indicação de ritmo, normalmente descrito no idioma italiano, como nos exemplos a seguir: *molto allegro* - muito rápido - ou *allegroagitato* - rápido e agitado.⁷⁰

O Tempo, de modo geral, fica a uma velocidade consistente até que um ajuste mais objetivo seja marcado na pauta. Dessa maneira, podemos pensar em um Tempo de uma peça como um batimento cardíaco humano. Nele, o ritmo mantém-se uniforme e constante, mas se o ritmo começar a aumentar a sua energia – como acontece no *Bolero* de Maurice Ravel, na música clássica; ou na música popular, com *Roda Viva*, de Chico Buarque, no seu final – os batimentos, logicamente virão mais rápido, criando assim mudanças no ritmo, como nessas composições citadas.

⁶⁷ Ver Conceito de Tempo, de Marcos Martins. Disponível em: <https://knoow.net/arteseletras/musica/tempo-em-musica/>. Acesso em 04 ago 2022.

⁶⁸ <https://musicaeadoracao.com.br/26066/o-tempo-na-musica-parte-i/> Acesso em 06 ago 2022

⁶⁹ <https://atelierdelamusique.com.br/para-que-serve-um-metronomo/>. Acesso em 06 ago 2022.

⁷⁰ Idem

Assim, na música, o Tempo serve como uma forma constante e lógica. Quando ocorre uma mudança no Tempo musical, quem faz uma composição poder usar uma linha dupla de barras em partituras, introduzindo assim, uma nova indicação de Tempo, na maioria das vezes com uma nova assinatura de chave (clave) e potencialmente uma assinatura do Tempo. (Brunotts, 2021, p. 3).

Segundo essa autora cima – Kate Brunotts - o Tempo pode ser classificado dentro de determinados intervalos específicos denominados marcações de Tempo, que normalmente são representadas por uma palavra italiana (há um exemplo desta, logo acima), alemã, francesa ou inglesa, que pode ajudar na indicação de velocidade e do estado de espírito (Brunotts, 2021, p. 3). Porém há também outros termos adicionais que poderão ser utilizados, principalmente na marcação do Tempo.

Já a mudança de Tempo pode fazer com que se adicionem algumas expressões, normalmente em italiano, que indicam quando o ritmo acelera, como por exemplo: *doppiopiùmosso*– dupla velocidade; *meno moto* – menos movimento; *allargando* – Tempo decrescente para o fim da peça.

Por fim, dentro deste tópico, em que vimos o Tempo musical centrado em estudos europeus, faz-se pertinente uma visão da música pelo oriente e, em especial da japonesa, pois em comparação com aquela, nota-se que a segunda “valoriza mais o timbre e a pausa do que a estruturação do todo da duração musical” (Kato, 2012, p. 107).

Assim, o som longo (contrário ao breve) e agudo de uma flauta, por exemplo de um único sopro é o que atrai a alma do morto e, a nitidez do *futazao*⁷¹ que manifesta o “agora eterno”, o que traduzimos como nem passado, nem presente, e tampouco futuro, mas somente eterno, que tem “vida” infinda.

Na música japonesa, a melodia é simples, tanto na vocal como na instrumental, pois que “a atenção se concentra no “timbre” de cada som” (Kato, 2012, p. 108). Este inclui diversos sons harmônicos que carregam todo tipo de emoção:

Já com relação à pausa, esta é importante sim, e é o intervalo entre dois sons e a distância temporal é o comprimento da duração do silêncio. Não é que esse comprimento esteja fixado como o dobro de uma unidade de tempo, ele muda delicadamente de acordo com a situação. Sob uma situação dada, tomar a “pausa” é regular a duração do silêncio (...) a sua variação diferencial mínima. (Kato, 2012, p. 109).

⁷¹ Alaúde japonês de três cordas e braço grosso. (Kato, 2012, p. 107).

A pausa é muito importante no teatro *nô*, e a música se resume no instante do “agora”, pois na cultura japonesa não há preocupação com o futuro, mas viver o momento presente e:

a estrutura liga-se ao fluir do tempo de uma composição musical como um todo, mas tanto o timbre como a pausa ligam-se a partes do fluir, ou seja, do presente de cada momento. A estrutura é a relação mútua dos sons, mas o timbre tem propriedades de cada som em particular. (Kato, 2012, p.110).

Logo, comparando-se a música europeia e a japonesa, em particular, vê-se que a primeira se assenta, genericamente, na emissão de breves e longos e, a segunda, no timbre e na pausa que podem denotar um espaço de Tempo, firmando-se no presente, expressando pela tonalidade da emissão de um som, um estado de espírito, que pode ser alegre ou triste como resultado da equação de pausa e timbre.

Todos esses comentários têm o intuito de esclarecer sobre o Tempo na música e, agora trataremos das letras das músicas que tratam do Tempo, não o registrado pelo relógio, mas o tempo multidisciplinar apontado pelas teorias das ciências naturais e humanas.

Os apontamentos aqui apresentados sobre a influência do Tempo na música demonstram que este serve de parâmetro na sociedade em suas diversas atividades, tais como trabalho e lazer, pois tudo “tem” hora, ou seja, Tempo de acontecer.

Logo, como dito acima, já foi registrado que até o século XII/XIII a música não obedecia a critérios de Tempo, mas tão somente ao sentimento de quem a executava, chegando ao cúmulo de cada um adotar o Tempo que melhor lhe parecesse. Era o que se pode chamar de música sem medidas de Tempo. Porém, a partir da música mensurada, tal situação mudou, a partir da utilização nas pautas e partituras de indicações de Tempo.

Por outro lado, também procuramos mostrar um outro lado do Tempo na música, não um Tempo musical. Assim, ao realizar um estudo com as letras das músicas entraremos num segundo plano com a avaliação desses versos, comparando-os a diversas formas de Tempo, como história, física, filosofia, sociologia e ditos populares.

Mas o relevante é destacar que o estudo do Tempo não para simplesmente no Tempo marcado pelo relógio, pois há novos cientistas, como o italiano Carlo Rovelli e o francês Etienne Klein que dão uma nova visão sobre esse tema, chegando mesmo a declararem que o tempo não existe, que se trata de uma ilusão que temos, e que tal posicionamento surge do nosso olhar distorcido em relação ao mundo em que vivemos.

Mas ao observar suas versões, conclui-se que elas se coadunam num mesmo fim e que estão em acordo com informações vindas das ciências humanas, em que há um consenso que o ser humano, por sua necessidade de regular a vida em sociedade, precisou e efetivou a marcação do Tempo, trazendo uma melhor organização para suas atividades.

Nesse momento, retornando à música, referimo-nos agora ao estilo *free-jazz*, classificado como “jazz livre, literalmente (...) caracterizado pelo atonalismo (as tradicionais sequências harmônicas não são mais seguidas para se improvisar), total liberdade melódica, harmônica e rítmica” (Caiado, 2007, p. 45), em que tais elementos acabam por influenciar a tomada do Tempo na música, até mesmo por que nesse estilo pode não haver a utilização de partitura, valendo mais a intuição de quem toca o instrumento do que uma organização centrada em nota por nota.

E quanto a novos estilos musicais, faz-se também importante citar o minimalismo:

É, portanto, um movimento pós-tonal que traz como característica principal a marca da redução mínima da escrita musical na qual um pequeno grupo escolhido de notas, geralmente bem próximas entre si, é repetido de tal modo que comporta leves e surpreendentes alterações. Em outras palavras, a continuidade da repetição comporta uma modificação progressiva, que se chega a apresentar como uma frase musical única que, em tese, tende ao infinito, sobretudo no minimalismo da década de 1960. (Azevedo, 2007, pp. 206-207).

Fica evidenciado a dupla união da música e Tempo, porém esse estilo, dada a complexidade de execução, utiliza a partitura como recurso a ser seguido, até mesmo pela sua organização e rigoroso obediência ao tempo das notas.

Logo, a conclusão é que se em determinados setores a música continua com a utilização do Tempo, como a música minimalista, em outros, um novo campo se abre, com o reduzido uso do Tempo nas obras musicais, como no *free-jazz*, porém sem abolir o seu uso totalmente.

Após essa breve teorização musical, faremos a análise de Tempo sobre a letra de algumas músicas, que nada mais são que a união de alguma teoria com a métrica, como dito no fim do capítulo anterior.

4.3 LETRAS DE MÚSICAS⁷²

Após essa explanação de Tempo, especificamente utilizado na música, passaremos por uma outra fase de definições envolvendo o Tempo citado nas letras das músicas, que abarcarão consigo vários campos definidos de Tempo em outros setores do conhecimento humano. Não se trata de uma análise literária e/ou poética das composições, mas tão somente de um avivamento de determinados trechos literários, por assim dizer com algumas definições comparadas com estas áreas, ainda que seus autores não tenham se utilizado desses recursos. É um estudo comparativo que fazemos com relação ao que foi escrito como o que já vimos até aqui, nesta tese acerca do estudo multidisciplinar do Tempo. Representa, no nosso entendimento, com relação ao escrito por alguns compositores, na seguinte divisão: duas composições de brasileiros, e duas outras, de autores estrangeiros.

Assim, a primeira letra a ser examinada é *Almanaque*, composição de Chico Buarque de Hollanda, cuja letra, na sua totalidade, segue abaixo:

Ô menina vai ver nesse almanaque
 Como é que isso tudo começou
 Diz quem é que marcava o tique-taque
 E a ampulheta do tempo disparou
 Se mamava se sabe lá que teta
 O primeiro bezerro que berrou
 Me diz, me diz
 Me responde, por favor
 Pra onde vai o meu amor
 Quando o amor acaba

Quem penava no sol a vida inteira
 Como é que a moleira não rachou
 Me diz, me diz
 Quem tapava esse sol com a peneira
 E quem foi que a peneira esfuracou
 Me diz, me diz, me diz, esfuracou...

Quem pintou a bandeira brasileira
 Que tinha tanto lápis de cor
 Diz, me diz
 Me responde, por favor,
 Pra onde vai o meu amor
 Quando o amor acaba

Diz quem foi que fez o primeiro teto
 Que o projeto não desmoronou
 Quem foi esse pedreiro
 Esse arquiteto

⁷² Ver a tese "A Gente Quer Ter Voz Ativa, no Nosso Destino mandar: contribuições da música como fonte de informação para a prática pedagógica nas bibliotecas escolares", de Fernanda de Sales/UNESC – Universidade Estadual de Santa Catarina, disponível no seguinte endereço:

<https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000021/0000219d.pdf>. Acesso em 25 ago 2022.

E o valente primeiro morador
 Me diz, diz, me diz o morador

Diz quem foi que inventou o analfabeto
 E ensinou o alfabeto ao professor
 Me diz, me diz
 Me responde por favor,
 Pra onde vai o meu amor
 Quando o amor acaba

Quem é que sabe o signo do capeta
 O ascendente de Deus nosso Senhor
 Nosso Senhor
 Quem não fez a patente da espoleta
 Explodir na gaveta do inventor
 Diz, diz, me diz inventor

Quem tava no volante do planeta
 Que o meu continente capotou
 Me responde, por favor,
 Pra onde vai o meu amor
 Quando o amor acaba

Vê se tem no almanaque, essa menina
 Como é que termina um grande amor
 Me diz, diz, me diz

Se adianta tomar uma aspirina
 Ou se bate na quina aquela dor
 Me diz, me diz, me diz, aquela dor

Se é chover o ano inteiro chuva fina
 Ou se é como cair o elevador
 Me responde, por favor,
 Pra que tudo começou
 Quando tudo acaba⁷³

Já no título, como na primeira frase, há uma clara referência aos almanaques, que são publicações semelhantes aos calendários, só que acrescidas de matéria recreativa, informacional, científica, religiosa, literária e, alguns casos, humorística, sendo mesmo considerado um meio de educação (Le Goff, 2013, p. 481).

Por analogia, podemos dizer que formam um caleidoscópio de assuntos, já que a história dos almanaques e dos calendários é também a história dos reis e de grandes personagens, heróis, principalmente nacionais. Trazia histórias romanescas e anedóticas. Porém, com o passar do Tempo, tantos almanaques e calendários deram vez a obras de valor variado, com alcance para a grande coletividade, incluindo indicações astronômicas sobre cálculo. (Le Goff, 2013, p. 480).

Aqui no Brasil, os almanaques surgiram no fim do século XIX, e assumiram grande alcance popular, principalmente com a divulgação de grandes datas e acontecimentos históricos e de cultura geral. Ficaram famosos os institucionais dos

⁷³ Capa do cd ALMANAQUE, Chico Buarque. 1993.

laboratórios farmacêuticos, como o Capivarol, o Biotônico Fontoura e, o Bristol, em este que teria surgido no ano de 1873. (Silva, 2009).

Continuando a letra da música, o autor, refere-se a “quem marcava o tique-taque e a ampulheta do tempo disparou”, referindo-se ao início do Tempo, como por exemplo ao Big Bang, que foi aceito pela Igreja Católica, mas somente como evento divino, pois esta acatou tal modelo “e em 1951, proclamou oficialmente que ele estava de acordo com a Bíblia” (Hawking, 2015, p. 69). Buarque expõe, no decorrer da letra, ciência e religião, em posição concludente.

Refere-se também à ampulheta, um dos primeiros relógios a que temos notícia (Dalcomo, 2022, p. 21), sobrevivendo ao relógio de sol e à clepsidra, mas antecipando-se ao relógio mecânico, ao de pêndulo, ao digital e ao atômico.

E nessa comparação, interessante, é que como os primeiros seres do planeta, não cita Adão e Eva, mas sim quem teria sido o “primeiro bezerro que berrou”, o que poderia suscitar algum agnosticismo do autor, mas também pode ser o manifesto humorístico que em alguns momentos a letra deixa a denotar.

Mas o direcionamento principal se dá com relação ao calendário, pois que pergunta, “como é que isso tudo começou”, indicando sobre o início do mundo terrestre. Quanto ao início do universo, pode-se citar o *Big Bang*, expressão “inventada” pelo astrônomo inglês Fred Hoyle (1915- 2001), que se opunha a essa teoria e, na década de 1940 teria se referido à “origem explosiva do mundo” com esse termo⁷⁴, mas de forma pejorativa. Se Hoyle foi o inventor da expressão, a “paternidade” dessa teoria é atribuída a outros cientistas, não havendo, pois, muita certeza quanto à tal paternidade, somente que:

a partir das equações de Einstein (1879 – 1955), Alexander Friedmann (1888 1925), um matemático russo, e Georges Lemaître (1894 – 1966), um físico e padre belga, de forma independente, chegam à conclusão de que o universo está em expansão. Ou seja, sem nem se conhecerem ou se falarem, eles conseguiram deduzir ao mesmo fenômeno.⁷⁵

E assim, de modo discutível a autoria desta teoria foi atribuída a Lemaitre, no ano de 1931. Mas, numa visão mais moderna, tal descoberta foi atribuída ao russo

⁷⁴ Sobre o tema, veja Quem Criou a Expressão Big Bang Para a Formação do Universo, de Gabriel Andrade Disponível em <https://gizmodo.uol.com.br/quem-criou-a-expressao-big-bang-para-a-formacao-do-universo/>. Acesso em 12 jun 2024.

⁷⁵ Sobre o assunto, ver Evolução e Origem do Universo, de Maria de Fátima O. Saraiva. Disponível em <https://www.if.ufrgs.br/fis02001/aulas/cosmo.html>. Acesso em 01 jun 2024.

George Gamow (1904 – 1968), que na década de 1930 publicou trabalho sobre átomos de hélio e hidrogênio.⁷⁶

Prosseguindo, nos versos “Quem foi esse pedreiro/esse arquiteto/ e o valente primeiro morador”, aparece de novo o início do mundo, mas já de uma forma pragmática, em que o primeiro arquiteto, em conjunto com o pedreiro, teve um valente primeiro morador, talvez o homem da caverna, de tempos remotos. (Withrow, 2005, p. 121).

E, agora já dentro do Cristianismo, o autor pergunta “quem é que sabe o signo do capeta/o ascendente de Deus nosso Senhor”, dando ao capiroto uma ascendência em relação a Deus, como se, hipoteticamente falando, capeta fosse o predecessor de Deus. Mas aí encontramos simplesmente uma questão de fundo religioso, em que já comentamos acima sobre o *Big Bang*.

Mas o que pode suscitar uma discordância dos cristãos é com relação a Santo Agostinho, pois este no início das suas “Confissões”, pergunta: “Senhor, sendo tua a eternidade, ignoras o que te digo, ou vês no tempo o que se dá no tempo ?” (Santo Agostinho, 2017, p. 306) e mais adiante confirma o Criador – Deus: “Que eu ouça e entenda como no princípio Fizeste o céu e a terra”. (Santo Agostinho, 2017, p. 310).

Mais adiante Chico Buarque se indaga sobre “quem tava no volante do planeta/que o meu continente capotou”, o pode ser interpretado com o fenômeno da pangeia, “palavra grega que significa “toda a Terra”, dando o significado dos continentes que se afastaram”.⁷⁷

Ainda no verso “se é chover o ano inteiro chuva fina”, o que pode nos remeter às estações do ano propícias ao cultivo da lavoura, a dependência da natureza, como por exemplo, na Costa do Marfim, para o povo baulé:

do ponto de vista meteorológico as “estações” são duas: a estação seca de novembro a maio e a estação das chuvas de abril a outubro, havendo nesses períodos, duas atividades importantes: a do inhame e a do café (Le Goff, 2013, p. 466).

O tema predominante em *Almanaque*, nota-se com bastante veemência, é o início de tudo, essencialmente quanto cita os versos seguintes:

⁷⁶ . Sobre o assunto, ver *Evolução e Origem do Universo*, de Maria de Fátima O. Saraiva. Disponível em <https://www.if.ufrgs.br/fis02001/aulas/cosmo.html>. Acesso em jun 2024.

⁷⁷ Sobre o assunto, consultar *Pangeia O Que é, Como se Formou e se Dispersou*, de Ana Nóbrega. Disponível em <https://www.ecycle.com.br/pangeia/>. Acesso em 12 jun 2024.

...quem tapava esse sol com a peneira e quem foi que a peneira esfuracou... quem pintou a bandeira brasileira e tinha tanto lápis de cor... Diz quem foi que inventou o analfabeto, ensinou o alfabeto ao professor.

São perguntas, nesses versos, sem respostas, mas que demonstram a preocupação com a idade do planeta Terra, ou com um primeiro habitante.

Ao se referir ao analfabeto e quem teria ensinado o alfabeto ao professor, o cientista social Norbert Elias também faz esse questionamento ao refletir como é que um grupo humano, no início dos tempos e que, desprovido de qualquer espécie de instrumento conceitual poderá ajudar a formular os problemas em termos mais explícitos. Pois, há sociedades que “atingiram um estágio de evolução comparável, e nas quais essas experiências ainda não se cristalizaram sob a forma de conceitos reguladores que exigem um nível de abstração, de síntese, relativamente elevado.”(Elias, 1998, p. 44).

Ou seja, como foi possível que sociedades ainda primitivas conseguiram elaborar, com seus rudimentares conhecimentos, de *tabula rasa*, partindo do zero puderam formular conceitos que até hoje aceitamos de forma indiscutível.

Como término dos versos, Chico Buarque pergunta “pra que tudo começou /quando tudo acaba”, o que indica um Tempo cíclico, que se encerra em si próprio, ao contrário do Tempo linear, tido como sem fim.

Nessa ocasião, após nossa breve mostra, trazemos a letra de um samba, intitulado *Tempo Ê*, composição de Néelson Rufino (1942-), e interpretada pelo saudoso Roberto Ribeiro (1940-1996):

Tempo êrerererê
Tempo ararará
Tempo me disse que só com tempo a gente chega lá

Um amigo meu queria
Ter a glória apressada
Esqueceu que o tempo tem
Lugar e hora marcada
Chegou no lugar primeiro
E o tempo mais atrás
Esperou sentado, em pé, cansou
Finalmente aprendeu mais.

Mil exemplos tem o mundo
Sobre o tempo, minha gente
No amor do dia-a-dia
Na saudade, no batente
Veja a fruta que é madura
Por processos não normais
Não tem a cor nem o cheiro

Nem sabor das naturais.⁷⁸

Os versos iniciais, “Tempo me disse que só com tempo a gente chega lá”, demonstram uma hipotética conversa com o Tempo, em que a sabedoria popular é semelhante a que se é preciso dar Tempo ao Tempo para que se consiga obter alguma coisa. É preciso mais do que o correr das horas, pois sabemos que Tempo é, sobretudo, movimento. Há uma forte ligação entre esses dois eventos, como bem diz o filósofo Fernando Rey Puente, no seu livro, “O Tempo”, onde escreve que:

o tempo certamente é movimento ou algo do movimento (...) conhecemos o tempo quando determinamos o movimento, ao termos determinado o anterior-posterior. E dizemos que o tempo passou, quando temos uma percepção do anterior-posterior no movimento. (Puente, 2010, p. 51).

Esse fluir do Tempo também está presente no estado psicológico das pessoas, em que estas têm a impressão de que o Tempo ora corre mais rápido e ora, anda mais devagar. Mas tais estados são somente ilusórios, pois ele “anda” sempre à mesma velocidade, o minuto dura 60 segundos e uma hora, 60 minutos, pois o “tempo absoluto, verdadeiro e matemático, por si mesmo e da sua própria natureza, flui uniformemente sem relação com qualquer coisa externa” (Newton, 1990, p.7).

Já em outra visão, na teoria da relatividade restrita, para Albert Einstein, o Tempo é relativo, pois este não passa uniformemente, mas “cada referencial tem sua própria noção de Tempo. (Einstein, 2022, p. 39; Rovelli, 2018, p. 18) e, mais: o Tempo passa mais devagar em alguns lugares e mais rápido em outros e o relógio em movimento anda mais devagar do que em repouso. (Einstein, 2022, p. 51; Rovelli, 2018, p. 17). O Tempo passa de modo diferente no alto de uma montanha e na base dessa mesma montanha, mas são diferenças ínfimas, quase imperceptíveis. (Rovelli, 2018, p. 17).

Assim, a percepção do Tempo tem muitas vertentes, depende, como dizia Einstein, do ponto de vista do observador e da nossa capacidade de perceber os nossos reflexos sensoriais separados:

Eventos que ocorrem simultaneamente com relação ao solo não são simultaneamente com relação ao movimento, e vice-versa (...) simultaneidade é relativa. Cada referencial tem sua própria noção de tempo; especificar um valor de tempo só faz sentido quando se especifica o referencial ao qual ele se refere (Einstein, 2022, p. 39).

Depende também:

⁷⁸ Letra disponível em <https://www.lettras.mus.br/roberto-ribeiro/888941/>. Acesso em 12 jun 2024.

do estado de espírito da pessoa, da sua percepção de Tempo, pois o Tempo se acelerava quando as pessoas estavam ocupadas, felizes e se retardava no trabalho ou quando se estava entediado, cansado ou triste (...) o Tempo voa porque você não está olhando toda hora para o relógio (...) o Tempo não voa quando você está se divertindo (Burdick, 2020, pp. 264-268).

Todas essas impressões ou sensações são próprias do ser humano, mas o Tempo, como dito acima, tem a mesma duração de sempre, nós é que o interpretamos à nossa maneira ou necessidade, segundo o nosso estado de espírito.

Dando prosseguimento à letra de *Tempo ê*: “mil exemplos tem o mundo sobre o tempo, minha gente”, as sentenças acima são uma clara demonstração disso, mas segundo o autor, Rufino, essas se traduzem também no amor, na saudade e no trabalho e, quanto a este último tomemos como exemplo o trabalho social, em que as horas trabalhadas são o denominador comum de uma remuneração.

Mas o que também é importante é que o Tempo está presente em “Veja a fruta que é madura por processos não normais não tem a cor nem o cheiro nem sabor das naturais”, o que nos faz exemplificar o povo “baulé da Costa do Marfim, em que não há uma palavra específica para determinar a estação do ano” (Le Goff, 2013, p. 465), mas sim que este está dividido em períodos e Tempos, correspondendo às estações, que são duas: a seca e a das chuvas, em que são:

as duas atividades agrícolas mais importantes a determinar as “estações”: para o inhame são quatro: o tempo de limpar a floresta (a partir de novembro), o tempo das queimadas (durante o mês de março), o tempo de preparar o terreno (de março até maio), o tempo de arrancar os inhames (a partir de agosto); são três as estações para o café: o momento de mondar o café, o momento da colheita (de outubro a dezembro), o movimento da venda (de dezembro a fevereiro). (Le Goff, 2013, p 466).

Assim, vimos que nos dois exemplos acima há um paralelo com o que Néilson Rufino versificou e o que Jacques Le Goff exemplificou com o binômio Tempo e agricultura e, mais uma vez, com a cultura popular de que não se pode “apressar” o tempo, pois cada coisa tem a sua vez de acontecer.

Nos seguintes versos “Um amigo meu queria/ Ter a glória apressada/ Esqueceu que o tempo tem/ Lugar e hora marcada” há, a princípio, dois pontos a serem considerados. Primeiro, o dito popular de que tudo tem o seu Tempo, a sua vez e o seu lugar. O segundo é a preocupação com a “exatidão” do Tempo, quando para o autor, Rufino, o Tempo tem hora marcada, o que é uma comprovação, pela música popular, da relação entre Tempo e espaço, pois que o segundo está diretamente relacionado com o primeiro, dentro da relatividade do Tempo, e há “um tempo diferente para cada ponto do espaço” (Rovelli, 2018. p. 22). E o que vem a ser o espaço? Pode-se afirmar que “o

espaço de Newton é o campo gravitacional (...) o campo gravitacional é o espaço” (Rovelli, 2017, p. 82).

E dando prosseguimento ao texto presente, conclui-se que: “Chegou no lugar primeiro/ E o tempo mais atrás/ Esperou sentado, em pé, cansou/ Finalmente aprendeu mais”. Em chegar no lugar primeiro, há outra referência ao espaço e, após, o Tempo chegou mais atrás, ou seja, logo após a pessoa citada. Assim, o Tempo está sempre junto com o ser humano, pois para o filósofo Martin Heidegger, somos Tempo e história e, o sentido propriamente temporal da nossa existência é exclusivo do ser humano, o próprio ser. (Heidegger, 1989, p. 210).

Assim concluímos que o autor Néelson Rufino se utilizou de argumentos populares, quanto a ditos e costumes, e, talvez ainda que não tivesse a intenção direta, cita recursos da física, da matemática e da filosofia para concretizar os seus pensamentos, de modo bem popular, de fácil entendimento.

Em seguida, passaremos a apresentar duas composições do idioma inglês e a consequente tradução que para o português⁷⁹. Porém, não será apresentada a letra em sua totalidade, somente as estrofes que se referem ao Tempo. A primeira é *Secret O'Life*, de James Taylor, como segue:

The secret of love is enjoying the passage of time
(O segredo da vida é aproveitar a passagem do tempo)
Any fool can do it.
(Qualquer tolo pode fazê-lo)
There ain't nothing to it.
(Não há nada de especial)
Nobody know how we got to
(Ninguém sabe como chegamos)
The top of the hill
(ao topo da colina)
But since we're on our way down
(Mas já que estamos em nosso caminho)
We might as well enjoy the ride.
(Podemos aproveitar o passeio)

And since we're only here for a while
(E já que estamos aqui por enquanto)

Now the thing about time is that time
(Agora, a coisa sobre o tempo é que o tempo)
Isn't really real
(Não é realmente real).
It's just your point of view
(É somente o seu ponto de vista)
How does it feel for you
(Como é o que sinto por você)

⁷⁹

Livre tradução do autor da Tese.

Einstein said he could never understand it all
 (Einstein disse que nunca entendeu)
Planets spinning through space
 (Os planetas girando pelo espaço)
The smile upon your face
 (O sorriso no seu rosto)
Welcome to the human race
 (Bem vindo à raça humana).

Some kind of lovely ride
 (Algum tipo de passeio encantado)
I'll be sliding down
 (Estarei deslizando)
I'll be gliding down
 (Estarei deslizando para baixo)
Tryn not to try too hard
 (Tente não esforçar muito)
it's just a lovely ride
 (É somente um passeio adorável).

Os versos iniciais são “o segredo da vida é aproveitar a passagem do tempo/ qualquer um tolo pode fazê-lo”, em que o importante para essa pesquisa é a passagem do Tempo, não somente a que se refere às horas marcadas por um relógio, mas também quanto ao passado, presente e futuro que, quanto a esse tríplice fenômeno temporal, nos ofertou Santo Agostinho com a seguinte declaração em suas *Confissões*:

...afirmo saber que, se nada passasse, não haveria tempo passado, se nada sobreviesse, não haveria tempo futuro, e se nada fosse, não haveria tempo presente. Logo aqueles dois tempos, passado e futuro, em que sentido eles são, se o passado não é mais, e o futuro ainda não é? (Santo Agostinho, 2017, p, 319).

Porém, as nossas existências estão atreladas às essas três fases do Tempo, ainda que não possamos senti-las, mas sabemos que existem e influenciam os nossos costumes.

Já nos versos “ninguém sabe como chegamos/ ao topo da colina/ mas já que estamos em nosso caminho/ podemos aproveitar o passeio”, entendemos que o autor se refere à própria vida, que é tida como um ciclo de Tempo, que pode também ser referenciado como Tempo linear, que é infinito e quantificado, não tem fim, ou em uma visão heidegariana, é eterno e contínuo (Agamben, 2005, p. 122). Já o Tempo cíclico é aquele que “move-se em círculo até voltar ao seu início (...) esse processo nunca é renovado.” (Withrow, 2005, p.24).

Logo, em “Agora, a coisa sobre o tempo é que o tempo/ não é realmente real/ é somente seu ponto de vista”, havendo sobre esses versos dois comentários a ser feitos, ainda que brevemente. Primeiro, a de que o Tempo não existe. É somente uma ilusão, o que é admitido por alguns físicos da atualidade, como Carlo Rovelli, em que, para este:

temos de aprender a pensar o mundo não como algo que muda no tempo, mas de alguma outra maneira. As coisas mudam apenas uma em relação a outra. No nível fundamental, o tempo não existe. A impressão do tempo que passa é apenas uma aproximação que só tem valor para as nossas escalas macroscópicas: deriva do fato de que observamos o mundo somente de modo rudimentar. (Rovelli, 2017, p. 178).

Ou seja, Rovelli acredita que o Tempo seja somente uma nova concepção daquilo que observamos diariamente, pois necessitamos de uma nova visão sobre o que nos cerca e que acreditamos ser o tempo, pois:

não existe mais o tempo ao longo do qual ocorrem os eventos (...) a ilusão do espaço e do tempo contínuos ao nosso redor é a visão desfocada desse denso pulular de processos elementares (...) O espaço e o tempo que percebemos em grande escala são a imagem desfocada e aproximada de um campo quântico (...) o espaço e o tempo contínuos são uma visão aproximada em grande escala... (Rovelli, 2017, p.188-9),

Tais assertivas estão presentes nessa nova visão temporal-espacial a qual estamos todos imersos.

A segunda – “é somente o seu ponto de vista” – está relacionada à Teoria da Relatividade de Albert Einstein, em que este afirmava que tudo depende da posição do observador, o que também é confirmado por Gerald Withrow:

nós determinamos que cada observador, em descanso ou em movimento uniforme, tem seu próprio sistema de tempo (...) definimos o tempo próprio de um observador como a ordem de sucessão dos eventos que ocorrem localmente. (Withrow, 2005, p. 117).

O que, mesmo que com outras palavras, é corroborado pelo físico Carlo Rovelli: “pois o tempo não passa de modo igual no mundo. Em alguns lugares, flui mais rápido, em outros, mais lentamente. Mais próximo da Terra, onde há gravidade é mais intensa, o tempo desacelera.” (Rovelli, 2017, p. 173), em que tais ilustrações reforçam a ideia de que não existe tempo fixo, absoluto, que põe de forma imutável dois acontecimentos dados (Pereira, 2008; Rovelli, 2018, p. 18). Por fim, “Einstein compreendeu que o tempo não passa uniformemente, antes que os relógios fossem precisos o bastante para medir uma diferença” (Rovelli, 2018, p. 18).

Já em “Einstein disse que nunca entendeu/ os planetas girando pelo espaço/Bem-vindo à raça humana”. O ato de os planetas girarem pelo espaço também, e muito antes de Einstein, já foram a preocupação de Santo Agostinho (354-430), em que este afirma que:

ouvi de um homem erudito que os tempos são os movimentos do Sol, da Lua e das estrelas, e não concordei. De fato, por que então os tempos não seriam também os movimentos dos corpos? E se os astros do céu parassem e se movessem apenas a roda de um oleiro, não seria pelo tempo que mediríamos seus giros e diríamos que correm por durações iguais, ou se movem apenas

lentamente, às vezes mais rapidamente, às vezes ocupando uma duração maior, às vezes, menor? (Santo Agostinho, 2017, p. 326).

O que entendemos do pensamento de Santo Agostinho é que ele se indaga do porquê de se considerar somente o sol e a lua como indutores do Tempo e, que deveriam ser considerados também outros astros, dispersos na imensidão do cosmo.

Quando o autor diz “Bem vindos à raça humana”, trata-se de referência à vida e ao próprio Tempo, que são inerentes à vida humana, em que o Tempo - e a sua marcação – são próprios do homem, pois:

a medição do tempo só é possível por intermédio da alma ou do espírito. É preciso (...) reconhecer que o ser humano tem uma relação muito particular com o tempo, pois é a partir dele que pode ser decifrado o que é o tempo. Ele não existe então no tempo, tal, como acontece com as coisas da natureza, ele no fundo temporal, é o tempo (Dastur, 1990, p. 29),

Onde compreendemos que o ser humano não fabricou o Tempo, mas que este é inerente à própria condição humana, já que como mencionado acima e a medição do tempo se dão através da alma ou do espírito, que são atributos do homem.

Sendo assim, a próxima e última letra a ser analisada nessa visão de Tempo é *Time*, composição de David Gilmour, Roger Waters, Richard Wright e Nick Mason, todos integrantes, à época, do grupo inglês Pink Floyd. Segue então a letra original em inglês e sua consequente tradução, realizada por mim:

Ticking away the moments that make up a dull day
(Tiquetaqueando os momentos que fazem um dia monótono)
Fritterand waste the hours in an off handway
(Desperdiçando as horas de um jeito improvisado)

You are young and life is long
(Você é jovem e vida é longa)
And there is time to kill today
(E há tempo para matar hoje)
And then one day you find
(E um dia você descobre)
Ten years have got behind you
(Dez anos ficaram atrás de você)

You missed the starting gun
(Você perdeu o tiro de largada)
And you run and you run to catch up with the Sun but it's sinking
(E você corre e corre para alcançar o sol, mas ele está se pondo)

Racing around to come up behind you again
(Correndo em volta até ficar atrás de você novamente)
The Sun is the same in a relative way
(O sol é o mesmo, de certa forma)
But you're older shorter of breath
(Mas você está velho, com a respiração menor)

And one day closer to death
 E um dia, mais perto da morte)
Every year is getting shorter
 (Os anos vão encurtando)
Never seem to find the time
 (Nunca parecem encontrar tempo)

The time is gone, the song is over
 (O tempo está acabando, a música está acabando)

The tolling of the iron bell
 (O badalar do sino de ferro)
Calls the faithful to their knees
 (Chama os fiéis para se ajoelharem)
To hearth softly spoken magic spells
 (Para ouvir os feitiços mágicos falados suavemente)

Nos seus versos iniciais, “passando o tempo em momentos que fazem um dia monótono” trata-se de uma ilusão, já comentado acima, pois quando fazemos alguma coisa que nos agrada, o Tempo parece passar rápido e, ao contrário, quando temos um dia entediante, temos a impressão de que ele demora a passar. Mas são somente impressões psicológicas que se passam em nossas mentes. (Burdick, 2020, p. 266).

Em seus versos seguintes, se diz estar “desperdiçando as horas de um jeito improvisado”, o que na prática pode-se dizer que as horas não podem simplesmente ser descartadas, pois cada hora continuará a ter 60 minutos e não há coisa alguma que a faça demorar mais ou menos, sendo que o desperdiçar as horas, é o comportamento preguiçoso, amuado, o que se complementa com o dito no parágrafo acima. A única exceção é o caso da montanha, pois o Tempo passa diferente no alto e no sopé da mesma. (Rovelli, 2018, p. 18). E há também a diferença dos dias da Terra em relação a outro planeta, como, por exemplo, um dia em Mercúrio equivale a 58 e 16 horas dias terrestres⁸⁰, e isto se dá por causa do movimento de rotação de cada planeta.

Mais adiante, comenta que “você é jovem e a vida é longa/ e há tempo para matar hoje”, o que se refere à relação do ciclo de vida de uma pessoa, opondo o “jovem” com o “longa”, o que se concretiza com o tempo cíclico, que seria aquele “*fechado num anel*” (Withrow, 2005, p. 122), mas tal ideia seria um absurdo, o que segundo este autor:

se o tempo fosse cíclico nesse sentido, não haveria diferença entre o Universo com um único ciclo de eventos e uma sequência de ciclos idênticos; qualquer diferença implicaria um tempo não-cíclico ao qual os diferentes ciclos

⁸⁰ Sobre o assunto, consultar “Quanto Dura uma Dia nos Planetas do Sistema Solar”, de Renata Mendes Gonçalves. Disponível em <https://olhardigital.com.br/2024/02/06/ciencia-e-espaco/quanto-tempo-dura-um-dia-nos-planetes-do-sistema-solar/#:~:text=A%20energia%20do%20Sol%20%C3%A9,dia%20e%201%20hora%20terrestres>. Acesso em 06 jun 2024.

poderiam ser relacionados e se distinguiriam uns dos outros (...) a data torna-se uma característica essencial de um evento (Withrow, 2005, p. 122),

Porém, o que se explica com mais veemência, é que o Tempo cíclico é mais utilizado na História, já que esta faz uso de termos como ciclos, idade, séculos e era, complementando-se com outro termo que a identifique, pois a história e “todos os atos e documentos que exigem uma datação põem o problema da data do início do tempo oficial (...) a partir do qual se inicia a numeração dos anos” (Le Goff, 2013, p. 475).

Ainda que seja uma tautologia, diz-se que o Tempo dos ciclos é aparentemente um tempo circular, principalmente com relação aos astecas, que apresentavam um ciclo de 52 anos em calendários circulares (Le Goff, 2013, p. 476).

Em “ainda há tempo para matar hoje”, vimos como um dia em que não há coisa alguma para fazer, pois como já foi dito acima, nos primeiros versos dessa letra, não se mata o Tempo, não há como fazê-lo correr, ir devagar ou paralisá-lo. Trata-se de uma distração, fazer uma ação qualquer, só para “passar” o Tempo, ou seja, um dito popular para ocupar a mente.

Ainda com relação à letra de *Time*, esta termina a primeira estrofe com o seguinte: “um dia você descobre, dez anos ficaram para trás de você”, o que simplesmente denota uma passagem do Tempo, o que acontece de modo corriqueiro com as pessoas adultas que têm a impressão de que a partir de uma certa idade o Tempo passa depressa, pois a “nossa percepção de tempo se harmoniza com diferentes disposições mentais” (Burdick, 2020, p. 284).

Já se observou há muito Tempo que a estimativa que alguém faz de duração de Tempo pode variar amplamente, dependendo das circunstâncias: o estado emocional, o que está acontecendo em volta e os eventos específicos que se está observando e avaliando quanto à sua duração. (Burdick, 2020, p. 284).

Tal fato é o que acontece com a pessoa dita madura, normalmente ocupada com muitos afazeres e preocupações da vida diária e que, quando “percebe”, o Tempo passou tão “rápido” que ela não “viu”. É o caso dessa passagem de dez anos. É somente uma impressão que temos. (Burdick, 2020, p. 284), de que o tempo passou rápido.

Nos versos seguintes, “e você corre e corre para alcançar o sol, mas ele está se pondo/correndo em volta até ficar atrás de você novamente”, o que nos remete à antiga crença de que o Sol dava voltas em torno da Terra, quando o contrário é o que acontece, pois é a Terra que dá volta em torno do Sol, pois Nicolau Copérnico

compreende e mostra que a nossa Terra não está no centro das danças de planetas, e sim, o Sol. Nosso planeta se torna um como os outros. Gira em

grande velocidade sobre si mesmo e em torno do Sol (...) o nosso sol é simplesmente uma estrela como as outras. (...) um grãozinho infinitesimal em uma imensa nuvem de estrelas, formada por 100 bilhões de estrelas, a Via Láctea. (Rovelli, 2015, p. 33).

Os autores complementam dizendo que “o sol é o mesmo, de certa forma, mas você está velho, com a respiração menor”, donde concluímos que o Tempo passa e sua passagem ainda é contada com o movimento do sol, como no calendário solar. A composição é provavelmente do ano de 1973, data de lançamento do disco, o antigo LP, Long Play. Destacamos que o mundo utiliza atualmente, pelo menos no ocidente, três tipos de calendários: o lunar, o solar e o lunissolar, pois o

calendário depende do tempo cósmico, regulador da duração que se impõe a todas as sociedades humanas; estas o captam, o medem e o transformam em calendários segundo as suas estruturas sociais e políticas, seus sistemas econômicos e culturais e seus instrumentos científicos e tecnológicos. (Le Goff, 2013, p. 450).

Após, arremata com “e um dia, mais perto da morte”, o que é traduzido com o passar dos anos do Tempo cíclico a que estamos inseridos, e que tem um fim para todos, mas ele continua nos seus movimentos. Este, já comentado aqui, no segmento da História.

Em “os anos vão encurtando/ parece nunca encontrar tempo”, encontramos uma figura de linguagem, como uma metonímia, pois os anos não encurtam, nós é que temos a impressão de que eles estão passando rápido. Tal situação também já foi comentada aqui, nas observações de Alan Burdick (2020). A frase é concluída com um “parece não encontrar tempo”, o que também já foi comentado quando a pessoa na sua fase adulta, ocupada com muitas ações, parece não se dar conta de tantas atividades ao mesmo tempo. Essa situação está comentada no final da página anterior.

A composição segue com os versos “o tempo está acabando, a música está acabando”, o que parece contar o tempo com uma ampulheta, invento da mesma época da clepsidra, e que teria sido inventada por Platão (427-347). O que diferencia as duas é o material de ação, pois a primeira utiliza a areia e a segunda tem a água como elemento principal (MOURA, 2010, p. 16), pois o Tempo propriamente dito não acaba, mas na antiga ampulheta um determinado espaço de Tempo termina, numa espécie de contagem regressiva, mas para recomeçar de novo, como se o tempo fosse cíclico. Ela servia para contar o tempo de fala de um orador. (Dalcomo, 2022, p. 21).

Os versos são concluídos na seguinte estrutura: “longe, do outro lado do campo/o badalar do sino de ferro/ chama os fiéis para se ajoelharem/ para ouvir os feitiçosmágicos falados suavemente”, o que é uma referência de quando os sinos foram

instalados nos altos das torres das igrejas para chamarem os fiéis para a pregação religiosa e, por outro lado, serviam também como uma forma de chamamento ao trabalho. (Thompson, 2008, p. 271).

Mas o importante é que o estudo do Tempo não cessa simplesmente no Tempo marcado pelo relógio, pois há novos cientistas, como o italiano Carlo Rovelli e o francês Etienne Klein que dão uma nova visão sobre esse tema, chegando mesmo a declararem que o tempo não existe, que se trata de uma ilusão que temos, surge do nosso olhar distorcido em relação ao mundo em que vivemos.

Mas ao observar suas versões, conclui-se que elas se coadunam num mesmo fim e que estão em acordo com informações vindas das ciências humanas, em que há um consenso em que o ser humano, por sua necessidade de regular a vida em sociedade precisou e efetivou a marcação do Tempo, trazendo uma melhor organização para suas atividades, seja através de criação de ferramentas específicas para facilitar a sua vida ou até mesmo por meio das pinturas em cavernas, que retratam fases do cotidiano das pessoas de então e, que seriam os precursores da atual da arte plástica..

4.4 ARTES PLÁSTICAS⁸¹

Através dos tempos, o ser humano, com a sua inesgotável capacidade de raciocinar, encontrou diversas formas de se expressar e de se comunicar, e isso pode ser comprovado por meio da sua manifestação nas pinturas rupestres, com a criação da escrita, enfim, produzindo símbolos e diversos alfabetos contando histórias da sua trajetória no planeta.

Logo, em se tratando sua trajetória iconográfica, sabemos que:

As primeiras pinturas gravadas ou esculpidas data dos tempos obscuros da pré-história (...) os arqueólogos descobriram vestígios delas em numerosos locais da Europa, África e Ásia (...) predominando as figuras de animais gravadas ou pintadas, com vários locais contendo estatuetas esculpidas em gesso, osso, chifres, marfim, pedra ou argila. Conhecemos a existência da arte paleolítica há apenas pouco mais de um século (Upjohn; Wingert; Mahler, 1965, p. 32).

Com a evolução dessas ações, foram desenvolvidos diversos estilos artísticos, como a arte romântica, a gótica, a renascentista, o barroco e até chegar ao Século XX,

⁸¹ Há importante artigo sobre tempo e artes plásticas, de Mauro Bellesa, "A Transcendência e a Incorporação do Tempo pela Arte", disponível em: <http://www.iea.usp.br/noticias/o-tempo-na-arte>. Acesso em 08 ago 2024.

constituído por mais estilos modernos. Exemplificamos o assunto com a criação, na Alemanha, do Expressionismo (com utilização de cores patéticas e emoções mais negativas, como o medo, o ciúme e a solidão), em oposição ao Impressionismo (pinturas sem contornos definidos), até chegar ao Cubismo:

uma forma de apresentação dos volumes no espaço, sendo composta por duas dimensões (...). Nesta pintura, as formas são dadas por uma série de planos monocromáticos, derivados do cubo e da esfera (Upjohn; Wingert; Mahler, 1965, p.168).

A partir daí chegamos ao Dadaísmo, que surgiu a partir de 1916 e com desencantamento com a guerra e tinha a intenção explícita de exprimir-se com “uma extravagância deliberada” (Upjohn; Wingert; Mahler, 1965, p. 195). Por fim, uma curiosidade o “nome do grupo foi escolhido abrindo a enciclopédia Larousse ao acaso e apontando a primeira palavra que encontraram: Dada “(Upjohn; Wingert; Mahler, 1965, p. 196).

Outras expressões artísticas surgiram, como o Surrealismo, que começou como um movimento literário, mas que teve a adesão de diversos pintores. Esta escola manifestou-se sob dois aspectos:

(...) o das experiências criadoras automáticas; o outro, o do tema imaginário tirado do mundo do sonho. O automatismo tinha como objetivo assegurar a total liberdade criadora. Quanto ao onírico, oferecia um novo campo de exploração artística, de ordem afetiva. (Upjohn; Wingert; Mahler 1965, p. 198).

Do surrealismo, o maior e mais conhecido nome foi, sem dúvida, Salvador Dalí (1904-1989) quer pela qualidade do seu traço, quer por sua personalidade explosiva. Teremos a satisfação de registrar um de seus quadros nesse capítulo.

Após essas explicações ilustrativas, pode-se entender que a arte, de modo geral tem uma correspondência a uma necessidade fundamental do ser humano, com o objetivo de interpretar a vida em toda a sua plenitude. (Upjohn; Wingert; Mahler, 1965, p. 7). E nessa epopeia atingiu diversos fins e temas, como a religião, política, questões sociais, numa catarse de suas emoções e sentimentos, porém com diversas linguagens, que podem ter distintas interpretações, talvez diferentes do significado que o artista quis transmitir.

Porém, a obra de arte, para uns:

É como um triângulo cujos lados seriam o assunto, a expressão e a forma. Esses três elementos são interdependentes, mas não necessariamente iguais. Um artista pode preocupar-se mais com um aspecto do que com outro (Upjohn; Wingert; Mahler, 1965, p. 9).

Assim, criando diversas escalas de valores, acentuando um aspecto em detrimento de outro, dependendo também do momento emocional de quem aprecia a sua obra. E como consequência dessa sua forma de externar situações, fatos e assim retratar a realidade, foram criados: livros; esculturas e quadros pictóricos; se utilizando de diversas situações, tais como: boas, difíceis, o Céu, o Inferno, a Beleza e a Feiura e outras mensagens que transmitam distintas emoções, como o carinho materno ou até mesmo a morte. Portanto, neste capítulo serão comentadas quatro telas, sem qualquer preocupação com a escola que representam, mas tendo em comum a temática do Tempo.

O primeiro quadro de título “*Queda d’água de Amida na Estrada para Kisō*”, do pintor japonês Katsushika Hosusai (1760-1849), expoente da pintura *ukiyo-e*, um tipo de xilogravura.

Figura 11: O Tempo que escorre



Fonte: Reprodução da capa do livro “Tempo e Espaço na Cultura Japonesa.” Autor: Hokusai

Segundo informações contidas no livro “Tempo e Espaço na Cultura Japonesa”, de Shuichi Kato (1919-2008), a Figura 11, de autoria de Hokusai (176-1849), retrata um dos acidentes geográficos mais apreciados no Japão, onde sábios e monges japoneses vinham meditar e contemplar a sua beleza, e ao mesmo Tempo contrapõe o realismo dos três itens “do promontório aos traços estilizados da água em queda. A cavidade espacialmente imprecisa de onde jorra a água tem algo de divino em sua majestuosidade lunar e remete a uma noção de tempo que se esvai” (Kato, 2012, p. 283).

O fluir do Tempo sem a preocupação com o amanhã é a tônica da cultura japonesa, que se preocupa em viver o hoje, o momento do agora, o que não quer dizer que não se preocupe totalmente com o futuro, mas que se deve viver um momento de

cada vez. O hoje é o presente, que deve ser desfrutado nos seus momentos únicos, deixando o futuro para o amanhã.

Quanto ao estilo *ukiyo-e*, a palavra significa “imagens de um mundo flutuante” surgiu entre os séculos XVII e XIX e maior parte dos seus trabalhos retrata material da indústria de entretenimento da época, inclusive, no teatro *kabuki*, os distritos do prazer. Originalmente descrevia as indulgências da classe mercantil neste tipo de teatro. (Nishishima, 2021).

Essa escola de arte asiática é composta por pinturas e gravuras em xilogravura, ainda que as estampas fossem as mais populares e fizeram com que os trabalhos fossem mais acessíveis para a classe dos comerciantes. Também utilizaram blocos de madeira para esculturas e estes eram cobertos com tinta. Igualmente as pinturas seguem o mesmo estilo das estampas, algumas mais complexas eram feitas por uma equipe de artistas, sendo que somente a um deles seria creditado a sua criação. (Nishishima, 2021).

Por fim, o autor dessas telas também produziu várias coleções de mangás, sendo estes considerados como uma forte influência para os que são produzidos ainda hoje. (Kato, 2012, 283).

A próxima tela se apresentada é *As Três Idades da Mulher*, de Gustav Klimt (1862-1918), ligado ao simbolismo e a *art nouveau*.

Figura 12: As Três Idades da Mulher



Fonte: <https://kuadros.com/pt-br/products/las-tres-edades-de-la-mujer-gustav-klimt#:~:text=A%20pintura%20%22As%20tr%C3%AAs%20idades,importantes%20do%20movimento%20Art%20Nouveau.>

Na imagem acima (Figura 12), apesar de, aparentemente não ter imagens muito marcantes quanto à utilização das cores, traz em si uma mensagem clara quanto à

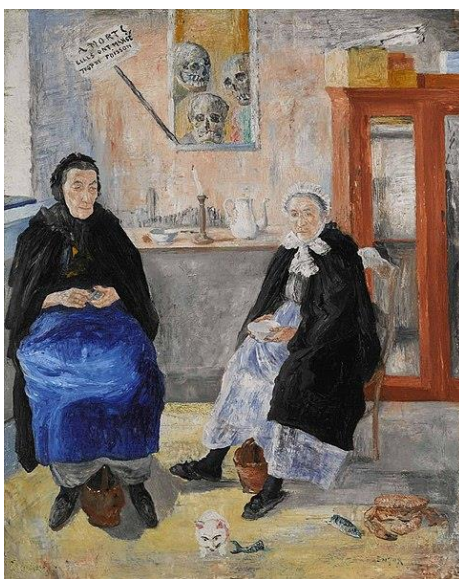
passagem do Tempo, significando um início, meio e fim, representado, respectivamente, pela criança no colo da mãe que a carrega fraternalmente, com o carinho próprio das mães; já o segundo período, que é o meio, trata-se da própria mãe, que já está na sua fase adulta, já passou da adolescência, mas ainda não chegou na chamada terceira idade. Por fim, a mulher mais idosa, possivelmente representando o fim da vida.

Há um aspecto onírico através dos elementos da pintura presente no quadro, principalmente quanto ao seu fundo, que é mais difuso, sem apresentar um cenário mais definido, mas que serve para mostrar as três idades femininas representadas ao mesmo tempo, quais sejam, a infância, a vida adulta e a velhice. O interessante é que apresenta o novo (a criança, o futuro), o vigor (a mulher adulta, representando o presente) e o fim (a idosa, representando o passado).

Há que se notar que todas as três mulheres estão nuas, como vieram ao mundo e daqui também sairiam despidas, e revelam um ciclo, ao contrário do Tempo que segue uma linha imaginária e sem fim, este, como todo ciclo, paralelo ao histórico, também terá um fim. E, curioso as cabeças das três estão sequência, mostrando a escala do tempo.

A seguir, *As Mercadoras Melancólicas de Peixe*, de James Ensor (1860-1949): Expressionista.

Figura13:As Mercadoras Melancólicas de Peixe



Fonte: <https://wwwpoetanarquista.blogspot.com/2011/11/pintura-james-ensor.html>

Esse quadro acima (Figura 13), apesar de suas pinceladas impressionistas, são, quanto à temática, expressionistas, pois tem como característica cores patéticas e

demonstram emoções negativas, a começar pelo título *As Mercadoras Melancólicas de Peixe*. E de fato, retrata um ambiente triste de abatimento, de marasmo talvez pela execução diária das mesmas tarefas de limpar o peixe e vendê-lo, o que condiz com o fato de as duas mulheres estarem dentro de casa e não do lado de fora, a vender.

Na tarefa cotidiana (diariamente, o Tempo presente) e a impressão de que o tempo não passa é observado pela aparente calma e pelo gato no chão a comer um pedaço do peixe e pouco ao lado dele, embaixo à direita do quadro há um grande crustáceo que também se aproveita das sobras.

Mas o que chama a atenção é o aspecto tétrico do ambiente da janela, com os três crânios de três caveiras com o anúncio, em que não se pode ler nitidamente, mas que há a mensagem da morte a anunciar que as vendedoras comeram com veneno. E assim, o ciclo de vida delas estaria perto de se encerrar. E mais, essas três caveiras dão um ar de cavaleiros do apocalipse, e o anúncio lembra a foice, um símbolo da morte.

Esse quadro de James Ensor, além de retratar a velhice e a morte próxima, anuncia que o passado, de fato, já passou, o presente é melancólico, e que o futuro é o fim. É o fim de um ciclo, o que fica evidente com as roupas usadas pelas vendedoras, que estão ambas cobertas com casacos pretos. As suas mãos, a segurar objetos parece que estão a rezar, ambas com um conformismo ante ao marasmo que levam, sabedoras do fim que um dia chegará. Sobre a mesa há uma vela já consumida, mas tombada, dando uma mensagem de que não irá mais iluminar, mas se apagar, como se apagarão as vidas das peixeiras. Há aí uma representatividade de um aspecto fúnebre, triste.

Por último, comentamos, talvez o mais conhecido entre os artistas aqui citados, se trata do quadro *A Persistência da Memória*, do espanhol Salvador Dalí, de estilo surrealista:

Figura 14: A Persistência da Memória



1. Fonte: <https://artout.com.br/a-persistencia-da-memoria/>

Essa pintura (Figura 14) traz alguns pontos a ser levados em consideração. Primeiro, o surrealismo é uma escola que trata do mundo dos sonhos. Segundo nela há a liberdade criadora, em que o artista não precisa ficar preso a um rigor estilístico, mas sim à sua criação.

Mesmo assim, em *A Persistência da Memória*, famoso pelos relógios derretidos, há uma forte ligação com a realidade, dando uma noção de elasticidade do Tempo:

pois este se dilata ao mesmo tempo que o espaço se contrai, sob a mediação da velocidade da luz. Tempo e espaço andavam de lado a lado, mas eram independentes. Agora, tempo e espaço não só são acoplados, mas relativos ao movimento do observador. (Matsuura, 2003, p.57),

Referindo-se à teoria da relatividade restrita, ou em outras palavras, em hipótese, a duração de um evento que reflita uma luz que ocorre num sistema em movimento, sofre dilatação quando é medida por um observador. (Matsuura, 2003, p. 48). Em outras palavras, talvez, sem saber, Salvador Dalí corroborou a teoria da relatividade restrita de Albert Einstein, referindo-se que o tempo é relativo levando-se em consideração a posição do observador.

Porém, outro fator que se mostra interessante é a localização dos três relógios, em posições/lugares distintas: um no chão, em cima de uma figura que alguns autores citam como auto-caricatura de Dalí (Aidas, sem data); um segundo está sobre uma beirada; o terceiro, num galho de uma oliveira, ambos relógios estão amolecidos, dando

a ensejar que o Tempo voa, se esvai, como águas, já comentado no primeiro quadro, há exatamente cem anos antes deste. Referimo-nos ao quadro *Queda d'água de Amida na Estrada para Kisō*, pincelado em 1827 (Kato, 2012, p. 6). Dali pintou o seu quadro em 1931 (Gomes, 2018, p. 1).

Esses três relógios, na tela, em três posições diversas fazem outra comprovação já feita pela física: a de que relógios em posições diferentes marcam horas diferentes. Partindo-se do princípio de que o Tempo passa mais rápido na montanha e mais devagar no vale, igualmente “observa-se essa desaceleração até mesmo entre poucos centímetros de desnível: o relógio que está no chão anda um pouquinho mais devagar que o relógio sobre a mesa.” (Rovelli, 2018, p. 17).

Logo, os relógios derretidos representam que o Tempo passa de forma diferente, havendo uma dilatação do Tempo, ocasionando uma diferença entre tempos, ainda que essa diferença seja pequena. Mas se observarmos melhor, notaremos que há um quarto relógio, como o mostrador virado para baixo e sobre ele há insetos dando uma mensagem de passagem do Tempo. No todo, há uma subjetividade do temporal, ou sua elasticidade, que interpretamos como relatividade do Tempo em oposição ao Tempo matemático e objetivo de Isaac Newton.

Nessa tela, o Tempo é interior e se passa no inconsciente, foge do racional e lembramos que o inconsciente é atemporal e o “surrealismo transcende a representação realista”. (Paulino, sem data, p. 2), o que sugere um ambiente cinematográfico, que será o tema do próximo subitem deste capítulo.

4.5 CINEMA⁸²

O cinema é conhecido popularmente como a sétima arte e surgiu no final do século XIX (Costa, 2007, p. 15) oriundo da fotografia, mas bem diversa dessa pois a a este foi adicionado o movimento das imagens, algo jamais visto até então.

Acredita-se que esse paralelismo se dava pelo fato de um filme conter fotogramas, que numa analogia simples, nada mais é que uma fotografia, apesar de que “o cinema não é o prolongamento da fotografia no tempo” (Michaud, 2014, p.17”, mas

⁸² Ver o artigo: “O Tempo no Cinema ou o Cinema ou Tempo do Cinema. Tempo e História: a variável inconstante”, de Maria Dora Mourão e Raquel Glezer/Usp, disponível em: <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/estudo-sobre-o-tempo-1-o-tempo-no-cinema-ou-o-tempo-do-cinema-2-tempo-e-historia-a-variavel-inconstante>. Acesso em 23 set 2024.

uma dúvida fica ao se fazer essa comparação, pois uma análise desse teor não deve comumente ficar restrita ao aspecto físico dos dois, mas é:

Menos importante saber se a fotografia e o cinema pertencem ao campo da arte do que compreender em que modificam a percepção que temos dela. Resta saber, se desse ponto de vista, fotografia e cinema podem ser postos no mesmo plano. Se considerarmos a máquina fotográfica em sua dimensão técnica, não podemos encontrar um catalisador que presida sua invenção. Ela nasceu de dois princípios: câmara escura e um raio luminoso. (Michaud, 2014, p. 17).

A partir disso sim, faz-se possível uma comparação entre os dois sistemas, em que a máquina fotográfica, tendo em vista o seu aspecto técnico e mecânico, nasceu a partir de dois princípios científicos, preceitos estes, antes do surgimento do cinema. A câmara é escura, em que um raio luminoso passa por um orifício feito na sua parede interna oposta. O seu segundo princípio é absolutamente químico, em que, a partir da fotossensibilidade fixa as imagens dessa câmara escura e lhe dá a sua eternidade fixada em uma base de papel (Michaud, 2014, p. 18), ou nos seus primórdios, o daguerreótipo⁸³.

Porém, no cinema:

a relação entre esses dois princípios se inverte. Já não se trata de dar substancialidade e permanência à imagem, mas, precisamente, de reproduzir seu caráter não fixado. O cinema não é um prolongamento da fotografia no tempo, mas uma interpretação divergente do princípio da fixação, em sua associação com o princípio da projeção. (Michaud, 2014, p. 18).

Assim, se no primeiro há a fixação da imagem, no segundo fica a projeção desta e, mais, ela está em movimento ou dá esta ilusão, um invento que veio a revolucionar, num futuro não muito distante, o mundo do entretenimento. Em termos de tecnologia a diferença entre os dois é a câmara escura que capta as imagens em movimento e depois as projeta numa tela, que pode ser uma parede ou até mesmo um pano estendido.

Entretanto, em termos mesmo de filmografia, identificamos um outro elemento do cinema, que são os históricos filmes realizados por um dos irmãos Lumière. Foram os “registro de incidentes cotidianos, como nos filmes de *actualité* de Louis Lumière” (BORDWELL, 2013, p. 30), além disso, realizaram pequenas apresentações de teatro, como por exemplo, representações da vida de Jesus Cristo (Bordwell, 2013, p. 30), em que os primeiros

⁸³ Quando a fotografia foi finalmente introduzida, em 1839, havia dois processos em jogo: O daguerreótipo e o talbótipo. O primeiro era uma chapa metálica, de prata ou cobre revestido de prata, exposta a vapores de iodo para torná-la mais sensível à luz. Depois de receber a imagem produzida pela lente da câmara, era a chapa revelada sob a ação de vapores de mercúrio. A fotografia resultante permanecia na superfície da chapa original. (Luther, Frederic. Microfilme: sua história 1839-1900. São Paulo; CENADEM, 1979, p. 27).

filmes servem para contar histórias através de uma linguagem própria, que é atemporal (...) e apresentavam uma série de anomalias, que dificultam a fluência da narrativa. As pessoas não são filmadas de perto, a câmera muitas vezes fica imóvel enquanto uma multidão de personagens indistintos pratica ações confusas que não percebemos direito. Muitas vezes são montadas em descontinuidade, de pontos de vistas diferentes. É difícil entender o enredo, quando ele existe. (Costa, 2007, p. 15).

Dessa forma, tais fatos dificultavam o entendimento dos filmes, que eram, à época, uma novidade, mas que com o fluir do tempo houve inúmeros precursores que mudaram para melhor a realização das fitas, como eram então chamados popularmente os filmes.

Mesmo com essas dificuldades iniciais, o cinema representa um sistema de inúmeras possibilidades, e já nos seus primórdios também ensejou a efetivação de efeitos visuais, tais como a leitura dos filmes de frente para trás e de alguns considerados, na época, como efeitos mágicos, como os filmes de fantasia realizados por Georges Méliès (1861-1938), “parando a câmera e reordenando as figuras e os cenários (...) criou efeitos mágicos (...) transformou cabeças em notas musicais, e seus cientistas atiraram um foguete no olho do Homem da Lua.” (Bordwell, 2013, p. 30), pois essas cenas artificiais arranjadas são tidas como o início do espetáculo cinematográfico, usando as possibilidades criativas das câmeras. Todas essas inovações se davam na época do ainda cinema mudo, pois:

o som chega ao cinema no fim dos anos 1920, mais precisamente em 06 de outubro de 1927, como *The Jazz Singer (O Cantor de Jazz)*, com o ator Al Johnson e dirigido por Alan Crosland. Nessa nova estética de cinema, som e imagem sincronizam-se e produzem no espectador o impacto afetivo.” (Bignotto, S/D, p. 1),

Por consequência, trouxe muitas mudanças e várias possibilidades na criação dos filmes, ainda que muitos diretores relutassem em adotar o som, como por exemplo o cineasta Charles Chaplin, no filme comentado no início desta tese, “Tempos Modernos”, de 1936, ainda realizava filmes mudos, sendo este o seu último sem utilizar o recurso do som direto. (Carlos, 2012, p. 11).

Um grande exemplo da recente utilização do som está no filme *Singing in the Rain (Cantando na Chuva)*, de 1952, dirigido por Gene Kelly (1912-1996) e Stanley Donen (1929-2019). O filme, além do romance comum às películas da época, aborda o surgimento do cinema falado e o grande problema que acarretou para atores que não tinham uma voz maviosa. Esse filme já é uma demonstração das transformações da cinematografia, pois unia som, música, romance e comédia.

Essas transformações fizeram com que a indústria cinematográfica passasse por situações interessantes, pois além dos dramas, romances, comédias, musicais e documentários, em que o:

cinema sempre coube tanto no propósito científico de pioneiros como Marey e Muybridge, quanto no horizonte feérico, mágico, de experimentadores como George Méliès. Apontou desde o início para caminhos diversos: documentário (Lumière), ficção (Méliès), narração e experimentação (...) o cinema narrativo clássico (Griffith e Hollywood como símbolos) (Bentes, 2007, p.12),

Esses nomes são históricos e pioneiros do cinema e a partir daí surgem nomes que fazem, não experimentações, mas agem na contra-mão do simples modismo, pois já em pleno século XX há que se registrar a audácia de dois diretores importantes para a história do cinema, que são Ettore Scola (1931-2016), que lançou em 1983 o filme *O Baile*, feito totalmente com músicas de várias épocas, contando a história do século XX através das músicas, mas com uma característica, pois se usa o som, mas não se utiliza de diálogos, somente as canções e os figurinos retratam as épocas abordadas, e assim mesmo tornam o filme perfeitamente compreensível.

O outro diretor é o norte americano Mel Brooks (1926, ainda vivo, com 98 anos) e que lançou, em 1976, *Silent Movie* (A última Loucura de Mel Brooks), praticamente mudo, pois só se fala uma única palavra em todo o filme. O filme trata de um pequeno grupo de atores que querem realizar um filme mudo, e também é tido como revolucionário, pois tal lançamento se dá em plena época do cinema falado.

Portanto, os filmes serviram para dar um pequeno panorama da evolução dos mudos para os falados. Por outro lado, o cinema também é feito por roteiro, montagens, movimentos, quadros, enquadramento, decupagem e plano, dos quais alguns serão aqui explicitados, pois um filme, por menor que seja, como um curta metragem, é feito por ações planejadas que requerem muita atenção, estudo, organização e recursos tantos intelectuais quanto financeiros.

Entretanto, faz-se importante citar aqui o surgimento dos filmes coloridos, que apareceram entre 1901 e 1902 e mudaram, aos poucos a forma de como se fazia cinema. (Gazirre, 2012). A partir daí várias técnicas de se colorir filmes foram utilizadas, como algumas pintando quadro a quadro os fotogramas de um filme. Era um trabalho muito rudimentar, até que na década de 1930 apareceram os primeiros filmes coloridos por completo, sendo que *O Mágico de Oz* (*The Wizard of Oz*, 1939) é tido como detentor dessa primazia, mas este utilizava preto e branco e colorido. Porém, algumas décadas

antes, surgiu, no ano de 1902, uma película colorida, realizada pelo inglês Edward Raymond Turner e somente no séc. XXI foi vista pela primeira vez.⁸⁴

Logo, a seguir dessas preliminares alguns conceitos serão elencados um após o outro para, além de facilitar a sua demonstração, possibilitar um estudo comparativo dos mesmos, em que primeiramente o:

quadro cinematográfico constitui, portanto, um conjunto que possui um grande número de partes, isto é, de elementos que entram, por sua vez, em subconjuntos (...) chamamos *enquadramento* a determinação de um sistema fechado, relativamente fechado, que compreende tudo o que está presente na imagem, cenários, personagens, acessórios. (Deleuze, 2018, p. 29).

A partir dessas duas classificações, pode-se dizer que o quadro é inseparável de duas tendências – a saturação e/ou a rarefação, pois enquanto o primeiro significa a saciedade de elementos essenciais à realização cinematográfica, o segundo traz um caráter de tornar o visual menos denso, comportando-o do necessário para a transmissão de uma mensagem. (Deleuze, 2018, p. 29).

Esses elementos se traduzem na tela imensa da projeção a profundidade do campo explorado e possibilitam a multiplicação de dados independentes, a ponto de que uma cena que não seja a principal aparece na frente – primeiro plano – enquanto a principal se passa no fundo do quadro total. E isso a gosto ou interesse do diretor, do roteiro e de quem monta o filme.

Exemplificando de modo mais pragmático, a saturação seria a tela cheia com toda a gama de informações, tais como personagens, cenários com móveis, relógios, utensílios domésticos, roupas sujas ou arrumadas, quadros na parede, formando um conjunto de situações que descrevem um ambiente de determinada situação.

Já a rarefação representa um mínimo deste ambiente, como por exemplo, a aproximação de um copo cheio ou vazio que faz parte desse ambiente e esse detalhamento possibilita a transmissão de uma determinada mensagem. (Deleuz, 2018, p. 31).

Mas situações poderão ser estudadas pelo diretor e pelo montador, a partir da decupagem, anteriormente chamada de copião, mas que:

É a determinação do plano, e o plano a determinação do movimento que se estabelece no sistema fechado (saturado, observação nossa) entre elementos ou partes do conjunto (...) o *movimento* diz respeito também a um todo que difere em natureza do conjunto. O todo é o que muda, é o aberto ou a

⁸⁴ Sobre o tema, consultar, Primeiro Filme Colorido da História é Visto Pela Primeira Vez na Inglaterra, de Barbosa, Cássio. Disponível em <https://www.tecmundo.com.br/cinema/43762-primeiro-filme-colorido-da-historia-e-visto-pela-primeira-vez-na-inglaterra.htm> Acessado em 18 jun. 2024.

duração. O movimento exprime, portanto, uma mudança do todo ou uma articulação do todo (Deleuze 2018, p. 39),

Ou seja, não se exprime pela velocidade ou movimentação da câmera, essa mudança qualitativa como a demonstrada logo acima, em que a partir da saturação – o todo – há a aproximação para o *close*, por exemplo, num copo na mesa desse ambiente, possibilitando uma leitura de determinada mensagem. O movimento possui assim duas faces, “tão inseparáveis quanto o direito e o avesso, o reto e o verso: ele é nexos entre partes, e é afecção do todo”. (Deleuze, 2018, p. 39), mas ainda está ligado a um último conceito a ser visto aqui, que é o plano, que vem a ser:

o intermediário concreto entre um todo que apresenta mudanças e um conjunto que tem partes e que não para de converter um no outro segundo suas duas faces. O plano é a imagem-movimento. Enquanto refere o movimento a um todo que muda, é o corte móvel de uma duração (...) o plano é uma determinação unicamente espacial que indica uma “fatia” de espaço a esta ou aquela distância da câmera, do primeiro plano ao distante (cortes). (Deleuze, 2018, pp. 44-47).

Ele – o plano – seria, numa linguagem pragmática, o detalhamento dentro de um todo, mas difere do binômio saturação/rarefação pelo fato de que nestes há em ação o movimento mais representativo para um segundo plano, enquanto no plano há o “passeio” da câmera pelo cenário, podendo haver uma mudança dentro do plano, como o corte dentro do mesmo plano ou cena.

Mas o movimento também é um termo que pode apresentar algumas outras explicações, como refleti-lo, e vem a ser o pensar a relação entre dois movimentos: “o desenrolar visual das imagens que é o próprio cinema e o processo de exposição e de dissipação das aparências que caracteriza mais amplamente a arte dos enredos narrativos.” (Rancière, 2012, p. 29), onde entendemos que esse desenrolar das imagens é o que bem define o movimento, não o simples desenvolvimento da câmera, mas o fato de expor e dissipar ambientes, ou planos.

Após essa breve contextualização referente a algumas teorias e entendimentos sobre fases do fazer cinematográfico e, antes de adentrar ao subtítulo deste capítulo, que é sobre o Tempo no cinema, identificamos os variados conceitos sobre a temática: para uns, “o sistema que reproduz o movimento reportando-o ao instante qualquer” (Deleuze, 2018, p. 19), e para outros, “é um jogo de encontros e distanciamentos que três recordações que permitem recompor de algum modo:(...) cinema e arte; cinema e política, e cinema e teoria” (Rancière, 2012, p. 10), e para a presente pesquisa, o foco que nos move é o da teoria, atrelada ao estudo do Tempo como elemento principal no cinema.

Assim, como abordado anteriormente, havia, nos primórdios da cinematografia, uma relação entre cinema e fotografia, e hoje ainda persiste tal analogia, principalmente com relação a uma nova forma de se ver a passagem – ou não – do Tempo, o registro do momento instantâneo, o presente que se eterniza para o futuro.

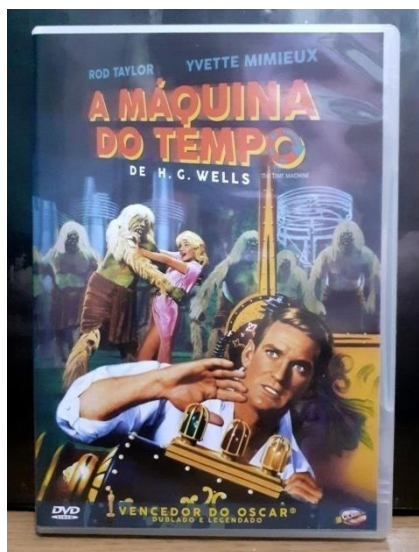
A fotografia registra um Tempo que pode ser consultado a qualquer instante, sendo utilizável no presente, como uma representação do passado e, mais, esse mesmo passado é imutável mesmo se consultado no futuro. Portanto, na fotografia não se para o Tempo nem se congela, mas permite um “controle” da visualização do Tempo, “pois congelando a imagem fotográfica mostrava a impossibilidade de pararmos o tempo” (Costa, 2007, p. 25). De fato, o Tempo real não pode ser paralisado, mas tanto o Tempo fotográfico como o Tempo cinematográfico podem ser parados, seja através do congelamento da imagem como no controle de um filme, como linguagem cinematográfica, como o uso do *flash back*, considerando-se também que há filmes que começam com o fim e a partir deste, mostra como se chegou ao resultado inicial.

É um recurso de estilo, como também o retroceder da câmera pode mostrar a passagem do Tempo ao contrário, pois na tela o fim pode se transformar no início, o passado em futuro. (Virilio, 1999, p. 85).

A partir dessas concepções e argumentos pode haver uma destemporalização ou assincronia do Tempo nos filmes, pois a temporalidade pode se dar de duas formas: da narrativa e das atrações, em que a:

a temporalidade da narrativa se constrói como uma progressão linear, feita de momentos sucessivos que conjugaram uma trajetória. (...) Já a temporalidade das atrações é construída como uma alternância de presença e ausência, que é corporificada no ato da demonstração e das surpresas que ela apresenta. (...) se faz como uma sucessão de um agora para outro agora. (Costa, 2007, p. 25),

Esta última temporalidade está limitada ao Tempo presente da sua apresentação, criando um molde de expectativa, não um simples desenrolar da cena, mas a criação da surpresa, algo bem diferente de alguns filmes que passaremos agora a relatar, dentro da temática do Tempo, não significando uma crítica cinematográfica, mas somente uma mostra de uso do Tempo no cinema. Assim serão apresentados três filmes de ficção e um documentário, a saber, na ordem: *A Máquina do Tempo (Time Machine)*, de 1961, direção de George Pal (1908-1980); *Interstellar (Interstellar)*, lançado em 2014, e dirigido por Christopher Nolan (1970-); *Tenet (Tenet)*, lançado em 2020 e dirigido também por Christopher Nolan; e por último o documentário *Quanto Tempo o Tempo Tem*, lançado em 2015, dirigido por Adriana Dutra (1966 -) e Walter Carvalho (1947 -).

Figura 15: A Máquina do Tempo

Fonte: <https://www.enjoei.com.br/p/dvd-a-maquina-do-tempo-1960-60527399>

O filme *A Máquina do Tempo* (Figura 15), dentre os que aqui serão vistos, apresenta um modo mais linear de apresentação, com início, meio e fim, apesar de ser narrado, e tem como enredo principal a situação do cientista George, que insatisfeito com a ignorância das pessoas da sua época, até mesmo dos seus pares, sonha em conhecer o Tempo futuro, para lidar com pessoas de mente mais aberta e assim encontrar a paz entre os homens. Para isso, constrói uma máquina que o levará tanto para o Tempo futuro como para o presente ou passado, mas se decepciona quando a apresenta aos seus colegas, que detalham possíveis problemas, tais como ser um projeto inviável financeiramente. Mesmo assim ele a constrói.

Quando finalmente consegue viajar para o futuro, se ilude, pois lá encontra pessoas divididas em duas classes: a da superfície é pacífica e ordeira, de boa aparência física e para estes, não há envelhecimento, nem Tempo passado ou tempo futuro, só há o presente e quando chegar o momento tido como exato, deixarão de existir. A segunda classe, a que habita o subterrâneo é deformada fisicamente e pior, são canibais e utilizam-se da escravidão. Aqui há uma semelhança temática com o filme *Metropólis* (Metropolis), dirigido por Fritz Lang (1890-1976), que também divide o mundo em duas classes: na superfície e outra, no subsolo.

Decepcionado com a situação, George decide voltar ao presente, mas encontra-se em um dilema, pois a sua máquina do Tempo foi parar no espaço do povo selvagem. Após conseguir reaver o seu engenho e voltar ao Tempo presente, decide retornar ao futuro para tentar pacificar a população da época.

Uma curiosidade ao citar o filme, em sua versão de 1960 (pois houve uma outra em 2002, com mais recursos técnicos), é que na primeira adaptação do romance de Herbert George Wells (1866-1946) o autor dá ao personagem principal o seu nome do meio, numa autorreferência a si mesmo, como um cientista visionário.⁸⁵

Porém mais dois apontamentos podem ser concluídos através deste livro/filme. O primeiro é que o autor do livro cunhou o termo “máquina do tempo”, popularizando o tema e a partir daí outros filmes vieram a explorar a viagem do Tempo, como por exemplo, na série televisiva, *O Túnel do Tempo (The Time Tunnel)*, lançada originalmente nos EUA em 1966. O filme é um gênero específico, ficção científica, e que mais tarde ficou conhecido como *steampunk*, subgênero de ficção científica (Franco, 2018).

O segundo ponto importante é que houve uma popularização do conceito de viagem no Tempo. Exemplo disso é a série acima apontada. Outros filmes vieram a explorar o assunto, como será visto aqui, porém em bases atualizadas, sofisticadas e com mais recursos técnicos (Coral, 2015).

Como recurso cinematográfico, o diretor George Pal usa o *flash back*, pois o filme é narrado pelo cientista George, que conta como se deu a sua aventura na viagem do Tempo. Utiliza-se também do *stop motion*⁸⁶, recurso fotográfico que possibilita criar a ilusão de movimento (Franco, 2009, p. 13).

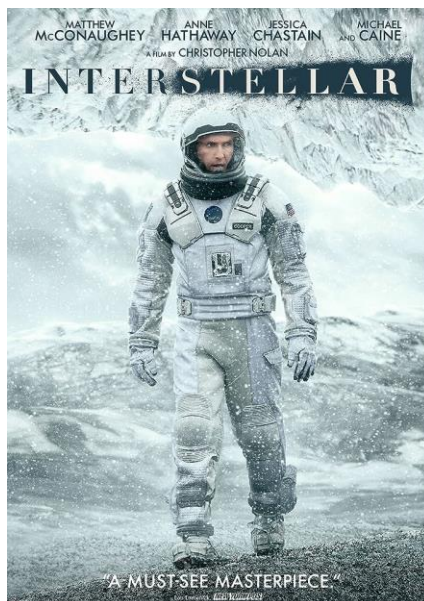
Ha ainda o *time lapse*, que cria uma ilusão de movimento acelerado⁸⁷, e que possibilita a leitura de que o Tempo está correndo, o que de fato, não ocorre, é somente um recurso cinematográfico.

Assim, esses recursos acima - *steampunk*, *flash back*, *stopmotion* e *time lapse* – têm relação direta com o Tempo e a sua relatividade, pois são modos de se fazer uma viagem no Tempo, dentro dos filmes, possibilitando constantes voltas ao passado e retornos ao presente, usos do futuro e, acrescentando-se também a aceleração como uma forma de patologia do Tempo, da necessidade de uma vida mais corrida e consequente economia do Tempo, embora não tratando diretamente de temas como física e mecânica, estes estarão presentes no próximo filme a ser comentado.

⁸⁵ <https://www.planocritico.com/critica-a-maquina-do-tempo-1960/>. Acesso em 01 jul 2024.

⁸⁶ <https://www.tecmundo.com.br/player-de-video/2247-o-que-e-stop-motion-.htm>. Acesso em 01 jul 2024.

⁸⁷ Ver O Que é Time Lapse?, Disponível em <https://agencialoopa.com.br/o-que-e-time-lapse> . Acesso em 02 jul 2024.

Figura 16: Interestelar

Fonte: Amazon.com

O segundo filme, *Interestelar* (Figura 16), de Christopher Nolan, além de abordar esses itens, traz no seu enredo as situações de um grupo de exploradores de um recém-descoberto “buraco de minhoca” para viajar no espaço e assim conquistar as grandes distâncias de uma jornada interestelar.

Em um futuro distante, mas sem se especificar qual, a Terra passa por problemas ecológicos e de carestia de alimentos, que estão escasseando e a solução projetada é a oportunidade de descobrir um outro planeta para que possa levar toda a população a este possível novo lugar. A expedição é liderada pelo ex-astronauta Cooper, que deixa a sua família aqui na Terra e parte em busca dessa salvação, sabedor de que se houver um retorno, provavelmente não verá mais os seus parentes, dado que uma das abordagens do filme é a diferença de Tempo entre os planetas.

Esta é uma clara referência ao que Albert Einstein dissera, de que não é apenas o “espaço que se encurva, é também o Tempo, Einstein demonstrou que o Tempo na Terra passa mais rápido no alto (...) coloque um relógio no chão e outro em cima da mesa: o do chão mede menos tempo passado que o da mesa.” (Rovelli, 2017, p. 86),

E tal explicação se dá pelo fato de que “todo corpo desacelera o tempo nas suas proximidades. A Terra é uma grande massa, e desacelera o tempo perto dela”. (Rovelli, 2018, p.19).

Ao longo do filme, há várias referências quanto à física e ao Tempo, como quando o personagem Cooper dá para sua filha, Murphy, um relógio idêntico ao seu, para que ela possa comparar o Tempo quando os dois voltarem, para comprovar que o Tempo passa mais devagar em alguns lugares e mais rápido em outros. Cooper lembra a sua filha que o Tempo vai passar lentamente para ele, o astronauta, daí o uso de relógios idênticos, para provar a diferença dos tempos.

Uma outra referência registrada pelo filme, se dá quanto ao aparecimento de possíveis fantasmas no quarto desta filha, o que somente será esclarecido próximo ao fim do filme.

Outra citação constante se dá quanto aos buracos de minhoca e buraco negro. O primeiro é:

...um tubo delgado de espaço-tempo que pode conectar duas regiões quase planas muito distantes entre si (...) a distância através do buraco de minhoca poderia ser de apenas uns poucos milhões de quilômetros, mesmo com a Terra e a Próxima do Centauro estando separadas por uma distância de trinta milhões de quilômetros no espaço comum (...) poderiam também se ligar a universos paralelos ou universos-bebês e poderiam oferecer a possibilidade de viagens no tempo. (Hawking; Mlodinow, 2005, p. 114).

A mesma dupla de cientistas dá uma segunda definição:

Um fino espaço de espaço-tempo que conecta regiões distantes dentro do Universo. Os buracos de minhoca poderiam também se ligar a universos paralelos ou universos-bebês e poderiam fornecer a possibilidade de viagem no tempo. (Hawking; Mlodinow, 2005, p. 153).

Entretanto, tal possibilidade de viagem temporal no espaço interplanetário só é possível na teoria, não existindo um exemplo real de viagem neste sentido.

Em relação ao buraco negro, é de origem recente e foi cunhado em 1969 pelo cientista norte-americano John Wheeler como uma descrição gráfica (HAWCKING; MLODINOW, 2005, 2005, p. 82), em que,

De acordo com a teoria da relatividade, nada pode viajar mais rápido que a luz. Portanto, se a luz não conseguir escapar, nada já poderá; tudo será tragado de volta pelo campo gravitacional. A estrela colapsada formou ao seu redor uma região de espaço-tempo da qual não é possível escapar para chegar até um observador distante. Esta região é o buraco negro, e o seu contorno externo é chamado de horizonte de eventos. (Hawking; Mlodinow, 2005, p. 82).

Uma outra definição, mais popular, se apresenta da seguinte forma:

Depois que uma estrela massada queimar todo o seu combustível (o hidrogênio), ela acaba se extinguindo. O que resta já não é segurada pelo calor da combustão e desaba esmagado sob o próprio peso, até curvar o espaço tão fortemente a ponto de afundar dentro de um verdadeiro buraco. São os famosos buracos negros, que hoje são observados no céu às centenas, estudados em detalhes pelos astrônomos. (Rovelli, 2015, p. 16).

Mais adiante:

esse calor dos buracos negros é um efeito quântico sobre um objeto, o buraco negro, que é de natureza gravitacional. São os quanta individuais do espaço, os grãos elementares de espaço, as moléculas que ao vibrar aquecem a superfície de um buraco negro e geram o calor dos buracos negros. (Rovelli, 2015, p. 71).

Esses buracos têm grande força gravitacional e esta gravidade vai desacelerar o relógio/tempo dos astronautas, comparado ao Tempo da Terra. Porém, esclarecemos que o físico Stephen Hawking, no ano de 1974, descobriu que os buracos negros se evaporam e como uma poça de água diante do sol, diminuem lentamente, partícula por partícula, até que não reste mais nada (Almheiri, 2022, p. 38). Formam então, os buracos negros.

Assim, ocasionado pela força da gravidade que pode desacelerar o Tempo, quando ele voltar – Cooper - se voltar, poderia acontecer dele estar com menos idade do que a própria filha, uma menina de 12 anos, porém ela teria mais idade do que o seu pai.

Para se ter a ideia desse Tempo acelerado/desacelerado, no filme, cada hora do nosso planeta corresponde a sete anos do espaço que ele irá percorrer. Mas, por exemplo, em teoria, um dia na terra equivale a 243 dias no planeta Vênus. (Gonçalves, 2024).

Há no filme, uma referência a dois planetas fictícios, descobertos por dois cientistas, o Brenner e o Edmonds. Quando, por necessidade de explorar a possibilidade de vida em outro planeta, três dos quatro astronautas desembarcam no primeiro e, acucados por uma onda supergigante, maior que um tsunami, eles são obrigados a retornar à espaçonave. Porém, essas poucas horas em que passaram explorando o novo planeta, corresponderam a 24 anos do astronauta que ficou na nave, o que serve somente para explicar a elasticidade do Tempo, ou do Tempo relativo, dependendo da posição do observador, como preconizou Albert Einstein na sua teoria da relatividade.

Constantemente, o relógio dado à filha de Cooper é mostrado, como uma lembrança de que algo importante irá acontecer. Há uma referência a “eles”, como sendo seres de outro planeta que interferem no tempo-espaço da Terra, distorcendo esse binômio.

No filme, há uma citação à terceira Lei de Newton, a famosa lei da ação e reação, em que: “a toda lei há sempre oposta uma reação igual, ou, as ações mútuas de dois corpos sobre o outro são sempre iguais e dirigidas a partes opostas”. (Newton,

1990, p. 16), ou explicado de forma mais simples: para toda força de ação que é aplicada a um corpo, surge uma força de reação em um corpo diferente. Essa força de reação tem a mesma intensidade da força de ação e atua na mesma direção, mas com sentido oposto.

A implicação da Lei de Newton se dá por força da trama ficcional, pois o astronauta Cooper, sentindo-se enganado no propósito da missão, decide retornar à Terra, deixando para trás dois outros membros da missão. E assim ele retorna à sua casa, mais propriamente no quarto da sua filha e, apesar de vê-la, não consegue se comunicar com ela, e então, derruba um livro da estante, o que ocasiona um susto na menina que até então acreditava que havia um fantasma no quarto. Há uma fusão de passado e presente com ela, mostrando-a criança e já na idade adulta, compreendendo que o tal “fantasma” era o seu pai, voltando do futuro e querendo se comunicar com ela, mas ele não consegue quebrar essa barreira, porque ele está em outra dimensão, criada por “eles”, que o próprio personagem acreditava ser seres extraterrestres. Não há fantasma, há gravidade. Há comunicação com o mundo de outra extensão.

Desse modo, Cooper viu que o Tempo é representado como uma dimensão da física: pode exercer uma força pelo espaço-tempo. A gravidade pode cruzar as dimensões, inclusive o Tempo, aparentemente. E conclui que “eles” não o trouxeram para modificar o passado. Têm acesso ao Tempo e ao espaço infinitos, e por isso escolheram a sua filha – Murphy - e não Cooper para desvendar o porquê da curvatura do espaço-tempo.

E segue-se a isso que, para Murphy, o passado/presente e, a função dos relógios idênticos revela-se no ponteiro dos segundos que ela, já adulta, lê como Código Morse e descobre que o seu pai já voltara do espaço e que ele era o “fantasma”, querendo por todo o tempo se comunicar com ela.

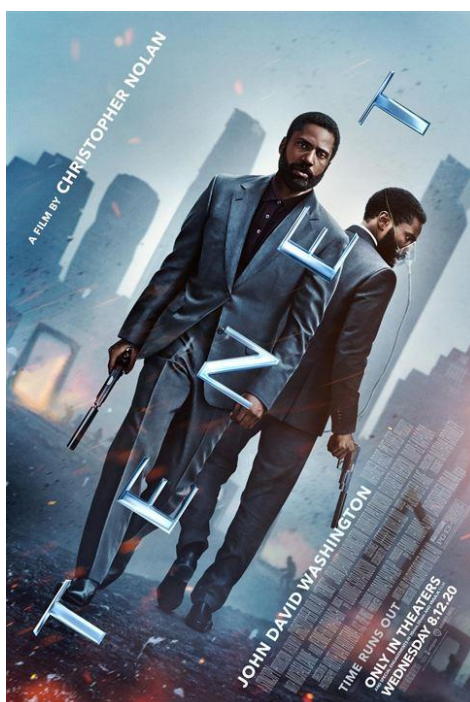
A partir daí, Cooper acorda, com sua idade interestelar, ou seja, possivelmente com 124 anos, mas já não está no planeta Terra e sim na Estação Cooper, orbitando sobre Saturno. O nome da estação foi uma homenagem à sua filha que resolveu a questão da vida fora da Terra.

E o filme, na sequência de início, meio e fim e escalas de tempo, chega próximo do seu final, com pai e filha se encontrando. Ele, com mais de cem anos, mas com a aparência de quando partiu e ela, já idosa, com a sua idade terrena, porém próxima da sua morte.

Por fim, o astronauta Cooper decide voltar para o espaço – no futuro? – e encontrar-se com a sua colega, astronauta Amelia, sua companheira da viagem interestelar, que ele deixara orbitando no espaço.

No filme, o diretor usa recursos adotados da física, como fenômenos da natureza e faz uma simbiose, em que talvez tudo nesta ficção não possa ser entendido como real, mas é indiscutível que contém elementos realísticos, já ao contrário do próximo filme a ser relatado, o *Tenet*.

Figura 17: *Tenet*



Fonte: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-251315/fotos/detalhe/?cmediafile=21742076>

Este filme (Figura 17) é mais complexo que o anterior e o mais indecifrável dos quatro filmes abordados nesse capítulo, visto que o seu possível entendimento não se dá no nível da linearidade e também porque não há muitos conceitos claros da física ou da mecânica notoriamente já aceitos como doutrina, muito pelo contrário, pois foge do estatuto normalmente tido como disciplinar ou doutrinário.

Para que se tenha um possível nível de entendimento, faz-se necessário ligá-lo aos palíndromos de modo geral e, especificamente ao enigma do Quadrado de Sator, construído com palavras que são símbolos quanto ao encadeamento de acepções:

Figura 18: O Enigma de Sator

Fonte: <https://weirditaly.com/2021/11/02/the-enigma-of-the-sator-square/>

Essas palavras acima destacadas ou em negrito (Figura 18) têm o seguinte significado:

Sator (agricultor, jardineiro, sementeiro (relacionado ao divino); Arepo (o sementeiro, que mantém com destreza as rodas); Tenet (ter, compreender, possuir, manter, sustentar, dominar); Opera (serviço, ajuda, esforço, obra, com cuidado); Rotas (rodas, fazer girar) (Koerich, 2023).

Mas a palavra principal do enigma é **Tenet**, que é o palíndromo principal e, mais, em inglês, aos contrários das outras que têm origem no latim, significa: princípio, doutrina, dogma, o que conforme a construção do filme, torna a sua compreensão um verdadeiro enigma, pois não há uma estrutura lógica plausível com a realidade, mas seus eventos acontecem num mundo distópico.

Todo o seu transcorrer é um quebra-cabeça em que se vai juntando aos poucos as pistas que o diretor vai montando (ou desmontando), tecendo uma teia passível de vários entendimentos. Não é um filme claro, sequencial, não fornece respostas muito condizentes com a nossa realidade para tudo o que mostra, exatamente por ser um filme de ficção.

No seu enredo, o personagem, o Protagonista principal (pois que há três), tem que evitar a atuação de um vilão em destruir o mundo, em que o futuro destrua o seu passado – ou presente – evitando assim a possibilidade de uma 3ª guerra mundial e um conseqüente apocalipse. Porém, essa salvação do planeta Terra não evitaria o aniquilamento da maioria da sua população, seria somente uma solução paliativa.

Não é propriamente uma viagem através do Tempo, mas trata do Tempo reverso, ou ao contrário, em cenas que fogem ao entendimento comum de como os fenômenos se sucedem. Nele, o futuro pode se comunicar com o presente, mas não pode modificá-lo, e nem alterar o passado, como se entenderá mais adiante. Ele reverte a ordem de como os eventos acontecem.

O seu início se dá com um ataque terrorista num teatro, onde acontece uma **Ópera** (aqui vai com uso da maiúscula, para que se possa entender a mensagem sublimada de fatos e pessoas, coincidentemente as mesmas do Enigma Quadrado de Sator), mas surpreende com as balas saindo da parede, indo de volta para uma arma, não ao contrário.

Na cena seguinte, o Protagonista é comunicado sobre um entendimento de Tempo reverso, como da bala que entra na pistola, apesar que anteriormente ela estar com o seu carregador vazio e agora, está cheio. A bala comum vai para frente, mas a do filme pode ir para trás. O Protagonista tenta pegar uma bala com a mão, mas ela se move antes que ele a pegue. Posteriormente, ele aprende a manejar o movimento reverso, que no filme é a entropia deste.

A cena acontece depois de uma pistola ser acionada tendo a parede como mira, mas não a quebra, ela se reconstitui por inteira. O protagonista vê detritos de uma guerra que ainda não aconteceu, que está por vir.

Algumas informações vão surgindo, como a revelação da cidade em que o vilão **Sator** – mais uma palavra do enigma - nasceu, pois ele quando criança recolhia cápsulas de plutônio, para revendê-las. **Arepo** falsifica quadros. As **Rotas** (!) onde se construiu o Freeport, empresa onde se contrabandeava plutônio, no presente, guarda um outro enigma ligado a algoritmos.

Na sequência, acontece uma luta do Protagonista com um soldado vindo do futuro, mas o momento é o presente: a arma no chão volta-se para a mão do inimigo, que foge em imagem reversa; há uma máquina que contém um algoritmo que possibilita transformar o Tempo ao contrário, e esta é movida a plutônio 241.

Finalmente **Sator/Andrei**, que é um contrabandista, surge, sempre desconfiado, como se estivesse a tatear por onde anda.

Há uma explicação de que **Tenet** seja um conceito do passado, mas que é usado no futuro. E deve ser aplicado com parcimônia, somente em último caso, como uma verdadeira identidade do Protagonista.

O longa-metragem, com aproximadamente duas horas e meia de duração, é caracterizado com muitas cenas de ação, que aqui destacaremos algumas delas com o propósito de dar a noção da reversibilidade do Tempo. Por exemplo, há uma perseguição entre dois automóveis em que um vem em sentido contrário do outro, mas de marcha ré; em consequência, um carro capota e é descapotado, voltando à posição normal.

Outra cena interessante, se revela em um roubo e devolução da Catraca, que é o artefato que tem o algoritmo para concretizar a hecatombe; as cenas se repetem, mas ao contrário, mostrando o Tempo reverso; fala-se que tais fatos são decorrentes do movimento de pinça, não do espaço, mas do Tempo, esperando assim Tempo e espaço.

Em outra cena, há uma parede e ao ultrapassá-la encontra-se uma outra dimensão, em que um personagem pode se encontrar consigo mesmo, mas não poderá tentar ter contato com ele; pássaros voam ao contrário; o vento na fumaça se dá ao contrário; o Protagonista pisa numa poça, mas não afunda, pois esta se desfaz e volta a ser um solo firme; as pessoas andam para trás, enquanto que o Protagonista anda para frente; um prédio já em ruínas é refeito e destruído novamente, num Tempo reverso, porém, para o espectador, as ações não passam de um efeito de uso da câmera. A reversão do fluxo do Tempo/movimento de pinça significa que o evento em que se vive ainda não aconteceu. Funciona como uma projeção do devir.

A luta do Protagonista, vista no início do filme, repete-se agora, mas de forma reversa; a arma volta para a sua mão; em determinado diálogo um auxiliar seu afirma que a luta do Bem fez com que se salvasse o mundo do que poderia ter acontecido/criado no futuro. Isso antes do final do filme.

Há um algoritmo que pode salvar a humanidade, feito no Futuro, mas ele foi dividido em oito partes e escondidas no Passado, que é o Presente onde se dá ação do filme. Esse algoritmo está na Catraca.

Nova batalha, mas que se dá num ataque bi temporal, com dois relógios, um azul em que o Tempo se dá de forma normal e outro, vermelho com o Tempo ao contrário; há uma explosão ao contrário; soldados correm de modo reverso; o buraco na parede se fecha e ela se reconstrói; abre-se a porta do Tempo, criando outra dimensão num outro passado; o futuro do passado é este, o da pinça temporal, que desconsidera o espaço.

A Catraca acima é recuperada, o vilão Sator/Andrei é assassinado e assim a Humanidade é salva; o auxiliar do Protagonista diz que eles ainda não se conhecem, mas que isso somente se dará no futuro. A Catraca, que contém o algoritmo é dividida entre os três protagonistas. Não há uma demonstração clara de que o final poderá ser feliz, porém cria-se uma expectativa de que poderá haver uma continuação.

Enfim, o filme não foi bem aceito pela crítica especializada por ser de difícil entendimento, tanto para o público, como para estes, pois “como disse na nossa crítica, o filme exagera na dose da confusão temporal e acaba não conseguindo dar todas as respostas necessárias em uma trama desse nível de complexidade. (Zago, 2020).

Essa mesma crítica finaliza:

O Protagonista está no futuro orquestrando essa proteção do passado, totalmente consciente do que passou. É um paradoxo, em que o personagem vive o presente ordenado por ele próprio no futuro para, justamente, evitar esse passado. Uma enrolação tremenda que, também não vai muito além. (Zago, 2020).

Façamos notar que nos trechos anteriormente descritos, as palavras Opera, Arepo, Sator, Rotas e Tenet foram grifadas de modo proposital, pois elas servem, na trama, para ligar o enredo com o Enigma Quadrado de Sator, pois as palavras Opera e Arepo são palíndromos entre si; Sator e Rotas também o são; os dois conjuntos são simétricos; Tenet cruza à origem do filme em si própria como a criar um crucifixo, talvez ligando o enigma ao Cristianismo, mas disso não há certeza alguma, talvez a da criação do mundo, sem se comentar com o *Big Bang*.

Em relação à Tenet, continua o grande enigma, pois a palavra é somente um palíndromo sobre si própria. Identifiquemos o anagrama do Enigma para que se possa melhor visualizar esses encontros. Tais cruzamentos ligam o filme como um grande enigma, como o de Sator. O filme seria uma paralelo ao Enigma de Sator.

Assim, diante de nosso propósito em apresentar um filme que trata do Tempo, este não foi de fácil compreensão (mesmo para aqueles especializados na leitura cinematográfica), porém, aproveitamos a oportunidade para discordar de que o filme seja uma “tremenda enrolação”, pois acreditamos que a dificuldade do entendimento é relativo à alta complexidade proposta pelo diretor/roteirista, que o construiu fora da ordem linear de entendimento (início, meio e fim). Talvez um menor nível de complexidade não teria tornado o filme tão atraente, o que, de fato, não tira o seu mérito de pensar o Tempo sob um novo entendimento, o prisma da reversibilidade.

Lembramos ainda que o nosso intuito aqui não é realizar uma crítica cinematográfica, mas somente mostrar novas possibilidades de uso do Tempo, como um novo tempo relativo, previsto por Albert Einstein, mas talvez fora da realidade absoluta e matemática apontada por Isaac Newton. Este filme é uma obra de ficção, não tem nenhum compromisso com a realidade, ao contrário do próximo filme a ser comentado – e não criticado – e que é um documentário- *Quanto Tempo o Tempo Tem*.

Figura 19: Quanto Tempo o Tempo Tem



Fonte: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-239826/>:

A princípio, este documentário (Figura 19), para quem não tem formação ou prática na arte do cinema, é aquele que é o contrário do filme ficcional e tem um compromisso com a realidade, em dizer a verdade, pois é:

um gênero cinematográfico que se caracteriza pelo compromisso com a exploração da realidade. Mas dessa afirmação não se deve deduzir que ele represente a realidade tal como ela é. O documentário, assim como o cinema de ficção, é uma representação parcial e subjetiva da realidade. (Macaue, 2012),

É um gênero que pode ou não haver interferência ou intencionalidade do diretor, do montador e assim fazer com que o filme tenha um viés tendencionista para uma realidade, talvez diferente daquela que o título ou a sinopse do filme mostre.

O interessante do documentário é esse seu direcionamento com a realidade social, seu empenho com a história, fazendo uso, como por exemplo, de jornais de televisão. Esse compromisso com a verdade, mostra:

Paralelamente, desde que o cinema se tornou uma arte, seus pioneiros passaram a intervir na História com filmes, documentários ou de ficção, que, desde sua origem, sob a aparência de representação, doutrinavam e glorificavam (...) também (...) o filme de propaganda aparece desde a origem a favor ou contra... (Ferro, 2010, p. 15).

Interessante como Marc Ferro (1924-2021) utiliza a palavra doutrina nesse apontamento, em que a mesma vem a corroborar o que dissemos acima quanto à tendência ou ao intervencionismo do diretor, por exemplo, em que, talvez seja meio que uma hiperbóle, pois agindo assim possam alterar ou não o sentido da história ou do documentário, alterando, em teoria, o verdadeiro sentido:

o documentário puro, que pretende penetrar tão profundamente no âmago da vida, reproduzir tão vividamente a matéria-prima da realidade, de modo a encontrar elementos dramáticos suficientemente expressivos sem ter necessidade de um enredo construtivo (Andrew, 1976, p. 103).

Diante do exposto, somando a constituição de roteiros, cenários e ambientes construídos com a finalidade de criar um ambiente compromissado com a realidade desta. Nesse sentido, está a função da teoria realista do cinema⁸⁸ dentro do seu senso de função social da arte, entendendo-se que no gênero documentário há laços de percepção e ética preocupados com o social e que encontramos até hoje, na maioria dos filmes de ficção, como na cinematografia do diretor greco-francês, Konstantinos Costa-Gavras (1933-), em que seus filmes, verdadeiros dramas com parâmetro com a realidade, como, por exemplo, as obras *Z* (assassinato de um político na Grécia) ou em *Estado de Sítio* (tortura feita por governos militares na América do Sul). Apesar de ficcionais, ambos têm compromisso com situações histórico-políticas verdadeiras. Não são documentários, mas flertam com a realidade.

Os primeiros a teorizar sobre o realismo do cinema foram Siegfried Kracauer (1889-1966) e André Bazin (1918-1958), ainda que não estivessem referindo-se diretamente aos filmes documentários, mas que:

Seu compromisso era, em primeiro lugar, com a realidade. Sua vocação era harmonizar a humanidade com a realidade via cinema. Para ambos, isso significava um ajuste radical na sociedade, apropriada com a natureza (...) uma renovada percepção humana, o produto de um cinema vivificador e harmonioso. (Andrew, 1976, p. 113).

Mas, finalizando essa pequena teorização sobre os filmes documentários, esclarecemos que o termo “documentário”, foi aceito no ano de 1879, e:

o filme documentário foi pela primeira vez teorizado por Dziga Vertov (1896-1954), que desenvolve o conceito de «cinema-verdade» (*kino-pravda*), defendendo a ideia da fiabilidade do olho da câmara, a seu ver mais fiel à realidade que o olho humano (Macaue, 212).

Isso pode ser constatado no seu filme realidade *O Homem com uma Câmera*, de 1929, em que Vertov filmou as cenas do cotidiano das ruas de Moscou, “mostra imagens do operador de câmara e sua máquina sobreposta a diferentes cenas de ruas e vida de uma cidade” (Vieira, 2007, p. 78). Tornou-se um ícone do gênero.

Após essa breve explanação sobre os documentários, passaremos a tratar do documentário em epígrafe, *Quanto Tempo o Tempo Tem*, de Adriana Dutra (1966 -) e Walter Carvalho.

⁸⁸

Grifo do autor da Tese.

O filme começa com uma voz em *off*, narrando sobre a velocidade do Tempo, de que como este tem passado rápido, tão rápido que a narradora sequer guarda a árvore de Natal, a deixa montada para o próximo dezembro, mas sabemos que ele não passa rápido, isso é somente uma impressão, que se dá no estado psicológico das pessoas. (Alan Burdick), dependendo da sua situação e do observador.

E enquanto essa voz narra, as imagens usam o efeito *time lapse*, já comentado em *A Máquina do Tempo* e que mostra o movimento acelerado dos carros nas ruas, dando a impressão de que o Tempo passa rápido.

O documentário compõe-se de vários depoimentos de muitos profissionais, cada um dando a sua maneira de entender o Tempo, não propriamente definindo-o. Fica impossível aqui citar tudo, mas faremos rápidas e breves abordagens sobre esses depoimentos. Inicialmente o filósofo francês, André Comte (1952-) cita Santo Agostinho e sua famosa explicação de que sabe o que é o Tempo, mas se pedirem para defini-lo, ele não saberá dizer o que é.

Esse mesmo filósofo define o Tempo como o momento presente, pois este nunca deixa de existir, ele começa, acaba e se renova a todo instante, o que lembra muito a teoria do presentismo, já comentada aqui. Trata dos escravizados, para quem o seu dono teria todo o seu tempo, o que Karl Marx já esclareceu como a alienação do trabalhador, em que o capitalista é quem dispõe da sua força de trabalho.

O físico e escritor Marcelo Gleiser (1959-) afirma que o homem sempre foi obcecado pela passagem do Tempo e pelas tecnologias do espaço, já que este e o Tempo estão relacionados.

O urbanista Thierry Parogot (1970-) relaciona o Tempo do camponês com o tempo sazonal das plantações e das colheitas, mas não reporta ao tempo cíclico, da história. E argumenta que a expressão “o Tempo é dinheiro” é atribuída a Martinho Lutero (1483-1546), e mais, que o Tempo não pertence ao próprio homem, mas à Deus, e por isso o Tempo não tem preço. Há um domínio temporal espiritual. Informa que o termo trabalho vem do latim *tripalium*, que era um aparelho de tortura – informação contida no próprio documentário - pois houve época que o trabalho era uma vergonha social e somente os escravizados é que trabalhavam.

Para o cineasta Arnaldo Jabor (1940-2022), o Tempo é uma invenção do vivente, pois o homem sempre se preocupou com o Tempo. Nós é que temos a consciência dele (paridade com Aristóteles, Santo Agostinho e Martin Heidegger) e, assim que a humanidade acabasse, acabaria o Tempo.

Para outro filósofo, Frances Wolf (1950-), somos o presente, pois só a memória do presente existe. Este é um instante, o passado já passou, o futuro não chegou e o presente é o instante imaginário. Algo muito semelhante também ao que Santo Agostinho diz nas suas “Confissões”, dentre tantas que este teólogo afirmou. Lembramos que na Grécia Antiga a ampulheta e a clepsidra serviam, não para mostrar o Tempo, mas para registrar que o Tempo de um orador já tinha acabado. Não marcavam as horas, mas um limite temporal pré determinado disponível para o orador discursar.

Outro físico e cosmólogo, Luiz Alberto Oliveira (?) trata do relógio mecânico, que dividia o Tempo em pedaços iguais. Em sua concepção, o relógio tem uma semelhança com o calendário. Relata sobre as três fases da vida: nascimento, desenvolvimento e morte, que são fases muito subjetivas e pouco desiguais. Em sua opinião, o ideal seria que não houvesse uma faixa etária definida. Para ele, o relógio mecânico começou a ter muito utilidade a partir da Revolução Industrial, com a marcação do Tempo no desenvolvimento do trabalho, visão análoga a do historiador Edward Thompson (1924-1993) em sua obra “Costumes em Comum: Estudo sobre a Cultura Popular” (1984).

O neurocientista Steven Rehen (1971-) entende o Tempo como momentos de subversão deste, em que dias e noites são iguais: claro/escuro, impedindo de viver o ritmo biológico normal, o ciclo circadiano. Ele – o Tempo – é importante para a comunicação das pessoas, mas que atualmente é exercido através da velocidade. A imortalidade é uma utopia, segundo seu depoimento oral.

Para o sociólogo e escritor Domenico de Massi (1938-2023), autor do livro “O Ócio Criativo” (1995), vê a massificação da informação como um grande influenciador do Tempo e da aceleração deste, da necessidade de se ganhar mais Tempo. Trata da nossa expectativa de vida, pois vivemos menos Tempo em relação ao tanto que temos a fazer. Lembra que quando o sistema de aposentadoria foi instalado na Itália, década de 1920, as mulheres se aposentariam aos 55 anos e os homens aos 60, mas infelizmente a expectativa de vida nessa década era de 48 anos. Logo, quase nenhum cidadão iria conseguir se aposentar. A escritora Nélide Piñon (1935-2022) também trata desse assunto.

O jornalista Arthur Dapieve (1963-) fala de influência simultânea do Tempo, do gasto do Tempo, que é muito fragmentado. Trata da aceleração da vida moderna em que se economiza Tempo para se gastar mais e que temos de economizá-lo para usá-lo mais

adiante. Relembra a desigualdade social, num futuro de regeneração celular, em que uns morrem e outros poderiam prolongar a vida, através de recursos cibernéticos.

O geriatra Alexandre Kalache (1945-) trata dos costumes atuais, como da nossa necessidade de responder aos e-mails, e que precisamos de mais tempo para essa nova tarefa. Ele se pergunta o que seria viver mais, mas também não encontra resposta, mas somente que precisamos de mais Tempo para resolver questões geradas a partir da informatização a partir do fim do século XX. Informa que foi Otto von Bismarck (1815-1848) quem criou a previdência social, pois notou que na Alemanha se vivia só até os 60 anos e teve então a percepção do Tempo de vida e do Tempo de trabalho das pessoas então produtivas. Tratou também da divisão cronológica: passado, presente, futuro, dias, meses, anos e da revolução da longevidade.

Como uma sequência lógica, um dos últimos depoimentos é de Max More (1964-), futurista e transhumanista, que trata da expectativa da vida e do estágio evolucionário do homem, do novo humano, da vida futura, aliada com a Inteligência Artificial, mas finaliza com a finitude humana, o último ciclo.

A monja budista Coen Sensi, ou Cláudia Dias Baptista de Souza (1947-) trata do sistema de comunicação, do consumismo que acompanha o Tempo e afirma que a noite é uma boa companheira, mas que uma das melhores fases da vida é a morte, que temos de nos acostumar com ela, que é a certeza que temos da vida, e mais, que a morte é linda, que todos devemos esperar por ela. A morte é um processo natural e misericordioso, ela é o que nos tirará dessa vida cheia de percalços. Tentamos desviar o limite temporal. O presente será eterno e mutante o Tempo todo.

A psiquiatra Analice Giglioth (?), trata da rapidez e da aceleração, que a linha do Tempo é um débito constante, pensamento similar ao de Paul Virilio e de Hartmut Rosa.

A transhumanista Natasha Vita More (1950-) fala de que em um futuro poderá haver um *upload* do corpo e assim, também a possibilidade de se criar avatares e assim, teoricamente, aumentar o nosso Tempo de vida.

Para Erick Felinto (?), especialista em cibercultura, o trabalho pode ser traduzido na perda de Tempo. O criativo não distingue o trabalho da diversão e do estudo. O Tempo hoje é cronometrado, mas temos de ser mais pragmáticos para criar. Estaríamos no pós-humano. Fala da regeneração celular, que é uma espécie de volta ao Tempo, pois pode transformar uma célula embrionária para resolver problemas de saúde, como o Mal de Parkinson ou outros problemas de locomoção motora.

Para o rabino Nilton Bonder (1957-), o prazer está associado a finitude, pois ela nos define através da morte e nivela todos os seres humanos. O Tempo é infinito, mas as nossas vidas não.

Assim, praticamente termina o documentário, dando vários entendimentos, como o que se pode esperar do Tempo, que não é um fenômeno uno, mas diverso, que pode ser entendido por vários setores do conhecimento, pois não há uma definição estanque sobre o tema.

A voz da narrativa em *off* volta, transmitindo algumas mensagens, como a que queremos vencer o Tempo. O sonho da imortalidade sempre nos perseguiu. Nos medimos pela busca do elixir da vida. Hoje temos a reprogramação celular, e assim o homem poderá mudar o Tempo, brincando de ser Deus.

E a narradora informa-nos que o Tempo do filme acabou, sem saber quanto Tempo o Tempo tem, e que vivemos um instante de cada vez. E aqui uso a epígrafe desta tese: “eu perguntei ao tempo, quanto tempo o tempo tem. O tempo me respondeu: deixa o tempo passar, você tem muito tempo”. (Paulo Cesar Pinheiro (1942-)).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema desta tese, o **Tempo**, aparece nas pesquisas desenvolvidas em distintos Programas pós-graduação, porém por atuar em um Programa Interdisciplinar (Programa de Pós-graduação em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia (PPGHCTE), me senti motivado para apresentar o tema em uma abordagem multidisciplinar conectando diferentes áreas do conhecimento, formando um painel geral sobre o tema. Assim, foi possível traçar uma linha de ação (uma trajetória) em que fosse possível exemplificá-lo em diferentes áreas do conhecimento em sua dimensão multifacetada.

Foi dessa maneira que optamos por trabalhar com os capítulos específicos (o primeiro e o último - um ponto de partida e o da chegada), passando por assuntos genéricos que possibilitassem esse entendimento múltiplo que demonstrasse seu caráter multidisciplinar. Pensando e agindo dessa forma, foi realizada a distribuição segmentada de sua especificidade, fornecendo uma ligação que demonstrasse, item por item, um elo entre esses diferentes campos abordados.

E assim, o primeiro capítulo apresentou as linhas teóricas para a justificativa da abordagem multidisciplinar da presente pesquisa, por meio de painéis teóricos que serviram como base para o que viria após, ou seja, a discussão do Tempo multifacetado nas disciplinas previamente escolhidas, entre elas, mas inicialmente a Filosofia. Por ser uma ciência reflexiva, dá-nos respostas ante a própria existência do Homem, que está inexoravelmente ligado e dependente do Tempo em suas diversas amplitudes, indo além dos simples passado, presente e futuro, mas também da possibilidade do agora, do presentismo como forma de meditação da sua contemporaneidade, e como consequência de seus vários passados.

O Tempo é próprio do Homem, pois que este, não o inventou, mas tão somente o classificou como ferramenta dos seus compromissos diários, tem ainda uma parcela de metafísico, teológico para alguns, matemático para outros, mas sempre como análogo ao antes e ao depois, pois que nenhuma das três fases temporais são estanques em si próprias, mas consequência de cada um destes se interagindo numa simbiose de sua própria cultura, entrelaçando-se com outras, como a História.

Esta outra ciência que, dentro da sua complexidade nos ajuda na compreensão e utilização do Tempo como elemento tido como parâmetro e esquemático dos seus períodos, ciclos, eras e compartimentos temporais e escalonáveis de suas compartimentações que registram os acontecimentos verídicos, ou tidos como estes, da

grande epopeia, que por sua vez mantém correspondência com outros campos significativos dessa grande plêiade de episódios, quer sejam heroicos ou não, construtivos ou até mesmo patológicos, como a aceleração superdimensionada, mas que marcam, registram em si a história em casos concretos do próprio evento e do Tempo, e este serve de parâmetro para um determinado estudo estilístico ou representativo de uma era, que por sua vez pode traduzir-se como o registro do evento em um campo social, assim, justificamos a sua coligação quase que simbiótica com a Economia e a Administração, e o Tempo no mundo asiático, enfim, compartimentações englobadas na Sociologia.

Esta assenta-se com o seu viés da convivência prática dos fatos e dos seres humanos dentro de um determinado contexto social, que por sua vez também está relacionado ao Tempo, sendo que aqui essa associação traduz-se nos efeitos experimentados do binômio Homem-Tempo, suas ações, reflexões e consequências progressivas ou retrógradas diante da sua própria finitude, mas esse diálogo sociológico, por mais estranho que possa se dar também passa, como os campos atrás comentados, pela Física, ciência natural e matemática, em que as teorias cronológicas dos seus eventos estão permeadas de sua influência, principalmente quando se trata da relatividade ou do seu absolutismo matemático, em que os campos já discutidos tanto podem ser de uma ou outra perspectiva, dependendo do campo de conhecimento em que o seu exemplo está demonstrado.

Ao passarmos pela Física, vimos que o Tempo não é uno, pode ser relativo, e ter a sua grande exemplificação no Absoluto, pois por ser um só, e seja em qual país estiver sendo observado, essa totalidade temporal se dá num fato matemático, em que cada hora é composta por 60 minutos e cada minuto em outros sessenta segundos, variando somente pelo fuso horário do ponto de observação, o que nos faz concluir da sua relatividade e do seu teor matemático e lógico, não lógica metafísica, ainda que esta também esteja presente. Assim, tratamos aqui da lógica da ciência exata em que as dez horas da manhã de um país está diretamente ligada, de alguma forma (ou fórmula) à matemática e ao absolutismo de todas as coisas que se enquadram dentro do contexto do planeta Terra, que na realidade é um planeta logicamente assimilado pela natureza ordinária da biologia, da química, da física, mas imbuída de grande teor filosófico, histórico, sociológico e de interatividade nas suas diversas sociedades.

Por fim, ao conseguirmos chegar às Letras e Artes, respondemos à questão principal da tese, de que foi possível mostrar por meio de recortes de textos e exemplos

práticos, em algumas subáreas, como por exemplo: romance, poesia, música, artes plásticas e cinema; a citação do Tempo, em variados formatos e significados. Nessa perspectiva, apresentamos o Tempo identificado nas ousadias, digressões e transgressões: nos textos literários, nas poesias, em letras de músicas, nos filmes e documentários, com diferentes significados. Nesse momento, destacamos o quanto foi prazeroso caminhar por diferentes áreas do conhecimento, principalmente pelas Letras e Artes traçando os conceitos e abordagens identificadas nas áreas dos conhecimentos abordados no primeiro capítulo.

Portanto, o Tempo apresentado de forma multidisciplinar, contribuirá para uma abordagem em que é factível descortinar infinitas áreas do saber, partindo da percepção de que as diferentes áreas do conhecimento se complementam em distintas análises.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e História: destruição da experiência e origem da história**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

AGOSTINHO, Santo, **Bispo de Hipona. Confissões**. São Paulo: PenguinClassics Companhia das Letras, 2017.

AIDAR, Laura. **A persistência da memória de Salvador Dalí: análise do quadro**. Disponível em <https://www.culturagenial.com/a-persistencia-da-memoria-de-salvador-dali> Acesso em 23 jun 2024.

ALMHEIRI, Ahmed. Buracos negros, buracos de minhoca e entrelaçamento. In: **Scientific American Brasil**, out. 2022, pp.34-41. São Paulo: Nastari Target Ltda, 2022.

ALVARENGA, Augusta. Conceitos. In **Registros de Debates da 58ª Reunião anual**. (Paraná). Rio de Janeiro: SBPC, 2006.

AMARAL, Márcio Tavares d`. Sobre tempo: considerações intempestivas. In: DOCTORS, Marcio (Org). **Tempo dos tempos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
AMORA, Antônio Soares. **O Romantismo: a literatura brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.

ANDRADE, Gabriel. **Quem criou a expressão “Big Bang” Para a Formação do Universo**. Disponível em <https://gizmodo.uol.com.br/quem-criou-a-expressao-big-bang-para-a-formacao-do-universo/> Acesso em 12 jun 2024.

ANDREW, J. Duley. **As principais teorias do cinema – uma introdução**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 1976.

ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco; Poética. Col. **Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

ARQUIVO NACIONAL (BRASIL). **Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística**: Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

AUGUSTA, Alvarenga. Rompendo fronteiras. Semeando interdisciplinaridade. In: **58ª Reunião Anual**, SBPC, 2006. Florianópolis, Santa Catarina.

AZEVEDO, Renata Matos de Azevedo. Reflexões sobre o minimalismo na música e a repetição no sujeito segundo a psicanálise. **ICTUS Periódico do PPGMUS/UFBA**.

Vol. 08, n. 2, dez. 2007. ISSN 1516-2737. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/ictus/article/view/34297/19781>. Acesso 06 mai 2024.

BARBOSA, Cássio. **Primeiro filme colorido da história é visto pela primeira vez na Inglaterra.** Disponível em <https://www.tecmundo.com.br/cinema/43762-primeiro-filme-colorido-da-historia-e-visto-pela-primeira-vez-na-inglaterra.htm> Acesso 18 jun 2024.

BARROSO, Ivo. Introdução. In: **POE**, Edgar Allan. “O corvo” e suas traduções. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BAUSSIÉ, Sylvie. **Pequena história do tempo.** São Paulo: Edições SM, 2005.

BECKER, Adam. As origens do espaço e do tempo. In: **American Scientific Brasil**, Março de 2022, pp.26-34. São Paulo: Nastari Target Ltda., 2022.

BELCHIOR, Antônio Carlos. Disponível em <https://www.lettras.mus.br/elis-regina/91023>. Acessado em 21 fev. 2023.

BELANNI, Brenda. Curiosidades Sobre o Japão: 40 curiosidades Sobre a Cultura Japonesa. 07/08/2018. <https://www.hotcourses.com.br/study-in-japan/city-focus/40-curiosidades-e-fatos-sobre-o-japao/>

BELLESA, Mauro. **A Transcendência e a incorporação do Tempo pela Arte.** Disponível em <http://www.iea.usp.br/noticias/o-tempo-na-arte> Acesso em 23 abr 2024.

BENTES, Ivana. Apresentação – o cinema como virtualização In: BENTES, Ivana (Org) **Ecos do cinema: de Lumière ao digital.** Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 2007.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaios sobre a relação do corpo com o espírito.** São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda.

BICALHO, Lucinéia Maria; OLIVEIRA, Marlene. **Aspectos conceituais da multidisciplinaridade e da interdisciplinaridade e a pesquisa em Ciência da Informação.** (2011) Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2011v16n32p1/19336>. Acesso em 20 mar 2024.

BIGNOTTO, Maria Lúcia de Maio. **As repercussões da chegada do som no cinema.** Disponível em <https://cepein.femanet.com.br/BDigital/arqPics/1911340089P969.pdf>. Acessado em 13 jul. 2023.

BLOC, Marc. **A apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1997.

BORDWELL, David. **Sobre a história do estilo cinematográfico**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

BRASIL. CONTRATAR **uma emissão do carimbo do tempo**. Disponível em <https://www.gov.br/pt-br/servicos/contratar-emissao-de-carimbo-do-tempo#:~:text=O%20que%20C3%A9%3F,validade%20de%20sua%20assinatura%20%20digital>. Acesso em 23 mar. 2023.

BRASIL. CNPQ. **Tabelas**. Disponível em <https://lattes.cnpq.br/documents/11871/24930/TabeladeAreasdoConhecimento.pdf/d192ff6b-3e0a-4074-a74d-c280521bd5f7> Acesso em 23 abr 2024.

BRUNI, José Carlos. Uma introdução ao presente. In: BRUNI, Luis Carlos *at all.*(Orgs). **Decifrando o presente**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BRUNOTTS, Kate. **O que é o tempo na música?** Disponível em <https://emastered.com/pt/blog/what-is-tempo-in-music>, consultado em 07/09/2022.

BUARQUE, Chico. **Almanaque**. Rio de Janeiro. Polygram, 1993. Encarte do CD.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia – Histórias de deuses e heróis**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

BUNGE, Mario. **Física e filosofia**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2013.

BURDICK, Alan. **Por que o tempo voa: uma investigação sobretudo científica**. São Paulo: Todavia, 2020.

BURKE, Edmund. **Um povo que não conhece a sua...** Disponível em <https://www.pensador.com/frase/MTk0MzQyNQ/> Acesso em 02 abr 2024.

CAIADO, Carlos. Chick Corea. **Coleção Folha clássicos do jazz**. vol. 14. Rio de Janeiro, 2007.

CALAZANS, Angélica Toffano Seidel. Estudo de caso – uma estratégia de pesquisa. In: MUELER, Suzana. (Org.) **Métodos para a pesquisa em ciência da informação**. Brasília: Thesaurus Editora, 2007.

CAMPOS, Paulo Mendes. Antologia poética. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1978.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara.

CÂNDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. São Paulo: Ciência e Cultura, 1972.

CARDOSO, Ana Cláudia Moreira. **Tempos de trabalho, tempo de não trabalho: vivências cotidianas de trabalhadores**. Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-20032008-101721/publico/TESE_ANA_CLAUDIA_MOREIRA_CARDOSO.pdf Acesso em 21 jun 2024.

CARLOS, Cássio Starling. **Tempos modernos**. São Paulo: Folha de S. Paulo (coleção, vol. 3), 2012.

CAROLINA, Ana. **O que significa informática médica e qual a sua importância?** Disponível em: (<https://blog.iclinic.com.br/informatica-medica/>). Acessado em 13 mai 2023.

CARUSO, Ricardo. Ford: linha de montagem completa 100 anos. **Auto & Técnica**, 07/10/2013. Disponível em <http://autoetecnica.band.uol.com.br/ford-linha-de-montagem-completa-100-anos/> Acesso em 02 jan. 2024.

CEREJA, William, Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: linguagem: literatura, produção de texto e gramática**. São Paulo: Atual Editora, 1999.

CEZAR, Temistocles. Tempo presente e usos do passado. In: VARELLA, Flávia Florentino (Org). **Tempo presente & usos do passado**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

CHAUÍ, Marilena. Prefácio In: LAFARGUE, Paul. **Odireito à preguiça**. São Paulo: Editora Veneta, 2021.

CIRÍACO, Douglas. **O que é stop motion?** Disponível em <https://www.tecmundo.com.br/player-de-video/2247-o-que-e-stop-motion-.htm> Acesso em 04 jun. 2024.

CLEMESHA, Arlene; COGGIOLA, Osvaldo. **25 de outubro de 1917 – a revolução russa**. São Paulo: Cia. Editora Nacional/ Lazuli Editora. 2017.

COLOGNA, Maria Helena Takeno *et al.* **Análise da utilização de sala de cirurgia com apoio da informática**. <https://www.revistas.usp.br/rlae/article/view/16097/17670>. Acessado em 30 set. 2023.

COMO o big-bang criou o universo? **National Geographic Brasil**. 19 de outubro de 2022. Disponível em <https://www.nationalgeographicbrasil.com/espaco/2022/10/o-que-foi-o-big-bang#:~:text=A%20teoria%20revolucionou%20os%20estudos,anos%20ap%C3%B3s%20o%20big%20bang>. Acesso em 23 mar. 2023.

CONTENTE, Marcos. **De Cronos à Kairós ou sobre o tempo de cada um**. Disponível em: <https://medium.com/@stoneyourmind/de-cronos-%C3%A0-kair%C3%B3s-ou-sobre-como-todo-tempo-s%C3%B3-precisava-de-um-pouco-de-sorte-273d28820a63#:~:text=Os%20gregos%20antigos%20possu%C3%ADam%20tr%C3%AAs,um%20princ%C3%ADpio%20e%20um%20fim..> Consultado em 21 mar 2024.

CORAL, Guilherme. Crítica – **A máquina do tempo** (1960). Disponível em: <https://www.planocritico.com/critica-a-maquina-do-tempo-1960/>. Acessado em 04 jun. 2023.

COSTA, Flávia Cesarino. O primeiro cinema: algumas considerações. In: BENTES, Ivana (Org.) **Ecos do cinema – de Lumière ao digital**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

CROCKCROFT, Robert; SIMONS, Sarah. **Como os antigos egípcios determinaram que o dia teria 24 horas**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c3g41xzy0lvo#:~:text=O%20dia%20era%20medido%20usando,eram%20medidas%20sobretudo%20pelas%20estrelas>. Acessado em 15 set. 2023.

DALCOMO, Margareth. Ampulhetas e anestesia cívica. In: **O Globo**, 03/05/2022, p. 21.

DAHLBERG, Ingetraut. Domain Interaction: Theory and Practice. **Advances in Knowledge Organization**. Frankfurt Verlag, v.4, 1994, p. 60-71

DANTAS, Marcos. Capitalismo na era das redes; trabalho, informação e valor no ciclo da comunicação produtiva. In LASTRES, Helena M. M.; ALBAGLI, Sarita. **Informação e globalização na era do conhecimento**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

DASTUR, Françoise. **Heidegger e a questão do tempo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

DELEUZE, Gilles. **Begsonismo**. São Paulo: Editora 34, 2012.

_____, **Cinema 1 – A imagem – movimento**. São Paulo, Editora 34, 2018.

DICIONÁRIO Etimológico. **Tempo**. Disponível em <https://www.dicionarioetimologico.com.br/tempo/#:~:text=A%20palavra%20tempo%20>

tem%20origem.aetatis%2C%20uma%20deriva%C3%A7%C3%A3o%20de%20aevum
Acesso em 22 mar. 2023.

DOMINGUES, Ivan. **O Fio e a trama: reflexões sobre o tempo e a história.** São Paulo: Iluminuras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.

DOMINGUES, Joelza Ester. **Fotografias que falsificam a história.** Disponível em <https://ensinarhistoria.com.br/fotografias-que-falsificam-a-historia> Acesso em 21 abr 2024.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
EINSTEIN, Albert. **A teoria da relatividade: sobre a teoria da relatividade especial e geral (para leigos).** Porto Alegre, RS: L&PM, 2022.

ENTENDA a **disputa territorial entre Venezuela e Guiana.** Brasil, Record News. Brasil, 2024. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=PtDYz6S735w> Acesso em 02 jul. 2024.

EURIDICE, Pamela. **What time is it? – o tempo japonês na ótica de Makoto Shinkai.** Disponível em <https://www.cineset.com.br/what-time-is-it-o-tempo-japones-na-otica-de-makoto-shinkai/>. Acessado em 13 abr. 2023.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Integração e Interdisciplinaridade: uma análise da legislação do ensino brasileiro de 1961 a 1977. Dissertação** (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. 1978.

_____. **Integração e Interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia.** São Paulo: Loyola, 1979.

_____. **Práticas Interdisciplinares na escola.** São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa.** Campinas: Papirus, 1994.

_____. (org.) **Didática e Interdisciplinaridade.** 2ª. Ed. São Paulo: Papirus, 1998.

_____. (org.) **Interdisciplinaridade: dicionário em construção.** 2ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Interdisciplinaridade: qual o sentido?** São Paulo: Paulus, 2003.

FERRARI, Elza de Lima. **Interdisciplinaridade: um estudo de possibilidades e obstáculos emergentes do discurso de educadores do Ciclo II do Ensino Fundamental. (Tese).** São Paulo: USP, 2007. Disponível em

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-25072007-163311/publico/TeseElzaLimaFerrari.pdf>. Acesso em 22 mar. 2024.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa**. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

FERRO, Marc. **Cinema e história**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2010.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FLOYD, Pink. *Dark side of the moon*. Guarulhos: 1994. Encarte do CD.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2000.

FRANCELIM, Marivalde Moacir. **Ordem dos conceitos na organização do informação e do conhecimento**. (Tese) USP. Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-29102010-125600/publico/5504324.pdf> Acesso em 20 jun. 2024.

FRANCO, Gabriela. **Mas o que é stempunk?** 2012. Disponível em https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/12314_MAS+O+QUE+E+STEAMPUNK. Acessado em 04 jun. 2023.

FRANKEL, Miriam; WARREN, Mat. **A curiosa influência dos idiomas na sensação de tempo e espaço**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-fut-63639348>, acessado em 07 fev. 2023.

GALLINDO, Caetano W. Posfácio. In: ELIOT, T.S. **Poemas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

GAZIRRE, Nina. **Cinema em cores**. Disponível em: <https://select.art.br/cinema-em-cores/>.

GENARO, Ednei. **O Tempo da Técnica: a Crise da Experiência Temporal na Modernidade Técnica**. (Tese) .Florianópolis. UFSC. 2010.

GLASS, Philip. **Koyaanisqatsi**. CD. São Paulo: Antilless, 1990.

GLEZER, Raquel. A história e o tempo presente. In: BRUNI, Luis Carlos (at all) (Orgs). **Decifrando o presente**. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

_____. Tempo e História. **Cienc. Cult.** vol.54 no.2 São Paulo Oct./Dec. 2002. ISSN 2317-6660. Disponível em <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v54n2/14804.pdf> Acesso em 20 fev. 2024.

_____ *et all.* **O tempo na literatura.** Disponível em <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/estudo-sobre-o-tempo-o-tempo-na-literatura>. Acesso em 21 abr 2024.

GOMES, Heloísa. **Uma análise da obra: a persistência da memória de Salvador Dali.** Disponível em <https://coletivolirico.com.br/uma-analise-da-obra-a-persistencia-da-memoria-de-salvador-dali/>. Acesso em 14 jun 2024.

GONÇALVES, Renata Mendes. **Quanto dura um dia nos planetas do sistema solar?** <https://olhardigital.com.br/2024/02/06/ciencia-e-espaco/quanto-tempo-dura-um-dia-nos-planetassistemasolar/#:~:text=A%20energia%20do%20Sol%20%C3%A9,dia%20e%201%20hora%20terrestres> Acesso em 22 jun 2024.

GONZAGA JR. Luiz. **Com a perna no mundo.** Disponível em: <https://www.letras.mus.br/gonzaguinha/46266/>. Acesso em 15 mar. 2023.

HAROUTIOUNIAN, Cassiana der. O tempo, a pausa e o silêncio – a expressão japonesa “MA” como uma potência do vazio, na obra de arte. In: **Jornal Folha de São Paulo**, 22 abr. 2020.

HARVEY, Edward. **Para entender o capital I.** São Paulo: Boitempo, 2013.

HAWKING, Stephen. **Uma breve história do tempo.** Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2015.

_____; MLODINOW, Leonard. **Uma nova história do tempo.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

HEIDEGGER, Martin. Conferências e escritos filosóficos. Col. **Os Pensadores.** São Paulo: Nova Cultural, 1989.

HENRIQUE NIETO, Carlos Henrique. **O que é time lapse?** Disponível em <https://agencialoopa.com.br/o-que-e-time-lapse> Acesso em 02 jul 2024.

HOKUSAI, Katsushika. **A cachoeira de Amida atrás da estrada Kiso.** Disponível em <https://pt.artsdot.com/@/8XYD6V-Katsushika-Hokusai-A-cachoeira-de-Amida-atr%C3%A1s-da-estrada-de-Kiso>. Acesso em 14 jun 2024.

JAGUARIBE, Hélio. Tempo e história. In. DOCTORS, Márcio (Org.). **Tempo dostempos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

KAPLAN, Abraham. **A conduta da pesquisa**. São Paulo: Eder/Edusp, 1972.

KATO, Shuichi. **Tempo e espaço na cultura japonesa**. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

KAWANAMI, Silvia. **Sekki, as 24 mini-estações climáticas do Japão**. 02/12/2017. Disponível em <https://www.japaoemfoco.com/sekki-as-24-mini-estacoes-climaticas-do-japao/> Acesso em 24 out. 2023.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Ed. Boitempo, 2009.

KLEIN, Etiene. **O tempo que passa (?)**. São Paulo: Editora 34, 2019.

KOERICH, Julia. **Há mais de 150 Anos sem solução, quadrado de Sator intriga pesquisadores**. Disponível em <https://multiversonoticias.com.br/ha-mais-de-150-anos-sem-solucao-quadrado-de-sator-intriga-pesquisadores> Acesso em 01 jun 2023.

KOSHIMURA, Piti. **(Ma): o kanji que me faz valorizar as pausas e os vazios**. Disponível em: <https://peachnojapao.com/devaneios/%E9%96%93-ma-o-kanji-que-me-faz-valorizar-as-pausas-e-os-vazios/>. Acessado em 22 abr.2023.

LAPOLA, Marcelo. **Como a teoria da relatividade explica (quase) tudo**. Disponível em <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2021/09/como-teoria-da-relatividade-geral-de-einstein-explica-quase-tudo.html>. Acesso em 02 jan 2024.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

LE GOFF, Jacques. **História & memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

LEMINSKI, Paulo. **Relachos& caprichos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

LEMOS, Luan Reboredo. **Arquitetura do tempo: o torso arcaico de Anaximandro (Dissertação)**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.

LEMOS, Maya Suemi. **Do tempo analógico ao tempo abstrato: a musicamensurata e a construção da temporalidade moderna**. In: **RevistaEstudos Históricos**, Rio de Janeiro, nº 35 janeiro-julho de 2005, p. 159-175.

LESSA, Renato. **O cético e o rabino**. Rio de Janeiro: LeYa Editora, 2019.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **E.D.A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, EPU, 1986.

LUTHER, Frederic. **Microfilme: sua história 1839-1900**. São Paulo: CENADEM, 1979.

LUZ, Sabina Ferreira. O estabelecimento da hora legal brasileira: o Brasil adota o meridiano de Greenwich. (**Dissertação**). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2014.

MACAUE, Marcelo. **O que é um documentário?16/05/2012**. Disponível em <https://portaldocurta.wordpress.com/2012/05/16/o-que-e-um-documentario/>. Acessado em 06 jun. 2023.

MACEDO, Gabriel Fortes Cavalcanti; VIEIRA, Nadja Maria. **A experiência da unidade espaço-tempo na literatura e na psicologia**. Disponível em <https://www.scielo.br/j/bak/a/CvRWDxQ5NWC4srgHyRykbxr/#>. Acessado em 23 dez. 2022.

MAIAKÓVSKI, Vladímir. **O poeta operário – antologia poética**. São Paulo: Círculo do Livro. 1991.

MALERBA, Jurandir. Ensaio sobre o tempo. In: **Revista Estudos históricos**. RJ: Editora da FGV, v. 7 n. 14, p. 300-304, 1994.

MARCELIN, Marivalde Moacir. **Ordem dos conceitos na organização do conhecimento em ciência da informação**. São Paulo: USP, 2010. Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde29102010125600/publico/5504324.pdf>. Acesso em 20 mar 2024.

MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos. Col. **Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

_____. Marx II. Col. **Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1987 – 1988.

MARTINS, André Ferreira; ZANETIC, João. Tempo: esse velho estranho conhecido. **Ciência e Cultura** vol.54 no.2 São Paulo Oct./Dec. 2002. ISSN 2317-6660. Disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252002000200029 Acesso em 22 mar 2024.

MARTINS, Marcos. **Música em Tempo**. Disponível em <https://knoow.net/arteseletras/musica/tempo-em-musica/> Acesso em 04 ago 2022.

MAROVATO, Mariano. In LEMINSKI, Paulo. **Caprichos & relaxos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MARQUES, Gabriel Garcia. **Olhos de cão azul**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1974.

MATSUURA, Oscar T. **Teoria da relatividade**. São Paulo: Editora Abril, 2003.

MAXIMINIANO, Antonio Cesar Amaru. **Teoria geral da administração**. São Paulo: Atlas, 2008.

MCGARRY, Kevin. **Da documentação à informação: um contexto em evolução**. Lisboa: Editorial Presença, 1984.

MEYERHOFF, Hans. **O tempo na literatura**. Rio de Janeiro: Editora Mcgraw-Hill do Brasil Ltda. 1976.

MELLO, Thiago de. **Como sou**. São Paulo: Global, 2013.

MICHAUD, Philippe-Alain. **Filme: por uma teoria expandida do cinema**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, métodos e criatividade**. Petrópolis. Editora Vozes, 1994.

MIGUEL, Sylvia. **O tempo e a ordem universal de todas as coisas**. 29/03/2016. Disponível em <http://www.iea.usp.br/noticias/o-tempo-e-a-ordem-universal-de-todas-as-coisas#:~:text=No%20idioma%20Aimara%2C%20falado%20pelo,%C3%A9%20referenciado%20apontando%20para%20frente> Acesso em 18 jun. 2024.

_____. **Pontualidade japonesa começou nos tempos modernos**. 11/05/2016. Disponível em <http://www.iea.usp.br/noticias/pontualidade-japonesa-comecou-nos-tempos-modernos> Acesso em 23 out. 2023.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária – uma introdução à problemática da literatura**. São Paulo: Edição Melhoramentos, 1967.

MORAES, José Domingos (Dominginhos); MELLO, Alexandre Manuel Thiago de Mello. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/dominginhos/688619/>. Acessado em 28 out. 2023.

MORIN, E. **O problema epistemológico da complexidade**. 3.ed. Mira-Sintra: Publicações Europa-América, 2002.

MORROW, Rory. **O antigo mistério do calendário maia foi resolvido**. In: <https://www.tempo.com/noticias/actualidade/o-antigo-misterio-do-calendario-maia-foi-resolvido-fim-do-mundo-historiadores.html>. Acessado em 28 set. 2023.

MOURA, Orlando. A medida do tempo e sua evolução. In CARUSO, Francisco (Editor). **Diálogos sobre o tempo**. São Paulo: Casa Editorial Maluhy &co., 2010.

MOURÃO, Maria Doria; GLEZER, Raquel. **O tempo no cinema ou o tempo do cinema. Tempo e história: a variável inconstante**. Disponível em <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/estudo-sobre-o-tempo-1-o-tempo-no-cinema-ou-o-tempo-do-cinema-2-tempo-e-historia-a-variavel-inconstante> Acesso em 23 abr 2024.

MULHER dá a luz aos 63 anos nos EUA. In **Jornal Folha de São Paulo**, de 25/03/1997.

NEWTON, Isaac. **Princípios: princípios matemáticos de filosofia natural**, Livro I São Paulo: Nova Stella: Editora da Universidade de São Paulo, 1990.

NICOLÁS MADURO anuncia decreto que antecipa natal para mês de novembro. **OGlobo**. Rio de Janeiro, 04 nov 2011. Disponível em <https://g1.globo.com/globo-news/noticia/2013/11/nicolas-maduro-anuncia-decreto-que-antecipa-natal-para-mes-de-novembro.html>. Acesso 20 abr 2024.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Obras completas Col. **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

NINISHIMA, Leandro. **Ukyo-e: “mundo flutuante” da arte japonesa**. Disponível em <https://gogonihon.com/pt/blog/arte-japonesa-do-ukiyo-e> Acesso 22 jun 2024.

NÓBREGA, Ana. **Pangeia: o que é como se formou e se dispersou?** Disponível em <https://www.ecycle.com.br/pangeia> Acesso em 12 jun 2024.

NOGUEIRA, Nilton Ribeiro. **Pedagogia dos projetos: uma jornada interdisciplinar rumo ao desenvolvimento das múltiplas inteligências**. São Paulo: Érica, 2001.

OLIVEIRA, Fernando Correia de. **A chegada ao Japão, da espingarda, do relógio... e de prendas vindas pelo correio**. 11/08/2014. Disponível em <https://estacaochronographica.blogspot.com/2014/08/a-chegada-ao-japao-espingarda-o-relogio.html>. Acesso em 25 out. 2023.

ORWEL, George. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PARA o povo aimará, o futuro fica para trás. **Agência Estado**. 04/03/2012. Disponível em <https://www.estadao.com.br/brasil/para-o-povo-aimara-o-futuro-fica-para-tras> Acesso em 04 set. 2023.

PAULINO, Roseli. **Surrealismo: movimento artístico**. Disponível em <https://arteeartistas.com.br/surrealismo-movimento-artistico> Acesso em 13 jun 2024.

PINHEIRO, Paulo Cesar. Partido do Tempo. In: **O Som Sagrado de Wilson das Neves**. Rio de Janeiro: CID – Companhia Industrial de Discos.

PEREIRA, Daniel Siqueira. A concepção do tempo em Bergson e sua relação com a teoria da relatividade de Einstein (**Dissertação**). Rio de Janeiro: UERJ, 2008.

PEREIRA, Marcela Andresa Semeghini. Considerações teóricas sobre o trabalho e o tempo disponível. Aurora - **Revista PPGCS Unesp Marília** v. 9 n.2 (2016) p. 22-37.
PESSOA, Fernando. **O guardador de rebanhos**. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

PIRES, Maria Freitas de Campos. Multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade no ensino. Debates. **Interface** (Botucatu) 2 (2). Fev 1998. Disponível: <https://doi.org/10.1590/S1414-32831998000100010>. Acesso em 12/02/2024.

PLATÃO. **Timeu-Críticas**. Coimbra: Universidade de Coimbra/Faculdade de Letras/Fundação para Ciência e Tecnologia, 2011.

POLLAK Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Revista Estudos históricos**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, v. 2, n.3, 1989, p. 3-15.

POMBO, Olga. Interdisciplinaridade: conceito, problema e respectiva. In: **A Interdisciplinaridade: Reflexão e Experiência**. Universidade de Lisboa, 1993. Disponível em <https://webpages.ciencias.ulisboa.pt/~ommartins/mathesis/interdisciplinaridade.pdf>. Acesso o 19 mar 2024.

_____. **Epistemologia da interdisciplinaridade**. Disponível em [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7925966/mod_resource/content/0/Epistemologia da Interdisciplinaridade_1.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7925966/mod_resource/content/0/Epistemologia_da_Interdisciplinaridade_1.pdf) Acesso em 19 mar 2024.

_____. **Contribuição para um vocabulário sobre interdisciplinaridade**. Disponível em [https://www.researchgate.net/publication/341379081 Contribuicao para um vocabulario sobre interdisciplinaridade Contribution to a vocabulary of interdisciplinarity](https://www.researchgate.net/publication/341379081_Contribuicao_para_um_vocabulario_sobre_interdisciplinaridade_Contribution_to_a_vocabulary_of_interdisciplinarity) Acesso em 19 mar 2024.

PUENTE, Fernando Rey. **O tempo**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa; Gradiva Publicações, 1992.

RANGANATHAN *Prolegomenato Library Classification*. Bombay: Asia PublishingHouse, 1967. Disponível em https://www.isko.org/cyclo/colon_classification. Acesso em 13 abr 2023.

RANCIÈRE, Jacques. **As distâncias do cinema**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

RIBEIRO, Thiago Franco. Animação em *stop-motion*: tecnologia de produção através da história (**Dissertação**). Belo Horizonte: Escola de Belas Artes. UFMG, 2009.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

ROESE, Mauro. Defendendo a disciplinaridade. In: **Registros de Debates da 58ª Reunião** anual. (Paraná). Rio de Janeiro: SBPC, 2006.

ROSA, Hatmut. **Aceleração. A transformação das estruturas temporais na Modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

ROVELLI, Carlo. **Sete breves lições de física**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2015

_____. **A realidade não é o que parece**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2017.

_____. **A ordem do tempo**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2018.

RUFATO, Andrea de Rossi. **Podando as macieiras no sistema Tall Spindle**. Disponível em <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/15196890/artigo---podando-macieiras-no-sistema-tall-spindle> Acesso em 06 jun. 2024.

RUFINO, Nelson. Disponível em <https://www.lettras.mus.br/roberto-ribeiro/888941/>. Acesso em 01 out 2022.

RUSSO, Renato. **Índios**. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/legiao-urbana/indios.html>. Acesso em 01 abr. 2023.

SALES, Fernanda de Sales. A gente quer ter voz ativa, no nosso destino mandar: contribuições da música como fonte de informação para a prática pedagógica nas bibliotecas escolares. (**Tese**). Florianópolis. UDESC – Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em <https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000021/0000219d.pdf> Acesso em 25 ago 2022.

SANTOMÉ, JurjoTorres. **Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Porto Alegre: Artmed Editora, 1998.

SANTOS, Greice dos. **Quem inventou o relógio de pulso? E tem um jeito correto de usar?** Disponível em <https://portallitoralsul.com.br/quem-inventou-o-relogio-de-pulso-e-tem-um-jeito-correto-de-usar> Acesso em 12 mar 2024.

SANTOS, Laymert Garcia dos. Prefácio. In: VIRILIO, Paul. **Velocidade e política**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

SARAIVA, Maria de Fátima. **A evolução e a origem do universo**. Disponível em <https://www.if.ufrgs.br/fis02001/aulas/cosmo.html>. Acesso em 01 jun 2024.

SILVA, Enio R, Barbosa. Publicidade: ciência e saúde: da charlatanice ao profissionalismo. **Cienc. Cult.** vol.61 no.3 São Paulo. 2009. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252009000300022. Acesso em: mai/2024.

SILVA, Italo Batista da. Uma pedagogia multidisciplinar, interdisciplinar ou transdisciplinar para o ensino/aprendizagem da física. **Anais do 2^a. Congresso Brasileiro de Extensão Universitária. Belo Horizonte: UFMG – 12 a 15 de setembro de 2004**. Disponível: <https://www.ufmg.br/congrent/Educa/Educa173.pdf>. Acesso em: 03/03/2024.

SOMMERMAN, Américo. A interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade como novas formas de conhecimento para a articulação de saberes no contexto da ciência e do conhecimento em geral: Contribuição para os campos da Educação, da Saúde e do Meio Ambiente. (**Tese**). Salvador: UFBA, 2012.

SOUZA, Helena Maria Martins de; FONSECA, Paula. As tribos urbanas –as de ontem e as de hoje. In: Nascer e Crescer. **Revista do Hospital Maria Pia**. Porto: vol. XVIII, nº 3, 2009.

SOUZA, Rosali Fernandes de; SILVA, Roberta Pereira da. Organização e representação do conhecimento no contexto de gestão e avaliação: domínios interdisciplinares em ciência e tecnologia. In: VIII ENANCIB – **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, 28 a 31 de outubro de 2007. Salvador, Bahia, Brasil.

SPRITZER, Sérgio (Dr.) Quase todo mundo pensa que o passado está atrás e o futuro, adiante. **Neurocom**, 20/01/2021. Disponível em : <https://www.neurocom.com.br/post/quase-todo-mundo-pensa-que-o-passado-esta-atr%C3%A1s-e-o-futuro-adiante> Acesso 24 fev. 2024.

STOODI. **Teoria do big bang: o que é?** Disponível em <https://www.stoodi.com.br/blog/biologia/teoria-do-big-bang-o-que-e/>. Acesso em 15 set. 2022.

SULPICIO, Antônio C.; BONFIM, Cassia Carrascoza & SULPICIO, Eliana G.M. Guglielmetti. **Ritmo e tempo nas artes sob uma ótica holística**. Disponível em <https://periodicos.unb.br/index.php/revistavis/article/view/22960/20660> Acesso em 23 abr 2024.

TAYLOR, Frederick. **Princípios de administração científica**. Rio de Janeiro: Editora LTC., 2020.

TAYLOR, James. *SecretO life*. Disponível em https://www.lyricsmode.com/lyrics/j/james_taylor/secret_o_life.html. Acesso em 02 out 2022.

TAYLORISMO: **o que é o taylorismo**. Disponível em <https://www.significados.com.br/taylorismo/> ///acesso em 10 jun. 2024.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. In: **NIETZSCHE**, Friedrich Wilhelm. Obras completas Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

TUDO sobre a Rússia e a Ucrânia. **BRASIL, CNN**. Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/tudo-sobre/guerra-na-ucrania/>. Acesso em 02 jul. 2024.

TUTIKIAN, Jane. Apresentação. In: PESSOA, Fernando. **Poemas de Alberto Caieiro:obra poética II**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2015.

UPJOHN, Everad M.; WINGERT, Paul S.; MAHLER, Jane Gaston. **História Mundial da Arte**. Coimbra, Portugal: 1965.

VALLÉRY, Paul. Citação In: LESSA, Renato. **O céptico e o rabino**. Rio de Janeiro. LeYa Editora, 2019.

VARGAS, Taiane Basgallup de. Das mudanças do tempo, que ora nos traz esperanças, ora nos dá Incertezas: imagens do tempo na poesia de Mário Quintana. (**Tese**). Rio Grande: UFRGS, 2019. Disponível em https://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/8994/TESE_TAIANE%20BASGALUPP%20DE%20VARGAS.pdf?sequence=1&isAllowed=y Acesso em 22 abr 2024.

VAZ, Paulo. Tempo e tecnologia. In: DOCTORS, Márcio (Org). **Tempo dos tempos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003).

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____. **As origens do pensamento grego**. São Paulo: Difel. Difusão Editorial S.A., 1981.

VIEIRA, João Luiz. As vanguardas históricas: Eisenstein, Vertov e o Construtivismo Cinematográfico. In: BENTES, Ivana (org.). **Ecos do Cinema: de Lumière ao Digital**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

VIRILIO, Paul. **Velocidade e política**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

_____. **A bomba informática**. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

_____. **O espaço crítico**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

VIRNO, Paul. **General intellect, 2022**. Disponível em <https://ghiraldelli.online/2022/07/11/general-intellect-por-paolo-virno/>. Acessado em 02 mar. 2023.

VOUVELLE, Michel. **A revolução francesa 1789-1799**. São Paulo: UNESP, 2012.

WADDOKEI: **conheça o modo antigo de contar o tempo no Japão**. Disponível em <https://coisasdojapao.com/2021/08/wadokei/>. Acesso 25 out. 2023.

WERSIG, Gernot; NEVELING, Ulrich. *The phenomena of interest in information science*. *The Information Scientist* 9 (4), December, 1975, pp. 127-140.

WHITROW, Gerald James. **O que é tempo?** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2000.

WOLIN, Sheldon. **Wat time is?** Disponível em <https://muse.jhu.edu/article/32440> Acesso 02 fev. 2024.

WOOLF, Virginia. **Passeio ao farol**. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2023.

ZAGO, Bárbara. **Final Explicado: qual o significado por tras de “Tenet”, novo filme de Cristopher Nolan?** Disponível em <https://www.esquinadacultura.com.br/post/final-explicado-qual-o-significado-por-tr%C3%AAs-de-tenet-novo-filme-de-christopher-nolan> Acesso 24 jun 2024.